

Sociedade das Ciências Antigas



O Martinismo

História e Doutrina



Robert Ambelain



Sociedade das Ciências Antigas

**A FRANCO-MAÇONARIA OCULTA E MÍSTICA
(1643 - 1943)**

**O MARTINISMO
HISTÓRIA E DOCTRINA**

POR

ROBERT AMBELAIN



**TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS:
"LE MARTINISME: HISTOIRE ET DOCTRINE"
EDITIONS NICLAUS
PARIS - 1946**

"Recebei, ó Senhor, sob os votos do Filósofo Desconhecido, nosso Venerável Mestre, a homenagem que Teus servos aqui presentes Te prestam! Que esta misteriosa e Divina Luz Ternária ilumine nossos espíritos e nossos corações, como ela resplandeceu nas obras dos nossos mestres do passado. Que estas chamas iluminem com sua vívida clareza os Irmãos aqui reunidos sob Teu chamado, e que sua presença seja um testemunho vivo de sua união"....

"Portanto, sob a forma adotada há muito pelos Mestres, permitimos aos Símbolos se manifestarem!"¹.

SUMÁRIO

Nota do Autor	03
Introdução	04
I – A História e suas Origens	06
Martinez de Pasqually e os “Cavaleiros Elus Cohen do Universo”	06
II – A Doutrina	14
As Origens da Doutrina	21
Os “Mestres” de Martinez de Pasqually	24
A Teurgia dos Elus Cohen	33
A Ritualística dos Elus Cohen	43
III – A Escola Mística: Louis Claude de Saint Martin	50
Os “Superiores Incógnitos” de Louis Claude de Saint Martin	50
A Mística dos “S.: I.” de Louis Claude de Saint Martin	56
A “Via Interior” de Louis Claude de Saint Martin	62
IV – A Escola Filosófica: Jean Baptiste Willermoz	64
Jean Baptiste Willermoz e os “Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa”	64
A Escola Filosófica da Franco Maçonaria	71
A Doutrina de Martinez de Pasqually e o Esoterismo Maçônico	71
Notas sobre a Franco Maçonaria considerada como Escola Moral	74
V – O Martinismo Moderno	77
Quadro da Linhagem do Martinismo e Martinezismo Contemporâneo	92
Nota Histórica sobre a Ordem Martinista	93
Os Adversários do Martinismo e o “Segredo” da Ordem	96
Apêndices	101
Notas sobre a “Arca do Testemunho” também conhecida como “Arca da Aliança”	101
Elohim: “Ele os Deuses”	105
Notas Diversas sobre a Teurgia	108
Ritual Teúrgico	109
As Cerimônias	111
Conclusão	119

¹ Com autorização do Vice Grão Mestre da Ordem Martinista Tradicional utilizamos três extratos do ritual nesta obra.

NOTA DO AUTOR

Em outras obras, publicadas antes ou após a guerra, nós apresentamos doutrinas esotéricas, com frequência, bastantes diferentes umas das outras. Em cada oportunidade, publicamo-las com imparcialidade e esmero pela exatidão. Em certas vezes, tomamos tantos cuidados que parecemos inclusive estar defendendo ou promovendo essas doutrinas. Embora com essa atitude tenhamos sido rotulados de diversas formas, ao gosto de certos leitores. E assim, desde o lançamento do nosso livro sobre o Simbolismo das Catedrais que éramos associados autoritariamente a uma das mais temíveis seitas satânicas! Ninguém parece conhecer com precisão o nome e seus princípios, mas não paira dúvida de que se trata da mais pura magia negra. Com nosso estudo sobre a Gnose e os *Ophitas*, tornamo-nos luciférianos fanáticos; entretanto, os críticos nos fizeram o favor de não nos sobrecarregar com o epíteto (contudo lisonjeiro) de Rosa+Cruz, não obstante o último capítulo que tratava de sua doutrina. Em verdade, nosso amor-próprio foi agradavelmente gratificado.

Agora, publicamos um estudo sobre o Martinismo. Não há dúvida que nos atribuirão a herança espiritual de Martinez de Pasqually, sem esquecer das descrições entusiásticas das cerimônias místicas pelas quais, com nosso orgulho perverso, de submeter às Potências do mal ao nosso império, de evocar as Inteligências celestes e de nos entretermos com elas, até mesmo de tentar, em um sacrílego desafio, invocar aquilo que Martinez de Pasqually, e seu discípulo Louis Claude de Saint Martin, denominam de "O Reparador".

Os adversários fanáticos das sociedades secretas do Ocultismo irão nos prescrever tenebrosas e sombrias intenções, e certamente, tentarão nos colocar em meio dos misteriosos sequazes dos "Superiores Incógnitos"! Eles irão nos questionar de onde obtivemos nossa abundante documentação, e por que milagre chegamos a conhecer os fatos e ações de uma fraternidade multi secular, no curso de um período em que, proscritos e perseguidos com vigor, seus membros tiveram de redobrar sua prudência e precaução.

Responderemos a nossos mal-intencionados críticos, a nossos adversários declarados ou não, que tudo isso agrega um mínimo valor ao livro. Pouco importa se nós tivemos acesso a arquivos que lhes foram negados, se fomos documentados de forma tão intencional, ou se nós tivemos acesso, *por direito*, a um mundo do qual suas portas permanecerão sempre rigorosamente fechadas para eles, não importa. Isso interessa somente a nós. Trazemos ao público um trabalho que desejamos que seja histórico e dogmático, que abranja toda a doutrina. Esta é a única coisa que colocamos em julgamento². No mais, depositamos nossa confiança que certo Querubim, guardião de um certo "limiar", possa lhes dar, ou não, o acesso a este santuário que até o presente têm buscado em vão!

Robert Ambelain

² Assim, na pág. 188 do nosso trabalho "Nas sombras das catedrais", escrevemos sobre o legendário *sabbat* medieval: "A missa negra celebrada sobre o dorso ou sobre o ventre de uma mulher nua *possuía* igualmente seu esoterismo. A lenda do *sabbat* nos diz que"... , etc ... Depois, na pág. 189, linha trinta e sete, considerando o dever de fazer alusão ao *sentido superior* deste rito de baixa magia, escrevemos: "Acabamos de falar o suficiente para colocar os verdadeiros Adeptos sobre o caminho". Alusão ao papel de *Netzah*, a sefira correspondente aos rins, ao dorso da "Mulher Cósmica", ou seja, a um centro energético *universal*! Sob a pena venenosa de M. Canceliet isto se torna uma "alquimia especulativa", um ensino tendencioso como segue: "O Sr. Ambelain *celebra* sua missa negra sobre o dorso ou o ventre de uma mulher nua e nós enfatizamos – *honi soit qui mal y pense* (o mal esteja com aquele que pensa no mal) – como objetivo, ele enfatiza, de pôr os verdadeiros adeptos sobre a Senda"... Como se percebe ao comparar o texto e o que se tornou na mão do nosso charlatão, a missa negra é o principal dos nossos passatempos!... Essa é a mesma pessoa que, ao redor de 1935, iria vender o romance publicado por Fulcanelli "logo sua terceira obra será publicada" (sic). Fomos aqueles que cortamos as asas do *pato*... interessante! A "terceira obra" foi publicada e assinada... Canceliet. Damos graças aos Deuses por ter cedido aos admiráveis "Domínios Filosóficos" uma conexão nominativa com o sub-produto Canceliet. Na próxima reedição de "Nas sombras das catedrais", nosso amigo J. B. dissipará todos os equívocos, sabiamente ocultos por doze anos, a respeito da verdadeira personalidade do mestre que foi *Jean-Julien Champagne*, alias *Fulcanelli*...

INTRODUÇÃO

"Aqueles que se aproximaram do mistério da Iniciação, e aqueles que o ignoraram, não terão, na moradia das Sombras, um destino semelhante".
(Jamblico)

"Irmão, irei lhe transmitir a Iniciação de acordo com nosso Venerável Mestre Louis Claude de Saint Martin, tal como eu a recebi de meu iniciador, tal como ele próprio a recebeu, e assim por diante até Louis Claude de Saint Martin em pessoa, por mais de cento e cinquenta anos. Mas primeiramente eu vos convido, e igualmente aos Irmãos aqui presentes, a unir-se a mim para santificar esta Sala, afim de que ela se torne, pela dupla virtude da Palavra e da Ação, nosso Templo particular³, onde irá se celebrar o mistério desta iniciação tradicional".

"Portanto, sob a forma adotada há muito pelos Mestres, permita que os Símbolos se manifestem!"...

Dezembro de 1940. A neve cobre Paris. Neste fim de tarde, quando o sol se declina e morre no horizonte rubro, alguns homens se reuniam em uma sala no último andar de um edifício no Quartier Latin. Uma antiga casa do século XVIII, com uma larga e monumental escada de madeira. Do lado de fora, nas ruas, nas praças, nos cafés, em todo lugar, o exército alemão, vitorioso. Em todo lugar também, os agentes do Governo de Vichy. O terror policial reinava, sobre as Sociedades Secretas e sobre os Iluminados. Buscas, capturas, prisões, choviam sobre os fora-da-lei. Mas aqui, era um outro mundo...

Sobre uma mesa, recoberta com uma tríplice toalha, negra, branca e vermelha, emblema dos Três Mundos, a espada de guarda cruciforme projeta seu brilho através do Evangelho de São João. Atrás, na claridade dançante de três longos círios dispostos em triângulo, vagamente encobertos pela fumaça odorífica, desenha-se a silhueta imprecisa do Iniciador, o Incensório em mãos. Ele traça no espaço, com um gesto longo e seguro, o Sinal misterioso.

À distância, solitário, brilha um outro círio. Apoiado sobre a base do candelabro, um cordão e uma máscara.

O círio dos "Mestres do Passado"...

No silêncio dos Assistentes, mudos e recolhidos, a voz grave prossegue com a profissão do Ritual, e as palavras do Sacramentário soam claras e nítidas, semelhante a uma Litania. Elas estabeleceram – através do Tempo e do Espaço – a "ponte" que deve unir os Vivos e os Mortos. E parece que, repentinamente, a sala se encontra povoada de Presenças Invisíveis.

"Recebei, ó Senhor, sob os votos do Filósofo Desconhecido, nosso Venerável Mestre, a homenagem que Teus servos aqui presentes Te prestam! Que esta Luz misteriosa ilumine nossos espíritos e nossos corações, como ela resplandeceu nas obras dos nossos mestres do passado. Que estas chamas iluminem com sua vívida clareza os Irmãos aqui reunidos sob Teu chamado, e que sua presença seja um testemunho vivo de sua união"...

Com uma precisão de minutos, a Cerimônia iniciática se desenrola, plena de grandeza. O próprio tempo parece ter sido suspenso.

Então, um dos assistentes finalmente coloca a Máscara emblemática, símbolo do Silêncio e do Segredo, sobre a face do Iniciando. Um outro o revestiu com o Manto Sagrado, símbolo da Prudência. E um terceiro o cingiu com o Cordão, recordando a "cadeia da Fraternidade".

³ Do latim "particularius": pequeno lugar.

O lento ofício teúrgico prossegue. E após a consagração do novo irmão, o outorgamento do "nome" esotérico, ressoam as últimas palavras, e a cerimônia atinge seu término:

"Possai vós, meu irmão, justificar as palavras do Zohar: *Aqueles que possuíram o Divino Conhecimento brilharão com o esplendor dos Céus... Mas aqueles que o ensinaram aos Homens, sob os Votos da Justiça, brilharão como as Estrelas por toda a Eternidade!*"...

O Iniciador e o Iniciado voltam-se para o círio solitário, para a chama imovedoura a qual velam as almas dos "Mestres do Passado":

"Irmãos, eu vos apresento N..., *Superior Incógnito* de nossa Ordem e rogo-vos de aceitá-lo entre nós"...

Uma extraordinária angústia envolve o coração de todos os assistentes. No Oratório, onde o fumo do Incenso resseca as gargantas, onde parece que toda a Vida se refugiou nas pequenas chamas que, altas e retas, dançam, dançam, dançam, *não são os vivos que parecem ser os mais reais*. E sob os grandes mantos, as máscaras, as faixas de seda branca, atrás da luminescência dos gládios, poderiam crer que somente os mortos seriam vistos... Muito pelo contrário, os mais vivos, são os *Mortos da Ordem*, os "Mestres do Passado", todos ao redor!

À chamada da Palavra, todos estão presentes. Apesar dos séculos, eles estão lá, fiéis ao encontro mágico: Henri Kunrath, o autor do *Anfiteatro da Sabedoria Eterna*... Séthou, o prestigiado "Cosmopolita", morto pelos instrumentos de tortura do Eleitor da Bavária... Cornelius Agrippa, médico e alquimista de Carlos V, morto por causa da miséria e da fome... Christian Rosenkreutz, peregrino da Sabedoria... Jacob Boehme, o sapateiro iluminado... Robert Fludd, homem de maravilhosa inteligência, morto em uma masmorra inquisitória... Francis Bacon, suspeito de haver sido o grande Shakespeare.... Martinez de Pasqually, o "mestre" que ousou evocar os anjos... Louis Claude de Saint Martin, o porta-voz do "Filósofo Desconhecido"... Jean Baptiste Willermoz, depositário fiel de seu mestre Martinez... e todos os outros cujos nomes escapam, e que, oficiais, grandes nobres, ou pobres camponeses, sob o grande manto negro do peregrino, sob o topete empoeirado, levaram aos quatro cantos da velha Europa durante este libertador século XVIII que finalmente se realiza o "grande desejo" dos Rosa+Cruzes, *o misterioso eco da "Palavra Perdida"*...

E, dominando todas estas sombras, eis que um outro se ergue, fazendo-se passar pelo Oratório, como um grande sopro vindo das regiões onde paira o Espírito, a *própria Alma de todas as Fraternidades!* Eis que, misteriosa, mas inspiradora, inumana, mas divina, incognoscível, mas iluminadora, eis que passa a *sombra de Elias Artista*...

Fora, na noite enfim, Paris se reveste de um manto branco de silêncio. Sempre neva. E o frio se torna ainda mais penetrante. Nas ruas, sobre as praças, por toda parte, o Exército alemão, vitorioso. E ainda, por toda parte, suspeitas, inspeções, investigações, perseguições, apreensões e prisões. Às centenas, em represália a atentados anônimos, presos tombam mortos, fuzilados. Em poucos meses apenas, os primeiros comboios partirão dos campos de concentração para os trabalhos forçados no *front* do leste ou do oeste, de onde nunca voltarão...

E, como nos tempos sangrentos da Idade Média, o terror reina sobre os iluminados.

De imediato, atacaram as Ordens maçônicas, livre-pensadores e ateus, unicamente ocupados em pura política. Então, as Ordens Espirituais. Enfim, as organizações semi-maçônicas. A opinião pública se acostumou a isso... E agora é retomada a batalha secular, frustrada por setenta anos de liberalismo ideológico. Porque, atrás da Franco-Maçonaria e de suas ramificações, há outras coisas a descobrir! É isto que desejam abater, definitivamente, e para sempre levar à morte, é a Heresia, o

eterno inimigo! E por detrás da Heresia, seu animador secular: o Ocultismo!... Enfim, eis a grande palavra expressa.

Ninguém a grita dos telhados, ao menos, não de imediato! Mas, sobre tudo, são seus arquivos, manuscritos, seus estudos doutrinários ou históricos que serão a vedete no curso das pesquisas.

Mas em vão! E é isto que esta obra irá demonstrar.

No nosso livro publicado na primavera do opressivo ano de 1939, referente ao simbolismo das Catedrais Góticas, escrevemos estas linhas, inconscientemente proféticas:

"Se a tempestade materialista e negativista tiver sucesso em incendiar o mundo; se os novos bárbaros que *depredam bibliotecas e museus*, realizam a terrível profecia de Henri Heine; se o martelo de Thor destrói de uma vez por todas nossas antigas catedrais e sua maravilhosa mensagem, gostaríamos de acreditar que o conhecimento essencial ainda estará preservado!"

"Uma vez que a tempestade passou, e em um mundo que se torna uma vez mais bárbaro, haverá ainda uns poucos homens de intuição suficiente, do mistério e do infinito, que irão piedosa e pacientemente reacender a antiga lâmpada perto do famoso manto púrpura onde dormem os deuses mortos"...

"E uma vez mais, através da grande Noite do Espírito, a chama verde do saber oculto guiará os Homens para sua Esfera maravilhosa, a reluzente e radiosa "Cidade Solar" dos filósofos e sábios".

"Que a Paz, a Alegria e a Caridade estejam em nossos corações e em nossos lábios, agora e para sempre"...

Dezembro de 1940: a última frase do ritual dos *"Iniciados de Saint Martin"* respondeu para nós!...

I - A HISTÓRIA E SUAS ORIGENS

MARTINEZ DE PASQUALLY E OS "CAVALEIROS MAÇONS ELUS COHEN DO UNIVERSO"

"Entre os vários Ritos pelos quais se interessaram, desde tempos imemoriais, os Maçons mais instruídos e os mais imbuídos com a íntima convicção de que sua perseverança em nossos trabalhos devem incrementar a soma de seus conhecimentos, e lhes guiar até às Altas Ciências, o Rito dos *"Elus Cohen"* é aquele que conquistou mais discípulos, e que conservou com maior precaução o segredo de seus misteriosos trabalhos"...

Tal é a definição da Ordem da Maçonaria Iluminista, que encontramos nos relatos do Grande Oriente para 1804, tomo I, fascículo 4, pág. 369. Esta apreciação, vinda de uma Obediência maçônica que nunca exatamente se passou por mística, e que mais tarde removeu de seus Rituais a invocação ao Grande Arquiteto do Universo, e oscilou insensivelmente da filosofia eclética para a simples política, tem um valor particular.

Um dos mais eruditos e imparciais historiadores que se ocuparam com as Obediências da maçonaria mística, Gérard Van Rijnberk, declara que: "Não se pode negar que a *Ordem dos Elus Cohen* constituía-se de um grupo de homens animados pela mais alta espiritualidade"...⁴

Outro historiador, especialista de grande valor em questões relativas à alta-maçonaria ocultista, Le Forestier, diz praticamente a mesma coisa, sublinhando fortemente o caráter puramente altruísta e

⁴ "Um Taumaturgo do século XVIII": Martinez de Pasqually (Alcan, 1935).

desinteressado desta fraternidade, mais ocultista e mística do que maçônica no sentido geral da palavra.⁵

É por isto que, de todas as múltiplas "Ordens" da maçonaria iluminista que surgiram na França e Europa no curso do agitado século XVIII, nenhuma teve uma influência comparável a aquela que entrou para a história sob o nome comum – e impróprio, todavia – de *Martinismo*.

Seu surgimento coincide com o de um personagem estranho, que se chamava Martinez de Pasqually. Mesmo hoje, ainda circulam as mais romanescas hipóteses sobre seu nome e suas origens. Alguns dizem que ele é de uma raça oriental (Sírio), e outros o julgavam um judeu (da Polônia...). Martinez de Pasqually não foi nem um, nem outro, e seus caluniadores – a menos que prefiram usar informações históricas falsas, o que é moralmente mais grave... – não podem ignorar ou ocultar os documentos definitivos que possuímos. São estes:

- 1- O Ato de Matrimônio do Mestre, com *demoiselle* Marguerite-Angèlique de Collas;
- 2- O Certificado de Catolicidade, de 29 de abril de 1772, registrado ante seu departamento por Saint-Dominique, sobre o "Duc de Duras".

Destes documentos, publicados por Madame René de Brimont, que se encontram nos arquivos departamentais de La Gironde, e que não importa quem os encontrou, resulta que este homem chamava-se muito precisamente:

Jacques de Livron de la Tour de la Case Martines de Pasqually.

Ele era filho de "*Messire de la Tour de la Case*", nascido em Alicante (Espanha) em 1671, e de *demoiselle Suzanne Dumas de Rainau*.

Ele nasceu em Grenoble, em 1727, e morreu em São Domingos, na terça-feira, 20 de Setembro de 1774.



**Assinatura de Martinez de Pasqually
(fotografia de um manuscrito)**

Nenhum dos patrônimos precedentes nos faz em nada supor que ele era judeu. E ainda bem menos o fato de ele ter morado em Bordeaux, em um certo período de sua vida, na "rua Judaica"! Pois, se viver em um gueto pudesse ser prova de religião (e como, logicamente?), bastaria então objetar que em Paris, ele habitou a casa dos Agostinianos, nas margens do Sena, sem mencionar essa influência?

Alguns lançaram a teoria de que ele era de descendência judia, ou um judeu convertido. Nós argumentaríamos novamente que a história se escreve com documentos, e não com suposições, e que esta obstinação de certos "historiadores", ocupados com a idéia de que poderia ter sido tanto *judeu* como *franco-maçom*, nos é extremamente suspeita quanto às intenções finais. A verdade é que, embora desconhecedor do Hebraico (e ele provou em seus trabalhos!...) ele estava familiarizado com a Cabala e, como todo praticante de Magia cerimonial, acostumado ao uso de tradições e elementos materiais judaicos. Mas seu discípulo, o marquês Louis Claude de Saint Martin, que em toda sua vida nunca se separou de uma bíblia hebraica, não tinha essa desvantagem e utilizou, como ele, de elementos hebraicos, *base de toda tradição religiosa cristã*.

Não ignoramos o fato de que reconhecer aqui, lealmente, que todas as tradições mágicas e cabalísticas do Ocidente, são em sua maior parte, *judaicas*, fará dar pulos de alegria aos fanáticos

⁵ René Le Forestier, "A Franco-Maçonaria oculta no século XVIII" (1928).

adversários de todo conhecimento transcendental! Nós simplesmente lhes pediremos, com toda honestidade, de querer igualmente colocar o mesmo "descrédito" sobre uma religião, com mestres e uma hipóstase divina, a qual a maioria das pessoas imprudentemente afirma conhecer: o cristianismo...

Deixemos os modernos fariseus, e rapidamente iremos definir, novamente, a história da Ordem dos Elus Cohen. (*Cohen* em hebraico significa *sacerdote* e *Elu* significa *Eleito*).

Martinez de Pasqually passou sua vida instruindo maçons franceses de Obediências regulares (e que erravam de sistemas filosóficos em sistemas filosóficos), *e sob o aspecto exterior de um Rito Maçônico regular*, um verdadeiro ensinamento iniciático, suscetível e capaz de assumir aspectos de uma teodicia, de uma cosmogonia, de uma gnose e de uma filosofia.

A fim de ter certos conceitos já meio formados em uma certa disciplina material e intelectual, ele apenas aceitava Maçons regulares que tivessem o grau de "Mestre" (terceiro grau).

Mas, por outro lado, como era um fato que importantes componentes poderiam ter também aprendido através dos canais da vida "profana", ele estabeleceu, à base de seu sistema, uma transmissão "condensada", prévia dos três graus maçônicos ordinários (conhecidos como maçonaria azul, ou de *São João*).

De fato, isto pode ser compreendido assim: a razão secreta para esta afiliação inicial à patronagem maçônica residia no fato de que sua escola repousava sobre a mesma lenda, o mesmo mito, que a Franco-Maçonaria. Da lenda de Hiram, apresentada sem comentários, sem nenhuma alusão ao seu *esoterismo*, Martinez de Pasqually dava uma explicação transcendental, suporte de seu sistema teogônico. Mas ele a dava nas Classes superiores da Ordem sob esse segundo aspecto, deixando aos três graus inferiores regulares a apresentação lendária, comum a todas as Obediências.

Martinez de Pasqually percorreu misteriosamente uma parte da França, principalmente o sudeste e o sul. Partindo de uma cidade sem dizer para onde iria, ele chegava da mesma maneira, sem dizer ou deixar perceber de onde veio.

Ele começa, muito provavelmente, sua missão em 1758, já que, em sua carta datada de 2 de Setembro de 1768, ele declara que os Irmãos de Aubenton, comissários da Marinha Real, são seus discípulos há mais de dez anos. Propagando sua doutrina, ele dá as boas-vindas a aderentes de todas as Lojas de Marselha, Avignon, Montpellier, Narbonne, Foix, Toulouse. Ele se estabelece enfim em Bordeaux, onde chega em 28 de Abril de 1762. Lá ele se casará com a sobrinha de um antigo major do Regimento de Foix.

Mas antes de começar seu apostolado místico, ele havia certamente tido uma atividade maçônica.

Seu pai, Don Martinez de Pascally, era titular de uma patente maçônica em inglês, emitida em 20 de Maio de 1738, pelo Grão Mestre da Loja de Stuart, com poderes de a transmitir ao seu filho mais velho, tornando-o "como Grão Mestre, para constituir e dirigir Lojas e Templos à Glória do G.:A.:D.:U.:".

Dessa maneira, Martinez foi o fundador em Montpellier, em 1754, do Capítulo "Os Judeus Escoceses". De 1755, até 1760, ele viaja por toda a França, recrutando adeptos. Neste último ano, ele fracassa em Toulouse, nas lojas azuis, ditas "de São João Reunidas". Em Foix, na loja "Josué", ele é recebido de forma simpática. São iniciados diversos maçons, e funda um capítulo, o "Templo Cohen".

Em 1761, apresentado pelo conde de Mailial d'Alzac, o marquês de Lescourt e pelos dois irmãos de Aubenton, ele se torna afiliado, graças à sua patente familiar, à Loja "A Francesa", de Bordeaux.

Ele constitui o que se denomina seu "Templo Particular" (do latim *partícula*: parcela, célula, redução). Entre seus membros, os quatro personagens precedentes mais os *Messieurs* de Casen, de Bobié, Jules Tafar (ex-major dos "*Granadiers Reais*"), Morrie e Lescombard. Esta Loja leva o nome de "A Perfeição Escocesa Eleita". Em 1764, esta "Loja-Mãe" Cohen se torna "A Francesa Escocesa Eleita". Em Março de 1766, a referida loja se dissolve. Note-se que até aquela data, Martinez havia tido por secretário o Padre Bullet, do Regimento de Foix, que portava o título (pela primeira vez empregado pelo Mestre) de "S.: I.:". Podemos admitir – com algumas chances de estarmos corretos – que foram as características sacerdotais de Padre Bullet que lhe valeram este título interno, de *Superior Incógnito* da Ordem, ou ainda, – se considerarmos o I como sendo um J – de "*Soberano Juiz*". Este título, Martinez de Pasqually deve ter lhe conferido como teólogo da Ordem! Mas, posteriormente, antes de sua ida para St. Domingo, ele dará este título a cinco de seus altos dignitários. E esta será a disciplina, doutrinal e interior, que estes "*Soberanos Juizes*" ou "*Superiores Incógnitos*" serão levados a supervisionar... Nós os reencontraremos na seqüência, sob outra ramificação.



**Selo estampado no cabeçalho da maioria das cartas
de Martinez de Pasqually**

Nós já vimos que em 1764 a "Francesa Escocesa Eleita" foi fundada. Mas não será antes de 1º de Fevereiro de 1765 que a Grande Loja da França, após numerosas cartas, emitirá uma patente o autorizando a fundar esta Loja, e inscreverá este "Templo" em seus registros.

Nesse mesmo ano, Martinez de Pasqually parte para Paris. Ele ficou alojado na casa dos Agostinianos, nas margens do Sena. Lá, ele se pôs em contato com numerosos maçons eminentes: os Irmãos Bacon de La Chevalerie, de Lusignan, de Loos, Grainville, Jean Batiste Willermoz, e diversos outros, aos quais ele remeteu suas primeiras instruções. Com a reunião dos citados, em 21 de Março de 1767 (no equinócio da Primavera...), ele funda as bases do seu "Tribunal Soberano", e nomeia Bacon de La Chevalerie seu substituto.

Em 1770, a "*Ordem dos Cavaleiros Elus Cohen do Universo*" possuía templos quase em toda parte: Bordeaux, Montpellier, Avignon, Foix, Libourne, La Rochelle, Versailles, Paris, Metz. Um outro irá surgir em Lyon, graças à atividade do Irmão J. B. Willermoz, e esta cidade se tornará, por muito tempo, a "capital" simbólica da Ordem.

Na história "nominativa" da Ordem, convém notar dois nomes. Seus detentores efetivamente sucederam ao Mestre, em dois domínios diferentes, mas continuaram sua obra geral. Nós os encontraremos a todo momento. Por ora, recordemos os nomes de *Jean-Baptiste Wilermoz* e *Louis Claude de Saint Martin*.

Martinez de Pasqually modificou suas práticas teúrgicas várias vezes. Se a Doutrina geral permaneceu *ne varietur*, este não foi o caso com a constituição da Ordem, de seus graus, rituais, tanto de *recepção* como de *operação*.

Assim, temos traços de duas constituições internas desta Obediência mística, dependendo se nos referirmos a um grupo de arquivos ou a outro.

Uma destas duas séries contém a seguinte classificação:

Maçonaria regular, dita de São João	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Aprendiz} \\ \text{Companheiro} \\ \text{Mestre} \end{array} \right.$	Classe dita de "Portico"	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Aprendiz Cohen} \\ \text{Companheiro Cohen} \\ \text{Mestre Cohen} \\ \text{Mestre Particular}^6 \end{array} \right.$
Graus do Templo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Grande-Mestre Elu Cohen} \\ \text{Cavaleiro do Oriente} \\ \text{Comendador do Oriente} \end{array} \right.$	Classe Secreta	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Reau+Croix} \end{array} \right.$

Esta é a segunda série, mais comum em documentos:

Maçonaria azul, dita de São João	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Aprendiz Maçom} \\ \text{Companheiro} \\ \text{Mestre} \\ \text{Grande-Eleito} \end{array} \right.$	Classe dita de "Portico"	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Aprendiz Cohen} \\ \text{Companheiro Cohen} \\ \text{Mestre Cohen} \end{array} \right.$
Graus do Templo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Grande-Arquiteto} \\ \text{Grande-Eleito de Zorobabel} \end{array} \right.$	Classe Secreta	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Reau+Croix} \end{array} \right.$

Note – e este é um ponto importante – que na Maçonaria, títulos com aparência pomposa e miríficas são, na realidade, véus *fonéticos*, atirados sobre os títulos, infinitamente mais esotéricos, mas por causa de seu poder evocativo integral, põe-se a necessidade de serem dissimulados dos olhos dos profanos. Nesta ordem de idéias, deve-se tomar a nomenclatura da Ordem dos Elus Cohen ("Grande-Arquiteto", "Grande-Eleito de Zorobabel") como regulados para este uso hermético. Nós assinalaremos simplesmente que o nome de Zorobabel é daquele arquiteto que, como Hiram, reconstruiu o templo de Jerusalém após o cativeiro. As armadilhas e ameaças dos vizinhos idólatras, dirigidas a Zorobabel (conta-nos a lenda bíblica), o obrigaram a realizar seu trabalho "com a colher de pedreiro numa mão, e a espada na outra". Verifica-se o paralelo esotérico estabelecido por Martinez de Pasqually entre os companheiros construtores do segundo Templo, e os maçons místicos de sua Ordem, erguendo a Cidade Celeste, reconstruindo o Arquétipo inicial, e devendo lutar, com a espada teúrgica na mão, contra Entidades das Sombras. Igualmente, Zorobabel significa em hebraico "*adversário da confusão*", e esta palavra, que se tornou o nome geral dos dignitários deste Grau, ensina-os a resistir à confusão que surge do xeque sofrido pelo homem, outrora, em Babel, *ao tentar induzir o homem a falar uma única língua...* (Babel significa, diz a Bíblia, *confusão*).

Os Graus simbólicos ordinários (Aprendiz, Companheiro e Mestre) pertencem à Maçonaria tradicional. Eles eram destinados a fornecer, ao Profano ingressante na Ordem, as qualidades necessárias de *Mestre* exigidas pela Regra para poder aceder ao grau e às funções de *Reau+Croix*. Nos rituais e nos catequismos, muito poucas alusões eram feitas a esta Doutrina secreta que lhe havia sido prometida, e que não fazia parte da usual estrutura da Franco-Maçonaria contemporânea. Isto permitia receber os "irmãos visitantes" de outras Obediências, os quais, naquela época, não ascendiam aos graus superiores ao de Mestre, o único reconhecido pela Grande Loja da França (os Graus Superiores vieram mais tarde). Assim, esses visitantes não podiam mais tarde relatar à Grande Loja o ensinamento um pouco particular que era transmitido nos Templos Cohen, os quais foram reconhecidos e adotados em 1º de Fevereiro de 1765!

⁶ *Mestre Particular* também significa *Mestre Íntimo*, *Mestre Seletto*.

Os *Graus de Pórtico*, (Aprendiz-Cohen, Companheiro-Cohen e Mestre-Cohen), continuaram a manter a característica maçônica externa. Todavia, eles eram entrelaçados com alusões, expressões, ensinamentos, enigmas e ambigüidades, destinados a fazer entrever a Doutrina secreta – cedo e por lampejos – reservada aos Graus superiores.

Sobre os Graus ditos de "*Templo*", podemos dizer que eles constituíam aquilo que convém se chamar de "altos graus". Os Rituais dos "Grandes-Arquitetos" e dos "Grandes-Eleitos de Zorobabel" conservam ainda os emblemas e o simbolismo maçônico (aventais, cordões, jóias, a própria forma da ritualística, etc...). Mas seus catecismos transportam o Candidato para o pleno esoterismo místico, e mais especialmente nos da Doutrina Geral.

Ao grau de "Grande-Arquiteto", o Irmão necessitava purificar-se por meio de um específico regime ascético da Ordem (abstinência de certas carnes, de certas partes de animais autorizados, de gorduras, etc... no espírito do Antigo Testamento – regime dos levitas). Era sua missão expelir os Poderes das Trevas, os quais haviam invadido a aura terrestre, por suas cerimônias mágicas efetuadas em grupo, ou separadamente; e cooperar "simpaticamente", e sob uma forma especial, com aquelas Operações especiais efetuadas pelo "Mestre Soberano" em pessoa. Este grande estado era equivalente ao de Aprendiz Reau+Croix (este era o papel devolvido aos "Cavaleiros do Oriente", definido pelos arquivos recolhidos por Papus).

O grau seguinte, "Grande-Eleito de Zorobabel" (ou "Comendador do Oriente"), era equivalente ao "Companheiro Reau+Croix". Como todos os graus de Companheiro de vários "regimes" maçônicos, era tanto neutro como ambíguo, mal definido, mas pleno de mistério e de enigmas em sua ritualística. É um Grau no qual o equivalente Cohen se baseava sobre a lenda de Zorobabel, explicada em um nível superior. Estava relacionado com uma *ponte*, análoga à erigida sobre o Rio Céfiso, a qual os iniciados deviam atravessar no retorno de Elêusis.⁷

Neste grau, o afiliado tinha uma trégua das "Operações" cerimoniais. Ele se recolhia, meditava por um certo período, retornava às suas teorias fundamentais, e se preparava, através de um tipo de introspecção (verdadeira acumulação, restrição psíquica), à sua futura ordenação de Reau+Croix.

A "*Classe Secreta*" era a dos Reau+Croix. Ela compreendia, segundo dizem todos os historiadores da Ordem, somente um grau. Mas certos comentários abreviados que encontramos nas cartas de Louis Claude de Saint Martin, na época em que ele era secretário do Mestre, (em lugar de P. Bullet, já desaparecido), fazem-nos acreditar que esta classe compreendia dois graus: Em efeito, é um grau abreviado em duas letras: *G. R.*, do qual fala Saint Martin em algumas cartas⁸. E isto nos faz questionar se talvez atrás do grau *secreto* de Reau+Croix, teria existido um outro ainda mais secreto chamado "Grande Reau+Croix" ou "Grande Reau" (*G. R.*).

O propósito desta classe, por seus ensinamentos esotéricos, era o de colocar os dignitários em comunhão com os mundos do Além, aqueles dos Poderes Celestes, isto feito pelas Evocações da Alta Magia. Enquanto o grau de "Grande-Arquiteto" ensinava a expelir os Poderes Demoníacos da aura da Terra por meio de exorcismos mágicos, o grau de "Reau+Croix" ensinava os meios de se evocar as Potências Celestes, e de lhes atrair "simpaticamente" para esta mesma aura terrestre. Mais além, elas permitiam, ao Reau+Croix, por suas manifestações (auditivas ou visuais) aparentes, de julgar o grau de progresso que o evocador adquiriu, e de ver se ele se encontrava "reintegrado em seus poderes originais", segundo a expressão do Mestre.

⁷ Ao cruzar a ponte, eles eram interpelados por homens travestidos como mulheres que zombavam e ridicularizavam deles. No entanto, isto tradicionalmente ocorreria na jornada de ida, quando os candidatos construíam seu caminho para os Mistérios de Elêusis, do que na volta. Isto faria mais sentido no contexto. (N. T.)

⁸ Publicadas por Papus em sua obra "Louis Claude de Saint Martin".

Assim, é um erro supor na opinião geral que a Teurgia dos Elus Cohen era simplesmente sobre o exorcismo mágico cerimonial. Ela englobava igualmente o capítulo das Evocações, com um objetivo puramente desinteressado, e referente aos Seres de luz viva no seio das "regiões espirituais" do Além.

Resta o provável grau de "Grande Reau+Croix". Nos propomos aqui uma hipótese que não pode ser rejeitada de imediato. Documentos históricos, publicados por G. Van Rijnberk em sua obra (referida anteriormente), informam-nos que a *suprema prova* da Ordem, a última Operação, que jamais foi conseguida, ao que parece, mas que havia sido definida, devia ser a *evocação do "Cristo Glorioso"*, aquilo que o Mestre denomina de *Reparador* e que era (segundo a Doutrina da Ordem), o Adão Kadmon Reintegrado.

Isto elevaria o número de graus a onze na segunda série dos graus Cohen e a doze na primeira série.

Contudo, onze é um número que os cabalistas consideram ser maléfico. Onze é o número correspondente à letra *caph*, (כ) (inicial da palavra *kelaia* כלייה – destruição, ruína). Se nós suprimíssemos este grau de "Grande Reau+Croix", a primeira série (agora com onze graus) fica incompleta: se adicionarmos um à segunda série, já são demais!...

O enigma está completo...

Diremos uma última palavra sobre o grau de "Mestre Particular" ou "Grande-Eleito", localizados nas duas séries entre a classe de Portico e a Ordinária.

Era muito possivelmente um grau "vingativo". Em efeito, todos os regimes maçônicos acreditavam que era uma boa idéia intercalar em sua hierarquia um grau dito de "vingança". Lá, o candidato, aprende o destino reservado aos maus irmãos, aos maus companheiros, aos traidores e perjuradores. Ainda melhor, fazem-no vivenciar – em uma espécie de jogo simbólico, o "Mistério", no sentido medieval da palavra – a simbólica condenação à morte dos referidos traidores. Este ritual, sem motivo aparente, não tem outro objetivo senão "recarregar", magneticamente e psiquicamente, a Egrégora da Obediência, a *alma*, oculta e invisível que *verdadeiramente* anima e vivifica, mesmo reagindo *automaticamente*, e sem a qual seria necessário realizar a cerimônia contra os falsos companheiros uma vez mais.

Isto explica porque traidores, maus irmãos, perjuradores das Obrigações, ocasionalmente os adversários da Franco-Maçonaria, tiveram todos um fim trágico, mesmo sem intervenção humana direta! Ligados antecipadamente a este destino, por um voto muito claro, livremente aceitaram a sorte que os esperaria caso viessem a trair, e estão, por esta razão, expostos às forças vingativas da Egrégora. E se, pelo seu comportamento, eles se expõe a essa lei inexorável, *eles despertam automaticamente* o choque de retorno, de vingança e punição. Essa é a razão de existir dos "ritos de vingança" e seus motivos ocultos.

Falta um outro grau, mal definido, mas que não é menos provado, historicamente. É o dos "*Superiores Incógnitos*", ou dos "*Soberanos Juízes*". Foram atribuídos a cinco dignitários da Ordem, todos "Reau+Croix". De acordo com o Príncipe Cristão de Hesse, (citado por G. Van Rijnberk em sua obra sobre Martinez de Pasqually), na sua carta aos "Grandes Professos" do Rito Templário da Estrita Observância, Metzler, senador de Frankfurt-sobre-o-Reno, foram estes os cinco: *Bacon de la Chevalerie*, *J. B. Willermoz*, *de Serre* (ou Desserre), *du Roy d'Hauterive*, e *de Lusignan*.

Objetou-se que as relações entre Bacon de La Chevalerie e Martinez foram mais do que tensas naquela época, e sugere que seria improvável que ele teria sido designado pelo Mestre para se sentar entre os chefes aos quais confiou seu trabalho. Esquece-se que Martinez de Pasqually era um

homem extremamente exigente, meticoloso, em tudo o que tange a ritualística, a regularidade, as formas materiais de transmissão. Definitivamente ele não foi um simplificador, como Louis Claude de Saint Martin, mas um ser que guardou as "legitimações" ritualísticas, como Willermoz. Os diferentes modos de como eles aplicaram a mesma doutrina demonstra este fato. É plausível admitir que Bacon de La Chevalerie, que foi o primeiro Elu Cohen a preencher o cargo de "substituto" do Grão-Mestre, não podia, por este fato, ser excluído do "Tribunal Soberano": constituído pelos cinco "S. J". ou S. I". (o *i* e o *j* eram, naquela época, letras comumente empregadas uma em lugar da outra). Ainda, Bacon de La Chevalerie havia feito parte (*como Substituto*) do primeiro "Tribunal Soberano", constituído em 1765, em Paris, durante a estada de Martinez de Pasqually na capital.

Completada esta última tarefa, o Mestre embarca, no mês de Maio de 1772, para São Domingos, no navio "O Duque de Duras". É nesta época que deve ter sido emitido seu famoso certificado de catolicidade. O navio partiu de Bordeaux, sua residência, e este certificado de catolicidade vem em apoio ao ato do batismo de seu filho, (batizado na igreja Santa-Cruz, em 24 de Junho de 1768, dia de São João Batista) para demonstrar que Martinez de Pasqually certamente não era judeu. Também, ele não era um católico muito ortodoxo! Como todos os ocultistas, *como todos os iniciados nas tradições esotéricas*, aos olhos da Igreja Romana, Martinez era oficialmente um herege. Mas é incontestavelmente um cristão, pois ele coloca o Cristo (o "Reparador") no centro de sua Doutrina. É igualmente um cabalista, pois ele contempla o Messias ao modo dos esotéricos daquela escola mística. Bom católico? Não... Exteriormente! Cristão? Certamente. Seu primeiro secretário é o Padre Bullet, do regimento de Foix; e um dos seus primeiros discípulos é o Abade Fournier. Mas é, sobretudo um homem prodigioso, com defeitos e virtudes, como todos os homens. E ainda, se a tarefa sobrepujou o artesão, poderíamos dizer que o artesão absolveu-se honrosamente...

Partindo para assumir uma ordem (de qual *natureza?*...), Martinez de Pasqually morre em Port-au-Prince na terça-feira, 20 de Setembro de 1774. Deixava um filho, que fazia seus estudos no colégio de Lescar, perto de Pau. (Esta criança iria desaparecer, vinte anos depois, no curso da tormenta revolucionária). No dia de sua morte, ele apareceu à sua esposa, pareceu atravessar a sala em diagonal, e ela imediatamente exclamou: "Meu Deus! Meu marido está morto!". Em seguida, a notícia chaga à França, e foi reconhecida como verdadeira.

Antes de falecer, Martinez de Pasqually designou seu primo como seu sucessor, Armand Caignet de Lestere, comissário geral da marinha, em Port-au-Prince. Mas, quando da morte do Mestre, os "T.:P.:M.:" (*Très Puissant-Maitre*)⁹ foram incapazes de se tornar ativamente envolvidos na Ordem, não apenas com os "Templos" Cohen de Port-au-Prince e Léogane, mas com todos os outros da Europa. Cisões se produziram, inevitáveis em toda obra humana. Quando ele morre em 1778 (quatro anos após Martinez), ele havia transmitido seus poderes ao "T.:P.:M.:" Sébastien de las Cases.

Este último não julgou apropriado restabelecer as ligações rompidas entre os vários "Orientes", Cohen e de refazer a união e a unidade do Rito. Pouco a pouco, os Templos são colocados "para dormir". Mas os Elus Cohen continuaram a propagar a Doutrina da Ordem, seja individualmente e "de boca a ouvido", segundo o famoso ditado, seja coletivamente, em grupos secretos, compostos imutavelmente de *nove* membros, e que levam o nome de *Areópagos Cabalistas*.¹⁰ E em 1806, as famosas "Operações" comuns tinham lugar novamente, nos Equinócios.

O ensino oculto de Martinez de Pasqually foi, portanto transmitido no decorrer do século XIX, uma parte pelos Elus Cohen, dos quais um dos últimos representantes diretos foi o "T.:P.:M.:"

⁹ Pode ser traduzido como *Muito-Poderoso Mestre*, mas Tríplice-Potente Mestre é um título freqüente no Rito Escocês e em outros Graus Superiores da Maçonaria. (N. T.)

¹⁰ Provavelmente uma referência ao que se acredita ser o primeiro corpo democrático de livres pensadores que se encontravam no Areópago em Atenas. (N. T.)

Destigny, que morreu em 1868; e outra parte por certos afiliados ao "*Rito Escocês Retificado*", denominado ainda como os "*Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa*", rito de maçonaria mística saído do "*Rito Templário da Estrita Obeservância*" (maçonaria alemã) quanto à sua forma primitiva, mas tornou-se totalmente independente mais tarde. Seus afiliados eram detentores de instruções secretas, reservadas aos Reau+Croix, e que lhes havia sido passadas por J. B. Willermoz.

Ali termina a filiação (ou linhagem) direta, ininterrupta na "forma" sacramental dos "*Cavaleiros-Elus Cohen do Universo*". A partir deste momento, irá nascer o "Movimento Martinista", personificado pelos discípulos iniciados por Louis Claude de Saint Martin e pelos de J. B. Willermoz. Iremos em seguida estudar estas duas ramificações.

Mas existe ainda, ao que parece, pequenos grupos de Cohen, oriundos de iniciações individuais dadas pelos últimos descendentes *regulares* e *diretos* do mestre, e que, em algumas cidades da França, sobreviveram à morte da Ordem oficial. Este detalhe singular demonstra bem as raízes, sólidas e profundas, que haviam surgido do seio da invisível Cavalaria Mística suscitada pelo enigmático viajante e mestre misterioso, que foi Martinez de Pasqually...



Arca da Aliança

II - A DOUTRINA

Como em todo o esoterismo, a doutrina Martinista, tal como foi definida por Martinez de Pasqually no seu "*Tratado da Reintegração dos Seres Criados*", necessariamente teve de recorrer ao exoterismo a fim de explicar verdades metafísicas, que por sua natureza são difíceis de distinguir e explicar. E assim, ela está integralmente ligada à Tradição Ocidental, e em especial ao Cristianismo.

Com referência ao problema da Causa Primeira, (Deus), o Martinismo faz suas as conclusões a que chegaram teólogos cristãos e cabalistas hebreus, pelo menos nos princípios sobre os quais as diversas escolas estão de acordo há muito: ternário divino, "pessoas" divinas, emanção, etc... Em relação ao restante, ele é mais particularmente gnóstico, (embora apresentando esta tese sob uma forma distinta das escolas normalmente ligadas a esta palavra), porque ele põe como princípio uma igual necessidade do Conhecimento e da Fé, e o fato de que a Graça deve, para agir efetivamente, ser complementada pela ação inteligente, compreensiva e livre do homem. Foi por esses diversos motivos que Martinez de Pasqually apresentou o esoterismo de sua escola sob o ponto de vista da tradição Judaico-Cristã. Esse Tratado, do qual o Mestre foi certamente o autor, resultou de documentos tradicionais, que haviam pertencido a sua família desde o tempo em que um ancestral seu, que era membro do Tribunal da Inquisição, tirou-os das mãos de hereges árabes ou judeus, da Espanha. Esses documentos foram constituídos a partir de manuscritos latinos, cópias de originais árabes, os quais derivam das clavículas hebraicas.

Seja como for, eis um resumo do "*Tratado de Reintegração dos Seres Criados*", obra tão rara quanto pouco clara para os que não estão perfeitamente a par das tradições gerais que a inspiraram.

O Mundo, considerado como "domínio material", submetido a nossos sentidos, e "regiões espirituais" do Além, não é obra própria de Deus, o qual é considerado como Absoluto. É o Evangelho segundo São João que nos ensina:

"*No princípio*" (isto é, quando o "Tempo" começou, período no qual se manifestam seres relativos), "*era o Verbo*," (o Logos, a Palavra Divina). "*O Verbo estava junto de Deus*"... (expressão literal, usando o texto grego em lugar do "com Deus" das versões comuns) "*O Verbo era deus*"... (e não Deus, com maiúsculas. O texto grego não tem o artigo; o Verbo é, portanto um dos "elohim", ou filhos de Deus; esta palavra significa em hebraico "Ele-os-deuses")¹¹ "*Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito*"... (João – Cap. I).

Este Logos é aquilo que a Cabala denomina Adam Kadmon, aquele que, (em todas as tradições religiosas antigas) criou os seres inferiores por *sua palavra*, ao lhes dar um *nome*, (subentende-se: "para a Vida Real, manifestada"): "E Adão pôs nomes a todos os animais, a todas as aves dos Céus e a todos os animais dos campos; mas não se encontrava, para o homem, um nome *que lhe fosse adequado*."

Esses "animais do campo", essas "aves dos Céus" não são os seres comuns desses nomes. O sentido esotérico designa as criaturas, inferiores ao homem-Arquétipo, povoando os "planos", ou mundos do Além, "*regiões espirituais*", às quais nós fazemos uma alusão maior.

Quando desta criação, Deus serve-se de um intermediário. É o que nos confirma o Cap. I do Gênesis (vv. 1-2,3): "*A Terra, (a Matéria primordial, o Caos) era informe e vazia, e o Espírito de Deus se movia sobre as Águas*" (o *nous* egípcio, o elemento mais sutil desta matéria). O termo "Espírito de Deus" tem letra maiúscula, designando assim um Espírito, distinto de Deus, e não o espírito de Deus; o que seria absurdo, pois Deus é necessariamente espírito em Si-mesmo! E o Gênesis não nos diz que "Deus se movia sobre as Águas" ... É porque ele nos ensina mais tarde que "*O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo*"... (Gênesis II, 15).

Este jardim é um símbolo, significando o Conhecimento Divino, acessível aos seres relativos. Em efeito, a Cabala, tradição secreta, é frequentemente designada como o "Pomar" místico. Em hebraico, pomar se diz *guineth*, palavra formada por três letras (*guimel, nun, tav*), iniciais das três ciências secundárias, chaves da Cabala: a Gematria, o Notarikon e a Temurah.

O homem primitivo do qual fala o Gênesis, em sua narrativa puramente simbólica, não é um ser de carne como nós, mas um Espírito, emanado por Deus, composto de uma "forma" (o que o Gênesis chama de corpo), análogo ao "corpo glorioso" definido pelos teólogos, criado pelo Deus Eterno, e de uma centelha vivificante, que é completamente divina, já que o Gênesis nos conta que era o próprio "sopro" de Deus. Nosso homem-Arquétipo é, portanto, semi-divino. Ele nasce da Matéria Primordial (do Caos, composto de Terra e Água – simbólicas), por sua "forma", e nasce de Deus por esse sopro divino que o anima, sopro nascido do próprio Deus.

Adão e o Verbo Criador são o mesmo, porque o homem-Arquétipo continua o trabalho iniciado pelo *Espírito-de-Deus* no "jardim" simbólico. E, portanto, este Verbo Criador e o Verbo Redentor são diferentes.

Certamente, é indiscutível que o Cristo (que Martinez denomina por *o Reparador*) é ao mesmo tempo Deus (por sua origem) e homem (por sua encarnação). A Teologia demonstra isto. Mas, do mesmo modo que uma criança de dez anos e o idoso que ela será mais tarde são um e a mesma pessoa, (sob características e aspectos diferentes)!... Há uma *continuidade de consciência absoluta* entre eles, mesmo se não existe mais a semelhança do aspecto ou de reações inferiores. De forma

¹¹ Da mesma forma foi apontado e sublinhado pelo Abade Loisy no seu "Quarto evangelho" (*Quatrième Evangile*).

semelhante, uma alma que anima um corpo humano ordinário, e um outro, vinte séculos depois, será sempre idêntica a si mesma em suas duas manifestações diferentes, embora as ditas manifestações possam ser, aparentes e diametralmente opostas, em razão do “jogo” oscilatório definido pela expressão usual do “Karma”.

Paralelamente à Adam Kadmon (o homem-Arquétipo ou Cósmico), haviam outros Seres, emanados de uma Criação *anterior*, de uma natureza e um “plano” diferentes, sem nenhuma conexão com o que nos detalha a Tradição do Gênesis. Esta criação é a dos “Anjos”, que outras tradições nos relatam e que é analisada por todas as religiões. São estas as duas criações diferentes que o Gênesis subentende no primeiro versículo: “*No princípio, Deus criou o Céu e a Terra*”. Imediatamente, o Gênesis deixa a primeira Criação (sobre a qual aparentemente Moisés não possuía nenhum conhecimento) e passa à segunda: “*A Terra era informe e vazia; as trevas cobriam o abismo*”... (Gênesis I, 2).

Outros elementos da Tradição Judaico-Cristã nos ensinam que os seres desta Criação primitiva (simbolizada pelo “Céu”), ou seja, os Anjos, dividiram-se em duas categorias – os Anjos fiéis e os Anjos rebelados – após uma *prova, requerida* por Deus.

Isto tem sido mal compreendido. Deus, príncipe de infinita perfeição, não podia tentar os Anjos após sua emanção, nem rejeitá-los, após sua involução. Ao contrário, certas entidades, tendo completado a Missão para as quais elas foram emanadas por Deus (isto é, libertadas, dotadas necessariamente de livre-arbítrio), recusaram-se a se reintegrar no Absoluto, o Plano Divino, fonte do *Soberano Bem*. Elas preferiram, então, o “eu”, momentâneo, perecível, ilusório, ao “UM”, eterno, real e imperecível. Elas preferiram viver “fora” de Deus em lugar de serem absorvidas por Ele, e se beneficiando de Sua infinita perfeição.

Foram, portanto, elas que momentaneamente se afastaram de Deus por um ato livre, ainda que errôneo. Não foi o Absoluto que as rejeitou injustamente, nem que Ele foi a causa de seu exílio. Conseqüentemente, o retorno e a redenção permanecem possíveis, quando a Entidade celestial aceitar retomar o caminho ao Divino.

Mas, enquanto isso, antes do seu retorno à Luz e à Imanente Verdade, elas, por sua atitude egoísta, permanecem: *rebeldes* (a primeira e constante oferta do divino), *desviadas* (porque estão fora do seu destino legítimo), *perversas* (porque habitam “fora” do Bem Soberano, e, portanto “no Mal”).

Agora, toda coisa corrupta tende a corromper aquilo que é são, por sua natureza. E nos domínios dos seres espirituais, isto é ainda mais real do que nos corpos materiais, já que lá estão mesclados: *inveja* ou *ciúme*, (consciência, apesar de tudo, de uma inferioridade real), o *orgulho* (vontade de ter a última palavra!) e a *inteligência* (como antes, mas carregando estes defeitos ao máximo).

É por isso que a Tradição nos ensina que o *Conjunto* dos Seres espirituais perversos, (a Egrégora do Mal), denotada pela imagem da Serpente, teve inveja deste ser, que era superior a eles e “imagem” de Deus, do qual essas Entidades decaídas alegavam terem sido subtraídas.

Elas agiram, portanto (*telepaticamente* sem dúvida), sobre Adam Kadmon, *incitando-o a ultrapassar os limites de suas possibilidades naturais*.

Um ser misto por sua natureza, meio espiritual, meio formal, andrógino, no qual Forma e Espírito se interpenetram mutuamente, o homem-Arquétipo deveria manter uma certa harmonia, um equilíbrio necessário, no Domínio onde Deus o havia colocado. Ele deveria velar por suas ordens, fazer seu trabalho, e continuar os projetos deste “Espírito-de-Deus”, do qual ele era o reflexo, o administrador, o celestial “faz-tudo”... Era neste papel de Arquiteto do Universo que Adam Kadmon era inspetor, mas de um Universo mais sutil do que o nosso, o “Reino” *que não é deste mundo*, do qual falam os evangelhos.

Sob o impulso das entidades metafísicas perversas, o homem-Arquétipo transformou-se em um Demiurgo independente. Repetindo suas faltas, ele modificou e perturbou as Leis as quais era sua tarefa cuidar e observar. Ele tentou, audacioso e rebelde, fazer-se criador por seu próprio direito, e de igualar ao próprio Deus com suas obras. Ele não conseguiu senão alterar seu Destino original...

É assim que as duas lendas idênticas, a de Lúcifer, *primeiro dos Anjos*, e de Adão, *primeiro dos Homens*, relatam suas histórias paralelas a nós. Quem sabe, vem desta tradição a idéia de consagrar aos deuses ou a Deus, os primeiros frutos de uma colheita, ou ao primogênito de um rebanho. Este é o fato de que, no relato simbólico da humanidade chamamos de Gênesis, todos os primogênitos – Caim, Ham, Ismael, Esaú, etc. – são misteriosamente marcados por um destino contrário.

Mas, enquanto que Deus, em Suas infinitas possibilidades, pode tirar algo do Nada, o homem, criatura de possibilidades limitadas, pode modificar só o que já existe, e não pode extrair algo do Nada.

O homem-Arquétipo, querendo criar seres espirituais, como Deus havia criado os Anjos, apenas conseguiu *objetivar seus próprios conceitos*. Desejoso de lhes dar seus corpos pode apenas integrá-los na Matéria mais grosseira. Ao querer animar o Caos (as "Trevas exteriores"), como Deus havia animado o Mundo Metafísico, o qual foi confiado originalmente ao homem, ele acabou sendo engolido em sua totalidade.

Em verdade, Deus "*sendo*", no sentido mais absoluto da palavra ("*Eu Sou O Que Sou*", diz a Moisés, no Sinai), era impossível que o Nada tivesse existido anteriormente. Para criar a Matéria original, Deus simplesmente *retraiu* uma parte de suas infinitas perfeições de uma porção de sua essência infinita. Esta retração parcial da *Perfeição espiritual mais absoluta* inevitavelmente resultou na criação da *imperfeição material relativa*. Isto justifica que a Criação, qualquer que seja, nunca poderá ser perfeita. Ela é *obrigatoriamente* imperfeita pelo fato de que ela não é Deus!

Assim, imitando o Absoluto, Adam Kadmon tentou criar uma "matéria primordial". Alquimista inexperiente, esta será a origem de sua Queda.

O homem-Arquétipo é um ser *andrógino*. O Gênesis (Cap. I, 27, 28), nos conta que: "*Deus criou o homem à sua imagem; macho e fêmea os criou*".... É este elemento negativo, feminino, que Adão vai objetivar fora de si mesmo. É esta "costela" esquerda, feminina, passiva, lunar, tenebrosa, material, que irá se separar da direita, masculina, ativa, solar, luminosa, espiritual, dando nascimento a Eva. A Mulher-Arquétipo é por isso retirada de uma das duas "costelas" do Andrógino, e não de uma de suas "costelas"... (Todas as religiões antigas conheceram um ser divino, original, que era ao mesmo tempo macho e fêmea).

O Gênesis relata (Cap. II, 23, 24): "*Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne* (ele conserva, pois, o espírito, a alma). *Ela se chamará mulher*, - em hebraico Isha (אִשָּׁה) – *porque foi tomada do homem* – em hebraico Ish (אִישׁ)".

Foi esta nova Matéria, a Eva do Gênesis, a mulher simbólica, que Adão "penetra" para criar a Vida. O homem-Arquétipo se degrada, portanto, ao tentar imitar a Deus. Seu novo domínio é o mundo hílico da Gnose, nosso Universo material, mundo repleto de imperfeições e de males. O pouco de bem que restava vinha das antigas perfeições do homem-Arquétipo. Pois, divididos em dois seres diferentes, aquela perfeição original não pode ser total em cada um deles... Portanto, a Queda.

É por esta razão também que a Natureza foi deificada pelas antigas religiões. Ela foi certamente a Mãe de tudo o que existe, mas também de tudo "sob os Céus", simplesmente... Isis, Eva, Demeter,

Réia, Cibele, são símbolos da Natureza Material, emanada de Adam Kadmon, personificada pelas *Virgens Negras*, símbolos da *Matéria Prima*.



O Andrógino Gnóstico

A essência superior de Adam Kadmon, integrada ao seio da nova Matéria, tornou-se *Enxofre*, expressão alquímica designando a alma do mundo. A segunda essência, o mediador plástico, aquilo que constituía a "forma" de Adão, seu duplo superior, tornou-se o *Mercúrio*, outra expressão alquímica designando o Astral dos ocultistas, o plano intermediário. A segunda Matéria emanada do Caos é o *Sal* alquímico, o suporte, o receptáculo, a prisão.

Paralelamente, nos podemos dizer que Adão se tornou o *Enxofre*, que Eva é o *Sal*, e que Caim do Gênesis era o *Mercúrio* nesta tríade simbólica. Termos que o Alquimista conhece também como os de *Rei*, de *Rainha*, e de *Servo* dos sábios...

Concebe-se, portanto, porque em todos os seus graus, a *Matéria Universal* é viva, conforme é aceito pela antiga alquimia e pela moderna química, e como, em suas manifestações, ela pode ser mais ou menos consciente e inteligente. Através dos quatro reinos da Natureza, mineral, vegetal, animal, hominal (entre os quais, ademais, não há nenhuma chance de continuidade), é o homem-Arquétipo, o Adam Kadmon, a Inteligência demiúrgica primitiva, que se manifesta, dispersada, espalhada, aprisionada. Aqui, temos estas roupas de "peles de animais" que lemos no Gênesis: "*O Senhor Deus fez para Adão e sua mulher umas vestes de peles, e os vestiu*"... (Cap. III, 21). Este Universo novo tornou-se igualmente o refúgio das Entidades decaídas. Elas buscaram refúgio lá para se distanciarem do Absoluto, na vã esperança de escapar das sempre atuantes Leis Eternas.

Os Seres maléficos possuíam um interesse primordial em que o homem disperso, mas presente em todo lugar no seio da Matéria constituinte o Universo visível, continuasse a organizar e animar este domínio, doravante deles.

Como a alma do homem-Arquétipo é prisioneira da Matéria universal, a alma do homem-indivíduo é prisioneira do seu corpo material. E a morte física, (o único efeito que é por mérito, diz o Gênesis...) e as reencarnações que se sucedem, são os meios pelos quais as Entidades decaídas manifestam seu controle sobre o homem. Agora compreendemos melhor as palavras do Redentor, "entendido" pelos Profetas, como Isaías: "Oh Morte, onde está tua Vitória? Oh Morte, onde está teu aguilhão?"...¹² (o aguilhão dos sentidos, que incitam a alma separada a se reencarnar novamente em um corpo material).

A Força, a Sabedoria e a Beleza que se manifestam ainda no Universo material são devidas aos esforços do homem-Arquétipo para voltar a ser, o que ele era, antes de sua Queda. As qualidades contrárias são manifestadas pelas Entidades decaídas, para manter o "clima" o qual elas desejavam que ele criasse, para manter o estado anterior, quando deliberadamente interromperam o retorno delas ao Absoluto.

¹² "Onde estão tuas calamidades, ó Morte? Região dos mortos, onde está o teu flagelo destruidor?" (Oséias XIII, 14) e (1 Cor XV, 55). (N. T.)

O homem-Arquétipo pode apenas retomar a posse de seu Esplendor e Liberdade originais se ele puder se separar desta matéria na qual ele está preso por todos os lados. Para isto, é preciso que todas as células que o compõe (ou seja, os Homens-indivíduos), possam após sua morte natural, reconstituir o Arquétipo pela última reintegração, e assim escapando do ciclo de reencarnações.

Agora, os microcosmos referem-se ao Macrocosmo. Os Homens-indivíduos, reflexos materiais do Arquétipo, são igualmente reflexos do divino (embora vários níveis abaixo), exatamente como o Arquétipo é, por si, reflexo de Deus, do primeiro Verbo Criador ou Logos, do *espírito-de-Deus* que fala o Gênesis.

Dessa forma, ele é o "Grande Arquiteto do Universo". Todo culto de *adoração* prestado a ele é, portanto um culto satânico, pois é dirigido ao homem e não ao Absoluto. É por isso que a Maçonaria o **invoca** *sem o adorar*.

Mas, como o homem está imerso na atmosfera demoníaca deste Mundo Material onde ele respira a cada instante o intelecto maléfico, como Martinez de Pasqually nos afirma, e porque ele está em uma má posição para resistir, o Criador restabeleceu o equilíbrio destacando do seu Círculo Espiritual Divino um *Espírito Maior* para ser o guia, o apoio, o conselheiro e o companheiro do *Menor*. Este *Espírito Maior* emanou e desceu da Imensidão Celeste para ser incorporado ao Mundo Material (ou centro da matéria elementar) para trabalhar, segundo seu livre-arbítrio, no Círculo Terrestre.

Mas o conselho de um *Espírito Maior* não basta. É preciso ainda a assistência de um *Menor Eleito*. O auxílio que ele traz a sua "reconciliação" é duplo. Ele transmite diretamente as instruções do Criador sobre o culto Teúrgico que deve ser prestado; ele também comunica aos "Homens de Desejo" – aos quais ele é enviado – os dons que ele recebeu, marcando-os com a característica, o "selo" místico, sem o qual nenhum menor pode ser reconciliado.

Esta ordenação misteriosa é a condição essencial para sua "reintegração", desde que, sem ela, não importa quais sejam seus méritos pessoais, um Menor permanecerá "em privação", ou seja, sem comunicação com Deus.

Agora daremos alguns detalhes sobre a Pneumatologia de Martinez. Estamos também preparando um estudo especial sobre sua Doutrina e suas Obras.

Mundo Divino	a.- Os <i>Seres Espirituais</i> são os Eons da Gnose, as Idéias-Mães que vivem no seio da Divindade;
	b.- Os <i>Espíritos Superiores</i> , também chamados de <i>Espíritos Denários</i> , ou <i>Espíritos Divinos</i> , são as entidades sefiróticas da Cabala, os Números-Deuses.
Mundo Celeste	a.- Os <i>Espíritos Maiores</i> asseguram a comunicação do homem com Deus, limitam os domínios inferiores, compõe os mundos celestiais e terrestres. Como Agentes das Leis do Universo, eles comandam a conservação do "Tempo", isto é, da Energia Vital no Mundo Material, mas eles não têm poderes para produzir essências materiais.
	b.- Os <i>Espíritos Inferiores</i> asseguram a própria existência da matéria. São, por exemplo, os Poderes dos Elementos, os Seres da Região Astral Superior, Os Gênios Planetários, Estelares, etc...
Mundo Terrestre	Os <i>Espíritos Menores</i> , ou <i>Menores Espirituais</i> , que garantem a edificação do Mundo Material; estes são notavelmente as Almas Humanas.

Esta última classe se subdivide em quatro partes:

a.- *Menores Eleitos* – São os dez grandes guias da Humanidade: Abel, Henoc, Noé, Melquizedek, José, Moises, Davi, Salomão, Zorobabel, Jesus.¹³

b.- *Menores Regenerados* – São os *Adeptos*, os mestres da doutrina espiritual. Este estágio é aquele atingido pelos Reau+Croix.

c.- *Menores Reconciliados* – São os Iniciados da Ordem em seus graus inferiores.

d.- *Menores em Privação* – São os Profanos.

A fim de escapar dos ciclos de reencarnações sucessivas neste mundo infernal (in-ferno = lugares inferiores), é necessário que o homem-indivíduo se solte de tudo aquilo que o atrai à Matéria, e assim se liberte da escravidão das sensações materiais. Ele deve elevar-se moralmente, inclusive. Contra essa tendência em direção à Perfeição, as entidades decaídas lutam sem cessar, tentando de mil maneiras atirá-lo de volta ao seio do Mundo visível, e reter seu jugo oculto sobre ele.

Contra elas, o homem-indivíduo deve lutar desmascarando-as e expulsando-as de seu domínio. Ele consegue isso, parcialmente pela Iniciação – a qual o liga aos elementos do Arquétipo já reunidos e que formam em termos exotéricos a "Comunhão dos Santos" – e parcialmente pelo Conhecimento libertador, que lhe ensina os meios de acelerar, para o restante da Humanidade cega, e pelo seu trabalho pessoal, a libertação definitiva.

Esta última possibilidade inclui a participação notadamente nas grandes Operações dos Equinócios, que procuram purificar a Aura terrestre por meio de exorcismos e de conjurações, sujeitas aos Ritos da Alta-Magia, e que os Elus Cohen denominam as "Obras" ou o "Culto".

Apenas após esta definitiva libertação individual, surgirá a grande libertação coletiva, que permitirá a reconstituição do Arquétipo, e então sua reintegração no Divino que o emanou outrora. Abandonado a si mesmo pelo seu animador, o Mundo da matéria irá se dissolver, não sendo mais vivificado, harmonizado, conduzido pelo Arquétipo. Sob o impulso, naturalmente anárquico, das Entidades decaídas, esta desagregação das partes do Todo irá se acelerar. O Universo chegará ao seu termo enfim; este será o "Fim do Mundo" anunciado pelas tradições universal.

"Como uma pedra que rola, Céus e Terra passarão"...! A Essência Divina reocupará gradualmente as "regiões" de sua essência das quais ela primitivamente retirou-se. As *ilusões* momentâneas, batizadas com o nome de criaturas, de seres, de mundos, desaparecerão, pois *Deus é tudo*, e Tudo está *em* Deus, embora Tudo não seja Deus! O Absoluto não tirou nada de um Nada ilusório, que não saberia existir fora d'Ele, sem ser Ele-mesmo.

Somente esta retração da divina essência permitiu a Criação dos Mundos, angélicos, materiais, etc... Como foi também esta retração, desta mesma essência, que permitiu a emanação dos seres espirituais.

E assim, a simbólica "Vitória" do Bem sobre o Mal, da Luz sobre as Trevas será conquistada por um simples retorno das coisas ao Divino, por uma reassimilação dos seres, purificados e regenerados.

Tal é o desdobramento esotérico da Grande Obra Universal.

Um trabalho de estudo prático sobre a Doutrina do Mestre está em fase de elaboração.

¹³ Esta lista é simbólica! Reflete o espírito de seu tempo... Hoje em dia se poderiam incluir os "hereges" como Buda, Pitágoras ou Zoroastro!



Pantáculo Teúrgico

AS ORIGENS DA DOUTRINA

Sobre as origens diretas da doutrina que nos transmite a obra simbólica de Martinez de Pasqually, "Sobre a Reintegração os Seres", não paira nenhuma dúvida. Possui uma base Judaico-Cristã muito ortodoxa, interpretada e comentada com a ajuda das tradições oriundas diretamente do Sepher-há-Zohar, e de todas as chaves do esoterismo judeu (Cabala). Mas um ponto domina todas estas conclusões exegéticas, contudo: refere-se à origem da tradição que sugere que o homem-Arquétipo perdeu sua glória e sua natureza originais ao querer ultrapassar seus poderes naturais, e igualar-se a Deus. Isto é o que tentaremos esclarecer.

É possível que se este postulado metafísico impregnou a maior parte das tradições religiosas da Humanidade, isto se deve a uma evidência igualmente metafísica. Esta evidência teria sido percebida pela intuição dos antigos sábios e pensadores, ou lhes foi tornada acessível por manifestações sobrenaturais, ou mais simplesmente, teria lhes sido comunicada pelo canal analógico dos sonhos, servidos por um psiquismo mais sutil que o da Humanidade moderna.

Mas não é menos evidente que, em uma outra esfera, os cultos fálicos são igualmente a origem da religião primitiva. Nós não ignoramos a extrema aversão dos puritanos, de todos os credos, por esses cultos e seus sobreviventes. Contudo, talvez, fosse mais razoável, e em todo caso mais científico, estudar as causas profundas e o ensino realmente secreto desses cultos estranhos, do que condená-los em nome de uma moral que não se tem lugar neste domínio.

Em efeito, se nós descartarmos a posição particular da decadente Igreja Romana, constataremos que, entre as religiões primitivas, o órgão sexual era *sagrado*. A "veste de pudor" é menos um véu atirado sobre algo vergonhoso e degradante, do que o necessário e ritual obstáculo destinado a proteger um órgão sacro dos olhares estranhos. Daí as tatuagens com caracteres mágico-religiosos nas roupas íntimas de nossos primitivos; e, portanto, em um outro campo, a remoção dos órgãos de procriação (praticamente em toda parte) sofrida pelo guerreiro vencido, e que em outros casos é substituído pela cabeça, ou pelas partes da cabeça (orelha, cabelos, etc...). Se o órgão sexual tivesse algo de vergonhoso, nosso primitivo não lhe daria o mesmo título que o crânio, órgão nobre, e que personificava ao máximo a personalidade do vencido.

Não deixaremos, enfim, de recordar que os símbolos geradores, na Grécia antiga (em Elêusis, por exemplo), ou mesmo na Índia moderna, são as imagens de duas grandes forças divinas criadoras, sendo um aspecto de Deus, que é andrógino, como o homem no Gênesis, manifestando *através de sua própria criação* sua fecundidade eterna e todo-poderosa. Enfim, seria infantil admitir que o homem devia se envergonhar daquilo que a Natureza (ou Deus, segundo as crenças) lhe concedeu desde seu nascimento, já que nenhuma desonra está relacionada com os órgãos reprodutores animais, e muito menos com os dos vegetais!

Não hesitaremos, portanto, por todos esses motivos, em considerar o *esoterismo* da Sexualidade como uma das chaves possíveis que introduzimos para reencontrar a fonte original de onde a maioria dos dogmas surgiu. E se desaprovamos os excessos que esse esoterismo gerou ao se distanciar dessas fontes de informação, igualmente reprovaremos o Puritanismo infantil no qual

soçobraram tantos reprimidos, obcecados e mesmo maníacos, sob pretensões exegéticas intransigentes.

O homem é uma redução do Universo. Espiritualmente feito à imagem de seu Criador, diz o Gênesis, ele é materialmente concebido à imagem do Cosmos, como a Cabala nos ensina, e, em comparação ao Macrocosmo, ele constitui o Microcosmo.

À escala do homem, o órgão masculino realiza a mesma função. O homem é, portanto o Macrocosmo e o pênis o Microcosmo.

De fato, as primeiras imagens modeladas, infantis, imprecisas e desajeitadas, pelas quais o homem Primitivo arriscava representar a silhueta humana, tendiam sempre a possuir o aspecto fálico, seja um vago cilindro, uma coluna encabeçada por uma esfera que é separada por uma constrição. Tais nos são apresentadas às imagens imprecisas destinadas aos ritos de Encantamento (figuras de cera, de barro, madeira, etc...). De acordo com o pensamento atual, cada um pode ser visto como uma efígie humana imperfeita, ou a de um falo.

O que particulariza de modo especial esse órgão é que é o único, entre todos os órgãos exteriores do homem, que é dotado de uma vida e de uma atividade fisiológicas independentes, aparentemente, e que depende não do consciente, mas do subconsciente. É provado pela Medicina que as reações sexuais podem definitivamente serem independentes do pensamento consciente do indivíduo. Em geral, isto não acontece com as reações dos outros membros, braços, pernas, pés e mãos.

Nós acabamos de empregar a palavra membro. Note que o pênis também carrega o nome de *membro viril*. Isto coloca esse órgão aparte dos outros.

Concluimos, portanto, que é possível que a atividade natural deste órgão tenha gerado, no espírito dos primitivos pensadores da humanidade, um paralelo entre o destino do homem-Arquétipo, e o desta representação natural. É igualmente possível que esta relação tenha se estabelecido *inconscientemente*, sem que este paralelo tivesse sido observado e examinado, e isto pelo fato singular do papel importante que o aspecto sexual desempenha na natureza humana. Neste caso, seria a atividade sexual *subconsciente* que estaria na origem desta "conclusão" metafísica, a queda do homem-Arquétipo, como consequência de uma tentativa de criação!... O fato não deveria, em todo caso, ser rejeitado de imediato.

Em sua obra "Psicanálise do Fogo", Gaston Bachelard, professor da Sorbonne, judiciosamente sublinhou a relação analógica que pode estabelecer a psicologia entre as modalidades da criação do fogo pelos primitivos, e os modos de copular. É evidente que o homem primitivo poderia, ele também, estabelecer uma relação de equivalência entre a ação de esfregar um bastão de madeira em um orifício escavado em uma larga prancha e a fagulha criadora de Fogo que surgia, e o mesmo gesto natural exigido pelo instinto criador.

Em todo caso, essas várias concepções sobre o simbolismo fálico nos permitem conceber como ele pode se tornar, no decorrer dos tempos, o *símbolo vívido* do Poder Divino, manifestado *no* homem e *através* do homem. Conclui-se, pois, como a profunda veneração, criada nos Templos de Elêusis, quando da aparição do *theophallos* nas mãos do grande hierofante, é justificada. Porque não se tratava de venerar o órgão dos prazeres materiais e grosseiros, pelo qual a espiritualidade do homem estaria irremediavelmente acorrentada às pesadas rochas dos prazeres vulgares da carne, e às vezes aos mais ignóbeis apetites. Muito pelo contrário, a multidão em êxtase via no falo o divino arcano pelo qual lhes era permitido penetrar os mistérios de suas origens extra-humanas, de compreender por qual via sua queda foi efetuada, e como a humanidade poderia se libertar dessas cadeias e, por fim, reunir-se com sua original divindade.

Quais ensinamentos podem ser tirados da atividade psicológica do falo? Aqueles que já extraímos dos mitos do Gênesis!

1- É sob o império de seu desejo criador que o Absoluto emanou o Logos, seu reflexo, seu intermediário. O segundo provém do primeiro.

É sob o império de seu desejo gerador que o homem manifesta sua virilidade, pela ereção do falo. O segundo se destaca do primeiro.

2- Adam Kadmon deveria criar pelo Pensamento e seu Verbo, em um mundo puramente espiritual.

O homem devia conservar sua força sexual para o único benefício de sua intelectualidade. Todo desperdício psicológico dos órgãos geradores é duramente ressentido pela atividade espiritual.

3- Adão "emanou" Eva, por sua vez, "carne de sua carne", de acordo com o Gênesis, então ele penetrou esta natureza inferior para depositar a Vida e criar, por sua vez, um novo Cosmos. Apenas conseguiu ser tragado por ele e se tornar sujeito à Morte.

O homem, como Adam-Kadmon, penetra sua mulher, "carne de sua carne", para depositar a Vida e criar um ser semelhante a si, imitando a Deus. O falo é seu intermediário natural. No espermatozóide está sua própria emanção, o *germe de si mesmo*.

Mas como Adam Kadmon morreu espiritualmente por ter sua gloriosa natureza encoberta por uma matéria primordial inferior e tenebrosa, assim mesmo o falo "morre" ao exteriorizar a vida que leva consigo.

4- Estava sob a ação telepática insidiosa das entidades do mal que Adam Kadmon desejava criar.

É sob a ação de Pensamentos impuros, estereótipos mentais, que são por vezes obscenos, e sempre distanciados de toda espiritualidade, que o homem de carne sonha com o ato gerador.

5- É lutando contra esses Pensamentos impuros que o homem de carne se livra do jugo sexual (que às vezes o rebaixa ao nível da besta), e se espiritualiza.

Foi lutando contra essas más entidades que Adam Kadmon pode conservar sua glória e sua natureza primordial. É libertando-se de sua dominação e de suas intenções que ele pode reassumir aquela natureza.

6- Durante o tempo em que ele se opôs às ditas entidades, Adam Kadmon necessariamente conservou sua personalidade.

Durante o tempo que o homem de carne verdadeiramente luta contra seus próprios desejos, o falo se manifesta psicologicamente e torna-se ereto.

7- Quando Adam Kadmon cessa de lutar contra as más entidades, é quando essas entidades serão reintegradas no Absoluto ou irão se dissolver. Seu papel assim terminado, Adam Kadmon irá desaparecer no seio do Absoluto.

Quando o homem de carne estiver completamente liberto da escravidão dos prazeres e dos sentidos, ele não mais lutará contra eles, e sua indiferença irá levar à sua supressão. Então toda atividade sexual psicológica irá desaparecer e o falo não se manifestará mais.

Este é, segundo nós, o ensinamento secreto que pode ser extraído, de modo lógico, das religiões fálicas. Pode-se observar, de maneira útil, que o simbolismo fálico está ligado aos cultos solares (a

Luz, o Fogo, o Patriarcado, etc...). Ao contrário, o simbolismo kteique (ou culto do sexo feminino) está ligado às religiões lunares (a Noite, a Água, o Matriarcado, etc...). E os primeiros foram sempre infinitamente mais puros e mais elevados em espiritualidade que os segundos, que estiveram sempre entre as causas máximas dos excessos deste gênero de religiões, (cultos de Anaitis, Milita, de Astoreth, de Astarte, etc...).

É por isso que a Igreja católica opõe Eva, a "Mulher da Morte" – como ela é denominada nas Homilias Clementinas – à Virgem Maria, a "Mulher da Vida". Eva leva ainda o nome de "Janua Inferni", a Porta do Inferno, e Maria o título de "Janua Coeli", a Porta do Céu.

Notemos, sobre essas duas "Portas" simbólicas, que elas são análogas às guardadas pelo deus Janus, o deus de duas faces, meio masculina e meio feminina, cujos festivais eram localizados nos Solstícios de Inverno (Porta do Céu) e de Verão (Porta do Inferno). O Zodíaco conservou o esoterismo dessas duas épocas com o signo de Capricórnio (a Cabra, que sempre tem a tendência de subir...) e de Câncer (o Caranguejo, que rasteja no lodo...). E no simbolismo astrológico, Câncer, equivalente a Janua Inferni, corresponde anatomicamente ao Útero, no corpo da mulher. É verdadeiramente a porta infernal por onde a Alma humana, abandonando os estados superiores do Plano Divino, encarna-se e se aprisiona em um corpo de carne, presa no turbilhão maléfico da Roda da Fortuna.

É em consequência desta distinção esotérica entre a "Mulher da Vida" e a "Mulher da Morte", que o Cavaleiro, na Idade Média, após ter sido submetido aos ritos tradicionais dessa Ordem militar, elegia uma "*Dama de seus Pensamentos*", que *nunca* era sua noiva, amante ou esposa, e com a qual nunca deveria ter nenhuma relação carnal. É ainda em memória desta idealização do Amor, da sublimação do ideal feminino, que os Franco-Maçons, quando da sua primeira iniciação no grau de Aprendiz, recebiam dois pares de luvas brancas. Um deles deveria ser ofertado "à mulher que ele mais *estimava*", dizia o Ritual. O outro par deveria ser levado nas reuniões de sua Loja.

A importância iniciática da atividade fálica é por vezes registrada em baixos-relevos ou em estátuas antigas, (estátuas egípcias principalmente). Lá se observa Deus sentado em um trono, e ele tem sentado em seus joelhos – sempre nesta posição – uma efígie do Rei que ele deve proteger, e que é seu reflexo sobre a terra. E o Rei ocupa sempre o lugar e a atitude do órgão fálico de Deus.

É igualmente por uma lembrança discreta do esoterismo sagrado que os Construtores de Catedrais com frequência colocavam na mão da Virgem carregando o Menino, sentada sobre um trono cúbico, com a atitude de Cibele, ou de Réa, as deusas-mães, o Cetro fálico terminando em uma pinha. A Mãe Divina, a Ísis egípcia, "*mãe das iniciações*", assinala então o caráter particularmente revelador do *theophallos*, como era outrora, em Elêusis, no Templo de Demeter...¹⁴

OS "MESTRES" DE MARTINEZ DE PASQUALLY

A questão dos iniciadores e dos instigadores de Martinez de Pasqually tem sido um dos pontos mais obscuros do problema Martinista. Nós iremos tentar se não o resolver completa e definitivamente, pelo menos aportar alguns esclarecimentos inéditos.

É muito provável que Martinez de Pasqually inventou a história de seu antepassado, membro do Tribunal da Inquisição, detentor dessa forma de documentos tirados das mãos de hereges judeus ou árabes. Segundo essa afirmação, que nada dissimula, esses mesmos documentos foram a fonte da conversão de seu pai para uma doutrina heterodoxa que teria sido ensinada a seu filho. É infinitamente mais lógico reconhecer que, bem ao contrário, devemos ler nas entrelinhas para compreender essa linguagem de pura convenção. Assim, a verdade é restabelecida, e somos levados

¹⁴ Veja, notadamente, a porta principal de Notre-Dame de Paris, fachada ocidental do lado do rio, chamada também de Porta de Saint-Marcel.

a considerar uma hipótese mais esotérica sobre esses documentos *salvos da Inquisição*, de origens judaicas e árabes (isto é reforçado pelas origens portuguesas da família, no mínimo espanholas, tardias), transmitidas e elaboradas pelo pai *espiritual* de Martinez de Pasqually! De fato, o "mestre" nos tempos antigos era chamado na Grécia de *patros*, que em geral significava o pai, e em particular, o "*pai dos iniciados*".

Martinez de Pasqually (isto foi um pouco melhor estabelecido pelos historiadores da Ordem e seus propagadores) esteve no Timor, uma pequena possessão portuguesa nas Ilhas Sunda. Talvez tenha estado na China também, como se acredita. Mas não é nessas viagens, nem em um contato imediato com a feitiçaria do vudu, em Santo Domingo, que se deve buscar por sua primeira iniciação.

Jean Bricaud, em um número especial da revista "O Véu de Ísis", publicado em 1927, expôs a história do movimento Rosa+cruz a partir das primeiras manifestações da *Fraternidade dos Rosa+Cruzes*, no início do século XVII. Iremos resumir brevemente este autor (e explicar que sua posição de alto grau da Ordem, de patriarca da Igreja Gnostica, coloca-o como possuidor de ensinamentos valiosos, sejam eles através de arquivos e documentos, de tradições verbais), e concluir com nossas investigações pessoais.

Desde o princípio do século XVI, encontramos a associação secreta da "Comunidade dos Magos", fundada por Henri Cornelius Agrippa, associação que agrupava os mestres contemporâneos da Alquimia e da Magia.

Quando Agrippa chega a Londres, em 1510, ele funda, como lemos em sua correspondência (*Opuscula*, t. II, página 1073), uma sociedade secreta semelhante à que havia fundado na França. Os membros eram dotados de sinais particulares de reconhecimento, de "palavras" de passe. Esses membros fundaram, então, nos diversos estados da Europa, associações correspondentes, denominadas *Capítulos*, para o estudo das ciências "proibidas".

Se acreditarmos em um manuscrito de Michel Maïer, conservado na biblioteca de Leipzig, será esta "Comunidade dos Magos" que daria nascimento, por volta de 1570, aos "Irmãos da Rosa+Cruz de Ouro" na Alemanha.

Mais tarde, por volta de 1605, uma confraria mística recente havia adotado como paradigma emblemático de suas tendências, a Rosa e a Cruz. Era esta a "*Milícia Crucífera Evangélica*", fundada em 1598 em Nuremberg por Simon Studion. Esta confraria se reuniu, no começo do século XVII, à "*Fraternidade dos Rosa+Cruz*".

Além dos estudos mágicos ou alquímicos, tanto operativos quanto especulativos, a maioria dos irmãos igualmente perseguia a reforma do Catolicismo, tentando conduzi-lo à sua pureza e simplicidade originais, através do entendimento dos ensinamentos tradicionais esotéricos, à imitação dos antigos Gnósticos.

O movimento Rosa+Cruz manifesta-se de diferentes maneiras, segundo os países, as heranças espirituais, e a formação escolástica dos adeptos. Na Espanha, ele era direcionado em especial para um catolicismo romano, de espírito mais extenso e mais místico também. No leste da Europa, na Alemanha, seus propagadores eram, ao contrário, devotados ao Protestantismo, como Valentin Andreæ e Michel Maïer. Um dos *Capítulos* Rosa+Cruzes entraram para a história: aquele de Cassel, o qual foi fundado pelo Conde Maurice de Hesse-Cassel e do qual Andreæ e Maïer faziam parte. Um outro, a "Palmeira", fundado em Weimar, também.

Foi em 1614-1615 que tiveram lugar às famosas manifestações públicas da existência dos Rosa+Cruzes. O efeito foi considerável. Entre a *Fama Fraternitatis* e a *Confessio Fratrum Rosæ-Crucis* (Ratisbona, 1614), os intelectuais profanos disputavam qual era a melhor!

Foi então em 1616 que Michel Maïer, médico do imperador Rodolfo II, (protetor dos hermetistas...), viajou para Londres, onde fez contato com Robert Fludd, que organizou os adeptos na Inglaterra sob o planejamento Rosa+Cruz.

Na França, a primeira manifestação aconteceu em 1623. Para detalhes, remetemos o leitor à obra de Sédir sobre os "Rosa+Cruzes".

As dificuldades da época resultaram em uma cisão entre as duas tendências Rosa+Cruzes. Dois grupos nasceram então: o primeiro, dando ênfase ao misticismo, ao estudo da Cabala, da teosofia cristã e do antigo gnosticismo, era devotado, sobretudo, aos exercícios da vida interior. Foi desse grupo que saiu Jacob Boehme, que é um dos "ascendentes" de Louis Claude de Saint Martin. Este grupo reuniu os Irmãos da Cruz de Ouro, ou da *Auræ Crucis*. E foi o mais misterioso dos dois. O segundo ramo, o mais numeroso, devotou-se à pesquisa experimental, e ao estudo da Natureza: estes eram os *Rosæ Crucis*.

Na Holanda, na Inglaterra (onde Francis Bacon, o autor da *Nova Atlântida* – que por vezes foi tomado como pertencente ao Serviço de Inteligência!, auxiliou grandemente Robert Fludd, e foi, na realidade, quem sabe, o *verdadeiro Shakespeare*, como certos historiadores admitem), o movimento se desenvolve rapidamente. A tolerância dos poderes públicos, conquistada durante a Reforma, evitou-lhe de ser acusado de atitudes anti-clericais, que eram vistas em países chamados latinos. Atitudes justificadas pelas medidas de terror tomadas pelas autoridades públicas de estados católicos, desde o conhecimento desse movimento espiritual.

É este segundo grupo que logo em seguida funda o *Colégio Invisível*, edificado de acordo com o plano descrito por Sir Francis Bacon na *Nova Atlântida*, e que mais tarde seria reconhecido oficialmente pelo rei da Inglaterra, Carlos II, sob o nome de *Royal Society*.

A *Fama* e a *Confession* de Valentin Andréæ foram traduzidas para o inglês em 1652 por Thomas Vaughan, o autor da *Antroposofia Theomagica* e de muitas outras obras de ocultismo. Embora o negasse ele foi, na realidade, um dos chefes da Rosa+Cruz. (Wood, em seu *Athenæ Oxoniensis*, nos diz: "Foi um grande químico, um distinto *filho do Fogo*, um experto físico, e um Irmão assíduo da Fraternidade Rosa+Cruz").

Ali, situa-se o cerne de um enigma histórico, o nascimento da Franco-Maçonaria especulativa!

Ao redor de 1645, (1645-1646 foram dois anos fecundos em matéria de associações ocultas...), um certo número de Rosa+Cruzes havia fundado uma associação que tinha por objetivo o estudo da Natureza, mas cujos princípios, ensinamentos, deveriam permanecer secretos, apenas acessível aos iniciados, e apresentados de maneira puramente alegórica. Estes eram Elias Ashmole, Robert Moray, Thomas Warton, William Oughtred, John Hewitt, John Pearson e William Lilly (o astrólogo). Os nomes de muitos outros não chegaram até nós.

Afim de melhor dissimular sua existência e sua ação, que eles desejavam que fossem puramente oculta, interior e mística, a Ordem decidiu não permanecer independente. Seguindo a instigação de Elias Ashmole, eles decidiram integrá-la em um meio intermediário, onde poderia existir sem que ninguém suspeitasse de sua presença.

Seguindo os costumes da época, que permitia a todos os cidadãos que possuíam *direito de burguesia* na cidade de Londres, de fazer parte de uma corporação de ofícios, como membros *aceitos* (isto é, honoráveis), Elias Ashmole se afilia à *Confraria dos Maçons Construtores*, colocado desde a Idade Média sob o patronato místico de São João. Ele solicita, em seguida, para a Sociedade dos Rosa+Cruzes, a autorização de se reunir na sede desta *Confraria dos Maçons Construtores*, em Mason's Hall, na Mason's Alley, Basing Hall Street, em Londres.

Foi William Preston, em sua obra "Ilustrações da Maçonaria" (p. 140), que nos revela o subterfúgio!

E o espírito Rosa+Cruz, a força oculta do grupo, enquanto ajudava a Ordem misteriosa fundada pelos Rosa+Cruzes ingleses em 1717, tomou a direção da *Confraria dos Franco-Maçons*, e em 1723 seus membros modificaram a antiga estrutura dos maçons operativos adicionando o grau de "Mestre". Agora, é no ritual deste grau que revela as ações dos Rosa+Cruzes em toda a sua dignidade! É no esplêndido desenvolvimento da recepção à "Maestria", na comovente morte simbólica do profano, proclamando a ressurreição do Arquétipo, que finalmente redescobrimos a marca tradicional das antigas iniciações, ao mesmo tempo em que se prova a sobrevivência da muito antiga Gnose Alexandrina.

E, como vimos no princípio deste trabalho, foi justamente esta mesma Maçonaria inglesa que havia enviado a Martinez de Pasqually, ou mesmo a seu "pai", a Carta Constitucional, permitindo-lhe estabelecer Lojas.

Quem poderia então negar o contato direto entre os Rosa+Cruzes da Inglaterra, sucessores de Robert Fludd, de Cornelius Agrippa, e Martinez de Pasqually? Seguramente nenhuma crítica de boa fé.

No início do mencionado trabalho, Jean Bricaud descreveu os possíveis precursores dos Rosa+Cruzes. A mística fraternidade foi efetivamente fundada por Christian Rozenkreutz? Ou, em vez disso, remonta ao Castelo do Santo Graal, e aos antigos Gnosticos? Ela é de origem mais recente, e deveríamos considerar Paracelso como seu verdadeiro promovedor? Ela já existia na Dinamarca em 1484, como Fortuyn o afirma em sua *De Guildarum Historia*? Pode-se atribuir sua fundação a Faustus Socin, como certas tradições o afirmam, ou teve ela por pai Valentin Andreæ? "Tantas questões que sou incapaz de responder" nos diz Bricaud.

Bem, vamos avançar em uma hipótese audaciosa! Nós cremos que ela é, realmente, a sobrevivente *direta, ininterrupta*, das grandes correntes heterodoxas antigas e medievais, as quais chamamos de Gnósticos e Cátaros. Explicaremos em seguida a razão dos nossos argumentos.

Na sua "*Disquisitiones*", ou Dissertações, publicada pelo escritor anti-maçônico Benjamin Fabre ("um Iniciado das Sociedades Secretas Superiores"), o marquês François de Chefdebien de Saint-Amand, membro da maior parte dos Ritos Maçônicos de seu tempo, e conhecido nas Ordens iniciáticas contemporâneas (1753-1814) sob o "nome" de Franciscus Eques A Capite Galeato, conta-nos que Montpellier, terra natal de Cambacérès e uma das famosas cidades da epopéia albigense, foi uma das cidades da França mais ligadas às ciências ocultas e um dos berços da Franco-Maçonaria francesa. E ele relata o seguinte episódio, dos mais significativos:

"No ano de 1723, Monsieur de Roquelaure descobriu uma seita muito curiosa, denominada os *Multiplantes*, e soube que os membros dessa fraternidade se reuniam numa casa que pertencia a certa mulher chamada de *Verchand*, na rua que vai da Triperie direto à porta do Templo".

Encarceraram, evidentemente, os principais membros da organização e apropriaram-se de seus documentos.

"A lista dos membros da seita", conta-nos d'Aigrefeuille, historiador de Montpellier e primo do marquês de Chefdebien, "é datada de 6 de Junho de 1722. Intitula-se: "Original dos Nomes e sobrenomes das *Crianças de Sion*". Seu número se eleva a cerca de duzentas e trinta e duas pessoas, de vários lugares das Cévennes e das cercanias de Lunel".

Os membros da fraternidade eram todos artesãos (assim, ligados à Aprendizagem...) e os pobres da região.

"Temos provas convincentes, de sua própria caligrafia, de que eles faziam a (Santa) Ceia, e que Jean Vesson, na qualidade de ministro, havia muitas vezes a administrado. Também se descobre o ato pelo qual ele foi elevado a esse cargo, do simples toneleiro que ele era pela imposição de mãos da assembléia".

"O grande número de visões, profecias e sermões que se encontram entre seus papéis, enchem de trabalho os Comissários, mais pela extensão dos papéis do que pelas bestialidades lá descritas. Eis algumas amostras".

"Deus me fez ver, disse Anne-Robert (esta é Verchand), a Palavra Magnífica, em presença de quatro testemunhas. Eu vi uma grande Claridade e uma Estrela, e o fio de ouro; e em outra claridade maior ainda, vi um Cordão de Ouro, e uma Pomba, o Espírito da Vida".

"Pierre Félix, Pierre Portalez, Suzanne Guérine são testemunhas de que vi o Palácio da Glória, em 8 de Setembro de 1722. Assinado, Anne-Robert".

"Uma de suas preces, falando da Árvore da Vida, uma representação que eles tinham em seu resíduo (é assim que eles chamam o seu local de reunião, ou *residência*), explica-se nesses termos: Eu lhes falarei acerca do primeiro homem, chamado Adão e de Eva, saída de sua costela, e meu primeiro ponto será sobre a Árvore. O segundo será sobre o Diabo, na forma de serpente, o terceiro sobre o homem e a mulher".

"Jacob, em um sermão profético em 2 de Dezembro de 1722, disse estas palavras honoráveis para a Igreja Romana: Deus abençoou e consagrou os três Sacrificadores no mais alto dos Céus com o sal e o óleo da Graça. Ele escolheu a Viúva para representar sua Igreja, a qual ele quer que floresça e triunfe sobre a terra. Esta Igreja Romana permaneceu viúva até o presente, e escrava dos anciões da Igreja Romana; mas é preciso que ela seja abatida com os anciões, após ter sido oculta dos Reis e dos príncipes pela ciência humana".

O resto dos escritos contém milhares de extravagâncias que são atribuídas à influência do Espírito Santo. Encontra-se quase de tudo: "Isto é o que o Espírito Santo disse; isto é o que o Espírito Santo ordena a você dizer".

O mesmo historiador, d'Aigrefeuille, nos faz conhecer o desfecho desse estranho caso de heresia.

"Finalmente, seu processo encontra-se plenamente informado ao fim do mês de abril, pelo cuidado e diligência do senhor Jérôme Loys, sub-delegado de M. Bernage, intendente, que havia ido, desde o começo deste assunto, um processo jurisdicional para os julgamentos com os oficiais do Presídio de Montpellier. O grande número de culpados salvou a vida de muitos: Pierre Cros e Marguerite Verchand foram postos fora de causa e de processo. Victoire Bourlette, François Delort, Suzanne Delort, Louise e Philippe Comte, libertos com total isenção; três mulheres, Anne-Robert, a Verchand, Jeanne Mazaurigue, e Suzanne Loubière foram condenadas a terem os cabelos raspados e aprisionadas pelo resto de suas vidas; cinco homens, Jacques Bourelly, chamado Paul, sacrificador, idade de apenas dezesseis anos, Pierre Figarut, André Comte e François Baumès, foram enviados às galeras; Jean Vesson, como ministro, Jacques Bonicel, chamado Galantini, o primeiro dos sacrificadores, e Antoine Comte, chamado Moises, seu colega, foram condenados como adultos, e convictos de terem realizado assembléias ilícitas e contrárias às ordens de Sua Majestade sobre a Religião, a se retratarem em frente à porta da cidadela, e em seguida serem enforcados sobre a esplanada, com Marie-Blaine, intitulada Marie-Marguerite, convencida de ter fantasias, e de ser a principal motivadora dessas assembléias. Suas sentenças, datadas de 22 de Abril, foram executadas no mesmo dia, e logo após a casa onde eles se reuniam foi queimada e arrasada, segundo os artigos da sentença que dizem que ela nunca deveria ser reconstruída".

Benjamin Fabre, escritor de mente reta, e supostamente cristão, seguramente deve ter ficado espantado de ver esses homens e mulheres, cujo único pecado foi um excesso de misticismo cristão, terem sido *condenados à morte* ou *enterrados vivos em masmorras*! Ele certamente deve ter-se admirado com o fato de que grandes e nobres cortesãos que, alguns anos antes, faziam celebrar, nus, missas sacrílegas sobre o abdômen, com a participação de recém-nascidos ou de crianças raptadas, que eram devoradas, e cuja punição desses cortesãos foi apenas a desgraça real! Não, ele não estava revoltado de modo algum. Ele simplesmente nos diz: "Nós descobrimos essas notas *curiosas* entre os papéis de Eques A Capite Galeato". Pode-se, assim, compreender a mentalidade que conduziu os incendiários de Béziers e os massacres de Carcassonne!...

O marquês de Chefdebien nos conta em seguida:

"Não será surpreendente se nessa seita possamos reconhecer a fonte e o modelo de muitos usos, decorações, expressões e princípios encontrados em muitos Graus de certos Sistemas Maçônicos. Os Multiplicantes eram apenas imitadores, sucessores ou discípulos desta cadeia de inovadores, sempre interrompida e sempre renascendo e que, sem cessar, faticou a Igreja Romana sob o nome de Gnósticos, Basilidianos, Maniqueus, Arianos, Cátaros, Vaudois, etc"....

"Retornemos aos Multiplicantes. Sra. Condessa de Bénévent, que em seus primeiros anos viu os líderes dos Multiplicantes retratados, no dia em que foram presos, como jovens de boa aparência, de cabelos cacheados, vestidos de talar branco, com chapéus vermelhos. Ela acrescenta que uma cadeira, que seus Secretários faziam uso, havia sido doada à igreja de Santa Catarina, em Montpellier. Cada um de nós poderia reconhecer, na história desses desafortunados, a origem de certas cores, de certas expressões e de instruções alegóricas, *as quais alguns franco-maçons paracem ter herdado*".

As *Crianças de Sion*, denominada Multiplicantes, datam de 1722-1723. Alguns anos mais tarde, diz Benjamin Fabre, Montpellier se cobriria de Lojas maçônicas freqüentadas por oficiais, magistrados, professores e estudantes de sua célebre Universidade. A cidade inclusive, se tornou a sede do Diretório da IIIª Província do Rito da Estrita Observância Templária, o da Septimanie, para a qual o marquês de Chefdebien foi o único representante, no Convento Geral de Wilhemsbad!

Eis, portanto, a sobrevivência indiscutível dos Cátaros, ou ao menos de uma seita próxima, reencontrada no coração Albigense no século XVIII. Agora, Martinez de Pasqually concentrou seus esforços por toda a vida nessa mesma região. Nós o vemos como afiliado, fundador, modificador de Lojas maçônicas em Montpellier (Capítulo dos "Juízes Escoceses"), em Toulouse, Marselha, Avignon, Foix, (Templo dos Elus Cohen e Loja "Josué"), Bordeaux. Foi em Montpellier onde Martinez produziu pela primeira vez sua Carta Maçônica, emitida em 20 de Maio de 1738 a seu "pai", pelo Grão Mestre da Loja de Stuart.

Mas ninguém levou em conta o fato que o seu mencionado pai já teria 68 anos já que, como vimos, ele nasceu em 1671. Além disso, Martinez nasceu em Grenoble em 1727¹⁵, de acordo com as conclusões da maioria dos autores. Seu pai deve ter ido a Londres no ano seguinte. Isto não é improvável, todavia reforça nossa hipótese de que o pai espiritual de Martinez de Pasqually não é Messire de la Tour de la Case, nascido em Alicante (Espanha), em 1671...

Um outro fato curioso surge para apoiar nossa asserção.

Na sua assinatura esotérica, Martines de Pasqually usa o que ele chama de "nossos caracteres habituais". Entre esses paradigmas enigmáticos, figura o que se denomina "número quatro". (Ver figura abaixo).

¹⁵ Isso deve ser um erro de impressão. Se ele recebeu a carta em 1728, como os parágrafos anteriores afirmam, ele não necessitaria estar em Londres em 1728. (N.T)



Selos de Agla

Este símbolo misterioso figura muitas vezes entre as inscrições descobertas por O. Rahn nas grutas da região de Aude, no coração da lendária região do mar Albigenso, nas grutas do Ornolac, mais notadamente de Lombrives. Essas inscrições foram atribuídas por todos os examinadores aos Cátaros, que se refugiaram nessas cavernas.

Quando os Cátaros, sobreviventes gnósticos em plena Idade Média, aparentemente desapareceram, o mesmo "número quatro" foi adotado por outra grande sociedade de pensamento, que chamamos de *Agla*.

Agla foi uma sociedade esotérica do período Renascentista, agrupando os aprendizes, companheiros e mestres das Corporações do Livro: livreiros, gravadores, impressores, papelheiros e encadernadores, como os fabricantes de cartas, que criaram os primeiros baralhos e os primeiros Tarôs.

O "glifo" coletivo dessa vasta associação era o "quatro". Figurava, acompanhado por floreios ou por adjuntos distintivos, na "marca" particular de cada um dos mestres dessa vasta confraria. Leon Gruel, em sua obra¹⁶, coletou centenas das assinaturas dos companheiros.

Com frequência, ele se apóia em um segundo glifo, que indica muitas vezes uma segunda associação interior. Assim, o hexagrama do "Selo de Salomão", o "selo planetário" de Saturno, ou o Monograma de Maria, denotavam uma ligação com a alquimia ou o Hermetismo, enquanto que o coração, tal como apareciam nas cartas de jogar, simbolizava um outro ramo, na qual a Mística, e mais particularmente a Cabala, eram estudadas e praticadas. E Martinez de Pasqually era um Cabalista!

É a este último grupo que o Rei Francisco I pertenceu. A fim de participar desses trabalhos, este soberano deixava seu palácio no Louvre, incógnito, uma vez por mês, sozinho, trajado como um simples burguês parisiense, para ir até a rue de l'Arbre-Sec, lar dos irmãos Estienne, jurados da corporação dos impressores e livreiros, igualmente afiliados à *Agla*.

No grupo dos mestres-papelheiros, doutrinas esotéricas originalmente derivadas dos Cátaros e Albigenso foram preservadas. Pelos mestres-livreiros ou impressores, ensinamentos retirados do Zohar eram disseminados, dado que a nova invenção da imprensa findou completamente o mundo dos iluminadores.

De fato, a principal tarefa dos iluminadores era copiar e memorizar os Livros das Horas, Evangelhos e Bíblias. Isto que lhes era confiado sempre foi assim verdadeiramente ortodoxo?...

Nos guetos das principais cidades, outros iluminadores, neste caso os judeus, copiavam pacientemente, sobre os intermináveis rolos de pergaminho os textos sagrados que formavam a "Torá". Alguns contatos foram estabelecidos entre copistas judeus e iluminadores cristãos, contatos que tinham se originado do cuidado profissional e da curiosidade, tocando nos segredos da criação de tintas pretas ou coloridas, sobre a sua fixação durável sobre suportes frágeis, ou sobre os pergaminhos rugosos e duros, a preparação das diversas "argilas da Armênia", destinadas a suportar o ouro e a prata das iluminuras, etc... Esses encontros comuns entre os fabricantes de pergaminhos e

¹⁶ Extraído da obra de G. Van Rijnberk: "Um Taumaturgo no século XVIII".

os impressores realizaram a união das antigas técnicas de iluminação e a nova invenção da imprensa.

O livro de bolso, fácil de dissimular, fácil de carregar e manipular secretamente, era para as doutrinas heterodoxas um precioso meio de difusão. Uma imensidão de obras que não poderia, decentemente, ver a luz do dia em um país católico, não recebendo o "privilégio" real de publicação, foi impressa naqueles estados devotados à Reforma, ou tão distantes para a época que ninguém seria capaz de verificar de onde teriam vindo! Assim, cidades como Amsterdã, Edimburgo e Genebra tiveram o benefício de obras que eram, na realidade, impressas clandestinamente em Paris, Lyon ou Bruxelas. Pode-se então compreender desta análise, que tudo o que era clandestino, herético, ou proibido tinha que passar pelas mãos dos impressores, papeleiros, gravadores e encadernadores, se quisesse que isso fosse disseminado! Esses artesãos encontraram-se, portanto, em uma posição que lhes permitia conhecer bem os ensinamentos esotéricos, proibidos para o homem comum, e pela virtude da atração pelo fruto proibido, de se unirem...

Assim nascia a *Agla*, grupo esotérico, se é que o foi, e que na Renascença acolhia de bom grado a herança espiritual dos Cátaros e Gnósticos medievais. E foi assim que o símbolo "quatro", um símbolo Cátar, tornou-se o emblema dessa confraria mística.

REPRODUÇÕES DAS ASSINATURAS MÁGICAS ENCONTRADAS NAS CARTAS DE MARTINEZ DE PASQUALLY

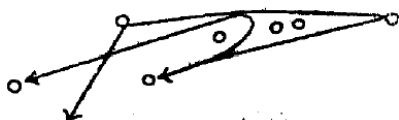
Assinatura Habitual



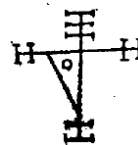
Variante, carta nº 28 de 24 de março de 1772



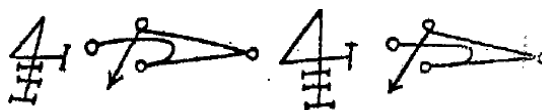
Variante, carta nº 32 de 24 de abril de 1774



**Assinatura da carta de 11 de julho de 1770 (nº 21),
acompanhada das palavras "sinal de morte"**



Assinatura da carta nº 29 de 17 de abril de 1772



Conclui-se facilmente, então, que, nesta região do sul, impregnada com misticismo, metafísica e heresias, Martinez de Pasqually estaria em posição de reunir uma grande quantidade de conhecimentos tradicionais, oriundos da Gnose, do Maniqueísmo, dos Cátaros, etc... e porque, cem anos mais tarde, seus sucessores unirão o moderno Martinismo à Igreja Gnóstica e a Franco-Maçonaria!...

Então, podemos melhor entender como esse homem extraordinário foi capaz de criar essa estranha síntese da Gnose, da Cabala, do Zohar e das tradições mágicas de todos os tempos, a qual ele tentou perpetuar no seio da *Ordem dos Cavaleiros Elus Cohen*. Entende-se agora a severidade do regime e a vida que ele impõe aos seus discípulos: abstinência de certas carnes, de certas partes de animais, continência sexual, rejeição ao adultério e ao homicídio, etc...

Ninguém melhor que ele merece o benefício destas palavras do Zohar: "*Aqueles que possuíram o Divino Conhecimento, brilharão com o esplendor dos Céus... Mas aqueles que o ensinaram aos demais Homens, sob os Votos da Justiça, brilharão como as Estrelas por toda a Eternidade!*"....

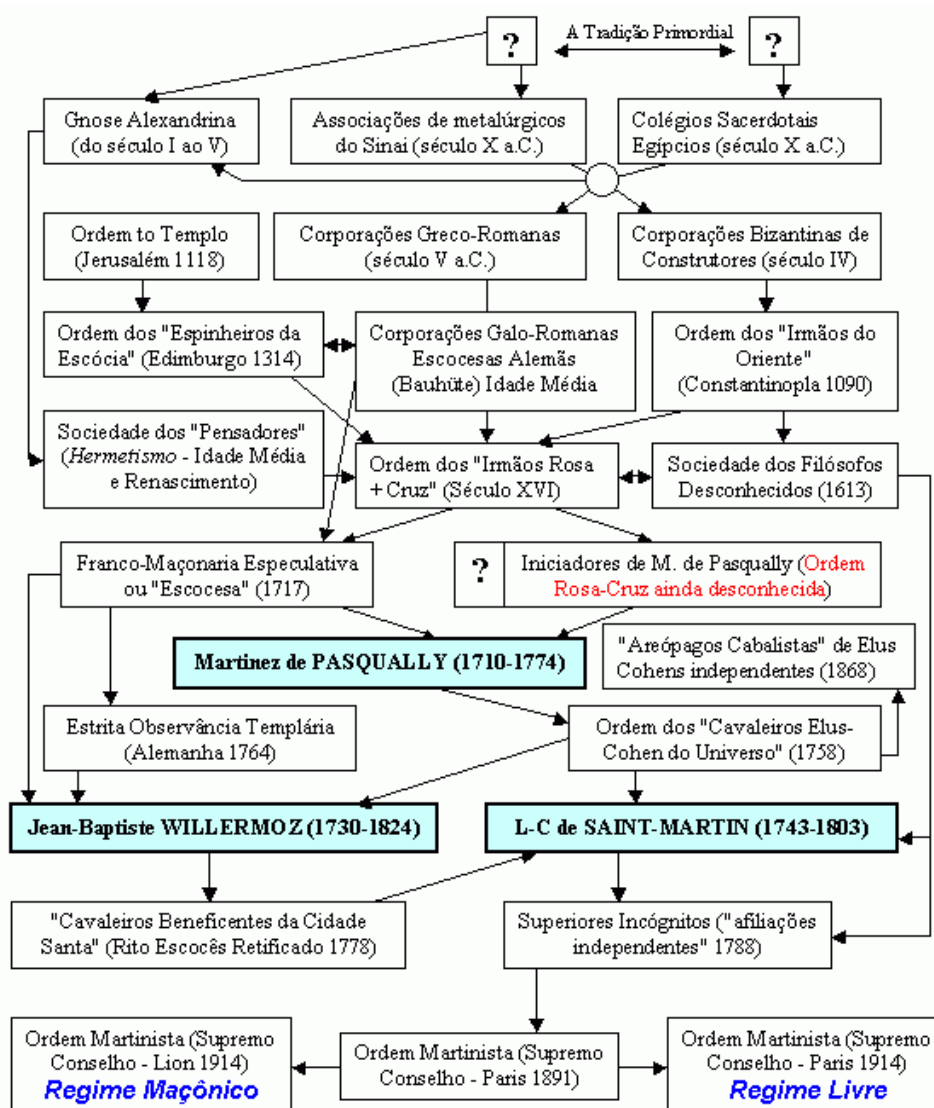
Apesar das pequenas imperfeições para as quais seus detratores sempre quiseram atrair nossa atenção (tais como as dívidas que ele fez de tudo para evitar pagar!), elas nunca serão capazes de trazer a menor mancha à Obra grandiosa que ele ousou tentar.

DOCTRINA			RITUALÍSTICA OPERATIVA
A	B	C	D
Occitan do Sul Tradições Cáticas e Gnósticas	Priscilianismo Gnosticismo maniqueu	Islamismo andaluz Hermetismo platônico	Judaísmo esotérico Cabala prática com influências cristãs

Resumo das Fontes Doutrinárias:

Teogonia: A e B
Cosmogonia: B e C
Pneumatologia: A e B
Soteriologia: A e B
Escatologia: A, B e D
Numerologia: C

QUADRO DE FILIAÇÃO DO MARTINISMO E DAS FRATERNIDADES INICIÁTICAS DO OCIDENTE¹⁷



A Escola Teúrgica: Martinez de Pasqually

¹⁷ Este quadro não é completo, mas cobre os pontos principais.

A ORDEM

Notariamos, antes de tudo, que o próprio nome da Ordem Teúrgica fundada por Martinez de Pasqually está sujeita a uma interpretação esotérica. De fato, anagramaticamente, e segundo o uso da Cabala, os Elus Cohen são também os Elus de Henoc, pouco importa como se escreve o nome, sob qualquer uma das três formas: Enoch, Henoc, ou Hénoch.

Quem foi Henoc, personagem sobre o qual insiste particularmente Martinez de Pasqually no seu "Tratado da Reintegração dos Seres"? Em nossa opinião, lá está a chave do enigma.

Primeiramente, o nome surge como o filho mais velho de Caim (Gênesis IV, 17). Ele foi o construtor da primeira cidade: Henochia.¹⁸

Em seguida, esse nome é levado pelo sétimo patriarca, desde Adão, o filho de Jared, (Gênesis V, 23, 24). Eis o que nos diz a Bíblia a respeito:

"A duração total da vida de Henoc *sobre a terra* foi de trezentos e sessenta e cinco anos. Henoc andou com Deus e desapareceu, porque Deus o levou" (Gênesis V, 23, 24).

"Henoc agradou a Deus e foi transportado ao paraíso, para excitar as *futuras Nações* à penitência" (Eclesiástico XLIV, 16).

Por outro lado, ele é o único homem, *reintegrado em vida no Reino do Éden*, (ou Paraíso), que foi escolhido por Deus para anunciar aos Anjos decaídos sua condenação e para lhes manter cativos, segundo o apócrifo etíope conhecido como "Livro de Henoc". Por isso, ele é o mestre do "Reino" divino, e o carcereiro dos "vigilantes dos Céus", caídos por causa de sua união incuba com as filhas dos Homens. Agora, é precisamente esse papel que Martinez de Pasqually originalmente designa a Adam Kadmon, no seu "Tratado da Reintegração". Porque, em hebraico, sem levar em conta os pontos vocálicos massoréticos, Henoc significa – exatamente como Adão – o *homem*.

Nas tradições do Oriente, Henoc é freqüentemente confundido com o filho de Caim que tem o mesmo nome, sob o mistônimo de Idris. Para os cristãos da Ásia Menor, Henoc é equivalente ao *Trismegistos* grego e ao *Hermes* egípcio. Para os cabalistas e rabinos, é também Metraton Serpanim, ("Príncipe da Luz"), ou Mikaël ("Quem é como Deus").

Ele é de fato um gênio cósmico ou solar, pelo fato de que ele viveu 365 anos, número simbólico do ciclo solar. Ele se relaciona com *Adão-demiurgo*, pelo fato que seu homônimo construiu a primeira cidade. E como ele deve voltar no fim dos tempos, é, portanto, também, o "Alfa e Omega", o *primeiro e o último*...

É pelo seu esotérico paralelo com a lenda de Henoc que o costume tradicional faz com que se ignore ou que se dissimule cuidadosamente o lugar onde repousam os restos fúnebres daqueles que foram os Grandes Iniciados, os "Superiores Incógnitos", no sentido literal da palavra. Foi assim com Cornelius Agrippa, Paracelso, Martinez de Pasqually, Louis Claude de Saint Martin, sem mencionar os misteriosos iniciadores primitivos – Hermes, Pitágoras, etc... – aqueles listados na categoria de epônimos...

As "operações" dos Elus Cohen eram as seguintes:

¹⁸ Isto não é necessariamente correto. A passagem da bíblia dá a impressão que foi *Caim* o construtor: "*Caim conheceu sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Henoc. E construiu uma cidade, à qual pôs o nome de seu filho Henoc*". Seria forçar demais dizer que o construtor foi Henoc, pelo menos de acordo com esta tradução.

1. Culto de Expição;
2. Culto da Graça Particular geral;
3. Culto de operação contra os Demônios;
4. Culto de Prevaricação e de Conservação;
5. Culto contra a Guerra;
6. Culto de Oposição aos Inimigos da Lei Divina;
7. Culto para conseguir a Descida do Espírito Divino;
8. Culto de fortalecimento da Fé e da Perseverança na Virtude Espiritual Divina;
9. Culto para a fixação, em si mesmo, do Espírito Conciliador Divino;
10. Culto de Dedicação anual de todas as "operações" ao Criador.

OS RITUAIS

A Teurgia de Martinez de Pasqually, tradicional em seus princípios, possui, no entanto, algumas características muito particulares. As principais são:

1- Seus "Círculos Mágicos" aproxima-se mais da teoria da "figuração" (de um lugar ou de um domínio hiperfísico), do que da de "proteção" (magia comum). Estes são, na realidade, as "baterias" psíquicas do Mundo, as "efígies espaciais", *nas* e *sobre* as quais o operador pretende poder agir.

2- Suas "luminárias" (velas de cera) são menos fontes luminosas, decorativas e simbólicas, (magia comum, liturgia, etc...) do que, em lugar disso, efígies "representativas", "baterias" psíquicas, *condensadores de presenças invisíveis*: "simpáticos", mas ausentes operadores ou protetores, póstumos ou extra-humanos, evocados pelo Ritual.

É a aplicação da velha tradição ocidental que faz iluminar os círios nas necrópoles, durante a noite de Todos os Santos, com um círio para cada túmulo (Europa central). É a prática Romana que requeria que se acendesse um círio abençoado, ao pôr-do-sol, sobre um túmulo recente, e então levá-lo aceso até em casa, à meia-noite se possível, para entrar em comunicação com a alma assim "erguida" do sono dos Mortos. É desta forma que se exprime o tratado Talmúdico "Ketuboth", que afirma que: "...os espíritos dos Mortos retornam voluntariamente ao lugar onde uma luz brilha em sua intenção" (um altar necromante, composto de um crânio real, de um círio negro, e um incensório, dispostos em triângulo, segundo os ensinamentos secretos do Sepher Ietzirah). Nota-se a identificação absoluta deste costume com o da *dagyde*, ou boneco representativo de cera, como um círio...¹⁹

3- A ausência da Espada ritualística (gládio, adaga, etc...) e em geral, *de todos objetos metálicos*. Conhece-se o tabu universal do ferro e do aço, que tem seu paralelo no "despojamento dos metais" da iniciação maçônica no grau de Aprendiz. Mas nota-se que, se esta ausência é comum em certos rituais antigos (veja, em especial, "A Magia Secreta de Abramelin, o Mago"), ela se estende, para os discípulos de Martinez de Pasqually, *a todos os objetos* de culto.

Assim, o incensório mesmo – geralmente de bronze ou de cobre dourado – é substituído "*prato de cerâmica, sem uso*".... Os sapatos, que são normalmente pregados e fechados com ferro, são substituídos por sandálias com solas de cortiça, isolantes. E as "faixas" ou "colares", de inspiração maçônica, usadas pelo operador, são sem jóias ritualísticas. Melhor ainda, os Pantáculos de proteção, que a magia comum os utiliza de chumbo (em vez de ouro, prata ou estanho...) são constituídos por um "escapulário" e uma "pequena couraça" de pergaminho virgem...

¹⁹ O crânio equivale a letra *Mem*, o incensório à letra *Aleph*, O círio à letra *Schin*, letras mães simbolizando, na Cabala prática, os três elementos superiores. (N. T.)

A Espada, com freqüência substituída pela Baqueta (de louro, amêndoa, noqueira....) está ausente na Magia dos Elus Cohen. Um círio (o místico "bastão de Luz"...) toma seu lugar, em um preciso instante, sustentado pelo operador. É ali: a aplicação do privilégio oculto da cera (condensação dos fluidos), unido aos da chama (emissão ou dissociação, pelo poder das "pontas"). A mão carrega a cera (coagula), a chama emite-se em seguida, sob a forma de ondas luminosas (solve), aquilo que o Pensamento visualizou, e que o Verbo manifestou.

4- Os "Nomes de Poder", (nomes dos Espíritos do Além, Anjos, Gênios, Deuses, etc...) ligados à antiga magia cerimonial por todas as tradições ocultas e todos os grimórios, são aqui substituídos pelos Nomes dos Patriarcas, dos Apóstolos e dos Anjos. E para as duas primeiras categorias, elas caracterizam essencialmente o sistema mágico de Martinez de Pasqually. Iremos vê-lo imediatamente...

A COSMOGONIA

O objetivo das "Operações de Culto" (para empregar a expressão favorita dos Elus Cohen), é de permitir ao homem duas coisas:

- a) Ao *homem-indivíduo*, de se reintegrar no *Homem-Arquétipo*.
- b) Ao *homem-Arquétipo* (uma vez restaurado), de reconquistar um Domínio no qual as entidades decaídas o haviam expulsado (ao fazê-lo decair por sua própria falta), e de retomar a posse de sua primeira "Natureza Gloriosa".

O parágrafo a, é correlato a um regime material (purificação da *aura humana material* pela abstinência de certos elementos nutricionais que são muito grosseiros ou animais), e de um regime moral (depuração da *aura humana espiritual* pela rejeição de tais e tais defeitos, o desenvolvimento de tais qualidades, de tais conhecimentos, a desapareição de hábitos nocivos, etc...).

O parágrafo b, é correlato a uma luta, de um verdadeiramente real *combate hiperfísico*, contra as entidades rivais, por meio de Operações Teúrgicas.

Dessa forma, em uma batalha hiperfísica deste tipo, como pode o homem, logicamente, confiar o cuidado de velar o perímetro dos seus Círculos de proteção a essas entidades, extra-humanas, que ele visa justamente expulsar desse Domínio onde ele opera?

Que é, precisamente, esse Domínio? A Cabala o denomina, como as Santas Escrituras, de "Reino", do hebraico *Malkuth*.

Os textos do Antigo e do Novo Testamento fazem freqüentes alusões a essa *retomada de posse* do dito "Reino" pelo homem. Citemos de memória, e a título de exemplos tomados ao acaso, estes versículos de *Daniel*:

"A realeza, o império e a suserania de todos os reinos situados sob os céus serão devolvidos ao *povo dos santos* do Altíssimo, cujo reino é eterno e a quem todas as soberanias²⁰ renderão seu tributo de obediência" (Daniel VII, 27).

"Mas os *santos* do Altíssimo receberão a realeza e a conservação por toda a eternidade"... (Daniel VII, 18).

Ou ainda este dos *Evangelhos*:

²⁰ Os Reis de Edon – os Demônios.

"Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do Mundo"... (Mateus XXV, 34).

Esse Reino de Malkuth, bem conhecido pelos estudiosos da Cabala, domínio próprio do homem, percebe cada uma das outras *Sefiroth* ou esferas refletidas em si mesmas, como a Cabala ensina sobre cada sefira. Por isso a *Árvore* cabalística completa (imagem esotérica do famoso pomar – ou, em hebraico, *gineth*, uma palavra formada pelas iniciais das três ciências cabalísticas por excelência: Gematria, Temurah, Notarikon, do Jardim do Éden, e das duas *árvores*: a da Vida Eterna e a da Ciência do Bem e do Mal...), esta *Árvore* cabalística deve ter seu reflexo microcósmico em Malkuth, e todas as Esferas metafísicas inclusive. Isto é confirmado pelo *Sefer-ha-Zohar*! Mas tudo isso foi esquecido pelo homem. O único domínio que lhe está aberto é Malkuth, plano que lhe é próprio, onde o *Espaço* é idêntico à sua *Essência*, onde o *Contenedor* é ao mesmo tempo o *Conteúdo*, onde a divina decisão que *quer que o homem seja à imagem e semelhança de Deus* se realiza...

Em sua origem, o homem-Arquétipo ocupou, geriu e administrou Malkuth. Após sua Queda, Malkuth, obscurecido e sombrio em parte por causa do predomínio do que foi tomado pelos "Vigilantes rebeldes", tornou-se sua prisão. Malkuth irá se tornar o Reino novamente, luminoso e harmonioso, onde Adam Kadmon reinará novamente (como a famosa divisa "escocesa": "Ordo ab Chao"...), a fim de prosseguir em sua eterna tarefa. De um modo ou de outro, Malkuth permanece a Pedra, primeiro, bruta, depois desbastada, em seguida lapidada, a única Grande Obra filosófica digna de um Adepto.

Então, se os Poderes malignos, tendo triunfado sobre Adão (este é o esoterismo da lenda de Pandora), são os Regentes de Malkuth durante a decadência de Adam Kadmon (estes são os misteriosos *Arcontes* do Mundo dos gnósticos), é sensível aceitar que após sua *Reintegração* em sua Natureza primordial, esses Regentes se tornarão reflexos microscópicos de Adam Kadmon, isto é, as células que constituem o homem-Arquetípico, sublimes e puras, células que tomarão o lugar das Potências malignas enfim expulsas do Reino.

Na massa dos homens indivíduos, esse papel é por direito dos seres de elite, intitulados de Grandes Sábios, os Santos, e que devem ser não somente os mais sábios, mas também os mais perfeitos moralmente (*santos* do cristianismo, *bodhisatwas* do Budismo, *gurus* do Tantrismo, etc...). O Mundo Greco-Latino suspeitou essa deificação de certos elementos da Humanidade com seu culto aos "heróis" e "semi-deuses".

Sobre o lado tradicional desse ensinamento de Martinez de Pasqually, nós nos limitaremos a citar a Cabala, que foi sua principal fonte doutrinária.

Atribuindo cada um dos nove coros celestes às nove Sefiroth, na qualidade de regentes e de habitantes, coloca o décimo coro em *Malkuth*, aquele das *Almas Glorificadas*. (veja Agrippa, e J. B. Heptburn, em sua "Verga Aurea" – *O Bastão Dourado*).

Quem são essas *Almas Glorificadas*? São aquelas que as várias religiões vitalizaram ao ponto de criarem (por meio de um frequentemente multi-secular tipo de culto de *dulia*²¹) verdadeiras pequenas *egrégoras*, elas próprias constituindo uma *grande egrégora coletiva*, que Stanislas de Guaita, em sua obra "Serpente do Gênesis", a chama de "*a Grande Comunhão dos Santos*".

Em sua "*Filosofia Oculta*", Cornelius Agrippa devotou um capítulo em seu terceiro livro à *Ordem Animástica* - aquela das Almas Bem-Aventuradas e Glorificadas. Ele aconselha os estudantes das Altas Ciências de se confiar, de preferência, a esses seres, de raça humana como ele próprio, e infinitamente mais compreensivos, porque eles estão mais próximos de nós do que os outros seres

²¹ No catolicismo Romano, *dulia* é a honraria prestada aos Anjos e Santos.

estranhos, que povoam o Cosmos invisível. Sem dúvida, todas são criaturas de Deus, mas entre o homem e essas Almas, há um laço familiar, racial, que, além do túmulo, unem os vivos e os mortos mais seguramente e mais naturalmente do que os laços que podem existir entre os Anjos e o homem. Esta é a origem dos *santos patronos* do cristianismo.

Assim, se considerarmos Malkuth, o "Reino" do homem, como um reflexo da inteira Árvore Cabalista (ela mesma a completa Criação), deve-se levar em conta que ela contém o reflexo de cada uma das outras Sefiroth.

E a Tradição bíblica, com efeito, divide a lendária época do Mundo em dois períodos, cada um com *dez patriarcas*, cada um correspondendo a uma das Esferas Sefiróticas.

SEFIROTH	1ª ERA DO MUNDO	2ª ERA DO MUNDO
Kether	Adão	Sem
Hokmah	Set	Arfaxad
Binah	Enós	Salé
Chesed	Cainã	Héber
Geburah	Malaleel	Faleg
Tiphereth	Jared	Reu
Netzah	Henoc	Sarug
Hod	Matusalém	Nacor
Yesod	Lamec	Taré
Malkuth	Noé	Abraão

Este princípio de solidariedade oculta entre todos os elos dispersos do homem-Arquétipo, Martinez de Pasqually conseguiu magnificamente compreendê-lo e aplicá-lo.

A doutrina dos Rosa+Cruzes aconselhava praticar a religião do país onde se encontrava momentaneamente, e tudo era válido nesse intento. De fato, este é o melhor método de utilizar a egrégora coletiva pelo culto local. Como os Elus Cohen são uma Ordem Teúrgica do Ocidente, a Tradição Ocidental é, portanto sua animadora e seu canal. De onde o caráter aparentemente judaico-cristão das Cerimônias, tanto de "recepção" quanto teúrgicas.

Desde então, à imitação da Igreja Católica, que substituiu os deuses pagãos pelos Santos com lendas paralelas e atribuições benéficas, Martinez de Pasqually substituiu os "Nomes" mágicos dos Anjos e dos Gênios, pelos Nomes dos Patriarcas, Apóstolos, Profetas, Discípulos, ou ainda pelos grandes Anjos e Arcanjos admitidos pela Liturgia Romana. Os "símbolos" planetários e zodiacais, os "caracteres" emblemáticos das inteligências invisíveis e dos *daïmons* siderais, serão então – nós veremos mais adiante – utilizados para a interpretação dos "passes" luminiscentes pelos quais as entidades póstumas, quando evocadas pelo Reau+Croix, manifestarão sua simpatia ao "Trabalho" equinocial do operador.

Para dizer a verdade, esta Magia, particular a Martinez de Pasqually, é vagamente necromante, já que chama os *falecidos* em lugar das Inteligências cósmicas. Mas são os mortos que a Igreja venera em seus altares, e não se diria mais condenável chamar em sua casa, à meia-noite do equinócio da primavera ou do outono, um Santo ou um Apóstolo, do que em qualquer outra hora em uma capela, oratório particular, ou na igreja paroquial.

E de forma geral, os "anjos" dos Grimórios e os "espíritos" das clavículas salomônicas são ainda mais suspeitos! É o próprio Saint Martin que confessa em uma de suas cartas²²: "Eu sei o que me aconteceu outrora, por ter empregado certo "Nome"“....

²² Ele estava tendo de operar com os nomes cabalísticos dos decanatos e mansões.

Finalmente, a Igreja Católica se apóia (em ambos sentidos da palavra!) sobre seus restos fúnebres inquestionáveis, dado que o Padre não pode rezar a missa se a pedra do altar não contiver um fragmento qualquer do corpo de um santo.

O fato de substituir as entidades do "céu" cristão por aquelas do panteão gnóstico ou pagão não é tão audacioso. Os cabalistas do século XV haviam estabelecido correspondências análogas entre os dois modos de classificação oculta. Cornelius Agrippa, em sua "Filosofia Oculta", no terceiro livro, consagra um capítulo inteiro à *Ordem Animástica*, ou coro das Almas Glorificadas. Neste capítulo, como vimos anteriormente, ele nos assegura que o estudante das Altas Ciências tem todo interesse em se dedicar aos seres invisíveis de origem humana, em lugar de se relacionar com as inteligências extra-humanas, que não possuem, naturalmente e pela intenção divina primordial, nenhum elo nem relação com o homem. Em sua "Verga Áurea", o monge J. B. Heptburn por sua parte nos comenta essas equivalências e as correspondências oriundas delas. Nós reportamos o leitor às tabelas anexas.

Agora, segundo a Tradição comum, o Círculo mágico deve conter a indicação dos elementos constituintes do *Tempo* da Operação, o *Espaço* sendo definido *ipso facto* pelo círculo. Em caso contrário, os fatores *Tempo* são omitidos, e a Operação é feita ao fim de um período de tempo mais curto ou longo, pelo fato que a Fatalidade somente, ou seja, os Astros físicos do Cosmos, serão seus promotores.

Por isso que os antigos autores desses assuntos dizem-nos que o Círculo mágico deve conter:

1. O nome da Hora da Operação (nome cabalístico);
2. O nome do Anjo da Hora;
3. O Selo do Anjo da Hora;
4. O Selo do Anjo do Dia e dos "Ministros" do Dia;
5. O nome do Tempo atual (nome cabalístico da Terra para a Estação);
6. O nome dos Espíritos que presidem a Operação;
7. O nome do Signo regente (no "Meio do Céu");
8. O nome do Sol e da Lua nessa época;
9. Um pentagrama em cada ponto cardeal;
10. O Alfa e o Omega, na área interior.

A liturgia católica estabeleceu uma precisa equivalência esotérica entre o "Céu" simbólico da Astrologia e da Magia, e o "Céu" do Reino ao qual ela faz alusão freqüentemente. Sobretudo pode-se determinar:

A Unidade – no lugar do platônico ou gnóstico Demiurgo, a igreja introduz o homem-Deus, o Messias, reflexo sublime de Adam Kadmon, que Agrippa denomina a Alma do Mundo, *Animus Mundi*.

O Binário – Dois apóstolos tiveram uma preeminência igual sobre os dez outros, (Veja os Evangelhos a este respeito), *Pedro*, chefe da Igreja exotérica, oficial, e *João*, chefe da Igreja esotérica, secreta, que deve permanecer até a volta do Salvador, e a quem é confiada a Mãe de Deus.

O Ternário – Três categorias de Almas Glorificadas, de acordo com os dizeres dos teólogos:

- Os Confessores;
- Os Puros;
- Os Mártires.

O Quaternário – Ela guarda (embora debilmente) os Quatro Anjos do Tetramorfo do Antigo Testamento: Uriel, Gabriel, Michael e Raphael, e ela os substitui de preferência pelos quatro Evangelistas e seus Animais simbólicos.

NOME DIVINO	ARCANJO²³	EVANGELISTA	ANJO²⁴	ANIMAL SAGRADO
Ioh	Michaël	João	Melkiel	Águia
Iah	Raphaël	Marcos	Elimelek	Leão
Iaoh	Uriël	Lucas	Melêyal	Touro
Ieoah	Gabriël	Mateus	Narêl	homem

ESTAÇÃO	ELEMENTO	QUADRANTE CELESTE	FASE DA LUA	ANGELUS
Primavera	Ar	Ocidente	Nova	Manhã
Verão	Fogo	Sul	Crescente	Meio-dia
Outono	Terra	Oriente	Cheia	Tarde
Inverno	Água	Norte	Minguante	Meia-noite

O Quinário / O Senário – Em ambas as tradições estas séries não são usadas com frequência em Magia Cerimonial.

O Setenário – Os sete planetas são substituídos pelas sete igrejas místicas ou celestes, e os sete Regentes planetários o são pelos chefes dessas sete igrejas, tomados dos novos discípulos. Essas correspondências são dadas no apocalipse (capítulos II e III). Basta ler atentamente os versículos para reconhecer as naturezas planetárias dessas "igrejas"... São estas (*Os nomes dos bispos vêm de Atos VI, 5*):

LITURGIA ROMANA	MAGIA ASTROLÓGICA	
Estevão, bispo de Éfeso	Saturno	Orifiel
Filipe, bispo de Esmirna	Júpiter	Zafkiel
Prócoro, bispo de Pérgamo	Marte	Camael
Nicanos, bispo de Tiatira	Sol	Raphael
Timon, bispo de Sardes	Vênus	Anael
Pármenas, bispo de Filadélfia	Mercúrio	Michael
Nicolau, bispo de Laodicéia	Lua	Gabriel

Existe uma outra lista de "Regentes" planetários que nos transmite o "Livro de Henoc". Estes são: Uriël, Raphaël, Raguiël, Mikaël, Saraquiël, Gabriël e Remiël. A igreja celebra o arcanjo Raphael em 24 de Outubro, Michael em 29 de Setembro e Gabriel em 18 de Março.

Nota-se, pelas posições respectivas das duas festas de Michael e Gabriel, que essas duas festas determinam os tempos médios dos Equinócios, de outono para Michael e de Primavera para Gabriel. Semelhantemente, São João (Evangalista) no inverno (em 27 de dezembro) e São João (Batista) no verão (em 24 de Junho) nos dão os tempos médios dos dois Solstícios.

O SETENÁRIO OCULTO NA IGREJA

ANJO	PLANETA	DIA PLANETÁRIO	IGREJA	DIÁCONO	PROFETA	OBSERVAÇÕES
Oriphiël	Saturno	Sábado	Éfeso	Estevão	Malaquias	Todas as Correspondências Planetárias Clássicas
Zaphkiël	Júpiter	Quinta-feira	Esmirna	Filipe	Ageu	
Camaël	Marte	Terça-feira	Pérgamo	Prócoro	Habacuc	
Raphaël	Sol	Domingo	Tiatira	Nicanos	Ezequiel	
Anaël	Vênus	Sexta-feira	Sardes	Timon	Zacarias	
Mikaël	Mercúrio	Quarta-feira	Filadélfia	Pármenas	Sofonias	
Gabriël	Lua	Segunda-feira	Laodicéia	Nicolau	Daniel	

²³ Do "Livro de Henoc".

²⁴ Equinócio ou Solstício.

Ignorando o **Octonário**, o **Novenário** e o **Denário** (deste último já demos as correspondências das duas séries de Patriarcas, e das Dez Sefiroth), passemos ao estudo do **Duodenário**.

O DENÁRIO

NÚMEROS DIVINOS	SEFITOHS	NOMES DIVINOS	PATRIARCAS		TRADIÇÃO ILEGÍTIMA
			1ª ERA DO MUNDO	2ª ERA DO MUNDO	
1	Kether	Eheieh	Adão	Sem	Adão
2	Hokmah	Yod Jehovah	Set	Arfaxad	Abraão
3	Binah	Jevohah Elohim	Enós	Salé	Melchizedek
4	Chesed	El	Cainã	Héber	Moisés
5	Geburah	Elohim Gibor	Malaleel	Faleg	Asaf
6	Tiphereth	Eloha	Jared	Reu	Davi
7	Netzah	Jehovah Tzabaoth	Henoc	Sarug	Salomão
8	Hod	Elohim Tzabaoth	Matusalém	Nacor	Sidrac
9	Yesod	Shaddai	Lamec	Taré	Misac
10	Malkuth	Adonai Melekh	Noé	Abraão	Abednago

Lá também o Cristianismo e o Judaísmo têm os seus equivalentes nos Panteões pagãos.

O paganismo tinha seus doze "grandes Deuses", correspondente aos doze Meses do Ano, e aos doze "grandes Profetas", doze "portas" de Jerusalém (terrestre e histórica, ou celeste e simbólica); doze pias no Templo, Israel foi repartido em doze Tribos, nomeação de doze Patriarcas de Terceira era do Mundo, aos quais correspondia as doze pedras preciosas decorando o *Rational* do Sumo-Sacerdote.

O Catolicismo estabeleceu um culto oficial de *dulia* para seus doze apóstolos.

O DUODENÁRIO

SIGNO ZODIACAL	PATRIARCA	PROFETA	APÓSTOLO	NOMES DIVINOS DE 4 LETRAS		OBSERVAÇÕES
Áries	Dan	Malaquias	Matias	יהה	Ieoah	As doze transposições do Tetragrama são os doze "Reis Altíssimos", em oposição aos "Reis de Edom"
Touro	Rúben	Ageu	Tadeu	יההו	Iahao	
Gêmeos	Judá	Zacarias	Simão	יההי	Ioahah	
Câncer	Manassés	Amós	João	הוהי	Ehohaÿ	
Leão	Aser	Hoséias	Pedro	הוהי	Eoÿah	
Virgem	Simeão	Miquéias	André	ההי	Hahayoh	
Libra	Issacar	Jonas	Bartolomeu	וההי	Hoheyiah	
Escorpião	Benjamin	Abdias	Filipe	וההי	Iohahah	
Sagitário	Neftali	Sofonias	Tiago Maior	ויהה	Iahaï	
Capricórnio	Gad	Naum	Tomé	היהה	Eyahoh	
Aquário	Zabulon	Habacuc	Mateus	היהה	Heyohah	
Peixes	Efraim	Joel	Tiago Menor	ההי	Ehahoÿ	

No tocante ao simbolismo zodiacal esotérico e a tradição cristã, nós temos as seguintes correspondências:

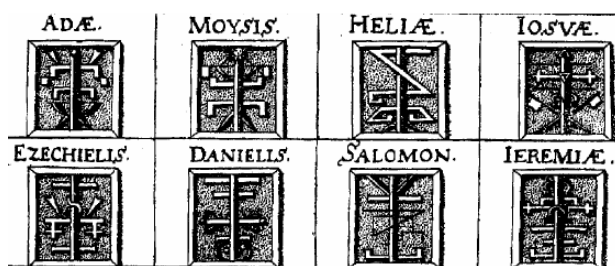
a) As 24 divisões zodiacais, ditas "horas", governadas por 24 gênios das "horas babilônicas", são refletidas nos 24 Nomes Divinos tirados das transposições do Shemhamphorasch (no Judaísmo), pelos 24 Anciões do Apocalipse, que cantam as preces ao Cordeiro (no Cristianismo).

b) Os 36 Diáconos e seus "Gênios decádicos" são refletidos nos 36 pares de Discípulos (72 no total), que o Messias escolhe, após os doze Apóstolos, e que envia de dois em dois pelo Mundo.

c) Os 72 "Termos" e os 72 Gênios têm seu equivalente nos 72 Nomes Divinos e os 72 Anjos que o Judaísmo retira das transposições de certos versículos do Êxodo, e nos 72 Discípulos tratados acima.

d) No lugar dos 365 Gênios do Dia Solar no Calendário Tebano (360 graus zodiacais + 5 epagomenes), o cristianismo substituiu, em parte, pela tradição cristã gnóstica, nos 365 "Éons", e na tradição comum, pelos "santos" de cada dia.

Sobre essas últimas equivalências, que encontramos no Ocultismo em geral, e em particular na alma dos Elus Cohen, acreditamos que apenas os *Mártires* realizaram a prova decisiva para sua Reintegração, por meios do papel oculto do sangue, voluntariamente derramado à imitação do Verbo feito homem. Admitimos igualmente, à priori, que o *milagre* (do santo vivo ou morto), é apenas uma prova secundária. Como uma razão mais forte, a escolha da Igreja não é suficiente para justificar a "santidade" de personagens históricos, cuja vida não satisfaria o moralista, o filósofo, e o teólogo católico. Nós fazemos aqui alusão a Carlos Magno, acusado de múltiplos incestos por seus biógrafos, e Dominique de Gusmão, ou Inácio de Loyola, cujas memórias são mais do que contaminada de fanatismo, e de intolerância cruel e sanguinária.



Os Paradigmas Mágicos dos Profetas

OS "PASSES"

O lado ativo da Teurgia dos Elus Cohen era constituído pelas Operações de exorcismo, a purificação da aura da Terra. O lado passivo desta Teurgia era constituído pela obtenção de "passes", aparições de símbolos luminosos, bastante diversos, que traziam ao operador uma manifestação tangível dos Poderes Celestes evocados na criação do Círculo Operatório, e cuja presença era concretizada pelas velas simbólicas de cera, verdadeiras efígies luminosas.

A interpretação desses passes se fazia por meio de uma coleção de 2400 nomes e caracteres hieroglíficos, enviados aos Reau+Croix pelo próprio Martinez de Pasqually. Uma delas, de Prunel de Lierre, está conservada atualmente na biblioteca de Grenoble. Poderia-se crer, à primeira vista, que esses símbolos eram imaginados pelo próprio Mestre. Não é o caso. A obra do monge J.-P. Heptburn da Escócia, a "Verga Aurea" contém setenta e dois alfabetos mágicos diferentes, cada um de 22 a 28 letras. Isso já nos dá um total de mais de 1800 caracteres ideográficos apenas nessa obra. Se adicionarmos os alfabetos dos povos espalhados pelas cinco partes do mundo: russo, grego moderno, demótico, rúnico, japonês, chinês (mencionados por Martinez...), sânscrito, maçônico, alquímico, mágico (mencionado nos Gromórios), os numerosos "selos" dos pantáculos, planetários, zodiacais, das "inteligências" e dos "*daïmons*" siderais, os "caracteres" planetários, os ditos de Cleópatra, de Salomão, da Rainha de Sabá, com os quais os tratados de magia, de alquimia, de necromancia e as Clavículas antigas estão repletos, sem mencionar os inumeráveis símbolos alquímicos, etc... chegamos muito perto do número de caracteres catalogado nos rituais de Martinez de Pasqually. Abaixo temos alguns exemplos desses alfabetos.



Quanto à sua interpretação, ela era muito simples. Caso se tratasse de paradigmas e glifos em harmonia com o panteão sideral, a natureza da Entidade simbolizada pelo "selo" deveria suficientemente esclarecer a questão. Se por outro lado ela se manifesta por um caractere alfabético qualquer, tirado de um alfabeto mágico ou normal, então era traduzido ao caractere correspondente hebraico: como isto está em estrita correspondência analógica com um dos vinte e dois Arcanos maiores do Tarô, o dito arcano daria definitivamente uma resposta suscetível de uma interpretação esotérica bem fundamentada, tais como os Cristãos dão em seu "Homme Rouge des Tuileries", e na sua "História da Magia".

Vê-se que o sistema de "passes", particular aos Elus Cohen constituía o estado superior da *Mântica*, nessas respostas, emanadas diretamente do Invisível, sem nenhum intermediário material, sem outro canal que o éter oculto no ambiente, nenhuma influência humana que arriscava perturbar exteriormente ou de "modificar" o traço da resposta. E assim, o símbolo luminiscente, fugazmente aparecido ao Reau+Croix iluminado, consistia o próprio oráculo do Invisível – proteção definida sob os termos ambíguos de "*a Coisa*"²⁵ ou de "*Filósofo Desconhecido*".

É mesmo provável que foram as "operações" desse gênero que permitiram aos magos do passado de fixar definitivamente – sob a forma de Tradição Universal – os signos e esquemas emblemáticos dos Poderes do além, habitualmente manifestados ao homem.

É preciso crer que a legitimidade da comunicação oculta, seja sob a forma de signos luminosos, era já conhecida e tradicional, dado que Rembrandt, mais de um século antes de Martinez de Pasqually e seus discípulos, nos mostra em uma de suas admiráveis águas-fortes "O Doutor Fausto", o filósofo, trajando um gorro Frígio (símbolo da libertação espiritual), contemplando, ao mesmo tempo fascinado e assustado, o pantáculo que lhe aparecia bruscamente na sombra de seu laboratório, suspenso por uma mão misteriosa, radiante de uma "glória"...

CONCLUSÃO

Acreditamos que, pelos precedentes, estabelecemos suficientemente a consistência da Teurgia dos Elus Cohen, que, de acordo com a doutrina da "Reintegração", davam a primazia protetora aos

²⁵ A expressão de "*a Coisa*" (*La Chose*) foi empregada pela primeira vez por São João da Cruz para designar o divino invisível.

elementos superiores da Humanidade, já reintegrada no seio do Arquétipo, sobre as entidades extra-humanas povoando os Mundos do Além. Portanto, de acordo com a Tradição ocidental, no misterioso "Reino" prometido ao homem-Total, *que permaneceria assim, pois* ele tinha sido primitivamente concebido e emanado pelo Deus Criador: o "Rei".



Fariamos um trabalho incompleto se, ao concluir, não enfatizássemos a imensa superioridade moral e espiritual dos Reau+Croix de Martinez de Pasqually sobre a imensa massa de aprendizes de feiticeiros e magos de todos os tempos: pois suas intenções eram puras. A assistência do Além era apenas solicitada para obter um certo resultado material ou sensório. E seu único desejo era entrever (com o Véu erguido por um momento sobre o outro mundo) as Portas da Jerusalém Celeste, a fabulosa "Cidade das Beatitudes" em eterno alvorecer...



Pantáculo Teúrgico

A RITUALÍSTICA DOS ELUS COHEN

Do exame atento dos documentos que nos chegaram às nossas mãos (correspondências, rituais, dizeres, etc...) resulta que a Ritualística dos Elus Cohen foi obra própria de Martinez de Pasqually. Não há nenhuma prova de que desde o princípio de seu empreendimento, ele esteve de posse de qualquer documento tradicional, desde os quais ele desenvolveu. Pelo contrário, parece que, com o tempo, ele trouxe modificações ao seu sistema primitivo. De fato, essas modificações apenas afetaram a "forma" exterior dos Ritos, e assim podem ser consideradas sem especial importância. Isso é mais verdadeiro para os "Círculos Operativos". Sobre esses últimos, assinalemos que os historiadores da Ordem sempre se confundiram com os Círculos destinados às ordenações aos vários graus da Ordem, e com aqueles destinados às Operações Teúrgicas. O primeiro era puramente simbólico, enquanto o segundo era elemento ativo da Ritualística.

Nós revelamos em seguida as passagens mais interessantes, relativas aos Rituais e aos Círculos, das cartas de Louis Claude de Saint Martin, do tempo em que ele era secretário do Mestre. Nós as transcrevemos em francês moderno, adicionando um mínimo de pontuação, e finalmente as expomos em uma forma menos comprimida. Os leitores interessados em lê-las completas podem

procurar o trabalho do Dr. Gerard Encausse (Papus) sobre "Louis Claude de Saint Martin", e as 50 cartas que contém.

Bordeaux, 20 de Maio de 1771

Caro Mestre, este é o começo dos envios que preciso vos fazer. Enviei, por este mesmo correio, um pacote com 6 páginas, ao endereço que me havíeis dado, 5 contendo a Grande Cerimônia dos "*Grandes Arquitetos*". A sexta continha uma prece, ou Invocação, para o "*Trabalho Diário*". Eu vos envio diretamente o Quadro do Grau, completamente traçado. É preciso somente adicionar as estrelas²⁶, ou círios, de acordo com as indicações que encontrareis na Cerimônia. Também envio todas as Palavras que vos são necessárias na recepção e na ordenação; tudo com os papéis correspondentes que são fáceis de encontrar.

No reverso da folha que contém as palavras do grau, encontrareis as de que ireis necessitar empregar na vossa *Invocação Diária*, e que reconheceréis entre os papéis. As marcas O.: V.:²⁷ que vereis sobre essa folha indicam que é a mesma Palavra que se deve repetir. Isso é o que fiz.

Quanto á maneira de usar essa *Invocação Diária*, isto é o que o Mestre me encarregou de dizer-vos. Ele vos permite traçar um único Círculo, tendo ao centro o "W"²⁸ e uma estrela ou círio. Vós podeis ter nas mãos um outro, para poder ler vossa folha. Esta *Invocação* pode ser feita todos os dias, em qualquer tempo e a qualquer hora, se assim o desejardes.

Poderíeis questionar se vos é permitido traçar os *Signos* convencionais arbitrários (N.B. – *signos* escolhidos pelo Celebrante em um repertório especial), como descrito no fim da mencionada Invocação. O Mestre nada me instruiu a este respeito. Contudo, não creio que seja proibido, visto que todos os vossos desígnios são direcionados ao Bem, do que estou plenamente convencido. Do resto, é uma coisa que é posta à vossa prudência, até que vos seja suficientemente esclarecido. Não falarei do "*Fogo Novo*". Vós sabeis que a Lei de Moisés ordenava apenas comer do pão sem fermento e que, entre nós, *tudo deve ser novo!*...

Se o Mestre estivesse aqui, ele teria vos enviado, pelo mesmo despacho, a Cerimônia da simples ordenação de "*G. R.*". (sem dúvida é uma alusão ao grau de "Grande Reau" que já foi mencionado acima), mas sem falta será da próxima vez, junto com as *Conjurações* que nos enviastes, em latim, para Fournié traduzir, e este último artigo vos auxiliará ainda com o "*Trabalho Diário*", *mas como um exige mais precauções que o outro*, o Mestre irá incluir instruções específicas sobre a maneira de proceder.

Eu observo por meio disto, e com prazer, Caríssimo Mestre, que vós tereis os meios de satisfazer em parte vosso louvável desejo. Nada é pequeno no serviço do Templo! As menores funções dentro dele são sublimes, quando as cumprimos com respeito e humildade. Podereis igualmente receber, pouco tempo depois, o grande e o pequeno Cerimonial dos três graus azuis (N.B. – Aprendiz, Companheiro e Mestre da Maçonaria Regular), do Eleito (Mestre-Eleito) e dos três Cohen (Aprendiz-Cohen, Companheiro-Cohen e Mestre-Cohen), coisas que exigem de nós apenas que as copiemos. Para aquelas (coisas) em que o trabalho do Mestre é necessário, pedimo-vos de não esquecer esse fato. Finalmente, Caro Mestre, empregaremos todos os nossos esforços para satisfazer os desígnios de nosso Mestre, e os vossos. Apenas peço como recompensa que se lembre de mim quando orar pelas graças do Altíssimo.

Adeus, Caro Mestre, saúdo-vos por todos os números que vos são conhecidos.

²⁶ É difícil saber se ele está usando a palavra "estrela" analogicamente ou se é uma antiga palavra para uma forma de iluminação do círio.

²⁷ Não há nenhuma explicação no texto a respeito dessas marcas.

²⁸ A letra *Shin*.

(Ao Irmão Carpentier)

De Bordeaux, 24 de Maio de 1771

Eis, Caro Mestre, os objetos que vos anunciei em minha última carta. Eu gostaria de poder tomar conta de sua bolsa! Mas a natureza das coisas que o Mestre nos envia não permite que se corra o risco de endereços incorretos... Ele acaba de chegar do campo, e neste momento me passa uma Instrução mais exata do que aquela que vos enviei, sobre o "*Trabalho Diário*", assim poderá usar estas: Ei-las:

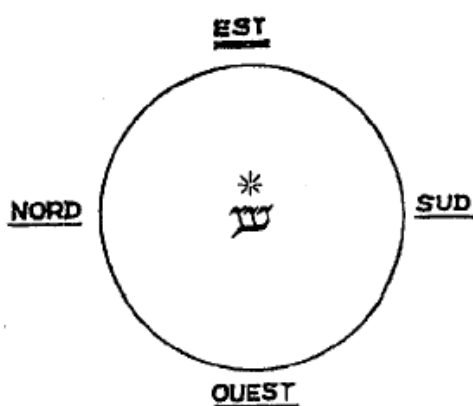
O "*Trabalho Diário*" pode apenas ser realizado no começo da Lua Nova, até o fim do Primeiro Quadri-lunio e nunca após o início da Lua Cheia, até a seguinte Lua Nova. Como esse astro está em declínio, suas propriedades benéficas declinam-se igualmente, de modo que seus poderes bons, como também seus Agentes Superiores que a governam, tendo "operado" nela durante duas vezes sete dias, e conforme suas Leis e Ordens, eles a deixam ao controle e poderes dos Espíritos Elementares, e que induzirão o operador em grande erro.

Podeis escolher o dia, à vontade, no intervalo prescrito entre a Lua Nova e a Lua Cheia, isto é, entre o 1º dia do ciclo da Lua e o 13º ou o 14º. Não é nada fixo. Pode-se repetir três vezes em seguida, no mesmo "*Dia de Trabalho*" a primeira *Conjuração*, e então, nos dois dias seguintes, as outras duas conjurações. Isto fará nove repetições de *Conjurações* nos Três Dias.

Para tanto, traçareis um único *Círculo*, com o "W", e uma estrela ou círio; a outra estrela à vossa mão, para a leitura do Trabalho.

O Círculo deverá ser perfumado, com os ingredientes que tendes, durante três horas, *partindo do Oeste e indo em direção ao Norte*. A circunferência deste Círculo possui um pé e meio de raio.

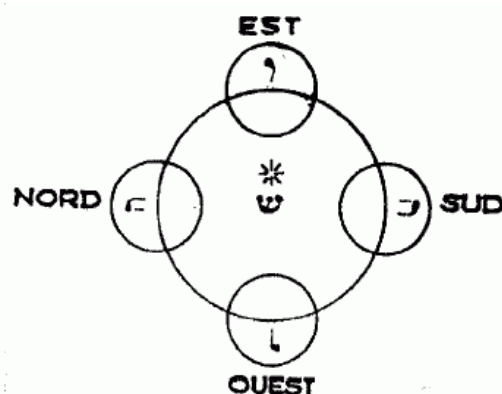
Esta *Instrução* refere-se unicamente às Operações nos *Três Dias* seguidos, que as enviastes aqui, ao Irmão Fournié, para traduzir do latim ao francês, e esta tradução está anexada, em três folhas de seis páginas, sobre as quais os dias estão designados, como os Meses e todas as outras partes tanto da Operação quanto do Cerimonial, por meio dos quais acredito que este texto está em ordem!



Para a *Invocação* que vos remeti no último correio, deveis seguir exatamente todas as *Instruções* referentes a ela. Ou seja, que podereis operar todos os dias, sem preocupação com a Lua, sempre traçando vosso Círculo com o "W", a estrela ou círio, no centro, e na mão para vos ajudar na leitura, *mas sem Incensos*.

A simples ordenação do "*Grande Arquiteto*" é dada em um único Círculo, como vedes na Figura. Haverá uma só estrela (ou círio) entre as duas Palavras que serão traçadas nele. Vós colocareis o Candidato no vosso Círculo, *de frente ao Leste*, cabeça encurvada, ambos os joelhos sobre a terra,

as duas mãos cruzadas sobre o peito. Nesta atitude, traçareis o Triângulo sobre sua cabeça, como designado no Grande Cerimonial; após haverdes traçado nas duas mãos, uma após a outra, desenhareis com um outro triângulo a "placa triangular" que ele deve portar sobre a fronte, e impondes as vossas mãos em esquadro, e pronunciar as Preces e Palavras que já estão em vosso poder.



Após esta Cerimônia, fazei com que o Candidato lave as mãos e os pés (N.B – Simbolicamente, sem dúvida), e com que ele incense os Quatro Quadrantes com os *Incensos* que já conheceis, e iniciando pelo lado prescrito (N.B. – veja acima, "partindo do Oeste e indo em direção ao Norte").

Então, novamente, colocareis o Candidato no Círculo na mesma postura de antes (cabeça encurvada, ambos os joelhos sobre o chão, as duas mãos cruzadas sobre o peito), e completareis sua ordenação, que começa com as palavras: "Eu te ordeno e te constituo "Grande Arquiteto" da Ordem, etc"..., com as Palavras e Preces que estão anexadas.

Em seguida, ireis comunicar ao Candidato as Palavras, Sinais, Toques, Marcha e Faixa de seu grau, e o fareis "reconhecer" pela assembléia que acompanha sua recepção.

Aqui está a Ex-Conjuração do Sul, para os Equinócios.

Será feita a mesma Ex-Conjuração para Belzebu, Barram e Leviatã imediatamente após aquela de Satã, colocando o Nome de cada um no começo de cada Ex-Conjuração.

Quando forem realizadas as quatro Ex-Conjurações, apresenta-se o Talismã no Quadrante Sul.

De Bordeaux, 7 de Julho de 1771

..... O Cerimonial que deve ser observado no curso das Assembléias, para a Abertura, Fechamento, Iluminações, Palavras de Passe, etc... Este Cerimonial é seguido de três graus "azuis" (Aprendiz, Companheiro, Mestre, ordinários da Maçonaria Simbólica, ou de São João) – *que como sabeis, devem ser dados em uma única recepção*, mais os graus de Eleito (Mestre-Eleito) e dos três Cohen (Aprendiz-Cohen, Companheiro-Cohen e Mestre-Cohen),

..... Recebereis ainda nesse envelope: a coleção alfabética dos *Nomes* que havíeis pedido em uma de vossas cartas. (Nomes divinos, de Anjos, etc... – N.A.). O Mestre anexou os *Hieróglifos dos Profetas* e dos *Apóstolos*, para que saibas onde os encontrar quando ele lhe disser para usá-los.

..... Eu estou espantado que o artigo que vos foi remetido para o vosso "*Trabalho Diário*" – intitulado "*Trabalho Diário do Reau*" não começa com as palavras "O Kadosh, etc".... Pelo que consigo me recordar, não foi copiado por mim, e talvez a pessoa se esqueceu dessa palavra no princípio. Mas, para vos assegurar de que não foi enviada uma coisa pela outra, aqui está, palavra por palavra, como o "*Trabalho*" começa: "O Kadosh! O Kadosh!

O Kadosh! Quem me concederá de ser como havia sido, em meu primeiro Princípio de Criação divina? Quem me concederá de ser redimido em Virtude e Poder espirituais eternos? ...etc...

De Bordeaux, 12 de Agosto de 1771

..... Primeiramente, vós me perguntais pelos "Quadros" de cada Grau. Eu não tenho nenhum, nem os vi, exceto nas mãos do Monsieur de la Chevalerie; mas creio que eles são mais necessários para vossa instrução particular do que para conferir os ditos graus. Pois foi dito a vós para não os conferir no Cerimonial se não tiverdes um lugar adequado, *e que deveis reter-vos à simples e pura ordenação, para a qual é necessário só um círculo*, de acordo com as instruções que recebestes no grau de "Grande Arquiteto". Agora seguirei com todas as questões que me perguntastes da última vez sobre este grau.

1ª - Vós podeis realizar sozinho as "Aberturas", "Fechamentos", sinais, dar as Palavras e Baterias, já que os "Oficiais", que poderíeis tê-los em pessoa, são apenas "figuras" de *Seres Espirituais*, que os fazeis mover à vossa vontade.²⁹

..... 4ª - De todas as "baterias" que pertencem aos graus que vos foram enviados, apenas conheço a "I O I" do "G.R.". (Refere-se ao *Grande Reau*, como na carta de 20 de Maio de 1771), que é permitida abreviar-se, descrevendo um quadrado, com uma batida ao centro. Nada é dito sobre as outras "baterias", eu penso que aquelas do "8 - 1" não deve sofrer nenhuma mudança, porque ela contém um duplo poder em si mesma, que não é do arbítrio do homem alterar (bateria de nove batidas, por oito e um).

..... 7ª - Reduzir os 98 círios para 17 é apenas uma questão dos círios dos Círculos, e não dos Círculos de Correspondência nem dos "Vaultours"³⁰ Não estou muito seguro se, em uma simples Ordenação, não é dito para se omitirem os "Vaultours" e os "Anjos", e manter um único Círculo. Mas em todo caso, se vós os empregardes, deveis usar as suas Luzes.

Quanto aos três graus "*simbólicos*" reunidos em um, poderíeis, no início dos "Trabalhos", dar imediatamente a "bateria" dos "Mestres". Apenas necessitais fazer o que for o mais essencial em cada um dos três graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre). Sem isso, a Cerimônia será muito longa!...

Vós me relatais que seguís a mesma regra para os três graus de "Cohen" (*Aprendiz-Cohen, Companheiro-Cohen e Mestre-Cohen*). Eu observaria que não é usual conferir esses três graus de uma só vez, como acontece nos graus simbólicos. Deveria dar um longo espaço de tempo entre cada um, de acordo com as Disposições do Candidato. *É verdade que eu os recebi, todos os três, de uma só vez! Mas eu não sei se isto é o melhor.* Foi o Mestre de Balzac que os conferiu.

Este 27 de Janeiro de 1772

Eis aqui, Senhor e Caro Mestre, o "plano" que vos foi anunciado na última vez. Creio que fostes prevenido de que ele seria constituído de *quatro Círculos*. Mas desde então, o Mestre julgou apropriado usar apenas *três*, para não nos sobrecarregar.

Este "plano" é retirado daquele do "*Grande Arquiteto*" que vos foi enviado no ano passado. Vereis que a parte Sul do Círculo é separada de todo o resto por *duas linhas pontilhadas*, que vão desde o

²⁹ Esta é uma interessante referência sobre a criação de um *Templo Astral*, no qual o operador o povoa com "Oficiais" projetados – um antigo exemplo da visualização criativa que é usada em um grande número de tradições esotéricas.

³⁰ Os "Vaultours" mencionados por Saint-Martin são os círculos concêntricos secundários, figurados na "Veste Operacional".

centro até a extremidade do último Círculo. Isto é para indicar-vos que nada deve ser adicionado ou retirado na parte que se encontra confinada por essas linhas, e que deveis traçar fielmente tudo o que pertence a essa parte Sul.

Quanto aos outros Quadrantes, ireis observar que eles estão compostos por três Círculos, quatro Nomes, o que fazem doze. Igualmente, traçareis esses Nomes, com os *Hieróglifos* e os *Caracteres* que vereis anexos a eles. A pequena linha pontilhada que pus abaixo de cada um desses doze Nomes é para vos assinalar o lugar onde vós mesmos colocareis, no "plano" ou "traçado", *doze outras Palavras*, que se colocarão ao longo das doze primeiras nesta ordem.

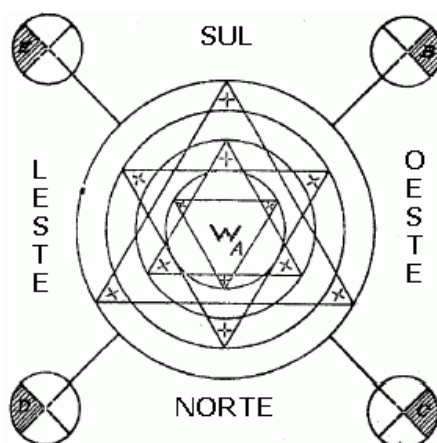
Ireis escolhê-las, seja dos Nomes de vossa Invocação de "*Grande Arquiteto*" que possuis, seja do *Caderno dos 2400 Nomes* que também possuis. Lembrai-vos: três denários, três octonários, e ireis distribuir esses doze *Nomes* em vossos três Círculos, segundo vossa vontade, mas de modo que em cada dos seus Círculos adicionareis quatro dos *Nomes* que haveis elegido, observando que esses quatro *Nomes* carregam cada um dos quatro *Números* indicados, isto é, um denário, um octonário, um setenário e um ternário.³¹

Vós pronunciareis, durante vosso "Trabalho", cada uma das doze *Palavras* junto com cada uma das doze primeiras *Palavras* às quais vós as posicionastes.

A *Palavra* no Centro permanece só, e não é coberta nas presentes Instruções.

CÍRCULO PARA AS GRANDES OPERAÇÕES DO EQUINÓCIO

(Grande eleito de Zorobabel)



A: Círculo de isolamento

B C D E: Círculos correspondentes aos Quadrantes do Oeste, Norte, Leste e Sul

+: Localização dos 7 círios

Podereis observar que abaixo de cada uma das pequenas linhas pontilhadas das quais já vos falei, há um *Caractere* ou *Hieróglifo* que está só e sem nenhuma *Palavra*. Vós os desenhareis como estão, sem nada incluir. Estes são os *Caracteres* ou *Hieróglifos* dos *Patriarcas*, *Profetas* e *Apóstolos*, que o Mestre ajuntou ao vosso "Trabalho" para aumentar sua força, e conter ainda mais o *Mal*.

Entretanto, deveis prestar a maior atenção em observar se algumas dessas *Figuras*, ou outras quaisquer, são "enviadas" (vos aparecem), e então as enviar ao Mestre, que irá usá-las da forma que ele julgar mais apropriada para sua instrução e benefício.

³¹ Estes são os nomes dos Espíritos Maiores ou Menores. Essas qualidades correspondem aos "planos".

Falta ainda comentar algo a respeito dos quatro pequenos *Círculos de Correspondências*.

A *Letra* que está marcada em cada um desses quatro *Círculos* vos indica que deveis tomar quatro *Palavras* do seu "*Manuscrito dos 2400 Nomes*", cada uma começando por uma das quatro Letras marcadas, e que levam o *Número* escrito ao lado de cada *Letra*. Estas são as quatro *Palavras* que garnirão os quatro *Círculos de Correspondência* em vosso "Trabalho". O número e a localização dos *círios* está indicado. São *sete* no *Círculo* central, incluindo aquele do "W", *três* no *Círculo* interior, *três* no *Círculo* exterior, e *quatro* nos *Círculos de Correspondência*. Isto faz dezessete no total.

Sabeis que isto será dentre os Nomes de vossa Invocação de "*Grande Arquitecto*", e entre aqueles do "*Trabalho*" (subentendido de "*Três Dias*"), que vós tereis de escolher as sete *Palavras* que empregareis em vossa invocação particular, e que, entre essas sete, tomareis como chefe aquela que vos agradar mais, com a liberdade de tomar, dentre essas sete, uma outra chefe, caso aquela que tomastes primeiramente não vos satisfizerdes. Também, sabeis tudo a respeito da *Iluminação*, *Incensos*, *Conjurações* e outras preparações. Portanto, Caríssimo Mestre, não me resta mais do que vos oferecer meus votos para vossa satisfatória realização. Eu não vos peço nenhuma recompensa outra do que me incluir entre o número daqueles pelos que orais pedindo graças! Ainda sou muito jovem para carregar o Incensório, e tudo o que me é permitido é solicitar às bênçãos dos padres do Altíssimo...

Adeus, Caríssimo Mestre, Que o Eterno vos tenha por um tempo imemorial em Sua santa guarda. Amen.

De Saint Martin

Bordeaux, 14 de Fevereiro de 1772

Respondo à vossa carta de 5 deste mês, Muito-Poderoso Mestre, segundo vossos desejos.

Não é possível para o Mestre transferir para 9 de Março o "Trabalho" que ele prescreveu. Todos os seus arranjos e todas as ordens foram dadas para o dia 5. Elas não podem ser mudadas sem considerável dificuldade, e sem alertar, talvez, aos "*Reau+Croix*" que vivem a alguma distância, e que já foram avisados, a atrasar o tempo fixado para os "Trabalhos", *que devem ser feitos pontualmente como uma orquestra*.

Assim, fazei o melhor que pudesdes para superar os inconvenientes do Carnaval! Se, sem comprometer a vossa "preparação", pudéreis vos prestar às celebrações costumeiras nas famílias, seria o melhor a fazer para não parecer tão deslocado!... Além disso, o Mestre pretende mesmo que vosso "Trabalho" para este ano não seja ainda de plena força, por isso, não é preciso tomar precauções tão rigorosas. Contudo, como nada é assim determinado ou fixo nestes assuntos, eu vos exorto para sempre observar escrupulosamente tudo que vos é ensinado, e se acreditais que a presença do mundo material é um obstáculo, entregai-vos a todo recolhimento e meditação que crerdes serem necessários. Neste caso, poderíeis fingir uma indisposição para encobrir vosso retiro ou vosso jejum. Enfim, empregai toda vossa prudência para conciliar vossos deveres com as complacências mundanas...

Eis o que o Mestre me encarrega de vos dizer, sobre as quatro outras questões relativas ao vosso "Trabalho".

1º - Deveis realizar ao todo quatro *Prostrações*, começando do Ocidente, indo ao Oriente, depois ao Norte e ao Sul. Não fareis nenhuma no centro, pois isso exigiria mais prática e força do que possuídes.

2º - Tomareis as *Consagrações* dos Quatro Anjos ou *Círculos de Correspondência*, do trabalho dos quatro C. (?) enviado por M. de Grainville.

3º - Os círios dos "*Ausentes*" serão colocados sobre a circunferência do Círculo de Correspondência do Oriente, na parte da circunferência oposta aos Círculos. Neste quadrante ireis colocar cinco círios para as seguintes pessoas: M. de Lusignan, M. de Grainville, M. de Champoléon, M. de Balzac, e o Mestre.

4º - Para a contemplação dos "*Passes*", vos posicionareis no Círculo de Correspondência do Oeste.

.....

De Saint Martin

Paris, 3 de Fevereiro de 1784

Na minha última missiva, vos prometi uma outra, e ei-la aqui.

A intenção é uma boa coisa, mas não basta! Lembrai-vos de Oza... Mas sem ir tão longe, *eu bem sei o que me aconteceu por ter empregado um "Nome" que me haviam dado como maravilhoso!*... Eu não o escreverei, mas já vi o bastante para não me esquecer disso.

Por isso acredito que devemos nos limitar a aqueles que nos são *perfeitamente conhecidos*: Anjos, Arcanjos, etc...



Medalhão talismânico

III - A ESCOLA MÍSTICA: LOUIS CLAUDE DE SAINT MARTIN

OS "SUPERIORES INCÓGNITOS" DE LOUIS CLAUDE DE SAINT MARTIN

Louis Claude, marquês de Saint Martin, nasceu em Amboise, Touraine, em 18 de Janeiro de 1743. Sua mãe faleceu pouco tempo após seu nascimento e ele foi criado por sua madrasta e seu pai, ambos fortemente religiosos. Realizou seus estudos no colégio de Pont-Levoy. Destinado à "beca", ele cursou Direito e rapidamente se torna um advogado nas cortes de Tours. Essa profissão, com todas as trapaças e perturbações que havia naqueles tempos, rapidamente o desapontou e, por recomendação do Duque de Choiseul, amigo de seu pai, ele recebeu uma patente de oficial no Regimento de Foix, logo após abandonar a Corte de Justiça. Ele foi em guarnição a Bordeaux, e lá travou amizade com outro oficial desse regimento, M. de Grainville, afiliado à Ordem dos Elus Cohen, que acabava de ser fundada por Martinez de Pasqually. Esse oficial o iniciou na Doutrina da Ordem, e seu inato misticismo e uma certa predisposição para os estudos teológicos e as altas especulações herméticas o entusiasmaram rapidamente, e em Outubro de 1768 foi ritualisticamente iniciado. Nas cartas de Martinez de Pasqually, notadamente na de 13 de Agosto de 1768 ele é "Monsieur de Saint Martin", onde se encontra ele unido aos "T. P". (Tríplice-Potente Mestre, fórmula ritual) de Grainville e de Balzac. Mas em uma outra carta, de 2 de Outubro do mesmo ano, ele é "o Mestre de Saint Martin". Logo, ele recebeu os três primeiros graus da maçonaria azul, dita "de São João", e sem dúvida adentrou na famosa Classe de Pórtico.

Diga o que quiser a maioria dos historiadores, todas as suas cartas provam: Saint Martin "operou" os ritos da Alta-Magia cerimonial segundo as instruções de seu Mestre Pasqually, e ele teve os resultados esperados. Ele viu os "passes", sentiu as angústias anunciando a presença da "Coisa", e mais tarde, ele nunca negará esses resultados.

Mas se a doutrina que recebeu, este jovem oficial do Regimento de Foix e secretário do Mestre por vários anos, o marcou pelo resto de sua vida com uma estampa real e indelével, ele mostrou pouco interesse, apenas, pelas "manifestações" do Além, e ainda, uma certa desconfiança quanto ao seu benefício moral. Aqueles que o acusam de medo, tais como Bricaud em seu *"Relato sobre o Martinismo"*, ou vários outros autores, cometem um erro. Saint Martin observou escrupulosamente os usos acultos e as cerimônias secretas dos Reau+Croix durante mais de seis anos. O medo o teria acometido tão tarde? Não. Foi sua orientação mística que alterou o curso da sua vida espiritual.

Saint Martin foi um estudioso puro e o lado operativo das Maçonarias, Mística e Cohen, o impediram de avançar mais rapidamente. E por volta de 1775, quando do lançamento de sua primeira obra, o tratado "Dos Erros e da Verdade", essa evolução já estava se realizando por um ano. E desde 1777, durante sua estadia em Versalhes, ele tentará trazer seus Irmãos Cohen à mística pura. Também fazia três anos que Martinez de Pasqually tinha falecido em Port-au-Prince.

Com relação a mística pura dos Elus Cohen, Saint Martin teve pouco sucesso. Seja porque eles guardavam (o que é *muito provável*) uma profunda admiração pela memória do Mestre desaparecido, ou porque eles repugnavam se confiarem a alguém que percebiam ser um antigo discípulo deles, Saint Martin fracassou no seio da Ordem.

Mas se ele perdeu o interesse nessa rota, o que é certo é que ele demonstrou perseverança! Em seguida ele lançará seus esforços em uma arena distinta dos cenários herméticos e dos areópagos esotéricos. O século XVIII era geralmente materialista, "libertino" no sentido arcaico da palavra. Nosso novo adepto irá tentar convertê-lo; e será então sua série de obras, seu sucesso no grande mundo, onde todas as nobres damas que se desesperavam sobre o Além, os problemas da alma e de Deus, que lhe reservarão uma acolhida plena de boa vontade.

Saint Martin teve amigas nobres e queridas. Mas se sua fama entre as mulheres era maior do que entre os homens, essas amizades eram baseadas em sentimentos nobres e espirituais, sem que nada de grosseiro ou de vulgar as maculassem.

Entretanto, formado em uma escola plena de disciplina, onde se sabia o que se queria, e onde se trabalhava mais do que se discutia, Saint Martin vai tentar realizar seu sonho adormecido pela falta de confiança dos Elus Cohen nele. Ele vai, assim, se voltar para os homens e realizar um movimento espiritual, baseado no esoterismo cristão. Compreendendo, por intuição e por experiência, que nada atravessa os séculos sem encontrar obstáculos, exceto o que estiver oculto (para viver feliz e alegremente, viva secretamente!), ele criou sua escola sob uma forma esotérica e secreta.

Em uma de suas viagens para Estrasburgo (cidade que foi parte de sua vida, junto com Paris e Amboise – se excluirmos as viagens ao exterior – e que mais tarde ele a chamou de seu "paraíso"), Saint Martin conheceu Rodolphe de Salzmänn, tradutor e comentador do filósofo místico alemão Jacob Boehme.

Então, proveniente dos *"Irmãos do Oriente"*, ordem iniciática constituída em Constantinopla em 1090, sobre o patronato do imperador Aléxis Comnès, uma fraternidade mística secreta agrupava os adeptos de toda uma escola Rosa+Cruz, do tipo evangélico protestante. Essa ordem era aquela dos *"Filósofos Desconhecidos"*. Sem dúvida, a Gnose, adaptada ao ambiente Reformista, havia perdido sua riqueza. Mas se ignorarmos certas variantes puramente localizadas o terreno da metafísica, o lado hermético permaneceu intacto, e ao lado da Alquimia espiritual e operativa vieram um número

de outras afiliações, o precioso reconforto de seus ensinamentos e de suas demonstrações “*in anima vili*”. Henri Kunrath (autor de “*O Anfiteatro da Ciência Eterna*”), Henry Sethon, o Cosmopolita, morto nos calabouços do Eleitor da Saxônia, Sendivogius, seu discípulo o duque Saxonius Comnès, Jacob Boehme, precederam Rodolphe de Salzmänn na árvore genealógica da Ordem. E desde 1646, na França, os poderes públicos foram levados a investigar essa misteriosa sociedade, seguindo sua denúncia pela “*Irmandade do Santo-Sacramento*”, sociedade secreta católica, filha da Santa-Liga, que via nela e em seus trabalhos algo semelhante à Reforma, retomados e agravados!...

Daremos, no fim desta obra, os estatutos da Sociedade dos Filósofos Desconhecidos. É a esta Ordem mística e secreta que se afilia Louis Claude de Saint Martin, um século e meio após sua fundação (1643).

E isto explica a carta que ele endereça a Lyon, em 4 de Julho de 1790, justificando sua demissão de todos os capítulos esotéricos aos quais ele estava ligado até então. Aqui está:

Estrasburgo, 4 de Julho de 1790

Eu vos agradeço também, meu Caro Irmão, e lastimo todas as penas que suportastes por mim.

... etc ...

(quarto parágrafo) Dizei inclusive ao irmão mais velho, por favor, que espero dele uma resposta que não deveria tardar tanto! Assim, não a vendo chegar, eu posso presumir antecipadamente qual será a sua natureza, o que me determina a tomar minha decisão, e conseqüentemente rogo-vos apresentar e aceitar minha demissão de meu lugar na Ordem Interior, e de querer, de bom grado, remover-me de todos os registros e listas maçônicas em que estiver inscrito desde 1785. Minhas ocupações não me permitem seguir doravante essa carreira.

Não vos aborrecerei com detalhes mais amplos das razões que motivaram minha decisão. Ele bem sabe que ao remover meu nome dos registros não estará fazendo nada de errado, dado que nada significa! Ademais, ele sabe que meu espírito verdadeiramente nunca foi inscrito lá, de modo que tudo que realmente está nessas páginas é superficial.

Nós seremos sempre, eu espero, como Cohen; nós o seremos mesmo pela iniciação, e se todavia minha demissão criar um problema com isso, então terei que sacrificar minha iniciação, observando que a cada dia o regime maçônico se torna para mim cada vez mais incompatível com minha maneira de ser, e com a simplicidade do meu caminho. Irei respeitar o caminho de meus caros Irmãos até o túmulo, e lhes asseguro que não os perturbarei em minha vida.

Adeus, Caro Irmão, apresente minhas recomendações à toda família, e a todos os Irmãos, espirituais e temporais.

Ora pro nobis

Nota-se, pelos termos usados nessa carta, contudo, a importância que Saint Martin dava à sua primeira iniciação, aquela que havia recebido de Martinez de Pasqually. Ele abandonou tudo, pois a Maçonaria não lhe significava mais do que um fardo, e, no entanto, iria permanecer de espírito e de coração um Reau+Croix, fiel a seus Irmãos e os sustentando em seu coração...

E desde sua entrada na ordem mística secular, ele irá então se consagrar inteiramente ao seu novo apostolado. A jornada começou. Aqui, um ponto na história e na cronologia surge. Quando exatamente ele entrou em contato com Salzmänn, e quando ele foi recebido, de acordo com os ritos “*sob a Capa, a Máscara e o Cordão*”?...

Muitos anos antes...

De fato, sua primeira viagem a Londres é de janeiro de 1787. Lá ele permanece até Julho, e parte logo após, em Setembro, para a Itália, na companhia do Príncipe Galitzine. Em Fevereiro de 1788, retorna a Lyon.

Suas outras viagens, tanto a Suécia quanto a Dinamarca são mais incertas. Apenas a tradição verbal de seus amigos "Íntimos" nos as confirmam. Similarmente a viagem para a Rússia é ainda mais duvidosa. É mais provável que o Príncipe Galitzine, que foi um dos discípulos do "Filósofo Desconhecido", que realiza nesse país, entre os afiliados da "Estrita Observância", a difusão da mística de Saint Martin.

Seus discípulos simplesmente constituíam um vasto grupo, com freqüência ignorando a existência uns dos outros, e que sozinho, o Mestre os unia por ensinamentos comuns; ou ao contrário, eles formavam uma vasta fraternidade mística?

Não se saberia dizer qual dessas hipóteses seria preponderante, já que a "Sociedade" foi ambas.

O Ritual que presidia a transmissão sacramental desta realíssima e incontestável "*Iniciação*" esotérica, e que permaneceu tal como sempre foi, até os nossos dias, é certamente a mais simples de todas aquelas que foram elaboradas pelos Ocultistas e Místicos desde outrora. Mas, devido a um grande número de relatos, é difícil dizer se aquelas dos *Elus Cohen* estavam presentes aqui. Sem dúvida, nada a liga nem se relaciona a Franco-Maçonaria. Algo lógico, já que a "Sociedade dos Filósofos Desconhecidos" existia bem antes que a Grande Loja de Londres fosse fundada, e que mais de quinze lustros (75 anos) as separam no Tempo... Mas, para aqueles levados a estudar os dois Rituais, o dos "Cavaleiros Elus Cohen do Universo" e o dos "Superiores Incógnitos", a "forma" exterior do rito de Saint Martin, com seu arcaísmo obsoleto e seu francês do século XVIII, encontra-se todo entrelaçado de reminiscências Cohen! Havia uma única diferença, importante apesar de tudo: a Ordem de Saint Martin abre seus *Trabalhos* "à Glória do Verbo Encarnado", enquanto que os Elus Cohen abriam os seus "à Glória do Grande Arquiteto do Universo".

Desde 1829, em uma carta que Joseph Pont, amigo e herdeiro espiritual de J. B. Willermoz endereça ao senador de Metz, J.-F. von Mayer, encontramos uma alusão à possibilidade de uma iniciação a um grau superior Elus Cohen, que Saint Martin haveria transmitido a Gilbert, seu amigo íntimo.

Além disso, o Conde de Gleichen escreveu em suas "*Recordações*" que ele tornou-se discípulo do "Filósofo Desconhecido", em uma escola secreta que Saint Martin havia aberto em Paris. (Este último foi mesmo afiliado, por Saint Martin, aos Elus Cohen em 1779).

Enfim, em algumas notas, datadas em Paris, 20 de Dezembro de 1795, que foram endereçadas por um correspondente infelizmente anônimo, ao professor de teologia Köster de Göttingue, publicadas igualmente por um periódico Alemão da época, resulta que existia efetivamente uma "Sociedade dos Íntimos de Saint Martin" ou "Sociedade de Saint Martin", intitulada mais distintamente de "Filial da Sociedade de Saint Martin de Estrasburgo". Nos nomes citados pelas ditas notas, encontram-se diversos Elus Cohen, provavelmente os raros discípulos de Martinez de Pasqually que seguiram Claude de Saint Martin, e alguns pequenos príncipes alemães.

Daremos uma Árvore Genealógica dos raros nomes que nós pudemos descobrir sobre esta "Sociedade de Saint Martin" no passado.

Permanece ainda um problema infinitamente delicado a resolver.

1 – Louis Claude de Saint-Martin tinha o direito de iniciar profanos, e tinha ele algo de oculto – no sentido "sacramental" da palavra – a transmitir?

2 - No caso afirmativo, essa iniciação pode levar o nome de iniciação ao grau de Suíperior Incógnito?

Esse título apareceu pela primeira vez em uma carta de Martinez de Pasqually de 2 de Outubro de 1765.

Nós o reencontramos sob a assinatura de J. B. Willermoz, em sua carta de 29 de Novembro de 1772, endereçado em nome da "Grande Loja dos Mestres Regulares de Lyon", publicado por M. Steel Maret. Eis o texto:

"J. B. Villermoz, antigo presidente Grão-Mestre, Guardião dos Selos e Arquivos da Grande Loja da Águia Negra, Cavaleiro Rosa+Cruz, Chefe Condutor do capítulo dos Elus Cohen, S. I. R+".

Jean Kotska, pseudônimo de Jules Doinel, relata-nos em sua obra *"Lúcifer Desmascarado"* que em 1778 os *"Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa"* portavam o título de *"Cavaleiros do Perfeito Silêncio, Silenciosos Incógnitos"*. (Notemos que Doinel é uma autoridade na questão, tão complexa, das relações da Gnose e do Martinismo).

De acordo com o Marquês François de Chefdebien de Saint-Armand, (o famoso "Franciscus Eques A Capite Galeato" Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa da obra de Benjamin Fabre...), sabemos que Martinez de Pasqually, antes de partir para Santo Domingo, designou um sucessor e cinco "Superiores Incógnitos" da Ordem dos Elus Cohen, e que foram: Bacon de La Chevalerie, Louis Claude de Saint Martin, J. B. Willermoz, de Serre, Duroy d'Hauterive e de Lusignan. Isto nos é relatado pelo Príncipe Christian de Hesse – um próprio Cavaleiro Benfeitor, e membro da "Sociedade de Saint Martin" de Estrasburgo – na sua carta ao senador de Frankfurt sobre o Reno, Metzler, *Grand-Profès* dos "Cavaleiros Benfeitores", e assim, ligado aos Elus Cohen pelo ramo de Willermoz.

Desde 1821, este gênero de iniciação, de homem para homem, era conhecido. Nós vemos, em efeito, que Varuhagen von Euse, em seu prefácio para a obra de Rahel *"Angelus Silesius e Saint Martin"* nos diz que: "Ele (Saint Martin) logo decidiu fundar uma sociedade... Mas a fundação dessa sociedade efetuou-se lentamente; ele não aceitava senão poucos membros e usava de uma enorme prudência... A nova sociedade, ao que me parece, teve seu início na forma de uma *Loja maçônica regular*. O objetivo das grandes viagens que ele fez mais tarde foi muito provavelmente o de buscar uma participação mais extensa".

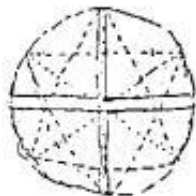
E Papus, em sua obra *"Martinez de Pasqually"*, páginas 211 e 212, conta-nos que:

"Desde essa época, até 1887, a Ordem Martinista foi transmitida por grupos de Iniciadores dispersos sobretudo na Itália e na Alemanha. A partir de 1887 um grande esforço foi tentado para uma real difusão da Ordem; e quatro anos depois (1891), os resultados conquistados permitem a criação de um *Supremo Conselho*, de 21 membros, tendo sob sua obediência várias Lojas, tanto na França quanto na Europa. Ademais, um grande número de livres iniciadores, "S.:I.:", asseguraram de uma forma definitiva a propagação da Ordem"....

Estes Livres Iniciadores foram unidos aos membros regulares de uma Loja, através da comunhão espiritual em uma mesma Doutrina, uma afiliação efetuada segundo formas idênticas (embora menos cerimonial e fora de uma Loja regularmente constituída), detentores de uma *Carta* comprobatória e de *palavras* e sinais de reconhecimento e de passe, que são escrupulosamente os mesmos dos organismos constituídos.

Portanto é um fato que os Martinistas que alegam derivar do ramo de Martinez de Pasqually (tal como a Obediência Lyonesa que tinha em seu comando Jean Bricaud) não possui outras palavras, sinais, etc... de reconhecimento senão as mesmas dos afiliados de Saint Martin!

O pantáculo, emblema da Ordem, é o mesmo. Ele representa o *Selo de Salomão* (recordando o Antigo Testamento), a *Cruz* (recordando o Novo Testamento), unidos pelo *Círculo*, (imagem da serpente enrolada, paradigma tradicional da Gnose).



O Dr. Gérard Encausse (Papus), renovador do Martinismo, promotor do Supremo Conselho de 1891, e assim do organismo conhecido sob o nome comum de *Ordem Martinista*, havia sido iniciado por Henri Delage em 1880, e assim unido à Escola de Saint Martin, não àquela dos Elus Cohen!...

Veremos mais adiante como o ramo oriundo de Martinez de Pasqually foi unido ao de Louis Claude de Saint Martin.

Mas, desde já, notemos que os "S.:I.:" segundo Saint Martin eram reconhecidos como regulares pelo Supremo Conselho. Eis, de fato, o que nos conta o "*Ritual da Ordem Martinista*", publicado pelo Supremo Conselho e por Teder (Charles Detré), em 1913, página 153, 3ª parte:

".....

Delegado Especial. – ...

Atribuições. – No mundo profano, ele organiza a propaganda regional, *ao criar Livres Iniciadores*, e se esforça em constituir grupos de estudo, na região que ele ocupa.

Página 148 do mesmo Ritual:

"... Os *membros das Lojas* pagam pelas insígnias e pelo direito de usá-las, direitos e insígnias conferidos por essa Loja, mas não há nenhum pagamento pelo *grau iniciático* que os *Membros Livres recebem como eles, gratuitamente conferido por um "S.:I.:"*. Um Membro Livre não deve portanto pagar nada".

Página 138 do mesmo Ritual:

"... Os *Livres Iniciadores*, para serem regularmente afiliados a uma Loja Regular, devem submeter-se aos exames mencionados: (estudos sobre os graus maçônicos)". Assim, não se trata de uma *afiliação maçônica*, mas de um *estudo anterior sobre o simbolismo maçônico*...

Enfim, em uma carta que se encontra em nossos arquivos e que foi endereçada por Jean Bricaud a um antigo membro do Supremo Conselho de 1891, e datada de 1923, o caráter perfeitamente regular dos martinistas provenientes do ramo de Louis Claude de Saint Martin foi reconhecido nesta frase, definitiva sobre a questão:

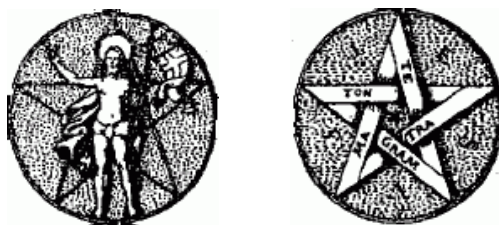
"Mas, dado que sois um "Livre Iniciador", *à maneira antiga*, vós permaneceis livre para agir do vosso modo sobre este assunto. Etc"...

À maneira antiga... Isto é o que categoricamente justifica a legitimidade dos filhos espirituais de Saint Martin, aos olhos dos puritanos do Martinismo.

Saint Martin transmitiu a seus raros discípulos, cuidadosamente selecionados por sua inteligência, sua erudição, seu alto espiritualismo, esse grau de "Superior Incógnito", que lhe havia sido passado por seu Mestre, Martinez de Pasqually, antes de falecer nos Trópicos. E ao fazê-lo, ele utilizou-se do direito multissecular que possui todo iniciado de transmitir antes de sua própria morte o precioso depósito oculto, e que é não somente um direito, mas um dever.

Se ele presumiu que seria legítimo estabelecer, em uma única cerimônia e em uma única filiação, a centelha emitida da lareira Cohen e a centelha vinda de uma Ordem ainda mais antiga, ninguém poderia reprová-lo. Pois é preciso que um homem em carne e osso se encontre na gênese de todas as Ordens Iniciáticas!

Mas os Martinistas das duas escolas se equivocariam ao questionar isto. Como o mistério do ritual órfico diz "...Filhos da Terra e do Céu estrelado"..., sua raça é divina, eles também, e eles têm o direito e o dever comuns de tirar as mesmas águas vivas da mesma fonte de Mnemosina!



Medalhão talismânico

A MÍSTICA DOS "S. I". DE LOUIS CLAUDE DE SAINT MARTIN

A escola mística fundada por Louis Claude de Saint Martin, como aquela que ele pertenceu após deixar os Elus Cohen, mesmo se ela continuou a espargir os conhecimentos gerais de Martinez de Pasqually, repudiou, contudo, suas "Operações" mágicas. Saint Martin estimava que esse gênero de práticas poderia ser perigoso para o equilíbrio mental dos adeptos, e suscetível de os encaminhar a erros em matérias religiosas. Parece-nos, portanto, útil definir essa "via interior" que ele preconiza em lugar da via teúrgica, e que não é outra que a ascese mística do ocidente cristão, conhecida no oriente sob o nome de "Bhakti Yoga", ou yoga de devoção e adoração.

Nenhum organismo pode ser para seu possuidor o canal da Verdade total. Somos quase sempre enfermos ou doentes de alguma forma, e, precisamente, uma dessas possíveis enfermidades torna-se um auxiliar para as faculdades superiores da alma. De fato, o temperamento psicopata possui a emocionalidade, que é a condição necessária da percepção moral. Ele possui a intensidade, essa tendência que é tão essencial para o vigor moral prático. Ele ainda possui o amor pela metafísica e pelo misticismo, que eleva nosso interesse para além da superfície do mundo sensível. Portanto não é de se espantar que esse temperamento aparentemente deplorável para o materialista comum, seja muito apropriado para nos introduzir às "regiões espirituais" do universo, ou nos recônditos fechados de verdades religiosas, as quais o sistema nervoso do homem ordinário, ignorante ou hostil, não chegaria a alcançar. Em efeito, se existe uma "inspiração" vinda dos reinos altíssimos, é provável que o temperamento nervoso emocional constitua o elemento capital da recepção que ela exige.

Essas observações preliminares são, ademais, úteis para todas as manifestações do Invisível, e igualmente para os fenômenos ditos de união mística, no qual a alma normalmente afirma estar em comunicação com Deus.

Em contrapartida, é bem evidente que os riscos de ilusões e de erros se multiplicam, com relação à aparente segurança que oferece o racionalismo científico. Todos os recursos da psicologia, os conhecimentos adquiridos sobre a composição humana, sobre os processos nervosos de nossas operações intelectuais, sobre as anomalias, as peculiaridades que elas podem apresentar, tudo isso é insuficiente para descartar o mais possível os julgamentos precipitados...

O homem reconheceu implicitamente a possibilidade de uma inspiração telepática de ordem extra-humana. Em seu arroubo espontâneo, o trabalho interior de um artista aparecia-lhe freqüentemente como o resultado de uma atividade externa à sua consciência pessoal.

Sem dúvida, é preciso ser extremamente seguro de seus antecedentes hereditários do ponto de vista da saúde mental, se não se quer perder a razão, em reação de uma experiência desencadeada por turbulentos diálogos com o Invisível. É dever de todo expoente desses conhecimentos especiais assinalar o perigo inerente às experiências psíquicas, e acima de tudo às operações de Magia cerimonial. Na realidade, essas operações são, de fato, períodos de contato com Forças ocultas, as quais não se aproximam sem certo perigo.

Também se deve ser sábio o bastante para entrar em contato apenas com Entidades metafísicas – interiores ou exteriores – com extrema prudência. E o perigo desses riscos estendia-se pela escola de Saint Martin, como a de Martinez de Pasqually, embora menos brutal em suas conseqüências.

Acreditamos ser necessário enfatizar esses pontos.

Antes de tudo, é preciso distinguir a prática da "via interior" do vago ou insignificante senso da Mística, e dos sentidos: pejorativos (de piedade doentia ou sentimental), dos sentidos – um pouco mais generosos – da vida mística (designando simplesmente a vida cristã interior, a vida espiritual de união com Deus pelo amor), dos sentidos restritos aos fatos místicos extraordinários com o Invisível, e, mais especialmente (ligado com as visões e revelações, tanto verbais como audíveis, que não são mais do que eventos secundários, acessórios, sem ligação direta com a união com Deus), é preciso examinar mais atentamente o sentido preciso e estreito da *contemplação*, onde a alma se sente e se reconhece unida a Deus, no Amor, e pelo Amor, mas de tal sorte que essas explosões do divino no seio da consciência mística lhe parecem tão óbvias e claras, e são incontestavelmente, geradoras de um conhecimento transcendental crescente, verdadeiramente vindo de uma revelação metafísica ainda ignorada pelo homem.

Devemos, portanto, igualmente considerar como essa experiência mística se liga à atividade dita "subconsciente", e se esta a explica parcialmente ou em sua totalidade. Esclarecemos que a palavra "subconsciente" é empregada para designar fenômenos que parecem dirigidos por uma atividade física inteligente, que escapa à consciência pessoal do sujeito, e que, emergindo por vezes nessa consciência pessoal, parece pertencer a uma personalidade estranha.

Os eventos de união mística assim claramente definidos, e às vezes intitulados de fenômenos de *contemplação perfeita*, nos quais a suspensão das reações naturais é completa, opostos aos fenômenos de *contemplação imperfeita*, nos quais o estado místico não é ainda suficientemente acentuado para absorver completamente a alma, e para expelir toda distração estranha ao objetivo principal.

A *contemplação perfeita* compreende três estados: a união simples, a união extática e a união transformante. Antes desses estados da alma, perfeitamente caracterizados, o estado místico já se manifesta na alma pela contemplação sobrenatural, e pela *oração instintiva* do místico, dita "de quietude".

A propósito, é sempre bom recordar que a inibição exterior dos sentidos acompanha o estado místico, porque no estado superior da união transformante estes eventos não se reproduzem mais, comumente, e nós provamos isso estando na presença de um indivíduo que goza (ele o afirma, pelo menos) de sua contemplação interior, enquanto que todas as suas faculdades permanecem claras e o deixam capaz de realizar suas ocupações habituais.

No desenvolvimento do estado místico, observam-se os estados seguintes.

A alma se sente pouco a pouco invadida por uma personalidade estranha, que se impõe à sua atenção e ao seu amor. É semelhante a um discípulo que vem ouvir um famoso mestre. Uma simpática pessoa prepara sua vinda e uma melhor exposição de sua doutrina! O mestre então surge, aqueles que o amam, dentre os ouvintes, o compreendem melhor, e ele mesmo se revela melhor aos seus. Pouco a pouco, o espírito do discípulo é penetrado por essa personalidade que o invade, até que ele se esquece das exigências das necessidades exteriores. Suspenso nos lábios do mestre, ele se deixa absorver pela admiração, pela veneração, pelo próprio amor, para aqueles que são sustentados ainda, pelo seu "encanto" (no sentido oculto da palavra...).

Apliquemos então estes fatos aos estados místicos do ser, tais como aparecem na consciência, e teremos uma idéia da "glória interior" gerada pelos ditos estados.

Os fatos, assim analisados, propõem três problemas aos racionalistas que os encontram.

Primeiro, o problema da origem passiva, já que eles surgem antes da consciência pessoal como um ato vital, mais recebido e sustentado, do que produzido e causado.

Em seguida, a questão do seu mecanismo psicológico, no qual se deve separar os aspectos afetivos e cognitivos, a fim de *mostrar que não é, de nenhuma forma, mórbido*, explicar seu valor e sua nobreza, e a transcendência (afirmada pelos sujeitos) *de um conhecimento sem imagens*, pura e ideal compreensão, se tomarmos suas palavras ao pé da letra.

Adicionalmente, a psicologia consente totalmente com o místico que esta força interna que o dirige não é de fato sua vontade consciente; que essa inteligência, que dirige sua vida, não é sua própria inteligência refletida. Seus estados, desde então, são em verdade a manifestação de um poder estranho a sua consciência superior, e a realização progressiva em si mesmo de um *deus interior*, que o possui, penetra-o, transforma-o, etc... Mas esse deus, não é um deus *interior*, mas o Ydam tântrico³², o "divino em si". É, ademais, de natureza e atividade psicológica. Tudo isso que *ultrapassa* a consciência comum *são forças subconscientes*, que podem agir segundo uma forma divina, no sentido religioso da palavra, quando ela une simultaneamente a *fecundidade criativa* e a *riqueza moral*, à conformidade de qualquer tradição religiosa exterior...

Ainda falta provar que esses fenômenos subconscientes agem como veículos para a ação verdadeiramente exterior de um Deus transcendente.

O fato de que os fenômenos místicos revelam o aspecto da emotividade afetiva não é em nada surpreendente. Com efeito, a vida afetiva constitui a nossa verdadeira fundação. É sobre esse terreno particularmente importante que se realizam nossos desejos, tendências, caráter, e sobre a qual edificamos nossos sentimentos e a inteligência da qual nossa vida plenamente consciente depende (que, além disso, apenas se revela a nós imperfeitamente). Da preponderância desta base afetiva, ascendente sobre todos os outros instintos, podemos concluir que a afetividade mística é

³² O Ydam é uma deidade tutelar, pessoalmente adotada pelo adepto por aconselhamento de seu mestre espiritual, para se tornar seu *guia e guardião*. O Ydam, que pode ser masculino ou feminino, pode-se referir à divindade pessoal, cuja natureza corresponde ao temperamento psicológico de cada adepto.

uma manifestação superior de um impulso vital instintivo, do qual a *rêverie* análoga é o primeiro sintoma.

Para dizer a verdade, o místico não pode fornecer ao crítico racionalista nenhuma única prova de que se trata de um Deus transcendente. Na realidade, o místico afirma este Ser presente, que ele intitula Deus, através da intuição; em uma visão, ou quem sabe por meio de uma compreensão intelectual sem imagens; através de uma forma de conhecimento que transcende toda tentativa de explicação em uma maneira humana.

E, além disso, tentar explicá-lo resulta em um impasse. O místico, traduzindo suas sensações intelectuais cognitivas, é obrigado a usar termos completamente impróprios para tentar defini-las. Disso surge a afetação, o sentimentalismo arcaico, e também os equívocos remanescentes de Freud, que se notam entre a maioria deles.

Apesar disso, faremos uma distinção para a mística relevante de uma escola esotérica, onde o apetite de conhecimento domina sobre o apetite de amor. Para o místico Cristão, é o último fator que sempre domina.

Mas se quisermos propor nossa confiança a um deles, e admitir o conhecimento místico sem exigir nenhuma demonstração (e essas demonstrações "científicas" são em geral mais ilusórias que o fato em questão...), teremos, apesar disso, alguns detalhes preciosos.

"A contemplação mística", conta-nos São João da Cruz, "é tão simples, tão espiritual, tão geral, que a inteligência a recebe sem ser envolvida em nenhuma espécie de imagem ou de representação capaz de ser recebida pelos sentidos"³³.

"Quando o Deus Altíssimo deseja visitar uma alma, esta recebe, por vezes, o favor de vê-Lo. Ela O enxerga em si mesma, sem nenhuma forma corpórea, ainda que mais claramente que um mortal vê ao outro. Os olhos da alma experimentam uma plenitude espiritual que não posso descrever, porque as palavras e a imaginação não têm nenhum poder para exprimi-la"... relata Santa Ângela de Foligno.

"A alma reconhece a Deus do fundo de si mesma, e ela O contempla mais resplandecente do que a luz material com seus olhos físicos. Nem os sentidos, nem a imaginação possuem a menor parte nessa visão. Tudo ocorre no mais alto nível espiritual".... Tal é a conclusão de outro místico, Alvarez de Paz.³⁴

"Como pode ser que a alma tenha visto e ouvido enquanto ela estava em Deus e Deus nela, dado que durante esta união ela nem vê nem ouve? Eu responderia que ela não vê *naquele momento*, mas que ela enxerga claramente mais tarde, quando ela tiver voltado a si. E ela compreende, não pela visão, mas por uma certeza que persiste, que Deus somente pode lhe dar"... assim diz Santa Teresa de Ávila.

Podemos então concluir que o estudo paciente, os conhecimentos esotéricos adquiridos, a formação psicológica primitiva, podem oferecer um significado mais concreto de *tradução* ao místico seguidor de Saint Martin? Quando que a alma retorna a si, como Santa Teresa de Ávila explicou, é a "graça" especial deste domínio metafísico, antes oculto, que a permite brilhar! E se o estado superior conquistado durante o curso de sua união com o divino é o mesmo para todos os místicos, não é menos verdadeiro que para os nossos "iluminados" pode restar um raio, uma fagulha durável, uma centelha flamejante que o permita retornar a esse estado mais facilmente no futuro.

³³ A Noite Escura da Alma.

³⁴ *Cartas*, I

Tanto um como o outro foram objetos do mesmo fenômeno interior, mas, semelhante a dois ouvintes de um mesmo concerto, no qual um deles não tem nenhuma memória auditiva, enquanto o outro a possui. E este último pode então, imperfeitamente, sem dúvida, mas em parte, relembrar o concerto tantas vezes quanto desejar...

"A alma", assim São João da Cruz relata, "por vezes se assemelha mais a Deus do que à alma".... Para Saint Martin, "O homem é um pensamento de Deus".... Expressões idênticas no fundo, e quanto à sua concordância com o mecanismo do alto-misticismo.

Com este breve estudo sobre os estados superiores da alma, e do acesso possível que esses estados reservam às inacessíveis "regiões espirituais", interditas ao homem comum, acreditamos que a escola mística de Louis Claude de Saint Martin complementou de forma maravilhosa a escola teúrgica e doutrinal pura que foi fundada por Martinez de Pasqually. Uma complementa a outra. E se pudéssemos admitir que o homem pudesse ou devesse se desassociar de seu semelhante, essas duas constituiriam a escola ideal para aquilo que é denominado Iniciação. Mas este não é o caso. O ensino tradicional é preciso: o homem é um elo de uma cadeia que engloba toda a humanidade. Ele é uma célula constituinte de um Ser total; ele deve fazer para si o mesmo que aos outros. E é por isso que a Ordem dos Elus Cohen, desde sua formação, deu à luz a uma escola filosófica, constituída pelos três graus da Maçonaria dita de São João, ou Maçonaria Azul! No espírito do Mestre, devia ser assim. Por isso que um outro discípulo acreditava-se no dever de assegurar e sua realização e continuidade. Veremos isto mais tarde.

No tocante à própria doutrina e Saint Martin, podemos deduzir isto que segue de suas numerosas cartas a correspondentes, amigos ou membros de sua "Sociedade".

A bem da verdade, ele jamais se distanciou de sua primeira formação, que a recebeu de seu Mestre Martinez de Pasqually. As manifestações teúrgicas, as quais ele atestou, foram por demais categóricas para não dominar seus próprios pensamentos analógicos e lhes colorir ao sabor de sua própria natureza. Vemos isso, por exemplo, na sua carta de 11 de Julho de 1796, mais de seis anos após sua demissão de todas as Ordens, Franco-Maçonaria, Elus Cohen, etc...

"Em nossa primeira escola (de Bordeaux) havia coisas preciosas. Eu estou mesmo inclinado a assumir que M. de Pasqually, que mencionais, - e que deve ser dito, era nosso Mestre - tinha a "Chave ativa" de tudo o que nosso caro Boehme expôs em suas teorias, mas que ele não nos imaginava em condições de lidar com essas altas verdades. Ainda havia alguns pontos que nosso amigo, ou não tinha conhecimento, ou não queria revelar, tais como a Resipicência do Ser perverso, ao qual o Primeiro homem foi encarregado de trabalhar, idéia que me parece ainda digna do Plano Universal, mas sobre a qual, entretanto, ainda não tenho nenhuma demonstração positiva, exceto pela inteligência".



A Sofia Celeste

"Quanto à Sofia e ao Rei do Mundo, ele (Martinez de Pasqually) não nos revelou nada acerca deles, e nos deixou com as noções comuns de Maria e do Demônio!... Mas não afirmarei, por isso, que ele não tinha nenhum conhecimento deles, e estou bem seguro de que chegaríamos lá, se o tivéssemos conservado por mais tempo. Mas nem mesmo começávamos a caminhar com nossas pernas quando a morte o levou de nós".

"O resultado disto é que há um precioso matrimônio a ser feito entre nossa primeira Escola e a de nosso amigo Boehme. *É para isso que eu trabalho*, e eu vos confesso abertamente que encontro os dois noivos tão bem harmonizados um com o outro que não vejo nada de mais perfeito. Assim, apanhemos tudo o que pudermos, e vos ajudarei de todo meu poder".

Nota-se que a teoria, cara a certos membros da Sociedade ou a historiadores muito precipitados, de que Saint Martin estava completamente desligado dos ensinamentos teúrgicos de Martinez de Pasqually é errôneo. Saint Martin tentou erguer essa formação a um nível claramente superior, e de sugerir, em suma, de que o Alto Misticismo é capaz de dirigir, controlar e explicar as manifestações tangíveis obtidas através da Teurgia dos Reau-Croix.

Por esse controle da Mística sobre a vulgar Teurgia, Saint Martin interessou-se enormemente, e o definiu com precisão:

"Aqueles que se deleitam no estado decaído em que a alma se encontra", ele diz, "e que não conhecem a senda da Esfera Superior – à qual nós pertencemos por um direito primordial – aceitam o império das Inteligências astrais, e se colocam em contato com elas. Este é verdadeiramente o grande erro dos que praticam Magia, Teurgia, Necromancia e o Magnetismo artificial. Nem tudo é errôneo nessas práticas, mas é preciso estar precavido, pois tudo se passa em uma 'região' onde o Bem e o Mal se encontram confundidos e mesclados".

Todavia, nosso Místico não tem intenção de dar à Teurgia um papel preponderante, e ainda bem menos à *teurgia pagã* que ele condenou em sua carta precedente, limitando-se às manifestações divinas, por puro interesse material. E em uma outra carta, datada de 1797, ele se expressa novamente, articulando melhor seus pensamentos:

"Esses tipos de claridades (provenientes da prática dos ritos da alta Teurgia) devem pertencer a aqueles que são chamados diretamente a fazer uso deles por ordem de Deus e para a manifestação de sua glória. E quando são chamados dessa forma, não precisamos nos inquietar com seus ensinamentos, porque eles receberão, com plena clareza, mil vezes mais noções, e noções mil vezes mais seguras, do que um simples amador como eu lhes poderia fornecer de todos esses princípios".

"Querer falar aos outros, e principalmente ao Público, seria meramente querer estimular uma vã curiosidade, e trabalhar mais para a glória do escritor do que para o bem do leitor. Assim, se houve alguns equívocos dessa espécie nos meus escritos anteriores, não deverei repeti-los se persistir caminhando sobre a mesma senda. Por isso, meus escritos vindouros tratarão muito dessa 'iniciação central' que, por *união* com Deus, pode nos ensinar tudo o que deveríamos saber, e muito pouco da anatomia descritiva desses pontos delicados sobre os quais desejaríeis que desse minha opinião".

"Sobre o meio da mais rápida união com de nossa vontade com Deus, direi-vos que essa união é uma obra que não pode ser realizada senão por uma firme e constante resolução daqueles que a desejam; que não há nenhuma outra via a não ser a ação perseverante de uma vontade pura, nutrida pelas obras e a prática de todas as virtudes, expandida pela oração, de modo que a divina graça possa vir nos auxiliar em nossas fraquezas e nos acompanhar até o tempo de nossa Regeneração".

"Sobre este ponto, vedes que se eu pudesse dizê-lo publicamente, certamente não receberia mais crédito do que o pouco que recebe a palavra divina!"....

"Sobre a união do Modelo com a Cópia, diria-vos que, nas Operações espirituais de toda espécie, esse efeito deve vos parecer natural e possível, já que as Imagens, possuindo relações com seus Modelos, sempre deverão tender a se aproximar deles. É por essa Via que caminham todas as Operações teúrgicas, nas quais se empregam os Nomes dos espíritos, suas Sinaturas, seus Caracteres, todas as coisas que podem ser dadas por eles e que podem se relacionar com eles, etc"....

(Pode-se ver nisso que Saint Martin nitidamente não condena a Teurgia em geral, o que seria contrário às suas próprias crenças, mas que ele apenas condena aquela que é confundida normalmente com a Magia ordinária, batizada sob a forma de 'Alta Magia!...').

"Quanto à vossa questão sobre o aspecto da Luz, ou Chama elementar, e como obter as virtudes que lhe servem de Modelo, deveis notar que tudo isso é absolutamente teúrgico, principalmente da teurgia que emprega a Natureza elementar, e, como tal, eu a vejo inútil e estranha à nossa verdadeira Teurgia, onde a única chama necessária é a do nosso verdadeiro desejo, nenhuma outra luz, senão a da nossa pureza".

"Por outro lado, isso não impede de extrair os mais profundos conhecimentos de Boehme sobre o Fogo e suas correspondências! Ali encontrareis o suficiente para compensar vossas especulações"....

Neste sentido, Saint Martin é um *Cabalista*. Certamente não à maneira de muitos cabalistas, que se contentam em ler e reler vários livros. Ele vai mais longe que eles. Ele se alia ao ascetismo material (regime alimentar, etc...) ao ascetismo intelectual (escolha das leituras, natureza das meditações), e toda essa preparação o coloca no centro de uma pureza suficiente para que, um dia, o *Espírito* (que sopra onde quer, diz o Evangelho) não recuse visitá-lo. E a única parte ativa (sua teurgia) que ele traz a todos, é o Conhecimento, que lhe dá o conhecimento das "orações", dos "nomes divinos" (os quais ele estudou enormemente) para facilitar ou acelerar essa *Graça*, visitante dos Sábios, a *Shekinah* divina, a *Sofia* gnóstica.

Sobre esse rápido inventário de seu arsenal místico, os profanos sempre passaram rapidamente. E mais! Saint Martin não inovou nada... Se lermos atentamente os Cabalistas hebreus ou cristãos, constataremos que as meditações espirituais sobre os elementos (tais como o "Schema" cabalístico, as Sefiroth, etc...) são invariavelmente acompanhadas por corolários com conexão com os regimes e modos de vida, o ambiente do Cabalista, o tempo próprio às Orações divinas, e o conhecimento tradicional e sagrado dos Nomes divinos, das "Palavras de Poder", pelos quais o homem se recorda de ter sido, *em um outro mundo, o reflexo do Verbo Divino*.

A "VIA INTERIOR" DE LOUIS CLAUDE DE SAINT MARTIN

O "senso do divino" se exprime principalmente pela emotividade religiosa e por meio dos ritos, cerimônias e sacrifícios dos quais se emanam. Sua expressão mais elevada se revela na Prece. "Os santos homens de Deus", informa-nos a tradição cabalística, "quando desejam trilhar os Trinta e Dois Caminhos da Sabedoria, começam meditando sobre os seus versos sagrados, e se preparam primeiramente por meio das santas orações". Mas a Prece, como o "senso do divino", que ela expressa, é evidentemente um fenômeno espiritual; e como Dr. Carnel judiciosamente observa, o Mundo Espiritual permanece fora do alcance de nossas técnicas experimentais modernas. Como poderemos, portanto, adquirir um conhecimento concreto da Oração? O domínio científico felizmente compreende a totalidade do que é observável. E esse domínio pode, por intermédio da Psicologia, estender-se até as manifestações do espiritual. Assim, é através de uma sistemática observação do homem em oração que podemos compreender em que consiste o fenômeno da Prece, a técnica de sua produção e seus efeitos.³⁵

³⁵ A. Carrel: A Prece (*La Prière*).

Com efeito, a Prece representa o esforço do homem para se *comunicar* com toda entidade, incorporada ou metafísica: ancestrais, guias, santos, arquétipos, deuses, etc... ou com a Causa Primeira, vértice superior da pirâmide precedente. Longe de consistir em uma vã e monótona recitação de fórmulas, a verdadeira Oração representa para o homem um "estado místico", um estado no qual sua consciência caminha junto ao Absoluto. Esse estado nada tem de natureza intelectual. Também, ele permanece inacessível, e incompreensível, ao filósofo e ao erudito.

Para orar, é preciso esforçar-se em se voltar para a Divindade. "Lembra-te de Deus mais vezes do que respiras"... aconselha-nos Epíteto. E mesmo invocações mentais muito curtas podem manter o homem na "presença" de Deus.

Existe um outro aspecto da Prece, o seu papel "construtivo", atuando nas "regiões espirituais" onde habitam o desconhecido ou o inexplorado. "*Ora et Labora*", diz uma antiga divisa hermética, "Ora e Trabalha". E o adágio popular acrescenta: "Trabalhar é orar". Concluimos que é possível também, nessa mesma ordem de idéias, que orar é trabalhar. Tudo depende do entendimento desta última palavra. Talvez o homem que ora construa, em um outro mundo, essa "forma gloriosa", esse "corpo de luz", do qual falam os Maniqueus, e que essa é a *sua própria* "Jerusalém Celeste", sua "Cidade Divina", seu "Templo Interior"...

De tudo isto, pode-se admitir que o homem que não ora não está tecendo sua própria imortalidade, e que ele está se privando de um precioso tesouro. Neste caso, cada um de nós achará, no "pós-morte", aquilo que, em sua vida terrestre, esperou lá encontrar. O ateu será absorvido no Nada, e o crente em um outra Vida.³⁶

Psicologicamente, o "senso do divino" parece ser um impulso vindo do mais profundo de nossa natureza, uma atividade fundamental, e que se constata tão bem nos seres humanos primitivos quanto nos civilizados. Suas variedades estão ligadas a diversas outras atividades fundamentais; notadamente o senso moral, estético, e vontade pessoal. O inverso é verdadeiro também. E, como Dr. Carnel observou, a história nos mostra que a perda da moralidade e do sentido do sagrado, na maioria dos elementos que formam uma nação, levou-a à sua decadência e a sua rápida escravidão pelos povos vizinhos, os quais preservaram o que ela, por sua própria falta, perdeu. A Grécia, Roma, etc... são exemplos ilustrativos.

Por outro lado, o homem é um composto de tecidos e líquidos orgânicos, penetrados por um elemento imponderável, denominada Consciência. E o corpo vivente, união dos tecidos e líquidos orgânicos, tem a sua própria existência, ligada por uma correspondência exata com o Universo causal. Não poderíamos, assim, supor que a Consciência, se ela reside nos órgãos materiais, prolonga-se ao mesmo tempo para fora do continuum físico? Não seria possível acreditar que estamos imersos em um "Universo Espiritual" (e pelo fato de nossa Consciência), sem o qual não podemos viver, como nosso corpo de carne não pode viver sem o Universo Material, do qual ele retira os elementos para sua conservação: oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, carbono, para realizar suas funções nutritivas e respiratórias?

Neste "Universo Espiritual", onde nossa Consciência pode extrair princípios similares para sua própria conservação e "saúde" moral, é proibido ver o **Ser Imanente**, a Causa Primeira, que as religiões ordinárias denominam "Deus"? Certamente. Então a Oração pode, em consequência, ser considerada como instrumento de uma conexão natural entre nossa Consciência e seu *próprio ambiente*, do mesmo modo que a respiração e a nutrição para o corpo físico.

Disto podemos ver que não é mais desonroso, como Nietzsche disse orar do que respirar, meditar do que comer e beber. Orar é equivalente a uma atividade biológica, dependente de nossa disposição, e

³⁶ O que não significa, necessariamente, que a segunda alternativa seja melhor que a primeira.

é uma *função natural e normal de nosso espírito*. Negligenciá-la seria o mesmo que atrofiar nosso próprio "princípio", nossa alma, em uma palavra.

Novamente é importante fazer uma distinção! A recitação de fórmulas sem sentido, repetidas sem que o espírito esteja verdadeiramente presente, onde os lábios sequer têm um envolvimento presente, não é uma oração! Lembre-se que o homem interior, que Louis Claude de Saint Martin chama de "homem de Desejo", deve estar atento, e dinamizar, trazer para a vida o que esses lábios e cérebro expressam conjuntamente.

Unido à intuição, ao senso moral, ao senso estético, à inteligência, o "senso do divino" oferece à pessoa humana seu pleno florescimento. Não há dúvida de que o sucesso na vida requiere o desenvolvimento máximo – e integral – de cada uma de nossas atividades psicológicas, intelectuais, afetivas e espirituais. O Espírito é tanto Razão como Sentimento, e precisamos amar a Beleza e o Conhecimento tanto quanto a Beleza Moral, seja da Forma como da Ação. Portanto, Platão tem razão quando nos declara que para merecer o nome de "homem", é preciso "ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro".

Para Saint Martin, se o "Verbo" do Absoluto se concretiza necessariamente em uma nova "hipóstase", penetrando o mundo causal, então por sua vez é possível que o "verbo" do homem crie, para ele, uma possibilidade de acesso ao "Universo Espiritual", quando ele for convenientemente *amado e orientado* pela sua Consciência Superior.



Medalhão talismânico

V - A ESCOLA FILOSÓFICA: JEAN-BAPTISTE WILLERMOZ

JEAN-BAPTISTE WILLERMOZ E OS "CAVALEIROS BENFEITORES DA CIDADE SANTA"

Jean-Baptiste Willermoz, filho de Claude-Catherin Willermoz, comerciante de miudezas, nativo de Franche-Comté, nasceu em Lyon, em 10 de Julho de 1730.³⁷

Aos quinze anos, Jean-Baptiste começa a trabalhar como aprendiz em um empreendimento na indústria de seda. A partir de 1754, aos vinte e quatro anos de idade, nós o encontramos estabelecido em Lyon, por conta própria. Ele não possui, portanto, mais do que uma instrução rudimentar, tendo deixado o colégio da Trindade à idade de 12 anos. Para auxiliar seu pai em seus negócios. Vindo de uma família bastante católica, igual a Saint Martin, por toda sua vida ele terá um traço religioso fortemente impresso.

A partir de 1750 (nesta época ele já contava com 20 anos), o encontraremos ligado à loja maçônica Lyonesa (os documentos históricos não nos permitiram descobrir o nome desta loja). Este fato não é espantoso, visto o período em que estamos. No século XVIII, as Lojas Maçônicas eram freqüentadas por um público composto de pessoas muito honradas, e quer sejam protestantes ou católicos, eram fiéis sinceros; se esses são o que na época eram chamados de "deístas", eles eram também pessoas religiosas. Mas seu misticismo era espalhado no domínio das Ciências Ocultas: Hermetismo, Alquimia, Cabala, etc...

³⁷Seu nome se escrevia originalmente "Vuillermoz".

Em 1752, encontramos Willermoz "Venerável Mestre" de sua loja, quando o predecessor deste jovem maçom havia deixado Lyon. Entediado pela "atmosfera" um pouco banal desta Loja – ainda desconhecida –, ele funda no ano seguinte (1753) uma outra obediência maçônica que leva o nome de "A Perfeita Amizade". Ele foi eleito Venerável Mestre no dia de São João, 24 de Junho de 1753. A Loja rapidamente floresceu. Dez anos mais tarde, cerca de cinquenta manufatureiros de seda e burgueses freqüentam a Loja. Em 1756, esta Loja foi ligada a uma Loja-Mãe: a Grande Loja da França, e a patente de regularização para a Loja "Perfeita Amizade", datada de 21 de Novembro de 1756, é o mais antigo documento histórico da maçonaria de Lyon da Grande Loja da França.

Em 1760, no dia 4 de Maio, os três Veneráveis Mestres das Lojas: A Amizade (20 membros), A Perfeita Amizade (30 membros) e Os Verdadeiros Amigos (12 membros) decidiram, de acordo com a Grande Loja da França, criar uma Loja-Mãe provincial, encarregada de velar pela boa marcha das Lojas da região. J. B. Willermoz, Jacques Grandon, Jean Paganucci, os três Veneráveis Mestres em questão, fundaram então a "Grande-Loja dos Mestres-Reguladores de Lyon". Esta Loja rapidamente floresceu. Descobrimos que em 24 de Junho de 1760, dia de São João, instalada na Rua São João, possuía mais de 50 membros. O número de lojas maçônicas meridionais afiliadas e controladas por esse órgão central não cessa de aumentar.

De 1762 a 1763, Willermoz foi seu Grande Mestre. Posteriormente ele se tornou o Guardião dos Selos e seu Arquivista. Mas para ser um organizador de valor, ele era bem mais um místico amante dos conhecimentos esotéricos do que a história registrou. É assim que o vemos 12 anos mais tarde, em 1772, afirmar em sua carta ao Barão Hund: "Desde minha primeira admissão na Ordem (Maçônica), sempre fui persuadido de que ela continha um ideal possível e capaz de satisfazer o homem honesto. Seguindo essa idéia, trabalhei sem cessar para descobri-lo. Um estudo seguido por mais de 20 anos, uma correspondência particularmente forte entendida com Irmãos mais instruídos, na França e no exterior, referente ao depósito dos Arquivos da Ordem em Lyon, confiados aos meus cuidados há 10 anos, deram-me os meios. Graças a eles, *encontrei um número de sistemas, cada um mais importante do que o outro*. Etc"....

Ademais, a Alemanha com seus cenários místicos sempre teriam um interesse marcante em J. B. Willermoz. Assim em 1762 o vemos em contato com o Venerável Mestre da Loja "A Virtude" em Metz, por intermédio de Meunier de Précourt. Foi este maçom que informou Willermoz de que o Templo, aparentemente destruído pela monarquia francesa e o papado, havia sobrevivido, e que os Cavaleiros Teutônicos adquiriram sua herança exotérica, enquanto que os Rosa+Cruzes fizeram o mesmo com sua herança esotérica. Isto foi, historicamente falando, fortemente sujeito a verificação. Não deveria de surpreender este engajamento do católico praticante que foi Willermoz pelas ciências ocultas. Seu irmão, o Doutor Pierre-Jacques Willermoz, um devoto da alquimia desde os 19 anos, era aluno e amigo de Dom Pernetty, o beneditino que está na origem dos "Iluminados de Avignon". É por isso que, em 1763, Jean-Baptiste Willermoz fundou o "Soberano Capítulo dos Cavaleiros da Águia-Negra, Rosa+Cruz". Neste cenário esotérico, não será o estudo do Hermetismo, Alquimia ou Maçonaria a questão preponderante da ritualística exterior.

Na verdade, o cristianismo foi sempre a idéia condutora de Willermoz. Mas seu catolicismo seria considerado herético em um número de pontos. Se ele adora o Cristo-Deus, foi tanto como o Redentor da Humanidade decaída quanto o Iniciado por excelência; o "Verbo Glorioso" que ele evocará provavelmente, mais tarde, no seio dos areópagos Elus Cohen, aquele que a antiguidade pagã denominaria sem dúvida "Mestre dos Prodígios", se Apolônio de Tiana não tivesse se dissuadido disso...

Entretanto, não nos enganemos. J. B. Willermoz não foi certamente um crédulo ou um místico ingênuo, como certos biógrafos nos fariam crer! Ele era repleto de bom senso, tanto comercial como Lyonês! Por isso que, ao condenar o esplendor ritualístico dos Altos Graus, ele disse em 22 de Maio de 1767: "Eu estou muito pouco preocupado com decorações, palavras grandiosas, grandes

esplendores, com figuras singulares que distraem, com todas essas coisas que são conhecidas até o presente, e que tem um objetivo, sempre perguntar: *cui bono!*”...

Então chega a decisiva viagem a Paris em Maio de 1767. Ali ele se encontra com Bacon de La Chevalerie, representante da Ordem dos Elus Cohen, que lhe fala, em meias palavras, da doutrina e de seu perpretador, Don Jaime Martinez de Pasqually... Ele não adentra à Ordem de olhos fechados, e sua carta a seu Irmão de 22 de Maio do mesmo ano, repleta de um ceticismo experimental, o demonstra. Ele uniu-se aos Elus Cohen com um sorriso de dúvida nos lábios, com a indiferença de um homem experiente! Ele é *recebido* pelo próprio Martinez de Pasqually, e a cerimônia se passa em Versalhes. Agora, podemos acreditar que esta ordenação lhe causou uma forte impressão, já que ele permaneceu fiel *por toda sua vida*, até sua morte, a esta "revelação"!

Além disso, é deste contato entre Martinez de Pasqually e Willermoz que podemos começar a penetrar na origem da fonte dos ensinamentos daquele que será, para todos os Caveleiros Elus Cohen, "O Mestre". Com efeito, em uma carta endereçada a Willermoz, em 11 de Julho de 1770, Dom Martines de Pasqually nos fala de seus mestres, "dos quais ele é apenas o intérprete".... Das tradições puramente verbais, providas do século XVIII até nossos dias pelos canais dos seus filhos espirituais, pudemos constatar que a teurgia mística pertencia ao 3º grau em uma Ordem, oriundo da "Rosa+Cruz", e que compreendia nove no total.

Para dizer a verdade, ninguém poderia reprovar Willermoz pela repentina febre mística que ele manifestou. Antes de tudo, ele desejou ardentemente encontrar os arcanos supremos dissimulados sob o Simbolismo da Franco-Maçonaria. Mesmo não sendo favorecido como seus Irmãos em matéria de aparições, de "passes", ele logo duvidou de si mesmo e se tornou desencorajado. Primeiro, Louis Claude de Saint Martin, então os Mestres de Grainville e Champoléon, todos oficiais do Regimento de Foix, consolaram-no com histórias de suas experiências. Sendo mais predestinados que ele em termos de realizações mágicas, eles possuíam aquela *certeza* na realidade do Além, dos Seres estranhos que lá surgiam em freqüentes reuniões. E esta é a carta deles de 30 de Setembro de 1770:

"Como vedes, acreditamos firmemente na Ordem, e apesar de tudo que poderíamos reprovar igualmente em Don Martinez. Isto é porque não foi Don Martinez pessoalmente que nos persuadiu da existência da "Coisa", mas foi a "Coisa" mesma que nos ligou a ela, pela evidência, pela convicção e pela certeza que temos dela... Nós só podemos vos desejar a mesma felicidade que desfrutamos".

A fé dos discípulos de Martinez de Pasqually reteve, portanto Willermoz no seio da Ordem, apesar de seus fracassos na magia. Cavalheiros tão cultos quanto Bacon de la Chevalerie, o Marquês de Lusignan, o Cavalheiro de Grainville, o Marquês Louis Claude de Saint Martin, com sua suave e luminosa inteligência, reasguraram-no da realidade dessas "regiões espirituais" nas quais os Ritos Teúrgicos que lhes ensinou Don Martinez de Pasqually permitiram-os penetrar. Mais ainda, todos estavam *vivenciando* essa técnica especial – meio mágica e meio mística, e eles tiveram provas cintilantes de sua eficácia. E devido a esses testemunhos, J. B. Willermoz permaneceu...

Notemos que mais adiante, quando Willermoz torna-se o persistente e fiel seguidor da doutrina dos Elus Cohen, isto prova que ele estava, por sua parte, convencido de sua realidade oculta, e isto através da ação da "Coisa" mesma, a Palavra misteriosa... Evocando por sua vez outras usadas pelos adeptos da Ordem, e que designavam a mesma "Presença Oculta", que visitava os Reau+Croix, inspirando-os, guiando-os *telepaticamente* frente à batalha espiritual que deverá se realizar, não somente contra os Arcontes rebeldes do Além, mas contra o materialismo sempre crescente de seus contemporâneos. Assim, a presença enigmática que Saint Martin denomina "O Filósofo Incógnito", aquela que Willermoz chama de "O Agente", todos esses nomes designam, ainda, e sempre, a própria "Coisa"!...

No fim de 1770, Louis Claude de Saint Martin deixa o exército para se dedicar completamente à senda mística. Ele se torna então secretário de Martinez de Pasqually e, para J. B. Willermoz, tudo se tornará dessa maneira infinitamente mais claro. Doutrina, comentários, ritos teúrgicos, serão esclarecidos por Saint Martin durante o curso de uma correspondência regular entre esses dois adeptos.

Em 1772, Willermoz soube, por uma carta da loja "O Candor" de Estrasburgo – carta de 5 de Novembro de 1772 – da existência de uma Obediência Alemã, tão rica no número de suas lojas quanto pela qualidade de seus afiliados. Era a "Estrita Observância Templária", supostamente fundada pelos "Superiores Incógnitos", no dizer de seu Grão Mestre, o Barão Hund. A bem dizer, se este último tivesse sabido da existência real da Ordem dessa maneira, ele jamais teria tido contato com algum de seus enviados! E os nomes que ele proporia mais tarde para justificar as origens da "Estrita Observância" resultarão desconhecidos aos já mencionados "Superiores Incógnitos". Não importa. Ignorando esses fatos, Willermoz está convencido; a ordem, a importância, a disciplina interior, tudo fala a favor dessa nova Maçonaria. Por uma carta de 14 de Dezembro do mesmo ano, ele pede sua afiliação à "E.O.T".. O Barão Weiler (e não o próprio Grão Mestre) que lhe responde (carta de 18 de Março de 1773).

Mas nosso Lyonês, prudente e informado, não se atirou de cabeça nesse novo empreendimento!

Na carta de 23 de Julho de 1773 ele coloca suas condições, especificando que seus Irmãos, os Maçons Lyoneses, não aceitariam nada que fosse contrário às leis de "sua Religião, nem aos seus deveres de cidadãos e de pessoas fiéis ao Rei da França". Enfim, eles não pretendem fazer pagamentos financeiros em benefício da Loja-Mãe da Alemanha, nem ter a livre disposição de suas finanças contestada. Assim, se eles aceitarem os dignitários alemães como seus superiores, seria apenas em termos dos altos graus da "Estrita Observância"; para os graus maçônicos correntes ("simbólicos"), eles pretendem manter o Duque de Chartres, igual a todos os franceses, como Grão-Mestre e Superior.

Durante esse tempo, a "Estrita Observância Templária" tornou-se (em 24 de Junho de 1772, dia de São João) "As Lojas Escocesas Reunidas", e o Barão Hund substituído pelo Duque Ferdinando de Brunswick como Grão Mestre. No mesmo ano, em Setembro, Saint Martin vem residir na casa de Willermoz.

Durante três anos, os dois amigos mantiveram uma correspondência extremamente freqüente. Sua amizade irá se intensificar cada vez mais durante o curso da estadia de um ano que Saint Martin fará na residência de Willermoz. Será ali que o livro – assinado por Saint Martin, sob o pseudônimo de "Filosofo Desconhecido" – intitulado "Dos Erros e da Verdade", verá a luz do dia. Se é, sobretudo uma obra de Saint Martin, é incontestável que Willermoz colaborou, como um crítico inteligente, durante a realização da obra. Foi o livreiro Périsset, ele mesmo um "Elu Cohen", que assegura a sua edição. Paralelamente nossos dois iniciados decidem operar juntos as cerimônias dos Ritos. Mas (como ocorre com freqüência), as Operações teúrgicas efetuadas em conjunto não dão os resultados esperados. Saint Martin, que era habitualmente mais favorecido do que Willermoz, apenas alcançou "uma rejeição muito marcante na ordem espiritual". Indubitavelmente, Martinez não os ensinou a necessidade da unidade, do ternário ou do quinário para a prática da Alta Magia! O binário é, tradicionalmente, absolutamente desaconselhado; os operadores devem ser sempre em número ímpar (*Numerus impare gaudet Deus*³⁸).

Seja como for, pouco a pouco os resultados, embora medíocres ainda, fizeram nascer em Willermoz aquela certeza (que irá crescer com os meses) de que a Doutrina de Martinez de Pasqually é o reflexo de uma *verdade metafísica*. E Willermoz irá se tornar um Reau+Croix zeloso.

³⁸ *Deus gosta dos números ímpares*. Referência de Virgílio às propriedades místicas atribuídas aos números ímpares.

Contudo, ele não perdeu de vista a Franco-Maçonaria ordinária. Menos bem dotado que os outros para a iluminação interior, para a meditação, e mais hábil para julgar *fatos* que as *idéias* , ele se convenceu igualmente que essa Doutrina esotérica – justamente pelo fato de ela ser uma *verdade* , metafísica e religiosa – deve ser refletida pela própria Franco-Maçonaria do mesmo modo que todos os cultos e escolas iniciáticas, que não são mais do que reflexos, deformados, modificados pelas épocas ou pelo clima. E seu temperamento ativo, organizador, seu amor pela perfeição, pela ordem, pelas minúcias, levaram-no a buscar na Maçonaria aquilo que lhe havia sido ensinado: uma *adaptação* dos ensinamentos secretos de seu Mestre Pasqually.

Esta é a razão pela qual ele não hesita em suas intenções referentes à "Estrita Observância", e entre 11 e 13 de Agosto, o Barão Weiler, vindo especialmente da Alemanha a Lyon, funda a Obediência Lyonesa da "S.O.T.", ordena e institui os novos membros que Willermoz selecionou entre os maçons regulares, então parte em 7 de Novembro do mesmo ano, deixando a Loja Escocesa Retificada "A Beneficência" voar com suas próprias asas! É, sobretudo por causa da Estrita Observância que Willermoz em pessoa combateu (pela primeira vez e também momentaneamente ...) com seu amigo Saint Martin...

De fato Willermoz tinha um outro projeto, secreto, em mente. De antemão, as Potencias invisíveis (que têm guiado os Iniciados de todos os tempos, acreditem ou não...) perceberam o fim exterior da Ordem dos "Cavaleiros Elus Cohen do Universo", e uma nova rota para a doutrina foi escolhida. Em sua carta de 12 de Outubro de 1781, Willermoz exprime esse plano que a "Coisa" lhe sussurrou, sem o qual ele duvidaria de si próprio, talvez! E para o Landgrave de Hesse, ele revelou suas intenções como segue: "Eu ousaria formular o projeto para ela (a "Estrita Observância Templária") e ao menos em minha pátria, a um de seus guias, de fazer uso das "luzes" que recebi alhures (na ordem dos Elus Cohen)"....

De fato, seus biógrafos notaram que os anos em que ele propagou o rito maçônico alemão da "Estrita Observância" são aqueles em que ele executa o mais fielmente seus rituais de Reau+Croix. Todas as Operações prescritas, tanto aquelas dos "três dias" (para a Lua Crescente), quanto as diárias (invocações), ou as Grandes Conjurações Equinociais, viram-no (como todos os seus Irmãos), no centro dos Círculos mágicos e dos círios simbólicos, com o Ritual em mãos! E foi ali que ele reconheceu que ele finalmente compreendeu o esoterismo da Doutrina do Mestre, sua real importância, material e espiritual, efetiva ou oculta. Com o conselho de Saint Martin – como ele mesmo admite – e por toda matéria espiritual de importância, seja pela "Via Interior", seja pelo auxílio dos "passes", a entidade da Ordem, o misterioso "Filósofo Desconhecido", Willermoz retira de suas Operações, mais do que provas, ele conquista *ensinamentos e conselhos* ...

E é indiscutivelmente na fumaça do incenso que ele queima em honra dos Espíritos Planetários que nós devemos procurar a origem dos projetos e intenções de sua atividade maçônica!...

Sem dúvida, os escritores antimaçônicos e católicos ultramilitantes, que nos asseguram que a Franco-Maçonaria toma suas instruções e palavras de ordem do *outro lado do Véu* , exageram!

A natureza das preocupações modernas – essencialmente racionais – da dita Maçonaria, faria encolher os ombros em face de tais hipóteses. Mas antigamente, em muitas áreas, não se discute que alguma "presença Invisível" *ofuscou* as inovações na Franco-Maçonaria. E talvez devido a esta ruptura entre as "regiões espirituais" e nosso mundo que nós devemos a desespiritualização de certas Obediências maçônicas modernas.

Em dezembro de 1777 chega em Lyon aquele que foi o iniciador de Louis Claude de Saint Martin e de Goethe na "Sociedade dos Superiores Incógnitos": Rodolphe de Saltzman, "Mestre dos Noviços do Diretório de Estrasburgo". Ele prestou-se exatamente para os planos de Willermoz!

Proveniente de uma família protestante da Alsácia era um homem extremamente religioso, tendo cumprido diversos estudos teológicos na Universidade de Goettingue. Como a Willermoz, a natureza puramente maçônica da "Estrita Observância" o decepcionou rapidamente.

Não deveríamos, portanto nos espantar se o encontrarmos com rapidez como um Elu Cohen, sob a direção de J. B. Willermoz. E pode-se afirmar que historicamente, foi Saltzman que introduziu a doutrina dos Elus Cohen na Alemanha!

A "Estrita Observância" possuía dez graus

Aprendiz	Escocês Vermelho	Escocês Verde
Companheiro	Cavaleiro da Águia	Noviço (ou <i>socius</i>)
Mestre	Cavaleiro Rosa+Cruz	Escudeiro
		Cavaleiro

Os três últimos graus sozinhos relembavam vagamente o parentesco templário que todas as Ordens maçônicas buscavam romanticamente. Adicionamos que, reconhecendo a estupidez dessa suposta filiação direta, os Franco-Maçons franceses do século XVIII em geral não a tomavam com seriedade. Não seria por consideração com a Monarquia nacional que outrora havia destruído a Ordem!

Willermoz terminou, em colaboração com Saltzman, adicionando uma "classe superior" às duas "classes simbólicas" da "Estrita Observância", indo de Aprendiz a Cavaleiro Rosa+cruz. Esta "classe superior" levava o nome de "Professo", e seus dois graus constituíam aqueles de "Cavaleiro-Professo". Era essa "classe" que deveria transmitir a *doutrina* dos Elus Cohen e substituir as dos Reau+Croix. Não se questionava, pelo menos no momento, os *ritos de Teurgia*, cuja continuidade era reservada aos Elus Cohen primordiais e à sua filiação direta.

Foi na "*Convenção dos Gauleses*" que teve lugar em Lyon, de 25 de Novembro a 10 de Dezembro de 1778, que essa reforma foi operada e que a "Estrita Observância Templária", Província de Auvergne (sob a Obediência Francesa) se tornaria os "Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa" do atual *Rito Escocês Retificado*. Reconheceu-se ali três festas da Ordem: a de Santo Hilário, de São João Batista e a do Dia dos Mortos, para celebração dos Irmãos desaparecidos e dos "Mestres do Passado".

Maçonaria Simbólica:

- Aprendiz;
- Companheiro;
- Mestre;
- Mestre escocês.

Classe Superior ou "Profissão":

- Cavaleiro Professo;
- Cavaleiro Grande Professo.

Concordou-se com a definição exotérica da nova Ordem: a "*Beneficência*" sob todas as suas formas (ajuda material, pecuniária, às fundações e às obras sociais, hospitais, indigentes, feridos, etc...).

Sua definição esotérica foi da mesma natureza. A Beneficência, sempre! Mas a ajuda trazida à Humanidade sofredora era aquela que os Elus Cohen ofereciam com sua Teurgia e sua Mística. O Templo destruído que eles trabalharam para reconstruir não era mais o de Salomão, mas aquele da Jerusalém puramente celeste, aquela que verdadeiramente justifica seu significado hebraico: "Visão-de-Beatitude". *Modernos Templários era para uma Cidade ou para uma Tumba que não era deste mundo que eles montaram guarda desinteressadamente!* Os Infiéis mesmos haviam modificado o "plano", e o Deserto hostil se transformou nessas misteriosas "regiões espirituais" onde a frágil razão humana se afoga e muitas vezes se confunde.

Willermoz, tendo obtido sucesso na inclusão da filiação espiritual e doutrinal de Martinez de Pasqually no Rito Escocês Retificado, tentou fazer o mesmo para o restante das Obediências que dependiam dele.

Ele participou da Grande Convenção de Wilhemsbad, que se iniciou em 14 de Julho de 1782. Alguns quiseram ver nesta data uma premonição do 14 de Julho de 1789! A verdade é mais simples. Foi escolhida por causa que se situava em uma "época" lunar (Lua Nova) imediatamente após o Solstício de Verão, de São João Batista, que é definida liturgicamente.

Willermoz imediatamente conseguiu um valioso apoio de dois dos mais poderosos Irmãos da ordem: Os príncipes Ferdinando de Brunswick e Charles de Hesse. Mas os iluminados franceses encontraram também entre eles adversários tão potentes quanto. Os "*Iluminados da Baviera*" e seu chefe oculto, o famoso Weishaupt. Estes últimos escandalizaram os franceses com suas doutrinas políticas e seu anticlericalismo exagerado, partidários de uma reforma social universal, mas com uma face necessariamente espiritual. Mais ainda, eles foram golpeados em seus sentimentos de cristãos sinceros e de fiéis sujeitos ao Rei da França. A luta foi dura e amarga. Aos "*Iluminados da Baviera*" uniu-se a hostilidade do Marquês François de Chefdebien de Saint-Arnaud, representando os "Filaletos" e de Savalette de Lange.

Da Convenção de Wilhemsbad, o Marquês de Virieu, (um Elu Cohen) tirou a impressão de uma "repugnância assustadora que lhe haviam causado as intrigas, a conspiração dessa seita, que pretendia criticar a religião e satirizar os governos". Portanto Willermoz e seus amigos triunfaram. Tendo sido permitido apresentar na Convenção seus projetos de reforma e seus novos rituais, ele teve o nome "Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa" aceito por todos os Irmãos da Ordem Interna, como era praticado na França, em Lyon. Doravante, o Rito Escocês Retificado copiaria, em sua maior parte, o Rito de Lyon, no qual Willermoz havia introduzido habilmente alusões preparatórias à Doutrina de Martinez de Pasqually. Finalmente, uma Comissão especial, sob sua direção, foi encarregada de redigir os rituais e instruções dos Altos Graus do Regime Interior, o qual compreendia, no seu vértice superior, os dois graus da "Classe Secreta", chamada "Professo", praticada no Rito de Lyon.

A obra reformadora estava em um bom caminho quando, como um relâmpago, eclode a Revolução Francesa. Ela aniquila a obra de Willermoz. Os "Templos", Retificados ou Cohen serão postos no adormecimento. Os Irmãos foram dispersos, o terror, a guerra, tudo vinha se contrapor à obra empreendida.

O Sistema maçônico dos "Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa" só foi restabelecido na França em 1806. Travou-se amizade com o Grande Oriente quase imediatamente, com o qual a "Estrita Observância" havia tido anteriormente tratados de amizade. Quanto aos Elus Cohen, desde que seu último Grão-Mestre, de Las Cazas, fez depositar seus arquivos nas mãos dos Filaletos, quando a Ordem oficialmente foi declarada adormecida, eles não haviam oficialmente retomado seu trabalho. Mas, nesse mesmo ano, Bacon de La Chevalerie, Substituto do Grão-Mestre para a "Parte Setentrional do Mundo", assentaria-se, contudo, no Grande Colégio dos Ritos do Grande Oriente da França! Desta posição ele então tentou, por ações sutis, obter a reorganização da Ordem no seio do mesmo Grande-Oriente. Mas a influência do Marquês de Chefdebien, membro do Grande Consistório em questão, deve ter frustrado a tentativa de Bacon de La Chevalerie, pois tudo foi recusado. Aquele espírito, particular aos Elus Cohen, não poderia mais crescer no âmbito da Maçonaria simbólica como concebido pelo Grande-Oriente. As divergências eram fundamentais.

O Rito dos "Cavaleiros Benfeitores" então passou para a Suíça, através da direção do Diretório da Borgonha, que transmitiu seus poderes ao Diretório Suíço. Este último controla o atual "Rito Escocês Retificado".

Jean-Baptiste Willermoz morreu em Lyon, em 20 de Maio de 1824, como havia vivido, como um espiritualista e um crente sincero. Lyon, sua cidade natal, foi-lhe ingrata, pois a Administração dos Hospitais de Lyon não lhe encomendou a missa que ela tinha costume de oferecer para as almas de seus falecidos administradores. Entretanto, em seu funeral, uma imensa multidão esteve presente. Doze anciãos da Caridade carregavam tochas, e dezoito sacerdotes oficiaram na igreja de São Policarpo, trajados de negro. O túmulo de Willermoz, di-nos Alice Joly, sua biógrafa, e de quem tomamos estes detalhes, está no cemitério de Lyoasse. E o esquecimento se faz sobre aquele que foi um grande místico, senão pelas suas obras, ao menos pela intenção e o desinteresse perfeito. Será preciso esperar até o século XX e o grande renascimento do ocultismo para que Willermoz e seus companheiros de batalhas espirituais ressurjam, ao primeiro plano, nestes enigmáticos domínios...³⁹

A ESCOLA FILOSÓFICA DA FRANCO-MAÇONARIA

Pode-se agora admitir que o ensinamento da escola de Martinez de Pasqually dividiu-se em dois ramos após a morte do Mestre. Um, pelo canal do Alto Misticismo e a Escola de Louis Claude de Saint Martin, aportam-nos a técnica de sua "Via Interior". O segundo, pelo trabalho prudente e paciente de J. B. Willermoz, é acessível a nós pelo esoterismo maçônico regular. Mais além, este esoterismo é tornado cada vez mais claro, e dois níveis de ensino parecem erguer-se da minuciosa Ritualística maçônica, e nos leva assim a uma terceira e última interpretação.

Os dois primeiros esoterismos que nos transmitem a Franco-Maçonaria simbólica (principalmente com os graus ditos de "São João": Aprendiz, Companheiro e Mestre) contêm Magia comum, primeiramente, e Alquimia, em segundo lugar. Ambos constituem a parte operativa desse Simbolismo. A terceira e última porta para a Filosofia que revela esses esoterismos, constitui então a parte "especulativa" da Maçonaria.

Tal é a abordagem que se pode dirigir qualquer comentário inteligente sobre o Ritual tradicional dos "Filhos da Viúva". Magia, Alquimia e Mística também constituem o simbolismo habitual que encontramos nos tímpanos das catedrais góticas, expresso por esses Hermetistas audaciosos que foram os grandes "mestres de obra" do passado.

Mas, com o tempo, com o crescente materialismo, este ensinamento puramente filosófico se deformou. Os princípios que deviam reger a construção da Cidade Espiritual foram substituídos por aqueles que deveriam guiar a construção da Cidade Material ideal. E a Filosofia alterou-se para Política, esta mesma parte que deveria permanecer "especulativa", acabou se tornando, à sua maneira, "operativa"!...

Não estamos acusando ninguém. O Demiurgo, melhor que nós, sabe que isso convém ao Absoluto! E todas as coisas deste mundo submetem-se à lei inexorável do despertar e do adormecer: nascimento, apogeu e declínio. "Morrer, para renascer", é o princípio mesmo de toda iniciação.

Do desencaminhamento de tais Obediências, contaminadas por um materialismo crescente – e do mesmo modo que em tantas outras Instituições humanas (Igrejas, Estados, Famílias, Indivíduos, etc...) – não podemos, de forma honesta, concluir que um desvio total do ideal da Franco-Maçonaria tenha ocorrido. Aqui, como em outras instituições, seria incorreto se desesperar. A espiritualidade intensa que a amimou desde outrora pode renascer, do mesmo modo que o espírito evangélico do Cristianismo primitivo pode reviver no seio de uma Catolicidade aparentemente endurecida.

³⁹ Na França, o atual sucessor de Willermoz no comando do "Rito Escocês Retificado" é o Dr. Camille Savoir, "Grande Prior da França", antigo "Grande-Comandante" do Grande Oriente da França, uma figura que honra e enriquece a Maçonaria.

É pela ação inteligente, tradicional, perseverante, de seus afiliados, que a Franco-Maçonaria reencontrará por fim sua *verdadeira face*, aquela que seus reais promotores desejaram: os *Rosa+Cruzes*...

A DOCTRINA DE MARTINEZ DE PASQUALLY E O ESOTERISMO MAÇÔNICO

Como nos esforçamos em demonstrar, J. B. Willermoz tentou expressar, ao máximo possível, na habitual ritualística maçônica, e inclusive criando uma Obediência espiritual cujo ambiente seria eminentemente favorável, o essencial da doutrina recebida por meio dos Elus Cohen. Com isto, ele demonstrou sem contestação alguma, a fé indiscutível que ele possuía pelos ensinamentos de seu mestre, Martinez de Pasqually e pela força moral de seu trabalho. E mais além, sem dúvida, ele pôs em execução as instruções que havia provavelmente recebido em qualidade de membro do Tribunal Soberano e "S. J."

O aspecto maçônico do Martinismo constitui, portanto uma obra pessoal de J. B. Willermoz, continuando aquela de Martinez de Pasqually. Com efeito, ninguém poderia adentrar nos Elus Cohen (Classe de Portico), se não estivesse em posse da "plenitude dos direitos maçônicos"; ou seja, titular do 3º grau: Mestre. Com o objetivo de facilitar esta primeira iniciação que Martinez de Pasqually havia criado, antes da "Classe de Portico", a "Classe Simbólica", compreendendo as tradicionais "Lojas de São João", trabalhando com os três graus habituais de Aprendiz, Companheiro e Mestre. Ademais, uma carta de Louis Claude de Saint Martin esclarece bem isso, os três graus eram para ser conferidos *de uma só vez*, enquanto nenhum dos graus na hierarquia dos Elus Cohen deveriam ser conferidos dessa forma.

Esse sistema possuía varias vantagens:

- a) Através de seu extraordinário simbolismo, *despertava* no Receptor os primeiros fatores físicos necessários à boa futura compreensão da Doutrina e das Operações mágicas; era ali que poderia ser encontrado aquela pequena e necessária ruptura entre as "Portas" interiores e o Além imediatamente do outro lado.
- b) Permitia à Ordem penetrar em um ambiente rico em "Homens de Desejo". De fato, o Ocultismo (e todas as ciências relacionadas) formavam o grande programa da maior parte das Obediências Maçônicas do século XVIII. A Maçonaria azul regular era, portanto, o crivo necessário entre a Ordem dos Elus Cohen e o mundo profano.
- c) Permitia à Ordem acolher todos os Irmãos visitantes dessas inumeráveis Obediências, e isso sob a regra maçônica e os mesmos princípios de sua fraternidade. Mas essas mesmas "Lojas de São João" permitiam à Ordem velar cuidadosamente, sob os olhos da Maçonaria ordinária, seu verdadeiro propósito e seus Objetivos secretos, em realidade incompatíveis com o ecletismo filosófico e com a neutralidade religiosa que a Maçonaria Azul impunha aos seus "filhos".

Por isso que é absolutamente necessário compreender o lado *secreto* deste verdadeiro "drama" simbólico que é a recepção à Maestria, e de extrair as analogias com o ensino doutrinal de Martinez de Pasqually, sublinhando o seu profundo esoterismo, para enfim compreender as relações que podem existir entre o Martinismo e a Franco-Maçonaria. Eis portanto o *Ritual do Grau de Mestre*, explicado e comentado à luz do esoterismo tradicional...

O que podemos concluir do conjunto desse "mistério" (no sentido medieval da palavra), que ensinamentos esotéricos podem ser descobertos nele, não apenas do lado legendário, mas dos próprios detalhes de sua ritualística?...O seguinte.⁴⁰

Tudo se desenrola (ou deveria se desenrolar), no princípio, no Templo de Jerusalém, seguindo nas cercanias da Cidade Santa. Agora, a Tradição bíblica nos diz que o Gólgota (em hebraico: caveira, crânio) foi o monte que serviu de sepultura a Adão, após sua morte terrestre.

Hiram, descendente dos deuses, filhos dos Elohim (segundo a belíssima lenda etíope resgatada por Gerard de Nerval), foi, por fim, assassinado e sepultado onde repousa o corpo de Adam Kadmon, o homem-Arquétipo, o Andrógino primitivo encarregado de guardar e cultivar o mítico "jardim" do Éden, em lugar dos Elohim...

A Acácia, com um fácil jogo de palavras (cabala fonética) que pode se fazer em hebraico e em sânscrito, revela-nos que ela representa o *eterno Presente, que está em toda parte ao mesmo tempo...*

Seus ramos possuem de 28 a 30 folhas, número do ciclo lunar regulador do nosso Mundo.

Suas flores, no Oriente, abrem e fecham com o Dia (Veja Dupuis: "Origem dos Cultos").

A conseqüência dessa dupla morte (que em realidade foi apenas uma), é que o Templo maçônico, imagem e redução, microcosmo do Universo, está mergulhado na obscuridade, *nas Trevas reinantes*. A Estrela Flamejante se extingue entre as duas Colunas do Ocidente, tal como o Sol a cada tarde...

Chega então o Receptor (o homem de Desejo), que *aceita morrer*, tal como seu mestre, o Arquiteto Hiram. Ele, portanto revive, no microcosmo, o drama que testemunhou Hiram, no Macrocosmo. Graças ao conhecimento dos Iniciados (os Mestres das Lojas), o Receptor penetra no Reino dos Mortos, a tenebrosa "Câmara do Meio", incorpora-se em Hiram, e tal como Orfeu salvando Eurídice do Inferno, reanima com sua própria carne o Mestre morto e lhe serve de veículo físico. Hiram renasce novamente, e revive em todos os iniciados, os quais o carregam consigo e o integram em suas vidas...

Assim, como uma conseqüência final da ressurreição do Mestre Arquiteto, as Trevas desaparecem, as pesadas cortinas negras, símbolo das Trevas palpáveis, exteriores, desfazem-se, a Luz jorra, gloriosa, do Santo dos Santos resplandecente, inundando o Templo do Mundo...

E no Oriente, a Estrela Flamejante ressurge brilhante, tal como o Sol a cada manhã...

Os profanos e os maçons materialistas ou ignorantes apenas enxergam neste esplendido simbolismo o renascimento, diário ou anual, do astro do dia, pai da vida, é o triunfo da instrução sobre a ignorância!

Não foi bem um resumo completo da Doutrina, chamada da Reintegração, *atribuída* a Martinez de Pasqually, que foi apenas, em realidade, seu popularizador?

Com toda certeza. E assim uma conclusão lógica se apresenta à mente.

Adão, (o faz-tudo dos Elohim), Atem ou Atoum (o Demiurgo egípcio), Hélios (o Demiurgo grego, condutor do Mundo, o "protetor dos iniciados", segundo os Órficos), Hiram (o mestre de obras do

⁴⁰ Os rituais maçônicos são suficientemente conhecidos pelo Público, atualmente, de modo que podemos entrar em seu simbolismo sem maiores explicações.

Templo Celeste), em uma palavra o *Grande Arquiteto do Universo*, e a entidade metafísica, príncipe permanente do conhecimento intelectual e da Luz Oculta, não são mais do que a mesma pessoa... Isto nos faz concluir a identificação absoluta entre Lúcifer, tal como o concebe o catolicismo, e Adam Kadmon da cabala hebraica!

Este ponto já havia sido muitas vezes pronunciado pelos cabalistas Ocultistas.⁴¹

A importância singular desta conclusão será mais particularmente apreciada ao se estudar certos capítulos do Zohar, e diversos outros autores cabalistas, que descrevem a ruptura dos "vasos", dos reis de Edom, etc... e em geral, da origem do Mal e de sua repercussão sobre a *Natura Naturada*.

Nós seríamos incompletos se omitíssemos de assinalar a característica comum das representações de Baphomet, conhecido como o *Andrógino hermético habitual* (aparência masculina, com barba, chifres, busto feminino, falo ereto) e a lâmina XV do tarô de Marselha, "O Diabo", que nos oferece uma efígie equivalente.

Com respeito a Baphomet, Eliphas Levi nos dá este significado francês do mesmo nome, cabalizado em latim: "*O Pai do Templo*, Paz Universal do Homens"... (Templi Omnium, etc...).

O *Pai do Templo* pode indiferentemente se chamar Hiram, Adam Kadmon, o Demiurgo, etc... É inevitavelmente, o *Grande Aquiteto*!

NOTAS SOBRE A FRANCO-MAÇONARIA CONSIDERADA COMO ESCOLA MORAL

"A Alma real da Franco-Maçonaria deve se retratar não de acordo com os homens enrolados em sua bandeira, mas de acordo com a Tradição que ele clama possuir".⁴²

Esta Tradição infelizmente se alterou com o passar dos tempos, assim como toda obra de origem humana. Isto era quase inevitável, dadas as reações normais de seus constituintes materiais, nada mais do que pobres homens.

"Os princípios de liberdade, de igualdade e fraternidade, carteira imutável de indivíduos e nações, à qual a Maçonaria está atada até a morte, foram por demais ignoradas, mesmo menosprezadas, por todos os governos e partidos políticos. Os interesses pessoais, das castas e oligarquias, cogumelos venenosos engendrados por um egoísmo inerradicável, há muito foram favorecidos pelos Poderes Públicos (o que ocorre em toda parte, em todo sistema político), em detrimento do interesse geral. Mas a verdadeira Maçonaria sempre se ergueu contra a Injustiça e a Intolerância. Ela quis, sempre e em toda parte, restabelecer o equilíbrio rompido".

Mas como seus membros são humanos, os meios empregados por ela algumas vezes ultrapassaram os limites da Sabedoria que ela tomava por bandeira. Para lutar contra a agonia dos governados, contra a miséria dos humildes, ela desceu necessariamente ao plano material, assim abandonando o ambiente puramente espiritual de suas altas assembléias. Tanto que perdeu de vista seu papel essencialmente espiritual e sua função de mediadora e condutora. Vítima da impaciência do progresso, ela foi por vezes comandada por pessoas que ela estava tentando levá-las a um estado superior e legítimo. Em certos casos, ela também se prestou a realizações partidárias.

Sem dúvida. Mas esta ação era legítima em sua essência, se não em seus métodos. Os homens que, em seu seio, dirigiram a luta, na maior parte, eram plenos de fé e de boa vontade. Eles tinham apenas um objetivo, prestemo-lhes esta justiça: O Bem e o Mal. Por essa boa vontade, por essa fé,

⁴¹ Stanislas de Guaita, notadamente, em *A Serpente do Gênesis* (v. II).

⁴² Tomamos essas definições magistrais da obra – esgotada – de G. Chevallon: "A verdadeira face da Franco-Maçonaria".

em um futuro melhor, por essa esperança em uma caridade maior entre os homens é preciso lhes absolver. Mesmo se suas obras, em sua finalidade, eram condenáveis (e não eram...), a Maçonaria seria ainda inocente, pois ela nunca preconizou o Erro, mas a Verdade.

Será que os erros ou os defeitos de certos elementos do clero removem da Igreja, reverenciada por tantos católicos, uma parte de sua autoridade moral e distorcem o precioso depósito que lhe foi confiada desde o passado? Evidentemente que não.

Nós reivindicamos com veemência para a Franco-Maçonaria essa mesma igualdade.

Contrariamente às afirmações de seus caluniadores, a Maçonaria não é uma empresa de demolição social, um organismo corrupto cuja atividade nefasta propaga a doença onde ela se fixa. Qualquer maçom, e não só os menores (pois o cordão ou o colar não fazem um iniciado nem um adepto; mas sim seu trabalho interior), podem errar. E o oposto seria espantoso. Muitos podem agir em prol de interesses pessoais mais ou menos legítimos. É inadmissível incriminar toda a Ordem por causa da existência de ovelhas negras que se abrigam em seus Templos.

Acima de todas as outras prerrogativas morais, o ritual maçônico assegura que o profano que bate à porta do templo seja "livre, e de bons costumes".

Desta liberdade preliminar na qual outro responde por ele, a que o neófito é devedor? Que novos pontos de vista morais lhe oferecem? O que é essa liberdade?

A liberdade negativa consiste no domínio de si mesmo, em reabsorver os entraves materiais e passionais, próprios aos escravos. Também há um período de ativa ascese gerado pelo aspecto positivo deste tipo de liberdade. Esta é a liberdade de realização. Esta última é a verdadeira sob o ponto de vista maçônico. Liberdade de *realizar*.

Através deste tema que é desenvolvido em seus primeiros três graus, a maçonaria simbólica pretende fazer do profano um "Novo homem". Ela lhe oferta uma segunda vida, ela o faz renascer. Este nascimento à luz espiritual consiste em se desvencilhar do lodo das paixões, de esmagar a crisálida intelectual dos preconceitos e erros, dos quais a alma do homem comum é por demais escravizada, impedida em seu afã de alcançar a verdade por tantas coisas obscuras e dúbias.

A entrada no Templo, tal como o ritual proporciona, provoca um choque psicológico, o choque da luz, bruscamente revelada pela repentina queda da venda negra. É o despertar em um mundo novo. *Uma nova visão dos seres e das coisas.*

A maçonaria, neutra do ponto de vista religioso, não deseja uma moralidade comum, repousando sob um veu metafísico, sobre uma recompensa ou punição pós-morte. A Maçonaria quer a *Verdade Essencial*, o *Belo em si*, o *Bem Supremo*. E isso, sem se preocupar com as consequências geradas pelo egoísmo das raças, nações, e indivíduos (permitido para o progresso necessário à estabilidade do Cosmos). Ela aceita, portanto os compromissos e as encruzilhadas, mas só aqueles focados nos objetivos finais que ela se propõe, e nunca compromissos ou rotas *regressivas*. Não é em vão que seu simbolismo atribui ao *Oriente*, onde nasce a Luz diariamente, tal importância, e não é sem os mais profundos motivos que esta *Luz* personifica em seus Templos o Bem supremo. A Maçonaria aceita a opinião do momento, enquanto ela tiver uma centelha da verdade, mas combate o erro e a ignorância. Aceita um bem menor para caminhar a um futuro melhor.

E como ela considera que as essências do Bem, do Verdadeiro e do Belo são atributos do Absoluto que é finalmente irreduzível a um modo causal, porque a religiosidade que ela sustém a mais alta forma do espírito religioso, a Maçonaria se recusa definir e limitar o que ela entende por Bem, Verdadeiro e Belo em dogmas e fórmulas concretas. Para ela, Beleza e Bondade são sem limites no

Tempo e no Espaço, e nenhum dogma os pode confinar. Pois tanto quanto a *Luz*, seu guia é também a *Esperança*...

E isso justifica sua aparente indiferença religiosa.

A Maçonaria não tende somente a criar, entre seus Adeptos, personalidades puras e fortes. Mas ela quer ainda iluminar as massas na medida do possível, fazê-las compreender o que é realmente a justiça, a igualdade, o direito e o dever, e lhes confirmar na liberdade pela verdadeira fraternidade, essa "*caritas generis humani*", antigamente evocada por Cícero e os Estóicos.

Por isso seu ensinamento é também um apostolado, e dentro dela, tudo converge para a ação, sem se demorar nos domínios dos analógicos sonhos individuais.

Pela ciência especulativa, ela leva à ciência das realizações e seu sonho de reconstruir o Templo da Humanidade. Por esta razão que um de seus graus leva por divisa a tríade teológica: "Fé, Esperança e Caridade".

Mas o que são essas três virtudes, consideradas sob o ponto de vista maçônico puramente?

Até agora pronunciamos a palavra "iluminar". Na língua vulgar, isto é sinônimo de loucura e quimeras. Mas, todavia, há ainda um outro sentido! O de *esclarecer*... O Iluminado deve-se tornar um próprio farol.

Por esse motivo que a Fé maçônica não é uma crença estreita pela qual o ignorante se inclina diante de um dogma indefinível. A Fé maçônica é a transfiguração do pensamento, a sublimação do entendimento. Não é o credo heróico ou indolente do carvoeiro da lenda, mas o credo pleno de luz da ciência discursiva e intuitiva, que declara: "Eu sinto, vejo, sei, e por isso, eu creio"....

A Esperança, não é aquela aspiração beata para um auxílio problemático e freqüentemente imerecido; para uma recompensa gratuita, inadequada ao esforço empregado para conquistar. Mas é um salto de todo o ser para os cumes da Beleza e da Justiça.

A Caridade, não é o amor egoísta de um Bem concebido como um bem-estar que se deseja gozar. É o Amor desinteressado para um ideal supremo de Bondade, de Misericórdia e de Paz geral, e não para um só ser, mas para a *Universalidade dos Seres*...

Estas três virtudes são uma só e mesma coisa, consideradas sob três diferentes aspectos, por consequência da triplicidade humana.

É a Vontade, purificada de toda impureza que a degenera, Razão, engrandecida e tornada tão sutil quanto o fio de uma espada, é o Coração, engrandecido para o sacrifício pela iluminação da Consciência.⁴³

O verdadeiro trabalho do Franco-Maçom deve de ser totalmente desinteressado e realizado sob o prisma do Dever. O Franco-Maçom, com efeito, não reivindica seus direitos pessoais de homem livre e franco, salvo para cumprir seus deveres, pois ele bem sabe que esses direitos são relativos e limitados, mas que seu dever é absoluto e sem limite.

Também, o Franco-Maçom deve se considerar com um apóstolo, um chefe missionário entre a elite, já que ele deve se esforçar em tornar-se um iniciado, um iluminado, um homem de coração, de ciência e também de ação.

⁴³ O leitor não-maçom irá apreciar o quanto puder esta magnífica definição da *real* maçonaria do profundo pensador e ao pensador cristão convicto que foi Constan Chevillon.

Talvez se possa agora perceber, dos vislumbres desses poucos esclarecimentos sobre o verdadeiro aspecto interior da Franco-Maçonaria, que essa vasta associação é, em seu princípio, mais do que a banal associação de auto-ajuda, mais do que uma fraternidade de gostos e opiniões, e acima de tudo mais que um meio vergonhoso de acumular-se de uma materialidade sórdida.

É possível que a Grade Obra que ela se impõe deve remover de sua rota certos obstáculos, irredutivelmente fixados em uma permanente hostilidade. É possível que tais intransigências dogmáticas tentarão arrancar todos os meios de suas mãos. Impassível como a Justiça imanente que lhe encarregou, a Franco-Maçonaria Universal deve destruir esses obstáculos sem ódio, como também, sem fraquezas.

A grandeza sobre-humana de sua tarefa impõe-lhe essa máscara de espantosa impassibilidade que a fez, tantas vezes, ser reprovada por pregar certos princípios e empregar outros. Mas esse poder terrível, ela deve a si mesma, à altura vertiginosa de onde ela emana, à nobreza do Príncipe que a sustém, e que deve se por em ação apenas com discernimento e retidão.

Como Egrégora de todas as altas espiritualidades humanas, o Coletivo de tudo o que a Humanidade total considera de mais nobre, de mais puro e desinteressado em suas naturais aspirações, a Franco-Maçonaria deve velar para que nenhuma insanidade estranha venha perturbar sua euritmia. E, consequência inevitável, não pode abrir seus Templos a todos os desejos, a todas as ambições, e receber de bom grado qualquer tipo de pessoa. Compreendendo a elite das elites, atemor em perpétua elaboração, a Franco-Maçonaria deve por em prática seu antigo lema "Ordo ab Chao", no próprio seio de seus Ateliês, de seus Capítulos, e de seus Areópagos. Ou seja, a boa-vontade dos profanos não basta para justificar e motivar a abertura de seus Templos. Muito pelo contrário, ela deve exigir mais do que está em posição de oferecer. Fazendo assim, a Franco-Maçonaria se mostrará digna da confiança que viam nela, outrora, os Iluminados que a presidiram em sua origem; ela estará assim de posse de todos os meios para realizar aquele ideal de Justiça, Felicidade e de Fraternidade, ao qual ela, por quase dois séculos, tem convidado todos os Homens.



Medalhão talismânico

VI - O MARTINISMO MODERNO

Nos capítulos precedentes, analisamos longamente o ensinamento oculto de Martinez de Pasqually, que foram consequentemente transmitidos através do século XIX parcialmente pelos *Areópagos Cabalistas*, compostos pelos Elus Cohen, que não estavam de acordo com a ordem de depositar os arquivos nas mãos dos "Filaleto" (Marquês Savalette de Lange); e parcialmente por alguns Maçons do "Rito Escocês Retificado", detentores de instruções secretas de Jean Baptiste Willermoz e dos "Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa"; enfim, pelos "S::: I:::" afiliados à escola de Louis Claude de Saint Martin. Estes últimos espalharam pela França, Alemanha, Dinamarca, e principalmente na Rússia, a doutrina do "Filósofo Desconhecido". Estes eram os famosos Iniciadores Livres, isto é, transmitiam o "Sacramento" da ordem sob sua responsabilidade pessoal, e sem constituir nenhum Grupo de membros.

Foi dessa forma que tudo se fez.

Louis Claude de Saint Martin transmitiu a iniciação que ele era depositário, segundo *Rodolpho de Salzmänn, Gitchel e Jacob Boehme* ao *Abade de Lanoüe*, em cuja casa em Aunay, perto de Sceaux – onde sua casa ainda permanece – Saint Martin habitou por um certo tempo, e transmitiu também a *Chaptal, Conde de Chanteloup*.

Por sua vez, o Abade de Lanoüe transmitiu o precioso depósito a *André Chénier*, guilhotinado durante o Terror, e a *Joseph Antoine Hennequin*. Este, agora, iniciou *Henri de la Touche*, o qual iniciou *Antoine Desbarolles*, conde de Authencourt, o qual iniciou sua prima, *Amélie de Boisse-Mortemart*, esta que, por sua vez, transmitiu a iniciação e suas tradições a seu sobrinho, *Pierre Augustin Chaboseau*, do qual procedem muitos Martinistas nos dias atuais.

Paralelamente, *Chaptal* havia iniciado um desconhecido, cujo nome não nos chegou, mas que deve ter existido, já que encontramos *Henri Delaage*, em 1880, de posse desta iniciação. No seu leito de morte, *Henri Delaage*, fez chamar o jovem médico que foi *Gerard Encausse*, impõe-lhe as mãos, e o consagra "S::: I:::" segundo a tradição, sem contudo, dar-lhe nenhuma das tradições secretas (devido a escassez de tempo). Isto resultou em confidências feitas pelo Dr. Encausse (Papus) aos antigos membros do Supremo Conselho em 1884, sobre as quais discutiremos mais tarde.

Nessa época, o Dr. Encausse, Augustin Chaboseau (bibliotecário do Museu Guimet), Jean Moréas, e Charles Mauras, (futuro diretor da Ação Francesa), almoçavam juntos toda terça-feira, em um pequeno restaurante da margem esquerda (do Sena). Eles falavam de todos os assuntos da época, e como acontece, por puro acaso, Papus e Chaboseau descobriam que eles ambos eram dois discípulos legítimos e regulares de Louis Claude de Saint Martin.

Sendo um devoto de organizações ativas, Papus decidiu Fundar uma Ordem que levaria o nome de Ordem Martinista.

Ele já havia agrupado alguns ocultistas parisienses. Juntamente com mais outros dez, Papus e Chaboseau constituíram o primeiro "Supremo Conselho", que tinha doze membros no início (e não vinte e dois...). Para dizer a verdade, foi Papus que organizou a maior parte das regularizações ritualísticas, mais do que Chaboseau, tendo recebido antes, em 1880, três anos antes dele, a filiação de Saint Martin.

Com esse objetivo, os dois, fazendo uso de suas lembranças e de notas manuscritas retiradas de suas respectivas iniciações, reconstruíram de memória o cerimonial conhecido atualmente sob o nome de *antigo ritual do século XVIII*. Em seguida, quando antigos e autênticos documentos chegaram às suas mãos, finalmente, eles restauraram o dito ritual à sua forma primordial, tão cativante, tão elevada e tão bela.

Desta maneira os Martinistas foram constituídos com os seguintes Membros do Supremo Conselho da Ordem: (o famoso "Conselho dos Doze"...):

Stanislas de Guaita – Chamuel – Sédar (Yvon Leloup) – Paul Adam – Maurice Barrès (amigo de Stanislas de Guaita) – Jules Lejay – Montière – Charles Barlet – Jacques Burget, e Joséphin Péladan (estes, junto com Papus e Chaboseau, constituíram os primeiros doze membros simbólicos).

Mais tarde, *Barrès* se afasta devido ao catolicismo, e *Joséphin Péladan* por outras razões, uma mais bizarra que a outra.⁴⁴ Eles foram substituídos por Victor Emile Michelet (para a vaga de Péladan), e Dr. Marc Haven (para Maurice Barrès).

⁴⁴ Nós remetemos o leitor à obra espiritual de Vitoux: "Les Couliesses de l'Au-delà" (Os Canais do Além), no capítulo intitulado "La Guerre des Deux Roses" (A Guerra das Rosas).

Assim se formou a *Ordem Martinista* em 1884. Este organismo tinha por objetivo a organização de Lojas Martinistas, o seu anúncio nos meios espiritualistas e a difusão da doutrina por meio de uma revista intitulada *L'Initiation*. Em 1893, os Martinistas Lyoneses tomaram posse dos arquivos de J. B. Willermoz e do "Templo Cohen" de Lyon, que a viúva de Joseph Pont, sucessor de Willermoz, havia legado ao Irmão Cavarnier por causa da morte de seu marido.

Jean Bricaud nos conta em seu '*Notice sur le Martinism*' (*Boletim do Martinismo*), "ignorava, na época, que a transmissão regular dos Elus Cohen nunca tinha sido interrompida, e que esta tradição jamais deixou de ter representantes, seja em Lyon, seja nas várias cidades estrangeiras. Estes foram os irmãos Bergeron e Bréban-Salomon na cidade de Lyon; Carl Michelsen na Dinamarca; o Dr. Edouard Blitz nos Estados Unidos.

"Dr. Edouard Blitz era um '*Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa*' e um membro do alto grau do Rito Maçônico de '*Memphis-Mizraim*'. Ele era também um sucessor direto de Antoine Pont e de Willermoz. E assim, ele se tornou presidente do Grande Conselho da Ordem Martinista para os EUA, assim renovada por Papus. Nesta qualidade (representante e herdeiro legítimo de Martinez de Pasqually), ele decidiu restabelecer a Ordem nos EUA sobre as antigas bases *tradicionais*. Na França, seus representantes eram Dr. Fugairon, e em seguida, Charles Détré, que sob o nome esotérico de Teder, estabeleceu o Ritual Martinista francês de acordo com Papus (este Ritual foi editado em Paris em 1913, sob os cuidados de Dorbon-Aïné)".

Aqui, Jean Bricaud, que estava trabalhando com documentos imperfeitos, transcritos de tradições orais por seus documentadores, os quais os incompreenderam ou os truncaram, comete certamente erros históricos involuntários.

De fato, um volume de cartas antigas, assinadas pelos principais chefes do Martinismo dessa época, ou de Sociedades Secretas paralelas (Papus, Teder, Bricaud, Théodore, Reuss, E. de Ribeaucourt, Phaneg, etc...) está em nossas mãos, como também documentos provenientes do Supremo Conselho. E eles permitiram-nos esclarecer definitivamente esses obscuros pontos.⁴⁵

1º) A tradição oral dos Martinistas Lyoneses, que acreditavam que Teder transmitiu a filiação legítima dos Elus Cohen é falsa. Um documento oficial, do Supremo Conselho, datado de 29 de Setembro de 1918, relata-nos o seguinte:

ORDEM MARTINISTA

Supremo Conselho Universal

Lyon, 29 de Setembro de 1918

Aos Soberanos Delegados Gerais, Inspectores Principais, Delegados e Inspectores Gerais, Delegados e Inspectores Especiais, aos Presidentes de Loja, Chefes de Grupos, e a todos membros da Ordem.

Caríssimos e ilustríssimos Irmãs e Irmãos,

A primeira luz da Ordem acaba de se extinguir. Nosso Venerável Grão Mestre, o Três vezes Ilustre Irmão *Teder* faleceu, na noite de 25 para 26 de setembro, em Clermont-Ferrand. Neste momento, apenas gostaria de recordar, em largos traços, sua vida, o trabalho implacável, a ativa tenacidade de nosso Três vezes Ilustre Grão Mestre Teder.

.....

⁴⁵ Desde a Liberação, nós restituímos esses documentos a seus proprietários, que os confiaram apenas a nós. Mas estão sempre acessíveis aos historiadores habilitados a consultá-los.

Foi na Inglaterra que ele foi iniciado no Martinismo pelo três vezes Ilustre Irmão Papus, depois denominado representante, e mais tarde Inspetor Principal da Ordem, para o Império Britânico e as Índias. Etc... Etc...

Assinado: Jean Bricaud

33.:90.:95.:

*Presidente do Supremo Conselho
Grão Mestre Geral da Ordem*

Em sua carta de terça-feira, 30 de Dezembro de 1902, Papus paraita Teder nesses termos:

Caríssimo Irmão Detré,

Permita-me, primeiramente, felicitar-vos sinceramente por vossa atividade e vossa devoção à nossa Ordem. O Comitê Diretor do Conselho Supremo se reuniu incessantemente, e podeis vos assegurar que apoiarei sua solicitação, e que, por consequência, será aprovada.

Enquanto espero, eu vos enviarei:

1º - Um ritual em inglês, o qual vos pediria que o retornasse por correio *registrado*, após tê-lo lido ou copiado. Este Ritual é usado pelas Lojas Norte Americanas; não é completamente utilizado na Europa, mas poderá vos trazer algumas idéias.

2º - Também estarei vos remetendo documentos úteis para divulgação e para as lojas.

.....
Existe na Inglaterra um "Soberano Delegado Geral" (Irmão John Yarker) e um "Inspetor Geral". Eu vos porei em contato com os mesmos, pelo menos com o Irmão Yarker, já que possuis sua carta da "Delegado Geral".

Envio-vos todos meus melhores desejos, caríssimo irmão, fraternalmente vosso.

Papus

E eis outra missiva de 5 de Março de 1905, três anos antes:

Caríssimo Irmão Detré,

Tenho a honra de vos informar que o Supremo Conselho da Ordem decidiu criar um posto de "Inspetor Geral" para a Inglaterra e as Colônias Inglesas. O Supremo Conselho decidiu designar-vos este posto devido à vossa dedicação. Eu estou pessoalmente feliz de vos comunicar.

Fraternalmente vosso;

Papus

Membro do Supremo Conselho

Convenhamos, após a leitura destes textos, que a lenda de Teder como iniciador e regularizador de Papus deve ser rejeitada sem nenhuma credibilidade, e que o inverso é que é real.

Outras opiniões sugerem que foi o próprio Dr. Blitz, dos EUA, que havia transmitido a Papus a filiação dos Elus Cohen e dos Reau+Croix, como membro do Rito Escocês Retificado e Grande-Professo.

Nós ignoramos se o Dr. Blitz possuía estas iniciações; é possível, e não há nada que refute essa afirmação. Mas não temos, realmente, nenhum documento de um encontro efetivo destes dois homens, tanto se Papus encontrou Blitz ou se este chegou a vir à Europa. Devemos reconhecer que, a fim de ser verdadeiramente eficiente e regular em sua forma, uma iniciação deve fazer uso do canal ritualístico (assim resumido) e executada em presença conjunta do Iniciador e do Candidato. Simplesmente destiná-la aos serviços postais, e iniciar "por correspondência" não é uma proposição séria!... Por isso, para que Blitz pudesse regularizar Papus sob o ponto de vista dos Elus Cohen, teria sido preciso que os dois se encontrassem, na Europa, ou nos EUA.⁴⁶

Mas, Papus nunca disse nada acerca de uma regularização com Blitz, ou sobre uma afiliação com os Elus Cohen, dos quais Blitz pode ter sido um legítimo filho, e teremos de aguardar por um legítimo documento sobre este assunto a fim de podermos *historicamente* admiti-lo.

Bem ao contrário, é Bricaud em pessoa que nos afirma em seu "Boletim do Martinismo" que Papus outorgou ao Dr. Blitz uma Carta de *Presidente do Grande Conselho Martinista para os Estados Unidos*. Pode-se seguramente concluir que Papus, se fosse "sub-iniciado", não teria sido tão impolido para agir assim com respeito a *seu iniciador*, e este teria a falta de personalidade ao ponto de se deixar privar de sua autoridade moral por seu recente novato? É bastante improvável.

Por outro lado, o Dr. Blitz não conservou por muito tempo os poderes que lhe foram conferidos por Papus. Como ele tinha modificado consideravelmente o espírito no qual a Ordem Martinista havia sido estabelecida por Papus, o Supremo Conselho publicou um edito "ao Oriente da França", em uma revista intitulada *A Estrela do Oriente*. Ali se afirma que a carta de "Soberano Delegado Geral para os Estados Unidos" que havia sido conferida ao Dr. Blitz, estava abolida, e que este cargo era substituído pelo de "Inspetora Geral da Ordem para os Estados Unidos", na pessoa da Sra. Margaret B. Peeke, igualmente 33º no *Droit Humain*.⁴⁷ O fato é atestado por uma nota do Dr. H. Spencer Lewis, de 1937, a qual temos em mãos. E o papel da Sra. Margaret B. Peeke é atestado por uma carta de Jean Bricaud, também em nossos arquivos, de 5 de Janeiro de 1919.

Faltariam ainda os irmãos Braban-Salomon, que, Lyoneses como eram, poderiam ter regularizado Papus. Infelizmente, não achamos nenhuma evidência desses dois sobreviventes do Martinezismo, e os velhos Martinistas, ex-membros do Supremo Conselho, os quais indagamos sobre esse assunto, não sabiam mais do que nós sobre eles.

Do que precede, estamos, portanto em posição de concluir que os membros dos diversos ramos Martinistas estão de posse de uma única filiação que, através de Louis Claude de Saint Martin e Salzmänn, remonta a Jacob Boehme e a Henry Kunrath. Quanto a isto, convenhamos, não poderia haver nada de mais honroso!

Pois, sem dúvida, Saint Martin foi um Elu Cohen e Reau+Croix, mas está fora de dúvida que ele foi julgado digno de entrar na misteriosa Sociedade da qual tratamos anteriormente, e que não é essa iniciação que ele transmitiu, já que ele se demitiu em 4 de Julho de 1790 da Franco-Maçonaria e dos Cavaleiros Maçons Elus Cohen do Universo. Foi, portanto, apenas a filiação de Boehme, e dos "Filósofos Desconhecidos" que ele lhes transmitiu.

Por outra parte, sabemos que é confiável e verdadeira a tradição secreta e a *ordenação* dos Reau+Croix de Martinez de Pasqually, que Willermoz havia estabelecido no Rito Escocês Retificado, com sua classe de *Grande-Professo*. Portanto, podemos chegar à nova conclusão que todos os detentores *legítimos* deste título (atualmente "Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa")

⁴⁶ Esta colocação apaixonada por uma iniciação face-a-face é particularmente relevante dada a quantidade de auto-denominadas sociedades místicas que oferecem "iniciações astrais" ou "iniciações por correio" na atualidade, e sempre por um custo enorme.

⁴⁷ Direito Humano. Margaret morreu em 1908.

estão de posse do *Sacramento da Ordem* dos Elus Cohen, instituída antes por Don Martinez de Pasqually, se não na forma, ao menos "em eficácia".

Este longo parêntese sobre a filiação Martinista encerra-se, e retomemos a história do Martinismo moderno.

Por volta de 1908, um fato lamentável ocorreu no interior da Ordem. Temos em nossas mãos, em nossos arquivos, a ordem de exclusão da Franco-Maçonaria e do Martinismo dos Senhores René Guénon, Jean Desjoberts e Victor Blanchard (não confundir com o seu homônimo, mais tarde membro do Supremo Conselho Martinista), em um documento não datado.

Esta documentação, cujas folhas estão repletas da pequena, regular e compacta escrita de Teder, sustenta o tema da seguinte acusação: os três afiliados mencionados haviam tentado criar uma divisão no interior da Ordem, buscando as listas de nomes dos Membros com o objetivo de fundar, ao lado da Ordem Martinista, uma outra organização cuja finalidade seria atrair e desviar o ímpeto oculto e heterodoxo para um "desvio lateral", então dissolvê-la completamente, tendo o seu objetivo conquistado. Teder, em suas folhas, acusa certas organizações clericais militantes, que não as denomina e o Grande Oriente da França, hostil aos Iluminados e às Ordens Iniciáticas Místicas.

Nós ignoramos o valor dessas acusações, mas é uma realidade que como resultado do julgamento pronunciado pelo Supremo Conselho da Ordem Martinista e pelo Soberano Santuário do Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Mizraim, René Guénon, Jean Desjoberts e Victor Blanchard tiveram de deixar a Ordem Martinista.⁴⁸

Parece correto que certos ocultistas, de origens obscuras, mas certamente clericais, tentaram, algum tempo antes da guerra de 1914-1918, destruir o Martinismo. Ainda temos, em mãos, uma carta de um antigo membro do Supremo Conselho, *Phaneg*, ocultista conhecido, que se mostra hostil aos princípios mesmos das Ordens iniciáticas, das Fraternidades esotéricas, e de todas associações em geral. Esta missiva é datada de 1916. Seria esse mesmo Martinista que teria em seu poder, após a morte de Papus, uma carta deste último apontando outro Martinista, de nome esotérico "Librabius", como seu legatário moral e seu sucessor no comando da Ordem após sua morte. Esta carta continha – ao que parece – o conselho, dado por Papus, de dissolver a Ordem Martinista e de substituí-la pela *Ordem Universal do Novo Egito* (O. U. N. E.), que tomaria o lugar do Martinismo como centro de disseminação das Altas Doutrinas Esotéricas.

Ignoramos se Papus é o real autor dessa carta, e neste caso, quais seriam as verdadeiras razões dessa surpreendente decisão. Mesmo que fosse real (e seria possível, vista a afeição que Papus demonstrava pelo Catolicismo romano nos anos finais de sua vida), ela não foi ao gosto dos "Superiores Incógnitos", e dos "Mestres do Passado", que, "por detrás das cortinas", conduziam *realmente* a Ordem! Os Mortos, quando são almas da elite, altamente evoluídas e comissionadas em um ideal preciso, enxergam mais longe e previdentemente os vivos e a resposta veio imediatamente.

Após a morte de Papus, a tentativa sacrílega do Irmão Librabius foi sufocada na sua origem, Teder foi escolhido seu sucessor regular pelos membros do Supremo Conselho, e o Martinismo continuou...

Pessoalmente, nós o aprovamos sem reservas. É um fato certo, patente, que nenhum antigo Martinista o contradiria, e que merece ser notado para o interesse e estudo dos futuros Martinistas.

Já há algum tempo, um certo catolicismo emoliente, de sentimentalismo infantil e "piegas" havia tomado o lugar dos ensinamentos tradicionais vindos dos Iluminados do passado.

⁴⁸ De forma alguma isso reflete a pureza desses iniciados! Apenas se trata de uma medida de disciplina puramente interior...

Se estes, com seu "chefe de escola" Louis Claude de Saint Martin, sabiam como permanecer nas altas esferas do Misticismo, e continuar puros gnósticos, no sentido absoluto da palavra, era simplesmente um núcleo Martinista em plena devoção! Sédir (Yvon Leloup) cuja herança britânica católica o havia conduzido, junto com outros Martinistas, a um forte sentido do cristianismo, havia tentado, pouco a pouco, inclinar o Martinismo nessa direção. A esse excesso sucedeu um outro abuso. No princípio, a tendência geral era a síntese, o sincretismo. Hermes, Apolônio, Fohi, Lao-Tsé e Buda foram colocados no mesmo nível do que os Mestres do Passado chamavam de "*la Chose*", (do latim *causa*, a Causa Eficiente), o Reparador, e mesmo Cristo! Semelhante aos outros, um bom número de Membros do Supremo Conselho também rejeitaram o ritual criado por Blitz.

Este esoterismo conjunto ocasionou uma reação muito forte, resultando em um retorno ao espírito original do Martinismo, que colocava o Verbo, o *Logos* de São João, em um plano no qual nenhuma comparação com seres imperfeitos, carnis que eram, poderia se estabelecer. Isto levou a numerosas polêmicas, bastante violentas, com a Teosofia. Temos em mãos cartas de Papus muito interessantes sobre esse tema.

E deste retorno ao cristianismo esotérico, sem perceber, encontra-se caído novamente no cristianismo exotérico... Voltemos à história do movimento contemporâneo.

Teder e Papus organizaram, em 1908, em Paris, um Congresso dos Ritos Maçônicos Espiritualistas, com o ideal de religar esta nova Ordem Martinista aos Altos Graus da Maçonaria.

Foi isto que tentou, no passado, realizar Martinez de Pasqually e depois J. B. Willermoz.

Em 1914, após um acordo com o Grão Mestre do Rito Escocês Retificado e "Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa" (Dr. E. de Ribeaucourt), foi decidido criar um "Grande Capítulo Martinista", composto exclusivamente de Maçons titulares dos altos graus, a fim de servir de vínculo entre o Martinismo regular e a Franco-Maçonaria Escocesa, Regime Retificado. Este Capítulo portava o nome "INRI".

A primeira Guerra Mundial (1914-1918), a morte do Grão Mestre, Dr. Gérard Encausse (Papus), ocorrida em 1916 e mudanças acontecidas no Grão Mestrado do Rito Escocês Retificado, na França, impediram a realização deste projeto.

O sucessor de Papus, no Grão Mestrado, foi Charles Détré (Teder). Ele faleceu em 1918, transmitindo seus poderes ao Irmão Jean Bricaud, de Lyon.

Após a Guerra, durante a reorganização da Ordem em Lyon, este grupo estabeleceu uma base Maçônica do Martinismo, decretando que somente os Maçons possuidores do grau de *Mestre* (3º), como era o desejo de Martinez de Pasqually, poderiam entrar no Martinismo.

O próprio Jean Bricaud nos afirma que ele esteve "em contato com o Dr. Edouard Blitz, por intermédio do Dr. Fugairon e pelo próprio Teder". Também, ele esteve com os últimos representantes oficiais de Willermoz, em Lyon (M. C... e o Dr. L... em especial), e recebeu seus ensinamentos. Por esse motivo, ele voltou-se totalmente aos conceitos de Martinez de Pasqually e Willermoz, que haviam sido retomados desde a Grande Convenção de Paris de 1908.

E assim ele sobrepôs o Martinismo à Franco-Maçonaria simbólica. Doravante, na ramificação Lyonesa, para receber o primeiro grau do Martinismo, era necessário ser Mestre Maçom, e para poder ser investido com os graus seguintes, possuir os altos graus Escoceses segundo uma hierarquia minuciosamente regulada.

Jean Bricaud veio a falecer em 21 de Fevereiro de 1934. Teve por sucessor o irmão Chevillon, autor da obra "A verdadeira face da Maçonaria".

Quando Papus faleceu em 1916, como vimos na seção precedente, seu sucessor Charles Détré (Teder) orientou claramente o Martinismo em direção à Maçonaria, sem dúvida de uma natureza espiritual e mística, mas em uma direção que a escola mística dos "S. I". originários de Saint Martin sempre recusaram impor a seus partidários.

Devido a isto, toda uma camada da Ordem Martinista, permanecendo fiel a suas posições, e ao espírito de seu promotor, retoma a tradição de *Iniciação Livre*, de homem a homem, como havia feito Louis Claude de Saint Martin. Esses "iniciadores à moda antiga", para empregar a expressão de Jean Bricaud em uma carta que também possuímos, também reviveram a antiga Ritualística do século XVIII, plena de charme em seu francês fora de uso. Eles abandonaram o ritual estabelecido por Papus e Teder (Ritual de 1913) e reproduziram o de Blitz, e resgataram a tradição, simples e por isso cheia de grandeza, que havia instituído Louis Claude de Saint Martin e seus predecessores. Constituídos em pequenos grupos, a única concessão que eles fizeram ao passado (isto é, aos cinquenta anos passados, de Martinismo reavivado) foi a de denominar esses grupos de "Lojas" e algumas vezes "Jurisdições". E logo, em Paris, ao lado da Loja "Papus" (ramo Lyonês), funcionavam as Lojas "Velleda", "Hermanubis", "Brocéliande", "Athamor", etc... O Grão Mestre dessas Lojas foi Augustin Chaboseau.

Esta ramificação de Saint Martin foi incontestavelmente a mais importante, porque não impunha necessariamente o requisito de Mestre Maçom aos seus afiliados.. Mas por outro lado, poderíamos lhe reprovar por quase não ser Martinista em sua natureza. Realmente, a maioria de seus afiliados zombavam das doutrinas estrangeiras de tradição Judaico-Cristã, fundamento daquelas dos Mestres do Passado da Ordem... Teosofia, Celtismo, e principalmente Budismo e Bramanismo eram as escolas nas quais eles depositaram suas convicções pessoais.

Não há mais do que uma única *Verdade*, e as doutrinas esotéricas são apenas raios que dela escapam. Certamente. Ainda, é preciso que cada raio brilhe em seu próprio ambiente; é desarmonioso que um Lama pregue o evangelho, que um Imã ensine tantrismo, que um Yogi só afirme as tríades, e que um cabalista se professe taoísta!

As doutrinas de Martinez de Pasqually e de Louis Claude de Saint Martin convergem para nos afirmar que Adam Kadmon, o Adão Protoplasta, o Céu e a Terra são *realidades*; elas dão ao Verbo um papel que nenhuma outra escola admite. É então difícil afirmar junto com os discípulos de Buda que o Céu, a Terra, os Demônios e os Deuses, o homem decaído e o homem-Deus não são mais do que sonhos passageiros e ilusões sansáricas!...

Não se pode ser, ao mesmo tempo, Martinista e Budista. Mas devemos reconhecer que as doutrinas Martinistas podem parecer bem "obsoletas" para nossa época, enquanto o Budismo conserva todo o seu valor...

Quanto ao ramo Lyonês, ligado à escola de Martinez de Pasqually e de Willermoz, possuía seu centro ativo em Lyon. Em Paris, de 1936 a 1939, ele teve por centro de difusão o "Colégio do Ocultismo", à Rua Washington, 17, onde a cada domingo vinha um público numeroso ouvir as conferências tratando de espiritualismo, hermetismo, ocultismo, etc... Esses Martinistas "Lyoneses", reunidos no seio da Loja "Papus", tinham por "antecâmara" a obediência do *Memphis-Mizraim* que, com suas duas lojas parisienses, (a "Jerusalém Egípcia" e "A Nova Era"), transmitiam aos neófitos do Martinismo a necessária iniciação maçônica. O "*Grande Priorado Francês*", que era dirigido pelo Dr. Camille Savoie, transmitia a iniciação regular dos "Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa", segundo as instruções estabelecidas por Willermoz na Grande Convenção dos Gauleses, em Lyon (1778).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) veio interromper novamente a atividade do Martinismo.

A partir de Junho de 1940, imediatamente depois da formação do governo Pétain, dois decretos relativos às Sociedades Secretas foram promulgados. Pelo decreto de 14 de Agosto, as sociedades secretas eram declaradas ilegais, seus bens mobiliários e imobiliários desapropriados e vendidos em benefício das obras da Assistência Pública. Um decreto, no inverno de 1940-41, dissolve a Ordem Martinista e a Igreja Gnóstica. Esses dois organismos tinham realizado um acordo em 1911. Por esse tratado, a *Igreja Gnóstica Universal* era reconhecida como a Igreja oficial do Martinismo. Assim, a doutrina secular de Martinez de Pasqually estaria ligada a um sacerdócio esotérico. Confirmado e expandido em 1917 por Teder, a segunda versão desse tratado dava, aos membros do alto Sínodo Gnóstico, o direito de se sentar no "Supremo Conselho" da Ordem, e a título de reciprocidade, vice-versa. Esta é a razão pela qual a Igreja Gnóstica foi dissolvida ao mesmo tempo em que o Martinismo.

A partir da promulgação desses decretos pelo Governo de Vichy, toda uma organização anti-maçônica *legal* passa a funcionar. A rapidez da escolha de seus membros, todos anti-maçons notórios, católicos militantes ou anti-ocultistas declarados, tendem a provar de forma irrefutável que as *organizações privadas* desses vários grupos, que em tempos de paz dirigem uma guerra sem trégua ao Ocultismo inteiro, tornam-se, *ipso facto*, os *serviços oficiais* do Governo, e que a derrota francesa, em consequência, de onde deveria surgir o novo estado de coisas, foi prevista, e mesmo desejada, por certos fanáticos.

Seja como for, o Martinismo que nunca se envolveu com a política, não foi esquecido!

Os lares de todos os membros cujos nomes o Governo de Vichy tinha descoberto foram invadidos e revirados. Eles apreenderam livros, e sob o pretexto de que a documentação *maçônica* estava proibida (obras históricas, doutrinárias, revistas, etc...) também confiscaram a documentação puramente *ocultista*! Magníficas bibliotecas privadas foram assim, saqueadas pelos serviços da Prefeitura que presidia a liquidação das associações dissolvidas. Algumas foram enviadas à Alemanha, outras dispersadas e vendidas. As obras mais distanciadas da Maçonaria, mais declaradamente perigosas para os católicos militantes, foram confiscadas e a Astrologia, Cabala, Magia, Alquimia, Simbolismo, as diversas filosofias ou estudos religiosos (Budismo, Hinduismo, etc...) não escaparam ao ostracismo, ressurgidas nos séculos passados. Um "funcionário" da Prefeitura estava mesmo muitíssimo interessado em encontrar Louis Claude de Saint Martin para lhe inquirir sobre sua atividade maçônica! Foi extremamente penoso fazer com que ele admitisse que Saint Martin vivera no século XVIII, estava morto e sepultado! (*A história é rigorosamente autêntica...*).

Ao mesmo tempo, sob os mais falaciosos pretextos, capturavam-se pessoas. Um tal Martinista, igualmente maçom, ainda detentor de documentos ou emblemas maçônicos, via-se acusado de uma reconstituição da organização dissolvida e enviado simplesmente a *la Santé*, em Fresnes (uma prisão militar alemã) ou a um campo de concentração. Tal Martinista, não maçom, mas em cuja casa tinha um velho fuzil de antigamente, ou alguns velhos cartuchos datados de guerras passadas, via-se culpado de posse de armas, de ter um depósito de munição e de explosivos, e também era preso!... Enfim, em 23 de Março de 1944, Constan Chevillon, Grão Mestre da Ordem, Patriarca da Igreja Gnóstica, antigo professor de filosofia de Lyon, foi assassinado com tiros de metralhadora, após ter sido levado de seu domicílio por pseudo-policiais, em realidade militantes de organizações "colaboradoras" (Partido Popular Francês, M. S. R. e Milícia).

Em outra área, a da liberdade de imprensa, o governo tomou medidas análogas. Em Maio de 1942 era criado o "Comitê de Repartição do Papel", que impôs uma verdadeira tirania ideológica (sem nenhum exagero partidário). Todos os manuscritos remetidos a um Editor, com a intenção de publicação, deveriam ser submetidos ao Comitê. Nesse sentido, o Editor ao apresentar a obra devia preencher uma ficha indicando a identidade do autor, as características técnicas da futura obra

(formato, paginação, etc...) e a *categoria* na qual ela entraria: história, romance, ciências, filosofia e religião, etc... Ela era então confiada a um comitê de leitura, escrupulosamente selecionado, e onde figuravam apenas pessoas conhecidas por suas convicções políticas ou religiosas, ou por seus interesses no Governo de Vichy. As obras que eram "bem pensadas" ou dentro do espírito político do dia e eram asseguradas, não apenas de conseguir a autorização requisitada, mas também a aprovação necessária para obter o precioso papel!... Inútil seria mencionar que tudo o que tocava o Ocultismo ou o Esoterismo era rigorosamente rejeitado! Coisa estranha, os Alemães se contentavam em *adiar* a autorização de publicação para livros suspeitos, enquanto que os censores "bem pensantes" a *recusavam* invariavelmente. Muito bem organizado e concebido, esse magnífico "extintor" do pensamento funcionava com uma discrição e uma modéstia extraordinárias. Se incluirmos aqueles que "extinguiam" manuscritos confiscados no curso das perseguições, e em seguida perdidos ou destruídos, concordaríamos que as "Pessoas do Marechal" certamente mereceram sua herança Francesa – seja ela espiritual ou literária...

Pode-se dizer, sem o menor exagero, que uma completa arbitrariedade presidia a aplicação de todas essas medidas e às vezes, tristemente, a mais evidente desonestidade!

Lembremos igualmente que para os presos, o perigo não era pequeno! Na verdade, era nos campos de concentração que as autoridades Alemãs aleatoriamente escolhiam reféns para serem mortos como "exemplos", após cada atentado de franco-atiradores! (*Setenta e cinco reféns* foram fuzilados apenas no departamento de Seine e Paris).

Mas também devemos salientar as magníficas provas de solidariedade de que os Martinistas podem se orgulhar. Divididos (como todas as comunidades Francesas) em partidários da resistência tenaz e em partidários da colaboração franco-alemã, com tudo isso eles não se esqueceram de seus laços de união e fraternidade. É assim que o Dr. B... aprisionado apesar de sua avançada idade por possuir alguns cartuchos da guerra de 1914-1918, encontrados no fundo de uma gaveta, foi liberto da prisão por um Martinista "colaborador". Esta pessoa, sem medo de se comprometer, multiplicou suas medidas e pressões, até que a Gestapo consentisse libertar o Dr. B... graças a este Martinista, digno das grandes tradições do século XVIII.

Mas as Sociedades Secretas iniciáticas pareciam duramente golpeadas. Antes de um ataque tão violento, os antigos Martinistas, desamparados, aterrorizados por esse ódio militante e tenaz, puseram os grupos para adormecer e dispersaram a morte na alma.

E foi assim que, diante dessa ameaça renovada de uma outra era, diante da dispersão e da desordem geral, alguns ocultistas decidiram reagir. Mais que nunca, as correspondências privadas sobre esses temas eram perigosas; o transporte e a transferência de documentos ou objetos ritualísticos ainda mais. Quanto a qualquer tipo de "reunião", isto poderia imediatamente resultar na *apreensão dos bens pessoais* daquele em cuja casa se efetuava a reunião. Na rua, nos meios de transporte, invasões e buscas eram freqüentes, e eles esvaziavam quarteirões inteiros (feitos logo a seguir ao ataque às tropas de ocupação), buscando casa por casa, apartamento por apartamento, cômodo por cômodo e durante horas.

Apesar de todos esses perigos, um trio de conhecidos ocultistas decidiu "reviver" a Tradição. Um dos três era um Martinista, da linhagem dos "Superiores Incógnitos" de Louis Claude de Saint Martin. Ele iniciou os dois outros, em 4 de Abril de 1942. Na Segunda Feira de Páscoa, em 6 de Abril do mesmo ano, dois dias mais tarde, os três formavam um "triângulo" Martinista, tendo por ideal revelar as tradições da Ordem dos Elus Cohen, e de retomar todos os seus trabalhos, mesmo os teúrgicos. Para encontrar um "Nome" para esta Loja, eles recorreram ao *Tarô*. Um deles tirou uma carta, a Papisa, o arcano II, a letra hebraica "Beth" (ב). O segundo tira uma outra lâmina: o arcano V, o Papa, a letra "Hê" (ה).!... O Papa e a Papisa! Os dois arcanos ocultos por excelência...E o

terceiro afiliado estabeleceu então o "Nome" da Loja, que foi "Bethelios". *Bethel*, (לֵא-תִיב) em hebraico, "A Casa de Deus" (Gênesis XXVIII, 19). Ou ainda *Beth*, a Lua, e *Hê* (Hélio), o Sol...

Os "S::: I:::" em questão, iniciador dos outros dois, tinha o *nomen* esotérico de "Aurifer". Os outros dois levavam os nomes de "Phalgus" (gênio do Julgamento no Nuctemeron de Apolônio de Tiana) e o outro de "Baphometos" (transcrição grega do seu nome próprio de família).

"Aurifer" fora iniciado anteriormente por "Harmonius", o qual havia sido por A. Chaboseau. A filiação era, portanto incontestável. Como "testemunhas" estavam: "Mikaël" (ex-membro do antigo Supremo Conselho de 1884, na qualidade de Inspetor Principal, iniciado em 1908 por "Teder") e Hierax.



Nenhuma reserva poderia ser feita, portanto, quanto à legítima iniciação de "Aurifer".

Voltemos à obra de "Bethelios".

Nossos três ocultistas (Phalgus, Baphometos e Aurifer) tinham, em suas relações, numerosos amigos ou correspondentes que desejavam passar do estudo puro à experimentação, de "especulativos" tornarem-se "operativos".

Retomou-se, assim, a documentação histórica sobre Martinez de Pasqually e seus discípulos e seus rituais foram estudados. E se estabeleceu uma nova "forma" operativa, mais afim com a época moderna, com o espírito (diferente daquele dos homens do século XVIII), todavia rigorosamente de acordo com a *Tradição*, Mágica e Martinezista.

Na Quinta Feira, 24 de Setembro de 1942, à meia-noite, hora solar (ou seja, duas horas da manhã, de acordo com o horário imposto pela Ocupação), oito Círculos se iluminaram em Paris. (Sete estavam situados nos arredores da capital, um apenas no centro, perto de Saint-Eustache!). Três deles, após a celebração da Grande Conjuração Equinocial, presenciaram a aparição de "passes". Fiéis à "Palavra", os Poderes do Invisível aderiram ao ritual, feito quase *dois séculos após...*

Durante os seis meses seguintes, trabalhamos sem descanso: fazendo a triagem dos correspondentes, e a seleção minuciosa dos numerosos pedidos. Pois, freqüentemente, os membros de "Bethelios" encontravam neófitos do ocultismo, desejosos de se afiliar a um movimento esotérico qualquer. Mas nem todos os candidatos eram de igual valor e não ofereciam a mesma garantia moral. Enfim, era preciso tomar precauções minuciosas para conservar o *segredo mais absoluto* sobre a obra empreendida, e despistar os agentes da Gestapo ou os informantes do Governo de Vichy.

Tanto na casa de um deles, como na do outro, eles se reuniam para "receptionar" um novo irmão. A mesma mala transportava, sob as barbas dos policiais, as vestimentas negras, brancas e vermelhas, os candelabros, os círios, o incensório, o evangelho, o ritual e a espada... E, como as súplicas das

Litanias, as palavras hieráticas do século XVIII abriram durante meses e meses, a jovens homens amantes de um ideal e de um misticismo, as mesmas simbólicas "Portas".

Sem que nenhuma publicação pudesse servir de propaganda, e sem ter feito nenhum apelo aos antigos membros das Lojas dispersas, em 4 de Abril de 1943, na lua nova do Equinócio, *dezoito* círculos se iluminaram em Paris. E em 29 de Setembro do mesmo ano, eram *vinte e cinco* similares cerimônias teúrgicas, que se iluminavam à mesma hora, no silêncio da noite... Em Pontarlier, em Lyon, em Calais e Nantes, outros "S.: I.:" mantinham-se no centro dos "círculos" mágicos, rodeados pelas mesmas "luzes" simbólicas que protegiam os Elus Cohen do passado, lançando no mesmo instante, sob uma forma idêntica, o mesmo "*vórtice*" liberador! ⁴⁹

O impulso foi dado. Doravante, não deveria mais se deter, e com a ajuda de Deus, a corte dos Teurgos que havia suscitado Martinez de Pasqually iria renascer e se organizar, verdadeira "Cavalaria Mística" no cerne de um materialismo geral.

É então que uma das "testemunhas" que assistiu, anteriormente, a "recepção" de *Aurifer* como S.: I.: traz ao Grupo elementos de ação decisivos. Já mencionamos esse Membro da Ordem Martinista por seu *nomen* esotérico: *Mikaël*.

Esse Irmão estava de posse de todos os títulos possíveis em matéria de Maçonaria e Iluminismo, como veremos, pois ele era:

- "33°" (Soberano Grande Inspetor Geral) do Rito Escocês Antigo e Aceito, membro do Supremo Conselho para a França e suas dependências;
- Membro de Honra da Grande Loja da Dinamarca;
- "95° e 97°" do Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Mizraim, detentor de uma Carta de Grande Mestre para a França e suas dependências e territórios, enviada por John Yarker (Grão Hierofante da Ordem) em Setembro de 1909, e de uma outra assinada por Jean Bricaud (1921);
- Membro de Honra da Grande Loja da Argentina para o mesmo Rito;
- "Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa" para o Rito Escocês Retificado, Grande Professo, segundo a filiação de J. B. Willermoz; e por isso, de posse da filiação dos Elus Cohen, por sua iniciação recebida do Dr. Camille Savoie, ele mesmo em pessoa, Grão Mestre da Ordem;
- Inspetor Geral da Ordem Martinista, membro do antigo Supremo Conselho, estabelecido por Papus, (Cartas sucessivamente assinadas por Papus e Téder);
- Membro da Ordem Cabalista Rosa+Cruz (fundada por Papus e Guaita) e de sua Câmara de Direção;
- Delegado da Ordem Martinista (Supremo Conselho de Paris) em 1939, ligada à Federação Universal das Sociedades Iniciáticas (F.U.D.O.S.I.);
- Grão Mestre para a França da Ordem de Hermes Trismegisto (Maçonaria iniciática Pitagórica);
- Membro da Ordem dos Samaritanos Desconhecidos (Ordem filantrópica alemã);
- Antigo membro fundador do Capítulo INRI, fundado anteriormente por Papus e o Dr. de Ribeaucourt para reunir os S.: I.: detentores do 18° grau (Cavaleiro R + C) e os Maçons espiritualistas do Rito Escocês Retificado;
- Etc... etc...

Aurifer, sendo já maçom do Rito Iniciático Antigo e Primitivo de Memphis-Mizraim, o Ilustre Irmão Mikaël lhe transmite assim os 4°, 12°, 14°, 18°, 32° e 33° graus de Memphis-Mizraim, depois os 66°, 90° e 95° do mesmo Rito, dando-lhe os poderes de Grão Mestre Substituto, em virtude da Carta de Constituição para um Soberano Santuário recebida em 1909 por John Yarker. Enquanto isso, em virtude das Grandes Constituições de 1786, modificadas e adotadas pela Convenção Universal do Supremo Conselho, ocorrido em Lausanne em 22 de Setembro de 1875, o parágrafo 3

⁴⁹ Concebidos no espírito primitivo, esses exorcismos eram dirigidos contra o *MAL*, enquanto princípio, mas nenhuma intenção partidária (política, pessoal, etc...) estava incluída. Este fato deve ser destacado.

dessas Constituições previa que, quando o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito fosse inexistente, ou estivesse adormecido, apenas um "33º" teria poderes de constituir um outro (depois, esses dois um terceiro, e assim por diante até a ocorrência de *nove*), o Irmão Mikaël transmitiu ao Irmão Aurifer, já 33º - 95º de Memphis-Mizraim, o 33º grau do Rito Escocês.⁵⁰

O novo ramo Martinista encontrava-se assim de posse dos poderes maçônicos necessários para se constituir em um ramo Martinezista e se ligar aos Elus Cohen.

Dentre os novos S.: I.: segundo a filiação de Saint Martin, que ordenaram os três fundadores do Grupo "Bethelios", encontravam-se dois que eram "mestres" maçons, os Irmãos "Andreas" e "Villanova".

Argumentando que as velhas constituições maçônicas permitiam que, seja no mar, em tempo de guerra, ou durante o período de "sono" das Obediências regulares, três Maçons titulares do Grau de Mestre podiam iniciar um profano, esses dois Irmãos e Aurifer constituíram um "triângulo escocês", e iniciaram sucessivamente os dois mais qualificados e capazes dentre os novos membros. (Dois dos três fundadores originais de Bethelios: Phalgus e Baphometos objetaram e recusaram a filiação à Franco-Maçonaria). O "triângulo escocês" de três membros passava então a cinco, criando – segundo a terminologia ritual – uma "Loja Justa" e na sequência, o número de seus membros aumentou para criar uma "Loja Perfeita". Esta primeira Loja recebeu o nome de "*Alexandria do Egito*" no Oriente de Paris, recordando o nome da Cidade antiga para a qual convergiam a elite dos pensadores greco-latinos.

O renovado núcleo Martinista estava de posse de um número majoritário de *iniciadores livres*, (filiação de Saint Martin e dos "Filósofos Desconhecidos"), e de um número minoritário desses mesmos iniciadores livre, detentores da iniciação maçônica e dos poderes aferidos a todo detentor dos altos graus.

Como dissemos, o Irmão "Mikaël" tinha a filiação de Grande Professo de J. B. Willermoz, e como tal, também a dos "Elus Cohen" de Martinez de Pasqually. Sua ordenação de "Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa" ele recebeu do Dr. Camille Savoie em pessoa, Grão Mestre do Rito Escocês Retificado, e sucessor incontestável de Willermoz, no comando do "Grande Priorado dos Gauleses".

Em 3 de Setembro de 1943, segundo a antiga Ritualística e o Sacramentário utilizados por esses mesmos "Elus Cohen" (isto é, de acordo com as instruções práticas contidas nas cartas manuscritas que estavam nos arquivos da Ordem, e das próprias mãos de Martinez ou de Saint Martin), no centro do Círculo marcado "com dois Nomes e o Schin", e cercado de Oito Nomes e de Oito Luzes, Mikaël transmitiu a Aurifer os "*poderes e direitos, deveres e obrigações, de Cavaleiro Elu Cohen e Reau+Croix*".

Desses dois graus, o primeiro (Cavaleiro) sintetizava os graus de "Grande Mestre Elu Cohen" (ou *Grande Arquiteto*) e o de "*Grande Eleito de Zorobabel*". O segundo era aquele do primeiro grau da famosa classe secreta dos Reau+Croix.

No espírito de Martinez, este último constituía um verdadeiro sacerdócio. As suas "operações" eram denominadas "cultos"; e o candidato não era mais iniciado, mas "ordenado". Alusão a um "sacramento de ordem".

Mikaël e Aurifer estavam ambos, agora, de posse do *Episcopado Cátaro segundo a filiação de Jules Doinel*.

⁵⁰ Essa última transmissão era irregular, porque seria preciso que o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito tivesse *a si mesmo* dissolvido. Essa não era o caso...

Argumentando esta transmissão, Aurifer constituiu dois outros Martinistas e "S.: I.:", também detentores deste mesmo episcopado, "Cavaleiros Eleitos" e "Reau+Croix". Depois, ele ordenou os outros dois "S.: I.:", que eram também maçons, simplesmente como "Cavaleiros Eleitos". E assim, no coração do grupo Martinista nascido desta guerra, um "Templo Cohen", legítimo e regular estava fundado.

As Cartas necessárias foram emitidas, detalhando as várias linhas de transmissão. Redigiram-se inclusive as Cartas de Constituição do referido Templo. Os Estatutos e os Regulamentos foram elaborados, gerais e particulares. Um cuidado especial foi tomado para comunicar oficialmente o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Mizraim, e a Ordem Martinista, em seu Supremo Conselho de Lyon. E a fim de não se criar nenhuma dissidência, nenhum equívoco, renunciou-se ao nome "Martinista" e retomou-se o título antigo: "*Ordem dos Cavaleiros Elus Cohen do Universo*", tal como era empregado no século XVIII pelos seus fundadores iniciais. Continuaram no seio deste templo Cohen, a tradição das Operações diárias, mensais e equinociais.

Inclusive, para continuar as pesquisas sobre as grandes chaves da Cabala, por especialistas desta questão, criou-se no interior do corpo geral (Martinistas de Saint Martin e Elus Cohen de Martinez de Pasqually), o grupo "A. G. L. A'", que tinha esse nome em memória da Sociedade Secreta análoga da qual fazia parte o rei Francisco I, e que já a descrevemos longamente em um capítulo anterior.

Ao mesmo tempo, para produzir uma síntese do pensamento gnóstico, proveniente das obras dos antigos doutores (Valentino, Simão da Samária, Marcion, Basilide, Heráclio, etc...) um Alto Sínodo com seis membros foi criado, unindo os três bispos com outros três bispos gnósticos parisienses, que eram "S.: I.:" inclusive.

E assim, com a cadeia de Livres Iniciadores, ou "S.: I.:" segundo Saint Martin, o Templo Cohen de Paris, o Grupo "AGLA", o Alto Sínodo, foi reconstruído aquilo que o Governo sectário de Vichy acreditava ter erradicado para sempre! E, ainda mais, uma organização infinitamente mais compacta, com uma descentralização fecunda em suas pesquisas, uma juventude e um ardor durável, tornando doravante o Martinismo mais vívido e mais forte que no passado. Arquivos materiais, cujas certas peças constituíam documentos sem igual, Cartas e Patentes, irrefutáveis e sem ambigüidade, linhagens inatacáveis, completavam esta poderosa legitimidade.

Isso que não tinham conseguido realizar os Antigos Mestres iria reviver, e melhor ainda, **PROSPERAR...**

Foi então que um evento dramático ocorreu, já mencionado acima, e que alterou completamente as visões mútuas dos dois ramos Martinistas.

No Sábado, 25 de Março de 1944, no fim da tarde, alguns homens se apresentaram no domicílio de Constan Chevillon, na Rua dos Macabeus, em Lyon, hospedado na casa da viúva Bricaud, esposa do pranteado Grão Mestre da Ordem. Algumas semanas antes, outros homens haviam vindo procurar por Jean Bricaud. Informados que ele estava morto há dez anos, eles envergonhados desculpam-se, e se retiraram. Desta vez, eles estavam melhor documentados. C. Chevillon estava lá.

Valendo-se de um mandado de busca, que se recusaram a mostrar, eles puseram a casa em total desordem, levando algumas garrafas de champanhe, presente de um amigo de Chevillon por ocasião do batizado de seus filhos, batismo celebrado por ele mesmo, na qualidade de patriarca da Igreja Católica-Gnóstica de Lyon. Então, não tendo achado nada de suspeito, eles declararam C. Chevillon preso. Durante a noite, a Sra. Bricaud aguardou pelo seu regresso. Na manhã seguinte, alguns agentes da polícia (verdadeiros, desta vez) se apresentaram e advertiram-na que haviam descoberto

o cadáver de seu hóspede, crivado de balas, em um terreno abandonado. Seu dinheiro, sua bengala, estavam intactos. O crime havia sido incontestavelmente político.

Tal é, lacônica e dramática, ao mesmo tempo, o relato deste drama.

Em 1940, o anti-maçom Vallery-Radot e alguns membros do Governo de Vichy já tinham revistado a casa da Sra Bricaud. Nas listas dos Altos Dignitários das Sociedades Secretas, publicadas pelo Diário Oficial, o nome de Chevillon figurava. E alguns dias antes desse drama, Maurice Yvan-Sicard, do Partido Popular Francês, chefe de propaganda, declarou em uma reunião que era preciso "abater os chefes da alta-maçonaria e da sinarquia". E todas as revistas anti-maçônicas assinalavam o Martinismo como idêntico a essa mesma Sinarquia. Desde então, a campanha para premeditar o assassinato de Chevillon estava assinada...

Na realidade, "*a Sinarquia*", uma organização secreta altamente financiada, existia certamente, e muito bem. Mas ela nada tinha que ver com o *princípio sinárquico* do governo de estado, proposta antes por um martinista de Saint Martin, Saint-Yvez d'Alveydre!

A Ordem Martinista havia sido *propositadamente* confundida com um movimento puramente político e capitalista, misturando os Martinistas com negociantes e aventureiros.

Mas, seja como for, o assassinato de um sexagenário devia, como sempre, gerar uma colheita fecunda. Os dois ramos de Lyon e de Paris, já ao ponto de unirem-se definitivamente, e suprimir essa cisão injustificada, puseram fim a essa separação. Decidiu-se voltar pura e simplesmente ao antigo "Rito dos Elus Cohen", rito maçônico espiritual e oculto, e de eixar ao livre arbítrio os detentores da linhagem de S.: I.: de Louis Claude de Saint Martin o direito, como *Livres Iniciadores*, de perpetuar sua Tradição.

O "Rito Cohen" foi retomado conforme a forma do século XVIII e assim hierarquizado, tal como havia sido fixado por Martinez de Pasqually:

Classe de Pórtico	Aprendiz-Maçom	Maçonaria Azul
	Companheiro-Maçom	– Filosófica –
	Mestre-Maçom	
Classe de Portico	Aprendiz-Cohen	Maçonaria Verde
	Companheiro-Cohen	– Cabalística –
	Mestre-Cohen	
Classe do Templo	Mestre-Elu Cohen	Maçonaria Negra
(Capítulos e	Grande Mestre Cohen	– Teúrgica –
Areópagos)	(ou Grande Arquiteto)	
	Grande Eleito de Zorobabel	
Classe Secreta	Reau+Croix	Maçonaria Vermelha
(Santuário)	Grande Mestre Reau+Croix	– Sacerdotal –

Longos períodos e estágios de prova foram impostos para passar de um grau a outro, e foi decidido apenas transmitir os ensinamentos de acordo e em razão direta com o saber e o trabalho pessoal do receptor.

A *Classe de Pórtico* – Maçonaria Azul – reunidas nas Lojas de São João da Maçonaria Simbólica transmitiam o ensino moral e filosófico. A Classe de Pórtico trazia os ensinamentos cabalísticos, de acordo com a doutrina do Mestre fundador da Ordem, tal como estava contido (velado) no "Tratado da Reintegração dos Seres Criados" e na "Revolução das Almas" do rabino Isaac Luria. A *Classe do Templo* aportava o conhecimento teúrgico e *prático*. Para tanto, o afiliado trabalhava no laboratório oculto, e aplicavam-se os arcanos da Alta Magia. Enfim, a *Classe Secreta*, ou do "Santuário" transmitia uma iniciação *sacerdotal* completa, trazendo ao Reau+Croix a verdadeira e autêntica

sucessão dos *Sacerdotes segundo Melkitsedek e segundo Aarão*, junto com tudo o que esta iniciação comporta de complemento teúrgico aos ensinamentos do "Templo" e de "poderes" ocultos, concedidos por esta *ordenação sacerdotal*.

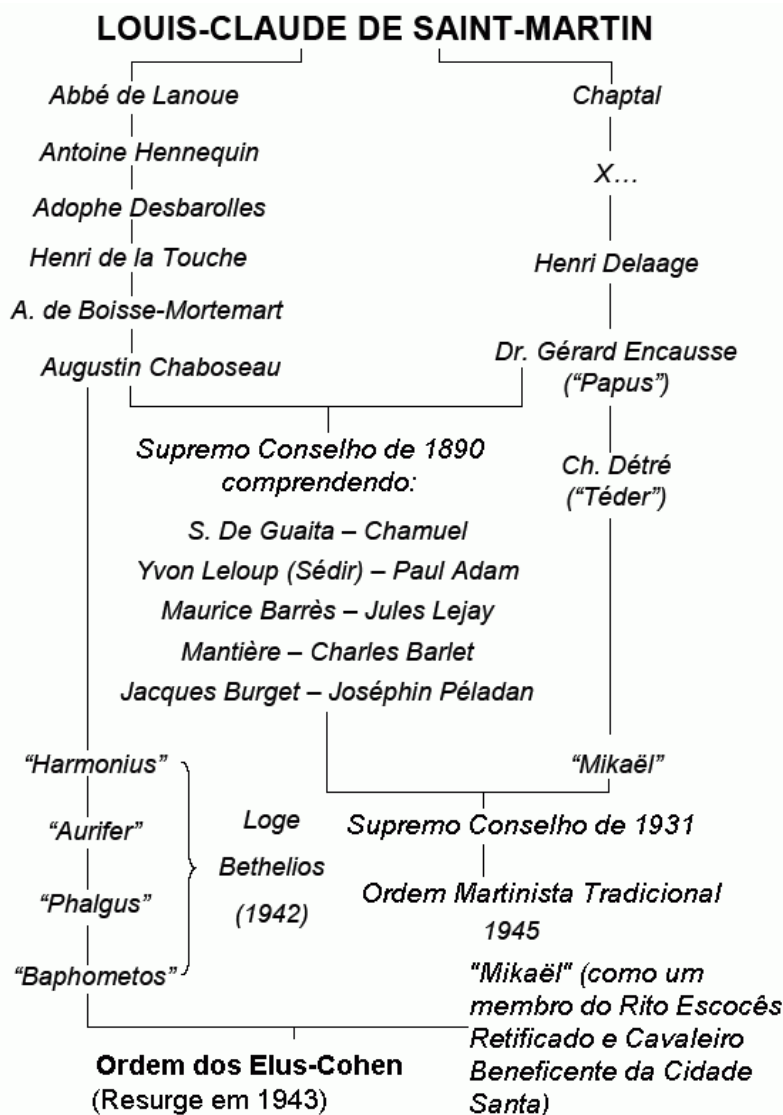
Com os Elus Cohen, multiplicados e organizados, a Tradição Ocidental possuía já a sua milícia sagrada, tal como no passado possuiu o Templo de Jerusalém, com seus Templários, tanto sacerdotes como soldados...

No momento em que escrevemos estas linhas, concluindo um manuscrito iniciado há dois anos sob o terror policial, Paris, vitoriosa e feliz, clama por sua liberdade reconquistada! Durante sete dias e sete noites, demolindo as barricadas, um povo patriota e orgulhoso esteve lutando para eliminar o regime de servidão, de censura e de morte que lhe impuseram os bárbaros. E como há vinte séculos, em Emaús e em Hebron, os levitas reunidos atrás de Judas Macabeus contra Antíoco Epífanes, e que teve Martinistas e Elus Cohen combatendo juntos, por trás das mesmas barricadas! E os soldados alemães foram expulsos, seus carros de guerra incendiados e suas fortalezas derrubadas.

Mas, o que diríamos da parte que teve nessa ação, libertadora dos espíritos e dos corpos, das idéias e atos, essa ressurgência, cada vez mais numerosa, de espadas ritualísticas e de chamas simbólicas? Que diríamos do poder das palavras de uma Teurgia secular e da oculta radiação dos círculos operativos misteriosos?

Em poucos meses, toda a massacrante potência militar que se espalhou sobre a Europa, terrorizando-a por alguns anos, havia colapsado. Toda a barbárie pagã acompanhou os estandartes negros ornados pelos dois S rúnicos de prata que a Waffen-SS moldou, ante a Cruz de Cristo unida à Estrela de Salomão... E os sinistros emblemas de um regime sem coração e sem piedade serviram somente para velar a incompreensão dos chefes bárbaros frente a essa incompreensível derrota. Nem a cruz gamada voltada à esquerda, nem os crânios e ossos de prata das seções especiais, nem os chifres bovinos que ornavam os emblemas regimentais alemães prevaleceram diante dos velhos pantáculos do princípio dos tempos! Odin e Thor, Irmensul ou Wottan, nenhum dos antigos deuses se ergueu ou deixaram o manto púrpura onde dormem as divindades mortas, para combater, tal como os deuses da Grécia, à frente de suas legiões.

QUADRO DA LINHAGEM DO MARTINISMO E MARTINEZISMO CONTEMPORÂNEO



E se é verídico que o homem de Bertschesgaden tentou subjugar os Poderes Divinos aos seus desejos de dominação, se é verdade que a Alemanha nacional-socialista voltou-se para os deuses de uma outra era, não é menos certo que eles não lhe puderam dar a vitória.

"Tudo é repleto de almas e de demonios"..., disse Aristóteles. E Leon Daudet, citando o filósofo antigo, acrescenta em "Um dia Tempestuoso" (*Un jour d'Orage*): "... e nós vivemos no centro de um perpétuo combate de grandes asas, brancas ou negras"....

Espiritualista à sua maneira, a Alemanha nacional-socialista havia conseguido obter proteções ocultas, e, graças a elas, conquistou pessoas que voluntariamente se afastaram de seus próprios protetores. Será que os povos livres saberão compreender este sinal, e, rompendo conscientemente com um ateísmo e um clericalismo infantis e obsoletos, reencontrar as fontes eternas, a água viva da verdadeira espiritualidade?

*Enquanto este trabalho ia sendo completado, o Sr. Jean Chaboseau, filho do Grão Mestre da Ordem Martinista, Augustin Chaboseau, fez chegar às nossas mãos o seguinte Relato manuscrito sobre a Ordem fundada por Papus. Aqui está em sua integralidade*⁵¹.

⁵¹ É extraordinário este documento esteja incluído por várias razões, e os motivos de Ambelain são pouco claros. Primeiro, é incomum citar um trabalho completo de outro autor. Segundo, é um texto estranho que mais parece um manifesto do que um convite para filiar-se a uma ordem oculta altamente espiritual e desenvolvida. Finalmente, ao afirmar que a Ordem Martinista é a única com uma linhagem autêntica, parece refutar a própria Ordem dos Elus Cohen de Ambelain!

NOTA HISTÓRICA SOBRE A ORDEM MARTINISTA

O público que se interessa por temas iniciáticos, por mistérios esotéricos é considerável, e dir-se-ia que um dos fatores de propagação dessas doutrinas é a renomada Ordem Martinista. Mas poucos estudantes do Oculto sabem o que se entende por isto. É por isso que, em uma Revista que, desde sua fundação, coloca em sua cobertura o símbolo desta Ordem, pareceu-nos necessário dar alguns poucos fatos sobre esta Sociedade da qual muito se falou, e em geral de modo errôneo.⁵²

A existência da Ordem Martinista é um fato preciso, e mesmo o leitor menos advertido sabe que esta ordem foi fundada por Papus, seguidor de Saint Martin. Mas entende-se que Papus é o sucessor de Saint Martin, e como Papus mesmo afirma, que essa Ordem teve por fundadores Martinez de Pasqually e o próprio Saint Martin.

A verdade é outra. Papus foi a alma e o animador de um movimento de renovação dos estudos esotéricos, no fim do século XIX. Cercado por escritores de talento, de pesquisadores e de eruditos, ele se propôs, e conseguiu, fazer penetrar mesmo no público menos informado, esta forma de compreender o universo, a metafísica e a ciência. Mas Papus compreendeu depressa que, para reunir os elementos dispersos que se entregavam a essas pesquisas, havia a necessidade de uma Sociedade, que os uniria em um feixe e estudaria com disciplina os sistemas, e formaria uma elite capaz de pesquisar e de difundir, conforme um método apropriado, esse conjunto de doutrinas que ele e seus amigos ansiavam por ver disseminada.

Com esse objetivo, iniciou-se uma forma específica de Maçonaria. Papus teve a idéia de criar uma Ordem análoga, cujo modo de trabalho seria sensivelmente o mesmo, e a disciplina interior inspirada nas Ordens Maçônicas. E já sendo iniciado pela tradição de Saint Martin, ele pretende colocar sob esta égide a Ordem que ele compôs com seus amigos.

Já iniciado, ele coloca suas forças no seu propósito, e nós relembramos o Livro de G. Van Rijnberk a este respeito: "Nós veremos como ele agrupou Martinistas que haviam sido individualmente iniciados como ele mesmo o foi, para trazer essa Ordem à luz – e ela nasceu em 1891".

Mas ainda era preciso apresentar algo que prova-se que ela teve uma origem, uma filiação, uma tradição, e ao colocar a Ordem sob este vocábulo, ele constatou que já havia existido no passado, no seio da Maçonaria escocesa, uma Ordem fundada por Martinez de Pasqually, e fora da Maçonaria, um Grupo criado por Saint Martin. Nós não pretendemos julgar Papus, nem o atacar. Contudo, a verdade histórica nos obriga a tornar preciso que a linhagem invocada por Papus entre essas organizações e esta que ele constituiu em 1891 é completamente fantasiosa e marcada por um desejo de justificação. Papus, em um manifesto de 1906, publicou que a Ordem Martinista foi fundada por volta de 1750 por Martinez de Pasqually, continuada por Saint Martin e depois por Willermoz até 1810, e que ela teve um revigoramento pela constituição de um Supremo Conselho em 1887; anunciando que o Supremo Conselho do qual ele foi Presidente tinha conservado os arquivos desde 1767, ele deixa entender que estamos em presença de uma Sociedade que não encontrou nenhum problema de continuidade, e que seu Chefe atual é o sucessor legítimo dos precedentes.

É certo que uma unidade doutrinal unia os detentores desta tradição, mas aí se restringe essa continuidade. A Ordem fundada por Martinez desapareceu oficial e oficiosamente na Convenção de Wilhelmsbad, e, composta por Maçons, possuía um objetivo e um método de trabalho muito particular. Nunca Saint Martin deu continuidade a essa Ordem, que não continuou a existir sob esse nome, e ademais como teria podido, pois ele se demitiu de todas organizações maçônicas por sua carta de 4 de Julho de 1790, e ele começou a propagar seu sistema pessoal só a partir de 1793.

⁵² Este texto estava destinado à revista "*l'Initiation*", que devia reaparecer, mas cujas circunstâncias difíceis impediram o seu ressurgimento.

Quanto a Willermoz, preocupado com a Maçonaria transcendente, ele consagrou sua atividade, após a morte de Martínez, à maçonaria retificada, rito escocês dissidente, mas sempre maçônico.⁵³

Qual é, portanto a filiação que Papus pode reivindicar? Vamos justificar a origem da Ordem Martinista fundada por Papus. Esta linhagem, que remonta a Saint Martin, seja através de Chaptal, pelo Abade de la Noüe, e que Van Rijnberk a analisou no tomo II de seu estudo sobre Martínez, não tem nenhuma conexão com a Ordem dos Elus Cohen do Universo deste último, mas sim com a Sociedade dos Filósofos Desconhecidos, cujos Estatutos foram fornecidos pelo Barão Tschoudy em sua "Estrela Flamejante" (1784). É esta Ordem, ou confraria mística, que conta entre seus membros Khunrath, Gitchel, Salzmänn, Boehme, e que atraiu Saint Martin quando ele se demitiu dos Cohen, da S.O.T., etc... por sua carta de 1790, época em que ele vivia em Estrasburgo. É desta Ordem, que se uniu com os "Irmãos do Oriente", e que um dos patronos foi o Imperador Aléxis Comnène, e que é ainda mais antiga, de onde surgem os símbolos fundamentais e únicos do Martinismo, e as letras que acompanham o "Chrismon" dos pontos misteriosos da Ordem também tiveram essa origem. É dessa Fraternidade que Saint Martin recebeu as chaves de seu Caminho Interior. Foram elas que ele depositou entre as mãos da Sociedade dos Íntimos, sociedade cuja existência é comprovada pela carta ao Professor Koester em 1795, citada por Rijnberk, endereçada a Von Mayer por J. Pont do qual fala Gleichen.

Assim, é unicamente esta Sociedade dos Íntimos de Saint Martin que Papus renovou, que ele constituiu em Ordem, e à qual ele deu uma maior forma maçônica, isto é, que ele organizou sob a forma de uma obediência real, com Lojas, Grupos, Conselho Supremo, etc..., algo que tinha sido indeterminado e livre, e que estava se reduzindo.

Esta Ordem Martinista conheceu uma grande atividade, tanto que não mais se podia mencionar Saint Martin e Martinismo sem evocar a existência imediata da Ordem do mesmo nome.

Logo após o falecimento de Papus (1916), assiste-se a um florescimento de membros do Supremo Conselho proclamando-se cada um Grão Mestre, e cada um se fazendo reconhecer por uma fração dos membros. Um publicou um ritual, outro manteve o sistema de iniciações livres, e um outro enfim, que reuniu rapidamente o maior número de aderentes, não se contentou com a Tradição de um quarto de século da Ordem, e fez tantas modificações que se assistiu realmente ao nascimento de uma nova Ordem. Apropriando-se por sua conta das afirmações de Papus, e alegando ser seu sucessor legítimo, assumiu a filiação regular de Martínez pelos livres iniciadores que lhe haveriam transmitido, fechando a Ordem assim renovada aos não-maçons, exigindo graus maçônicos como um requisito à admissão, rejeitando as mulheres, fabricando um ritual, e criou-se um edifício que no exterior se mantinha de pé, e no qual seus membros acreditavam com uma fé cega.⁵⁴

Em vista desses fatos, um limitado, mas suficiente, número de sobreviventes do Supremo Conselho de 1891 se reuniu em 1931, proclamando a continuidade da Ordem fundada por Papus com eles, como continuadores da Sociedade dos Íntimos de Saint Martin. Anunciando-se como os únicos justificados para manifestar essa regularidade, eles formaram um Conselho Supremo que escolheu por eleição, como haviam procedido em 1891 o mais antigo, tanto em idade profana, quanto iniciática, e fundaram grupos segundo o antigo costume. Para reforçar sua reivindicação, eles escolheram pra presidir este Conselho restaurado um dos dois assistentes sobreviventes de Papus, aquele que recebeu esta filiação sem quebra de continuidade desde Saint Martin. Ou seja, uma das raríssimas pessoas com que não contava Papus em sua linha iniciática (e claro que se deve

⁵³ Vimos nas páginas precedentes que a Ordem dos Elus Cohen havia clandestinamente sobrevivido à sua morte oficial...

⁵⁴ *Ele está falando de Téder!* Vale mencionar que, pela data deste manuscrito de Chaboseau, há uma crítica implícita sobre a escola dos Elus Cohen de Ambelain. Embora uma filiação maçônica fosse requerida, ela era obtida pelo Rito de Memphis-Mizraim, que era também aberto às mulheres. Estas linhagens portanto nunca excluíram as mulheres, apesar da enganosa subsequente propaganda.

compreender que isto se refere apenas à sua sucessão iniciática, e não ao título de Grão Mestre, que foi criado por Papus, e que não existia antes dele).

A Iniciação dada pela Ordem Martinista é, conforme sua origem, em um só degrau ou grau, e é plena e total nesses termos. Mas ela é precedida por um grau de provação, que comporta duas etapas, uma das quais é a iniciação propriamente dita, e a segunda que é a transmissão de poder do iniciador. Não há casos de recusa de aceitação com respeito à entrada na Ordem por causa da ausência de uma filiação maçônica ou pelo sexo do postulante.

A Ordem Martinista, que se proclamou Tradicional, e única a poder prová-lo, recusa-se a aceitar alguém de outro grupo como Martinista "livre"; pelo contrário, sendo ela a mais pura ortodoxia tradicional, são as outras pretensões a uma regularidade que se tornam, *ipso-facto*, "livres" em comparação a ela.

Em 1939, uma Convenção Geral reuniu em Bruxelas as Sociedades e Fraternidades iniciáticas não maçônicas, e a Ordem Martinista renovada em 1931 foi a única reconhecida como de posse da regularidade de Saint Martin, e a única admitida a falar em nome do Martinismo. Agregando o qualificativo de Tradicional, a Ordem Martinista espalhou-se em diversos países (EUA, Bélgica, Dinamarca, Suíça e Holanda) e se regularizaram as formações ou grupos criados por Papus que se consideravam como "livres", dado que esses grupos não queriam reconhecer aquelas Organizações que se proclamavam continuadoras de Papus, em razão das modificações levadas a cabo após sua morte, e pelas pretensões injustificadas a outras coisas que não à tradição de Saint Martin.

Atualmente, a Ordem Martinista Tradicional readquire, no sentido antigo da expressão, força e vigor, na França ao menos, (pois em particular nos EUA, ela cessou as atividades), onde seus membros foram molestados, perseguidos, presos, pelas forças de Vichy, e o Supremo Conselho universal, sediado em Paris, acaba de endereçar a todos os Martinistas do mundo uma circular anunciando a retomada oficial de seus trabalhos.

Agora firme nos propósitos de seu Mestre, o Filósofo Desconhecido, a Ordem Martinista Tradicional reivindica a honra de se ver considerada como a única detentora desta tradição, a clama a todos os Iniciados Martinistas para se agruparem sob sua égide, porque ela representa, na pessoa de seu Presidente e de alguns de seus membros, uma Tradição mais que milenar, e que não deve sua existência, de maneira nenhuma, a Papus em 1891; Papus estava apenas interessado nisto, como mostramos, e devemos admitir que a forma que ele deu a esta organização provou-se ser tão viável, positiva e fecunda, que é impossível de conceber a atividade Martinista sob um outro aspecto.

Como se observa, há atualmente duas entidades distintas: a *Ordem Martinista Tradicional*, que agrupa os Martinistas de Saint Martin (martinismo *livre*) e a *Ordem dos Elus Cohen* (Martinismo Maçônico, de características teúrgicas).

OS ADVERSÁRIOS DO MARTINISMO E O "SEGREDO" DA ORDEM

Em uma Ordem tão combativa quanto o Martinismo, não se poderia afirmar que contaria apenas com amizades! Era inevitável que, deslanchando uma *ação* no domínio material, quanto no domínio hiper-físico, o movimento suscitado outrora por Martinez de Pasqually criaria uma *reação* contrária.

É muito curioso que em domínios aparentemente opostos, foi onde essa reação se produziu, e os adversários podiam ser contados igualmente nas linhas de católicos ultra-militantes e de franco-maçons racionalistas ou ateus, nos preconceitos dos cegos escarnecedores, como na loucura fanática dos intolerantes. Acima de tudo, o Martinismo caiu sob a censura pontifical que, seguindo o exemplo dos imperadores romanos da decadência, proscreeu as "Sociedades de Pensadores" e as "Companhias Esotéricas". É assim que a Encíclica "*Qui Pluribus*" do Papa Pio IX (o mesmo que

foi, segundo parece, afiliado à Franco-Maçonaria no tempo em que ele era um mero Prelado...) e datada de 9 de Novembro de 1846 nos diz:

"Animado de uma justa emulação de zelo e dos santos exemplos de seus predecessores, Gregório XVI, de santa memória, e do qual fomos constituídos seu sucessor, apesar da inferioridade de nosso mérito, condenou por suas cartas apostólicas as mesmas sociedades secretas, e que nós também declaramos condenadas e estigmatizadas"....

Em 1209, o Sínodo de Rouen já havia dado o exemplo contra o Companheirismo e os Ofícios, dizendo: "... Há clérigos e laicos que se engajam a si mesmos por meio de um juramento a uma sociedade mútua, assim se expondo ao perjúrio (?). A Santa Igreja declara ter horror de semelhantes associações"....

Foi, portanto com precedentes bem conhecidos que o Papa Clemente XII, em 28 de Abril de 1738, publicou sua Encíclica "*In Eminent*". Nós não resistimos à tentação de transcrever alguns extratos significativos da ignorância absoluta na qual um bom número de condenações terríveis foram publicadas, sem que tivesse conta da absoluta pureza de intenções dos hereges. Nós dissemos terríveis, pois, até a metade do século XIX, em países como Portugal e Espanha, para citar dois, a heresia era ainda punida com morte. Em Portugal, apenas o fato de ser reconhecido como Franco-Maçom resultava na aplicação imediata da sentença, e por muitos anos, foi a bordo dos navios de guerra do Rei da Inglaterra, ancorados permanentemente nos portos portugueses, que se realizavam as "sessões" dos maçons portugueses!

"Nós aprendemos pelo *público renomado*⁵⁵, que a cada dia se disseminam por toda parte, com renovado progresso, certas sociedades, assembléias, encontros, agregações ou conventículos, chamados de Franco-Maçons, ou sob outra denominação, segundo a variedade das línguas, na qual homens de todas as religiões e seitas *fingem uma aparência de honestidade natural* (...) ligam-se entre eles por um pacto tão estreito quanto impenetrável, de acordo com leis e estatutos criados por eles, e aderindo a um juramento feito sobre a Bíblia, e sob as penas mais graves, manter um silêncio inviolável tudo o que fazem na obscuridade do segredo".

Mas como tal é a natureza do crime, que se trai a si mesmo e grita em alta voz, provocando sua descoberta e denúncia. Essas já mencionadas sociedades ou conventículos deram nascimento a tão fortes suspeitas no espírito dos fiéis, que se filiar a essas sociedades é, para pessoas de probidade e de prudência, macular-se com a marca da perversão e da malícia. Pois, se essas sociedades não estivessem predispostas ao mal, elas não odiariam a luz, e esta suspeita é tão real, que em certos Países, elas foram proscritas e banidas por um longo tempo, por serem contrárias à segurança dos Reinos.

Mais adiante vem a condenação final:

"Por isso nós proibimos, formalmente, em virtude da santa obediência a todos e a cada um dos fiéis de Jesus Cristo, de qualquer idade, grau, condição, posição, dignidade, de qualquer preeminência, laicos ou clérigos, seculares ou regulares, merecendo mesmo uma menção particular, de ousar ou de presumir sob qualquer pretexto, seja a cor que ela porte, de entrar nas ditas sociedades de Franco-Maçons, *ou denominadas por outra forma*, de propagá-las, mantê-las, recebê-las em sua casa, fornecer qualquer esconderijo ou ocultá-las. Também, de ser inscrito, assistir, ou lhes dar poder e os meios de se reunirem, *fornecendo qualquer coisa a elas*, aconselhar, assistir, favorecer aberta ou secretamente, direta ou indiretamente, por si ou por outros, de qualquer maneira que seja, como também de exortar outras pessoas, provocar, incentivar a se inscreverem em esse tipo de sociedades, a se tornarem membros, ajudá-las, ou alimentá-las que qualquer forma que seja ou lhes

⁵⁵ E assim esta condenação papal, que devota aos seus membros os rigores de um poder secular fanático, repousa apenas sobre o "renomado público". A bela justiça, em verdade!...

aconselhar. E Nós ordenamos que se abstenham, absolutamente dessas sociedades, assembleias, reuniões, agregações ou conventículos, e isto sob a pena de Excomunhão a incorrer sobre todos os transgressores, como acima, *in fact*, e sem qualquer outra declaração, e que ninguém poderá receber o benefício da Absolvição por outro que Nós, ou pelo Sumo Pontífice Romano que reina, se não estiver, todavia, em vias da Morte”.

“Ademais, necessitamos e ordenamos que todos os Bispos e Prelados superiores e os Ordinários, de toda parte, que todos os Inquisidores da Heresia informem e procedam contra os transgressores de qualquer estado, grau, condição, posição, dignidade ou preeminência que sejam, *reprimam-nos e os punam com as penas merecidas, como fortes suspeitos de heresia*”....

“Que não é permitido a nenhum homem violar ou contrariar, por uma empresa temerária, esta Bula de nossa declaração, condenação, mandamento, proibição e interdição. E se alguém ousar tentar, que este saiba que incorrerá contra a indignação do Deus Todo-Poderoso, e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo”.

Mas ainda havia homens justos e de razão na França, em 1738! E o Parlamento recusou-se plenamente de "reprimir e punir" as pessoas "suspeitas simplesmente de heresia", sem que a cólera dos bem-aventurados Pedro e Paulo os amedrontasse! A Bula não foi retificada, e a nação passou longe dessa cólera romana.

Em 18 de Maio de 1751, o sucessor de Clemente XII, o Papa Bento XIV, promulga por sua vez a Encíclica "Providas". Apenas iremos revelar esta frase significativa que nos mostra que a *Verdade* pouco importa a certas pessoas, se sua opinião metafísica é tão simplesmente abandonada ou comprometida.

"Então, entre as causas gravíssimas da dita proibição e condenação, a primeira é que nessa espécie de Sociedades, reúnem-se homens de todas as Religiões, e de todas as Seitas, de onde se vê o mal que pode resultar para a pureza da Religião Católica”.

“...) Nós requisitamos, com nosso extremo zelo, para efeito de sua execução, a assistência e o apoio de todos os príncipes e de todos os poderes seculares católicos, dos soberanos e poderes escolhidos por Deus para serem os defensores da Fé e os protetores da Igreja e, por conseguinte, seu dever é empregar *todos os meios* para fazerem prestar a obediência devida às *Constituições Apostólicas*".

Enumeramos as Encíclicas seguintes, que confirmam ou apóiam estas acima:

- Encíclica "Ecclesiam", de 13 de Setembro de 1821, de Pio VII,
- Encíclica "Quo Graviora", de 13 de Março de 1826, de Leão XII,
- Encíclica "Traditi", de 24 de Maio de 1829, de Pio VIII,
- Encíclica "Humanum Genus" de 20 de Abril de 1884, de Leão XIII.

Entre as duas últimas, situa-se a Alocução Consistorial de 25 de Setembro de 1865, de Pio IX.

A cegueira de certos "ultras" é tal que, na pequena brochura "A Igreja e a Franco-Maçonaria", F. de Boisjolin, o compilador de quem emprestamos estes textos (o qual nos atesta uma garantia de autenticidade!), afirma-nos em uma nota:

"Sem dúvida isto foi observado, mesmo em face das mais malignas Sociedades Secretas, os Papas não deixaram de exibir uma serenidade e uma mansidão plenamente evangélica".

E aqui estamos! Procuramos em vão pela "mansidão plenamente evangélica" que poderia beneficiar os últimos hereges queimados vivos em Zaragoza, *em 1804*, em presença das

autoridades civis e religiosas, trajados com um *são-bento* de linho grosseiro, amarelados com enxofre, tal como seus predecessores dos séculos anteriores!

E quem ficaria surpreso que a ação política de certas sociedades secretas, maçônicas ou paramaçônicas, era destinada, *antes de tudo*, a fazer desaparecer um fanatismo tão selvagem, tão pouco relacionado com a mensagem de Cristo? Quem ousaria afirmar que tal intolerância poderia ser justificada pelos ensinamentos do Monte das Oliveiras? Quem não poderia entender a fidelidade que essas mesmas sociedades observaram com respeito aos poderes públicos protestantes, e, portanto tolerantes, enquanto sua ação política, pelo contrário, perseguia os assassinos dos tronos católicos, os fornecedores de masmorras, cadafalsos e estacas? Quem ousaria negar que essas seitas apenas adotaram uma atitude hostil ao Catolicismo Romano porque este lhes havia declarado uma guerra sem misericórdia?

A condenação geral do Martinismo e de todas as Sociedades Secretas justificava as ações de Martinez de Pasqually, ao integrar sua Ordem no seio da Franco-Maçonaria, por propósitos práticos e por causa da indiferença das autoridades francesas pela Bula de Clemente XII, praticamente fora do alcance da Santa Inquisição. Além disso, em nosso país, numerosos eram os grandes senhores da corte, os grandes burgueses, os de cargos influentes, e mesmos os prelados e os membros do pequeno clero, que haviam recebido a iniciação maçônica, no interior das lojas escocesas. Isto criava uma proteção muito eficaz!

Todavia, essa indulgente tolerância do estado poderia um dia desaparecer. Dias sombrios poderiam voltar, mesmo na França; a Revogação do Edito de Nantes⁵⁶, as brutais perseguições religiosas, seguidas pela intolerância que havia sido prometida aos Protestantes muito antes, mostrou que, para as doutrinas esotéricas, nenhuma época, nenhum regime, nenhuma promessa, constituem uma garantia suficiente. E isto justifica porque o Martinismo deve sempre ser constituído e comportado como uma Sociedade Secreta. Eventos recentes, a hostilidade brutal, manifestada pelos poderes públicos, de 1940 a 1944, mostraram como essa medida é bem-fundamentada!

Se o Martinismo não fosse uma ordem oculta, se tivesse boletins e listas nominativas oficiais, ele teria sido dissolvido da mesma forma. Os sindicatos, patronais ou dos trabalhadores, eram sociedades secretas? E sua constituição regular, oficial, manteve os vários partidos franceses seguros do mesmo fim, tanto de corpos como de bens? Não... Tudo foi dissolvido, os bens confiscados, os imóveis ocupados ou vendidos, quer se tratassem de círculos esotéricos, místicos, ou de agrupamentos e organizações econômicas ou políticas.

Concluimos então que o "segredo" das Fraternidades Iniciáticas é uma medida de sábia prudência, justificada abundantemente pela experiência secular. E notemos simplesmente, de passagem, que as diversas ordens religiosas, às quais o "renomado público" (como o excelentíssimo Clemente XII tão generosamente o descrevia...) atribui uma influência política oculta, tal como os sacerdotes da "Companhia de Jesus" e os Dominicanos, não têm por hábito publicar ao som de trombetas as instruções e ensinamentos que eles transmitem a seus membros...

Voltemos aos adversários do Martinismo. Deixemos o Grande Adversário por suas hostilidades menos brutais e menos perigosas!

Embora pareça estranho, a Franco-Maçonaria regular, racionalista ou livre-pensadora, sempre olhou com desdém as obediências místicas. No Martinismo, a doutrina de Martinez de Pasqually, os Ritos Teúrgicos dos Elus Cohen, o papel preponderante que desempenhou, neste sistema metafísico, a pessoa do Verbo Encarnado, tendeu a envolver a Ordem em uma certa atmosfera mística, de uma coloração "clerical", de desgostava a um número de maçons.

⁵⁶ O *Edito de Nantes*, proclamado por Henrique IV em 1598 dava uma liberdade parcial religiosa aos Huguenotes franceses (*Protestantes*). Este Edito foi revogado no governo de Luis XIV em 1685.

Por essa razão Thory, em sua obra "História do Grande Oriente da França, Paris 1812" nos diz em seu prefácio que seu objetivo é:

"Prevenir os membros da Ordem contra o charlatanismo de certas pessoas que não têm outros meios de sobrevivência senão na propagação dessas produções, a maioria filhas da loucura e da ganância".

Em outro livro, (História da Franco-Maçonaria Francesa e Estrangeira), ele nos mostra sua opinião sobre Martinez: "Pasqualis ou Pascalis (Martinez), autor do sistema conhecido sob o nome de Martinismo: ele foi o mestre de Saint Martin. Tanto um como o outro introduziram os princípios místicos desse sistema em algumas Lojas do Reino. As opiniões de Martinez foram refutadas pela Grande-Loja da França, a qual rejeitou este sectário do interior das Lojas da Constituição, por uma decisão de 12 de Dezembro de 1765".

Este mau-humor é mal concebido, já que se pode ler na capa da revista maçônica "A Acácia", órgão oficial do Grande-Oriente da França a seguinte frase, assinada pelo maçom Limousin:

"A Franco-Maçonaria é a anti-igreja, é a Igreja da Heresia".

Passaremos rapidamente pelos raros autores que, hostis ao Martinismo, atacaram ou criticaram a Ordem e seu fundador, durante o curso do século XIX. As críticas são geralmente tão breves quanto carecem de uma documentação autêntica. Nós chegamos ao nosso século XX, para aqui encontrar a obra de Benjamin Fabre, que prossegue com a tradição de Barruel, Le Franc, etc... e afirma que os Martinistas iniciaram a "Revolução"! Quando se recorda que Cazotte pagou com sua cabeça a afiliação à Ordem e sua fidelidade à Monarquia; que André Chénier foi decapitado na guilhotina sob o Terror; que Louis Claude de Saint Martin escapou da guilhotina por um verdadeiro milagre, e que em geral todos os Elus Cohen foram cavalheiros à moda antiga, e muitas vezes oficiais de carreira, é difícil de ver esses homens que, na Convenção de Wilhemsbad, opuseram-se aos Iluminados da Baviera, por ensaiarem preparar uma revolução! Pondo isto de lado, "Franciscus Eques a capite galeato" é uma obra bem documentada.

Não omitiremos o trabalho de Paul Vuilliaud "Os Rosa+Cruzes de Lyon do século XVIII". O autor ali faz mais observações irônicas que históricas. Ele é hostil por convicções religiosas, e devemos lhe agradecer, contudo, por ter somente usado a ironia e não o ódio! Ainda ele foi sábio ao evitar zombar dos Ritos. Teria ele esquecido que ritos semelhantes existiam na Igreja que ele era tão caro? Católicos crentes e Maçons descrentes nada ganharam ao zombarem de suas respectivas tradições. Estas coisas devem permanecer acima de toda rixa, e o Símbolo, divino em suas origens, existente em altas "regiões", são de lá...

Em seguida vem o panfleto (que era vendido fora da exposição anti-maçônica de 1941) cujo autor era René-Louis Jolivet, advogado, locutor da Radio Paris durante a ocupação alemã. Nós o iremos citar integralmente e o leitor poderá ento se dar conta da má fé desta triste pessoa, (que de seu microfone, com um punhado de marcas na mão esquerda, tratava de "*traidores*" os oficiais que, em Toulon, preferiram sabotar seus navios que vê-los entregues nas mãos estrangeiras).

Do livro "Sociedades Secretas, Maçonaria e Judaísmo", nós tiramos esta obra-prima de deformação consciente:

"Em 1754, o judeu Polonês Martinez de Pasqually fundou a ordem dos Elus Cohen (em hebraico, Cohen quer dizer sacerdote), na qual os judeus eram naturalmente admitidos". (De onde isto foi retirado? Nenhum documento trata da presença de Judeus no seio da Ordem...).

"Após a morte de Martinez, Saint Martin e Willermoz tornaram-se os principais chefes dessa seita que toma o nome de Martinismo". (Vimos que Saint Martin se demitiu em 1790...).

“Tudo isto pode ser considerado como o início de uma direta e concreta ligação entre os Judeus e as Sociedades Secretas”. (Mas se os Judeus eram admitidos, porque isto era só o simples prefácio de uma ligação?...).

“No famoso Congresso de Wilhemsbad, de 1782, o Judaísmo era admitido nas Sociedades Secretas, de fato e de direito”. (Não, foi apenas na Revolução que os Judeus puderam entrar na *Maçonaria!*).

“e fato, porque o Martinismo, de origem judaica, foi admitido na Assembléia, e porque as Lojas inglesas foram imediatamente favoráveis aos Judeus. O famoso maçom inglês John Toland já havia publicado, em 1715, um escrito cujo título é significativo: *Razoes para naturalizar os Judeus da Grã-Bretanha*”.

Isto é de uma astúcia maravilhosa!

No início, nosso autor nos afirma, *sem nenhuma prova*, que Martinez de Pasqually era judeu! Depois, ele conclui que, como seu fundador era, todos seus membros o são! Em seguida, a Ordem, por um passe de mágica, tornou-se integralmente semita, os Judeus – de acordo com ele – entraram na Maçonaria quando a Ordem dos Elus Cohen toma parte na Convenção de Wilhemsbad!... E *voilà!* Sem hesitar, ele nos diz que as Lojas inglesas são favoráveis aos Judeus, *ainda que nenhuma Loja Inglesa tenha tomado parte na famosa Convenção!* E ele torna um maçom o autor do escrito de 1715, *ainda que a Maçonaria Especulativa data, na Europa, de 1717!*...

Nós terminaremos a revisão destes absurdos ou destas piedosas falsidades, recordando um artigo da Revista "Os Documentos Maçônicos", de Junho de 1942.

Seguramente o melhor é isto: "Cagliostro teve relações e uma considerável influência sobre o Judeu Martinez de Pasqually e Louis Claude de Saint Martin, fundador do Martinismo".

Mas, Martinez nasceu em Grenoble em 1710, de acordo com as pesquisas de Le Forestier, Van Rijnberk, etc... Joseph Balsamo, dito Cagliostro, nasceu em Palermo em 1748, isto é, *trinta em um anos mais tarde!*⁵⁷ Suas primeiras manifestações ocorreram em Londres, em 1776. Nessa época, há três anos Martinez havia voltado para Saint-Domingue, e ele falece em Port-au-Prince em 1774... É difícil ver a influência que Cagliostro poderia ter tido sobre Martinez (que foi "judaizado" e não um Judeu – Don Joachim Martinez Pasqually de la Tour, escudeiro...).

Quanto a Louis Claude de Saint Martin, toda a influência que Cagliostro teve sobre ele pode se resumir nesta frase, extraída de uma de suas cartas e citada por Matter: "A abjeção moral deste homem, etc"... *Trata-se de Cagliostro, que Saint Martin o encontrou em Estrasburgo...*

APÊNDICES

Nós apresentamos nas páginas seguintes alguns breves estudos, resumindo os ensinamentos esotéricos que foram confiados (relacionados a alguns dos trabalhos clássicos de cabala prática) aos membros dos Elus Cohen de Paris, durante a guerra.

Os detratores do Martinezismo poderão assim se convencer da natureza, puramente espiritual e mística, das "Obras" da Ordem.

Com esta atitude não estamos quebrando nenhum juramento de silêncio, nem estamos cometendo nenhum sacrilégio! Estes estudos e sumários são obras de um membro da ordem dissimulado sob o pseudônimo de *Aurifer*. Foi ele quem autorizou esta publicação.

⁵⁷ De acordo com os documentos do Tribunal da Inquisição.

**NOTAS SOBRE A "ARCA DO TESTEMUNHO",
TAMBÉM CONHECIDA COMO "ARCA DA ALIANÇA"**

Sempre suspeitamos que a "Pedra Cúbica", monumento central ao redor do qual órbita todo o simbolismo maçônico, deve ter sido originalmente, não só o emblema comum do objetivo buscado pela Alquimia material, nem a simbólica imagem da alquimia espiritual, nem o símbolo dos poderes transmitidos pelo Criador ao mago, mas ainda, e principalmente, um objeto ritualístico real, permitindo por em ação as forças reunidas pelo mago, atrás do véu das realizações imediatas.

Como a Maçonaria bem sabe, é por isso que os quatro lados da Pedra Cúbica são cobertos com uma "rede" compacta de Números e Letras, das quais, com o auxílio das chaves tradicionais, podem-se descobrir "palavras" de passe e "misteriosos diagramas". Compreender isto que se dissimula por trás da "Pedra Cúbica", saber como colocar isto em prática, tal é uma necessária prova de verdadeira magia.

De início, a presença de letras e números, dispostos nos lados segundo leis rigorosas, faz-nos supor possíveis relações com a Cabala hebraica. O fato é que esta Pedra dita impropriamente Cúbica, muitas vezes possui no seu ápice uma Pirâmide, evocando a idéia de um "jorro", de algo para a atmosfera. E a presença em um grande número de figuras e gravuras (tarôs, por exemplo), de uma "divindade" representada sentada sobre ela, evoca "a manifestação" oculta de uma força aprisionada neste monumento misterioso, e sua exteriorização pelos meios apropriados.

Em um outro campo, a Arca da Aliança de Israel, sob seu real nome de "Arca do Testemunho", com frequência fez nascer entre os ocultistas, fascinados com este enigma histórico, a idéia de uma "condensação" possível dentro dos lados da Arca – uma simples caixa de madeira recoberta com ouro, de uma força desconhecida, formidável e inteligente. Certos ocultistas lançaram mesmo a hipótese um pouco simplista que a caixa de madeira recoberta de ouro e as vestimentas do pontífice, tecidas com ouro, evocavam um paralelo com a bateria de Volta! A realidade é bem outra. A Arca do Testemunho é a primeira e única "pedra cúbica" de Israel. Esta "Pedra Cúbica" é representada no próprio seio da loja Maçônica, pois a loja é a representação simbólica do Templo de Jerusalém, propriamente... (incluindo as colunas de Jachin e Boaz, particularmente, mesmos símbolos salomônicos, etc... Mesma tradição quanto ao edifício: Hiram, etc...). E aqui está seu enigma.

Para começar, não é o Eterno em pessoa que se exprime e se manifesta diretamente a Moisés e seus sucessores. Foi seu Agente o Anjo, senão vejamos:

"Vou enviar um anjo adiante de ti para te proteger no caminho e para te conduzir ao lugar que te preparei. Fica de sobreaviso por sua presença e ouve o que ele te dirá. Não lhe resistas, pois ele não perdoaria tua falta, *porque meu Grande Nome está nele*"... (Êxodo XXIII, 20-22).

O Anjo em questão será, portanto, evocado pelo Nome do Senhor, porque ele possui também esse nome. Mas não é propriamente o Eterno.

Deus acaba de ditar suas leis a Moisés, sobre o Sinai, e não lhe entregou, desta vez, as Tábuas da Lei. Bem pelo contrário, Moisés mesmo anotou tudo o que Deus lhe ordenou:

"E Moisés escreveu todas as palavras do Senhor"... (Êxodo XXIV, 4).

Então o texto continua assim:

"O Senhor disse a Moisés: 'Sobe para mim no monte. Ficarás ali para que eu te dê as tábuas de pedra, a lei e as ordenações que escrevi para sua instrução'... (Êxodo XXIV, 12).

Como se vê, as Tábuas e as Ordenações são coisas bem separadas. Nós veremos mais adiante o que portam na verdade essas Tábuas... Então vem a descrição da Arca que Moisés deve construir:

"Farão uma arca de madeira de acácia; seu comprimento será de dois côvados e meio, sua largura de um côvado e meio, e sua altura de um côvado e meio. Tu a recobrirás de ouro puro por dentro, e farás por fora, em volta dela, um bordado de ouro. Fundirás para a arca quatro argolas de ouro, que porás nos seus quatro pés, duas de um lado e duas de outro. Farás dois varais de madeira de acácia, revestidos de ouro, que passarás nas argolas fixadas dos lados da arca, para poder transportá-la. Uma vez passados os varais nas argolas, delas não serão mais removidos".

"Porás na arca o Testemunho que eu te der".

"Farás também uma tampa de ouro puro, cujo comprimento será de dois côvados e meio, e a largura de um côvado e meio. Farás dois querubins de ouro; e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro de outro, fixando-os de modo a formar uma só peça com as extremidades da tampa. Terão esses querubins suas asas estendidas para o alto, e protegerão com elas a tampa, sobre a qual terão a face inclinada. Colocarás a tampa sobre a arca e porás dentro da arca o Testemunho que eu te der. Ali virei ter contigo, e é de cima da tampa, do meio dos querubins que estão sobre a arca do Testemunho". (Êxodo XXV, 10-22).

Mais adiante, (XXXI, 18), terminados o longo discurso e as prescrições, lemos então:

"Tendo o Senhor acabado de falar a Moisés sobre o monte Sinai, entregou-lhe as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus".

O Bezerro de Ouro foi a razão para Moisés quebrar estas primeiras tábuas. Eis a consequência:

"O Senhor disse a Moisés: talha duas tábuas de pedra semelhantes às primeiras: escreverei nelas as palavras que se encontravam nas primeiras tábuas que quebraste...."

"Moisés ficou junto do Senhor quarenta dias e quarenta noites... E o Senhor escreveu nas tábuas o texto da aliança, as dez palavras... Moisés desceu do monte Sinai, tendo nas mãos as duas tábuas da lei". (Êxodo XXXIV, 1;28-29).

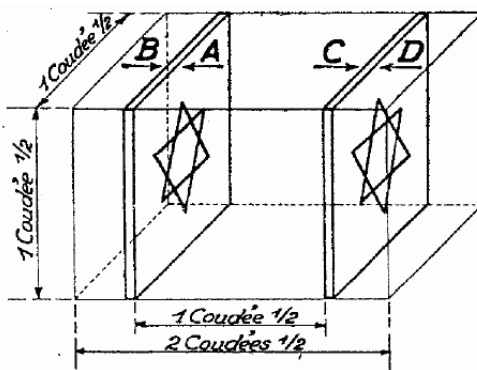
Então vêm os capítulos relacionados com a elaboração da mobília ritualística, prescrita por Deus e sua instalação:

"Como o Senhor lhe tinha ordenado... Tomou o Testemunho e colocou-o na arca; colocou os varais na arca e colocou nela a tampa. Introduziu a arca no tabernáculo; e, tendo pendurado o véu de separação, cobriu com ele a arca da aliança, como o Senhor tinha ordenado a Moisés. Colocou a mesa na tenda de reunião, do lado norte do tabernáculo, diante da cortina". (Êxodo XL, 19-22).

Como eram colocados as "Tábuas do Testemunho" na Arca?

Tudo dependia de suas dimensões. A arca, tendo dois côvados e meio de comprimento e um côvado e meio de largura, as Tábuas não podiam ser maiores que essas dimensões. Mas admitamos que elas tinham essa largura e comprimento. Para que serviria a altura de um côvado e meio da Arca? As placas de pedra não poderiam ter sido assim grossas, já que Moisés não teria podido levá-las nas mãos por causa do seu peso!... Por outro lado, como admitir que elas eram finas e que todo esse espaço foi então inutilmente perdido na arca? E porque fazer a arca tão grande, e principalmente tão alta? E como podemos aceitar que essas placas de pedra podiam ser deixadas livres, e ter sua

superfície riscada ou mesmo serem esmagadas pelo movimento da arca ao ser carregada, nas suas paredes?



A Arca da Aliança ou do "Testemunho"

Uma só disposição é possível, aquela do diagrama acima. As Tábuas têm a largura e altura da arca: Elas têm, portanto, uma forma quadrada, de um côvado e meio de largura e de altura. Elas estão de pé, por uma ranhura feita nas paredes verticais. E quando a única cobertura da arca, sua tampa, é colocada adequadamente na caixa, um espaço vazio é criado entre elas.

O respeito exigido pela santidade dessas Tábuas exige que elas sejam mantidas de pé, e que suas superfícies não se toquem. Pois o texto santo que elas carregam está repartido nos dois lados de cada tábua, como precisamente relata o Êxodo (XXXII, 15):

"Moisés desceu da montanha (do Sinai) segurando nas mãos as duas tábuas da lei, que estavam escritas dos dois lados, sobre uma e outra face".....

Um erro significativo, que se espalhou, sugere que elas levavam os mandamentos de Deus. Isto é falso, já que todas as prescrições que comporta *a mensagem do Eterno no Sinai foram escritas pela mão de Moisés, e em um livro à parte*:

"E Moisés escreveu todas as palavras do Senhor... Tomou o livro da Aliança e o leu ao povo, que respondeu: 'Faremos tudo o que o Senhor disse e seremos obedientes.'".

Isto é tirado do Êxodo capítulo XXIV, 4 e 8. *E vários versículos adiante* que enfim é dito:

"O Senhor disse a Moisés: 'Sobe para mim no monte. Ficarás ali para que eu te dê as tábuas de pedra...' (XXIV, 12).

Finalmente vemos que, após o acordo das pessoas às prescrições, é a marca da Aliança, o "Testemunho", que Deus dá a seu povo.

Concluimos então que, como em toda operação de Teurgia, na qual a Potência evocada deposita seu "selo", sua marca, sobre uma placa de metal ou sobre o Grimório de pergaminho virgem, em sinal de acordo, o Deus de Israel deu-lhes enfim sua assinatura, seu acordo, por um "testemunho" gravado misteriosamente sobre as tábuas de pedras...

O último enigma ainda permanece: O que estava gravado nas tábuas?

O acordo, o "pacto", entre a Inteligência evocada e o Teurgo é manifestada pela comunicação, da Inteligência, através de seu "selo" mágico e da revelação de seu "nome". Estes são os dois principais elementos do ritual evocatório. E esta revelação é o "testemunho" de confiança que é

provido ao Teurgo. A posse mágica do nome e do símbolo é, para o Mago, o ingrediente chave de seu sucesso. Todas as tradições universais estão de acordo neste ponto.

Em nossa opinião, as "palavras" que o Eterno gravou sobre as Tábuas eram *Seus Dez Nomes*, chaves de sua evocação pessoal por Moisés, Arão e seus legítimos sucessores. *Por essa razão poderia haver apenas uma Arca da Aliança, e apenas lá se poderia adorar Elohim, onde a Arca estivesse situada.* Mais tarde, todos os outros lugares de adoração, antigos ou novos, serão condenados pelos sacerdotes, fechados em nome da Lei, *como se não se destinassem ao verdadeiro Deus de Israel...*

Essas Tábuas de Pedra, gravadas nos dois lados, são Pantáculos gigantes! Um Pantáculo, ou Talismã, sempre é revestido de símbolos dos dois lados. O equilíbrio mágico exige que uma dessas faces seja atrativa e a outra repulsiva. *Não se fala, nas Escrituras, da direita e da esquerda do Eterno?...* "Deus (diz o Gênesis) não é, além disso, macho e fêmea? (Deus fez o homem à sua imagem, macho e fêmea ele o criou" (Gênesis I, 27).

A dupla força Divina é simbolizada pelas duas Tábuas, e cada um dos aspectos dessas "pessoas" divinas é representado por um dos dois lados de cada pedra.

Para aqueles que sabem como fazer passar o nome Inefável contido no Tetragrama IHVH (neutro por si mesmo) ao estado masculino ou ao feminino (veja o estudo sobre "*Elohim*" abaixo), essas coisas se esclarecerão em um novo dia, inusitado na Magia cabalística atual.

Nas tradições mágicas populares da velha Rússia, há um rito chamado "Gadania", que normalmente acontece na noite de 9 de Janeiro. Consiste em se colocar face a face dois espelhos absolutamente idênticos, separados por dois círios (velas). As luzes se refletem infinitamente nos espelhos, e nas molduras inclusive. Isto causa um jogo de perspectiva fazendo-se acreditar que se vê uma série de salas brilhantemente iluminadas. Bem no fundo dessa visão, na convergência das luzes progressivamente diminuídas, forma-se um halo brilhante. À meia-noite, as moças sentam-se de frente ao espelho mágico, e fixam o olhar no halo brilhante, com o coração pulsando. No decorrer de um certo tempo, uma silhueta minúscula aparece, bem ao longe, aproxima-se lentamente, e logo elas reconhecem a imagem do homem que irão mais tarde desposar. Deve-se evitar aproximar demasiado da imagem, e não passar pelas molduras que se defrontam, senão será em realidade o Demônio que, trazido ao mundo real, entraria em nosso universo tridimensional, materializado por imprudência e estrangularia com suas garras o invocador a fim de tomar sua alma...

Este rito da "Gadania" é a chave da Arca do Testemunho...

É no espaço livre, entre as duas Tábuas de pedra, que a força Oculta evocada pela Teurgia hebraica se gerou e se materializou. Ela residia nos Nomes Divinos e nas Letras Sagradas, contidas nelas. Mas, devido a essas combinações misteriosas que oferecem esses "Nomes de Poder" e esses "Hieróglifos" ocultos, assim opostos face a face, a Arca torna-se uma verdadeira bateria física. As Tábuas de Pedra agem como "pólos", e entre elas, por esta mesma oposição, nasce aquilo que o Eterno chama de *Anjo* que conduzirá Israel. O Absoluto se revela e se manifesta, e o veículo oculto, o fluido necessário a esta manifestação, nasceu entre as Tábuas do "Testemunho"...

Compreende-se agora porque, em nossa opinião, essas Tábuas estavam face a face. E qual seria o espaço entre elas, senão o de um Cubo perfeito? Era preciso que os outros lados das Tábuas não tocassem a frente e o lado da Arca, dado que essas Tábuas também estavam escritas nos dois lados.

O dado comum, por causa de suas seis faces, opostas duas a duas que somam sempre *sete*, é a imagem simplista das propriedades de dois Pantáculos opostos face a face.

Ainda resta o problema: Quais nomes estavam gravados sobre as Tábuas, e qual era sua disposição?

Aqui, a Cabala tradicional nos dá a chave, tendo-se em conta a Árvore Sefirótica: os "pilares" do Rigor, da Misericórdia e do Equilíbrio, as propriedades das Letras Hebraicas, e as combinações que elas apresentam duas a duas, tal como o Zohar o explica.

Isto constitui o último Arcano, e nós o reservamos para uma transmissão puramente oral...



As Duas Tábuas da LEI

ELOHIM: "ELE-OS-DEUSES"

Sabe-se que a palavra Elohim significa, literalmente: "Ele-os-Deuses". E que esta palavra evoca a grande tradição esotérica expressa pela Cabala, aquela dos dez Nomes Divinos correspondente às dez Sefiroth. Sabe-se também que o Deus de Israel é triplo, pois Ele diz: "Deus de Abraão, de Isaac e Deus de Jacó", cada um desses Deuses correspondendo a um Nome Divino diferente.

E o conjunto dessa Tradição oculta é expressa na Tetractis cabalística seguinte:

Io
Ioah
Iahoh
Ieohouah

Aqui estão algumas notas sobre o Deus supremo, considerado como a Luz Inefável, da qual procedem todas as outras Emanações divinas.

Entre os povos europeus, o emprego de vogais dá às sílabas um som definido, único. Mas entre os Hebreus, as vogais escritas não existiam, e as palavras escritas são apenas representadas por consoantes. Segue, portanto, que a mesma palavra formada por consoantes pode receber na língua falada, pronúncias diferentes.

Uma dessas consoantes, W, poderia soar como um U e como um V. Como no francês antigo, onde o V era às vezes o V atual e o U sonoro.

E. Ferrière, em seu "Paganismo dos hebreus antes do cativeiro da Babilônia", nos mostra que a idéia monoteísta surgiu em Israel sob a influência da filosofia babilônica. Eis um resumo do que o autor escreve:

Quando o Deus Universal, *IL* ou *EL*⁵⁸ (que foneticamente significam a mesma coisa em francês moderno, por uma curiosa coincidência...), passa do Pensamento à Ação pura para organizar o

⁵⁸ Denotando macho "IL" e fêmea "EL" por "ELLE".

Universo caótico, ele assume três aspectos (Tríade). Um é a *Sabedoria* ou *Luz Inteligível*, é o Deus Huh, em hebraico HWH.

Este Deus Supremo divide-se por sua vez, no Mundo da Forma, em duas energias distintas e definidas:

- 1º A energia masculina: IHWH, ou Iahuh, ou Iahoh, o *Pai Divino*;
- 2º A energia feminina: THWHT, Thavath ou Thauath, a *Mãe Divina*.

De fato, a palavra-consoante HWH, parte feminina, parte masculina, é em si mesma uma forma neutra! Quando se deseja determiná-la exclusivamente no feminino, pode-se fazer de duas maneiras:

- a) Põe-se um T (tau) no começo, como prefixo, como T-HWH, o que resulta Tehuh ou Tohuh. O Tohou-Bohou do Gênesis, de onde vem a expressão francesa "Tohu-Bohu" (tumulto, caos). É o caos primitivo, a matéria primordial desordenada, caótica, (Gênesis I, 2).
- b) Para determinar o feminino da segunda matéria, pode-se colocar tanto um T (tau) no início (prefixo) e um outro T no fim (sufixo), criando T (HWH) T, ou seja, Thavath, a matéria primordial, a mãe caótica.

Thavath é também denominada Tivathi e Taouth, que são apenas modificações da mesma palavra. Thavath ou Taouth é o princípio feminino correspondente ao princípio masculino Houd da Tríade caldaica. A Thavath caldaica é idêntica à Bahou fenícia, ao Tohu-Bohu hebraico.

Para determinar de forma semelhante o masculino da mesma palavra neutra HWH, coloca-se no início um "I" consoante. Temos então IHWH. Este tetragrama é o mesmo do deus dos hebreus e poderá ter as seguintes pronúncias:

- 1º IaHUH ou Iehuh, sendo possível também a escolha de Iahoh e Iehoh;
- 2º IaHWeH;
- 3º IeHoWaH.

Mas todas estas sábias dissertações Cabalísticas sobre o NOME surgiram na Babilônia, durante o Cativo, onde Israel atingiu os altos níveis da Mística e penetrava nas tradições da Cabala, puramente babilônicas em sua origem. Ao mesmo tempo, Esdras criava o sábio e criptográfico texto da Lei (Torah) e dos cinco livros, provavelmente destruídos com o Primeiro Templo, e que ele os redigiu de novo, *inspirado pelo Eterno*.

Através de todos os Nomes Divinos que os Livros do Antigo Testamento dão a "Ele-os-Deuses", qual é o nome que define o Pai Supremo, tal é a questão que se coloca para um cabalista gnóstico. Eis a resposta:

1. Teodoreto nos diz que os Samaritanos, mestiços, cismáticos, pronunciavam o tetragrama sagrado "Iahveh". Mas ele nos ensina que a raça pura de Israel, depositária da ortodoxia religiosa, pronunciava-o "Iaoh" (outra forma grega de "Iahouh").
2. O deus do deserto de que os textos anteriores falam, denominam-no em hebraico: Eheieh (eu sou), Iaveh (ele é), El Shadai (Forte Todo-Poderoso), Adonai (Senhor). (Êxodo, Levítico, Deuteronômio, etc...).
3. Diodoro de Sicília diz que Moisés recebeu suas Leis sob a invocação de "Iahoh", (Diodoro, I).
4. Valentino, no "Pistis Sophia", clássico da Gnose, coloca esta prece na boca de Jesus: "... Após sua ressurreição, Jesus tendo seus discípulos ao seu redor, faz esta prece: 'Escuta-me, ó

- meu Pai, Pai de todas as paternidades, Infinita Luz, ó Iehou Sabaoth”... (Dicionário dos Apócrifos, I).
5. Eis aqui outro texto gnóstico: "Jesus se volta aos quatro cantos do mundo, com seus discípulos, todos com vestes de linho, e diz: 'Iaô, Iaô, Iaô, eis qual é o significado deste Nome: o *Iota* significa que o Universo é emanado, o *Alfa* que ele voltará de onde veio, e o *Omega* que este será então o fim dos fins”... (Dicionário dos Apócrifos, I).
 6. A fórmula mística de Iaoh, "pai de todas as paternidades", era inscrita nos amuletos e abraxas que levavam os gnósticos, principalmente as mulheres. Testemunha esta medalha: "Iaô, Abraxas, Adonai, Santo Nome, Potência Favorável, guardai Vibie Pauline de todos maus Demônios”... (Dicionário das Antiguidades Cristãs, pelo Abade Martigny).
 7. Para Santo Irineu, "Iaho é o próprio nome de Deus e nome inefáveis, que exprime o tetragrama IHWH, e que os gregos lêem Iao" Irineu acrescenta que, nas iniciações gnósticas, o iniciado respondia ao sacerdote: "Eu estou confirmado e redimido; eu redimo minha alma deste mundo, e das coisas deste mundo, em nome de Iao, que redimiu a Alma do Mundo para salvação, no Cristo vivo".
Para Irineu, imbuído das sutilezas da fonética sagrada, deve-se distinguir Iaôth, com ô longo, designando o Deus que rege a matéria (através do peso, medida e número), de Iaoth (com o breve), representando o Deus como potência separadora do mal.
 8. Para Orígenes, Iahoh, ou mesmo Iah, tal é o nome que Israel dava a Deus, "e inclusive Sabaoth, Adonai (Senhor), Elohi, e todos esses nomes tirados das Sagradas Escrituras, são os nomes característicos de um só e mesmo Deus". (Orígenes: "Contra Celso", VI).
 9. Clemente de Alexandria diz: "À entrada do Santo dos Santos no Templo de Jerusalém, quatro colunas levavam o tetragrama sagrado... Este tetragrama se lia Iahouh: Aquilo que foi, é, e será”... (Clemente: Stromates, V).
 10. E. Ferrière, em seu "Paganismo dos Hebreus antes do cativeiro", diz que no século XII, a tradição da verdadeira pronúncia do Tetragrama hebreu ainda estava viva, como é atestado por duas passagens gregas, uma do historiador menor Zonaras, secretário de estado sob os Comenos, outra do poeta e gramático Tzetes, nascido em Constantinopla:
 - a. Zonaras: "Iaoh é o nome do Deus Salvador dos hebreus (semelhante á prece do pistis Sophia de Valentin)”.
 - b. Tzetes: "Em hebraico, Iahoh designa o Deus *Invisível*". Ele sem dúvida quer dizer *inefável*, por oposição a um demiurgo mais materializado, mais próximo ao homem.
 11. Para Macróbio, que colocou as palavras seguintes na boca do Oráculo de Apolo: "Diga que o mais elevado dos deuses, o Deus Supremo, é Iaoh”..., o Iahoh do Oráculo é a divindade solar, como ele explica em seguida: "É Ele que no inverno se chama Orcus, na primavera Zeus, Hélios no verão e no outono o lânguido Iahoh”... De fato, é o Sol que é o modelo de deus de todos os Semitas. A Arca é coberta de ouro, as vestes e os ornamentos do pontífice, entrelaçados e mesclados com ouro, e os adversários de Israel sabiam que eles tinham interesse em atacar o povo nas planícies, os lugares elevados eram os de seu deus. (Macróbio, Saturnais, I).
 12. Jean Laurentius, século VI, mais conhecido sob o nome de Lydus, que escreveu sob Justiniano, afirma em seu "Tratado dos Meses" que "os caldeus chamam o Deus Supremo Iaoh, o que significa Luz Inteligível. Na língua fenícia, onde o denominam frequentemente Sabaoth, como sendo *Aquele que está acima dos Sete Céus*, ou seja, o Criador do Mundo". (De Mensibus, IV).
 13. Estas definições são confirmadas pelas inscrições babilônicas, hoje enfim decifradas: "O Deus da Luz Inteligente se chama Hou, Héa, ou Ao. Um rei tinha seu nome: Il-nour-Hou".

Concluimos que os doutores de Israel que estiveram, em sua origem, de posse do esoterismo doutrinal, claramente distinguiram entre esses nomes, e que os Gnósticos apenas poderiam ser atacados pelo *Exoterismo* Judaico quanto à acusação de "demiurgatria". O *Esoterismo* Judaico está isento disso.

Pode-se mesmo dizer que os Nomes Divinos da Cabala figuram abundantemente na literatura gnóstica, que os abraxas, pantáculos, medalhas, estabelecidos pelas diversas escolas teúrgicas ligadas à Gnose mostram que as especulações cabalísticas foram com freqüência usadas para contribuir quanto à criação dessas teorias. A conseqüente rejeição da imensamente rica contribuição das tradições caldeu-semíticas, sob o pretexto de distanciar-se do pensamento gnóstico, seria o mesmo que "jogar a criança fora com a água do banho"...

NOTAS DIVERSAS SOBRE A TEURGIA

Do exame de muitos rituais manuscritos datando do século XVIII, parece que a maior parte dos dirigentes de Ordens extraiu-os de uma origem comum, geralmente judeu-árabe, e se limitaram a adaptar estas tradições teúrgicas, para lhes dar uma atmosfera Judaico-Cristã. Foi assim que Martinez de Pasqually tirou sua ritualística operativa das prescrições que Henri Cornelius Agrippa deu em sua "Filosofia Oculta", mais dos três primeiros livros que do quarto, o qual é considerado em geral incorreto. Para Dom Pernetty, os rituais pelos quais os "Iluminados de Avignon" dialogaram com a Santa Palavra e o Anjo Assaibi se aproximam consideravelmente daqueles descritos na "Sagrada Magia de Abramelin o Mago". E tudo repousa sobre a influência dos preceitos sacerdotais que possuem os livros: Levítico, Êxodo e Deuteronômio. A Magia Ocidental, em sua forma medieval e gótica, era muito impregnada pela Cabala judaica e pelas tradições árabes. E estes são os mesmos elementos básicos que codificaram e inspiraram todas as Clavículas Salomônicas recolhidas dos grimórios medievais, os mesmos que foram inspiradores e modelos das fórmulas teúrgicas do século XVIII.

Quanto à base comum que agrupa os selos, hieróglifos, sinais, pantáculos, emblemáticos ou criptográficos, a "Verga Áurea" do monge J. B. Heptburn nos proporciona, afirmando que são precisamente a soma dos hieróglifos contidos desde antigamente no velho "Livro dos Encantos" do religioso Cyranides.⁵⁹

Esta perpetuidade de tradição autoriza-nos, então, a estabelecer uma síntese, conforme o costume dos sucessores legítimos e regulares dos Elus Cohen de Martinez de Pasqually, certos de que os experimentadores e praticantes convictos da Alta Magia só terão a ganhar com tais entretenimentos operativos.

Realmente, por detrás do cenário habitual, exclusivamente ritualístico, encontra-se o arcano diretor de toda Teurgia: a Oração. O longo período de treinamento, a ascese tenaz, que o Adepto das altas ciências aceita seguir durante muitos meses, repousa plenamente sobre a Fé, sustentada pelo Amor ao Divino. Esta Fé e este Amor traduzem-se em santas orações, cuidadosamente graduadas de forma que o texto *represente* o estado de alma do operador enquanto a eleva. Assim, no curso deste treinamento paciente, a Teurgia efetua sobre ele mesmo uma *impregnação*. Ela desperta e mantém em seu interior um *fogo interior*, cujo nível espiritual se situa muito acima deste fogo interior, meio espiritual, meio material, que as doutrinas orientais também afirmam poder despertar no homem. Mas enquanto esta apresenta o sério inconveniente do despertar no Adepto uma violenta força sexual, que ele deve primeiro frear e conduzir, e depois transmutar, a técnica ocidental age em outros planos, atinge outros estados de consciência, e a mantém lá, sem o risco de nenhuma sensualidade para desviar o impulso primitivo. Também, com respeito ao misticismo particular dos Iluminados do passado, e que só a técnica oriental permite fazer frente. Uma autora moderna, Dion Fortune, falando do método descrito na "Sagrada Magia de Abramelin o Mago", diz que ela constitui a única técnica realmente eficaz da tradição ocidental moderna.

RITUAL TEÚRGICO

⁵⁹ É desta obra, reproduzida em nossa época por M. de Mély, que extraímos todos os medalhões do presente livro.

Nota: Nesta síntese, mencionaremos algumas das divergências particulares em cada um dos três documentos, que trazem detalhes das vestimentas ritualísticas e dos acessórios. Sobre o desenrolar da própria cerimônia, na verdade o ritual chamado "A Sagrada Magia de Abramelin o Mago" vai mais longe que os dois outros, e afasta-se, ao que parece, dos princípios primitivos. Nós não levaremos em conta essa divergência, e seguiremos, no conjunto, o *espírito* das cerimônias Cohen, que é a mesma do ritual de Avignon.

I - A ESCOLHA DO LUGAR

A Operação total dura seis lunações, e vai da Lua Nova do equinócio da Primavera à mesma Lua do Outono. É isto que Martinez de Pasqually denomina de "nosso ano". Para os Elus Cohen, de fato, o ano durava seis meses, indo de um equinócio a outro.

É conveniente escolher um pouco antes da Páscoa, o lugar onde se irá operar durante os seis meses que se seguirão. Caso se viva no campo ou em um lugar afastado, existe a escolha de um pequeno bosque aberto, e cercado por folhagens. Em uma clareira, cria-se um pequeno altar com a relva, coberto com uma pilha de ramos. Sobre o altar, coloca-se o círio e o Incensório. O círio deve ficar aceso, sem interrupção, durante seis luas. Ao redor do altar a cerca de sete passos, prepara-se uma cerca de flores, de ervas e arbustos sempre verdejantes, para que esta cerca separe claramente o espaço consagrado do restante do bosque. No círculo, estará o altar; no exterior, o "mundo profano". Deve-se preparar na cerca uma entrada suficiente. É conveniente, se possível, que este bosque esteja situado no pico de uma colina ou de uma elevação.

Caso o operador viva na cidade, deve-se escolher uma moradia dotada de um terreno contíguo, de preferência coberto e pavimentado com abetos brancos. O terreno contíguo e a parte coberta deve ser espalhada areia de rio, fina e limpa, ate uma altura de dois dedos.

O altar será erigido no centro do oratório. Poderá ser de madeira, e apresentará o aspecto de um duplo cubo, vertical, altura de um cúbito e meio (um metro). O altar destinado a uma operação ao ar livre será de pedras não talhadas, dispostas a formar um cubo aproximado. No oratório, coloca-se um armário para guardar as vestimentas e os objetos sagrados, como também os materiais de reserva: óleo, carvões, incensos, etc...

Em caso de dificuldade na realização de todas estas condições, faça o possível para se aproximar delas ao máximo.

II - SOBRE OS OBJETOS RITUALÍSTICOS

Baqueta: a Baqueta será feita de madeira de amêndoa, sem quebras, do tamanho de um braço, aproximadamente. A própria pessoa a cortará, ao nascer do sol, em um domingo, voltado para o oriente. A lua deverá ser crescente, quase cheia. Se a estrela fixa, Fomalhaut, estiver em ascensão ou culminante, tanto melhor.⁶⁰

Lamparina: a lamparina será uma de santuário, de vidro vermelho-rubi para os cristãos, verde para os muçulmanos. Ela será cheia com azeite de oliva puro. As bordas serão douradas.

Incensório: o incensório será do modelo habitual da religião do operador. Para os Elus Cohen, incensório de igreja, de bronze ou cobre dourado, do mesmo tamanho da lâmpada para que todos os objetos sejam harmoniosos. Nenhuma corrente é necessária.

Tigela: destinada a conter os carvões em brasas que são trazidos ao oratório cada dia, e que não devem permanecer lá. O resto das brasas não utilizadas devem ser enterradas.

⁶⁰ *Formalhaut* é a 17ª estrela mais brilhante no céu, estrela da constelação de Virgem.

Jarra com Água: destinada às abluções ritualísticas, antes de cada oração. Contém água lustral e é disposta à direita da entrada.

Óleo Santo: o azeite destinado à lâmpada e às unções será preparado assim: toma-se uma certa quantidade de azeite puro de oliva, que será antecipadamente provisionado para seis lunações. A metade desse volume, pelo menos, será consagrada pela oração apropriada. Efetua-se a mistura seguinte:

Óleo de Unção – será assim composto:

- 1 parte de Mirra, em lágrimas,
- 2 partes de Canela, fina, pulverizada,
- ½ parte de Calanga das Índias (raízes),
- 2 partes de azeite puro de oliva.

Perfume – o incenso destinado às fumigações será assim composto:

- 1 parte de Incenso de Olíbano, em lágrimas
- ½ parte de *Stoléas du Levant*, Styraç,
- ¼ parte de Sândalo,
- ¼ parte de Sal puro.

Vestimentas Ritualísticas:

As vestes de baixo consistem de:

- uma túnica de linho, caindo sobre as coxas, e com uma abertura no pescoço e colo, com mangas chegando ao cotovelo.
- uma calça de linho, indo dos quadris às coxas, segura por um cordão ao redor da cintura.

As roupas de cima consistem de uma única peça.

Nas prescrições de Martinez de Pasqually, ela é de linho branco, chegando ao chão, com um bordado vermelho-fogo embaixo e ao redor das mangas, e uma cintura de mesma cor.

No Ritual de Avignon, ela é de seda carmesim, recoberta com um talar de franjas brancas até os joelhos. Não usa cordão na cintura.

No Ritual dos Elus Cohen, o operador está de cabeça descoberta.

No Ritual de Avignon, ele carrega uma Mitra "baixa", dourada.

No Ritual de Abramelin, o operador usa uma faixa na fronte, da largura de uma mão, em seda carmesim e ouro.

O operador que seguir as prescrições de Dom Pernetty (Ritual dos "Iluminados de Avignon") levará ainda, fixada sobre a Mitra baixa, uma placa de ouro (em último caso, de prata), triangular, sobre a qual está gravada em caracteres hebraicos a palavra "KAES", **קאס**.⁶¹

⁶¹ Iniciais das palavras hebraicas: *Kadosh, Adonai, Elohim, Sabaoth*, ou seja "Santo é o Senhor, Deus dos Exércitos", a aclamação do Tetramorfo de Exequiel.

Seria uma boa idéia ter uma túnica branca e limpa, de linho, que se usará para entrar no oratório e que se prestará apenas para este uso. Ela será guardada após tiver vestido os paramentos ritualísticos descritos acima. Este traje será completado com um par de sandálias, de corda ou de um tecido grosso. O Ritual Cohen sublinha que as solas devem ser de cortiça.⁶²

III - SOBRE OS OBJETOS PANTÁCULARES

O Ritual de Martinez de Pasqually aceita o porte de um "escapulário" e de um "talismanã" triangular.

O Ritual de Avignon aceita que se leve um "Peitoral", o qual não fomos capazes de encontrar seu modelo. Nenhuma indicação figura nos documentos que tivemos nas mãos quanto a este Peitoral. Pode-se tratar daquele descrito no Êxodo.

O Ritual de Abramelin não menciona nada de análogo.

AS CERIMÔNIAS

A) AS DUAS PRIMEIRAS LUAS

Antes de qualquer outra prescrição os Rituais de Abramelin e de Avignon recomendam que se a operação se inicia na Páscoa deve ser feita a Sagrada Comunhão. Isto era requerido de acordo com a religião do operador (judeu ou cristão), de uma comunhão realizada segundo o rito particular do adepto. Assim, pode-se indiferentemente comungar na sinagoga, na igreja, no templo, ou celebrar sozinho, com alguns irmãos, etc... O ritual em si depende da religião (cordeiro pascal para a religião judaica, hóstia para a católica, pão e vinho para a reformada ou a grega, etc...).

Na primeira manhã após a Páscoa, estando completamente limpo e banhado, trajando vestimentas novas ou a roupa definida para essa finalidade no presente ritual, entre no oratório um quarto de hora antes do nascer do sol.

Ajoelhe-se diante do altar, voltado para o oriente e invoque o nome do Senhor. Agradeça-o pelas suas graças, curve-se em humilde atitude, pedindo perdão pelas suas faltas e seus erros, implore por sua benevolência e sua bondade para que seja enviado seu Santo Anjo, e que este lhe sirva de guia na via real, dissipando todas as iniquidades de inadvertência, ignorância e fraqueza.

Esta oração é então repetida durante duas lunações, todo dia, mesmo em caso de doença do operador. Os direitos nupciais são permitidos durante esses dois meses.

Em cada Sabbat (sábado para um judeu, domingo para um cristão, sexta-feira para um muçulmano), insensar o altar, trocar as vestimentas para esse dia, tendo-as escovado e perfumado. Dê esmolas ou faça uma ação caridosa no decorrer desse dia.

B) AS DUAS SEGUNDAS LUAS

Mesmo ritual. Mas a oração é repetida de tarde, um quarto de hora antes do pôr do Sol, o que resulta em duas preces por dia.

Antes de cada uma delas, purifique o rosto e as mãos com água lustral.

A dupla oração diária desses dois meses deve ser um pouco mais longa do que aquela das duas primeiras lunações. Será pedido com mais fervor a graça para entrar na via real, de alcançar um dia a verdadeira sabedoria e de conhecê-la por meio dos Santos Anjos.

⁶² Este tipo de calçado é igual as alpargatas. N. T.

Pode-se ainda desfrutar dos direitos nupciais nessas duas luas. Em cada véspera de Sabbat, lave-se ou banhe-se, limpe as vestimentas, escove-as e as perfume. Nesse dia, não ingira nenhum alimento entre o nascer e o pôr do Sol, e abstenha-se de viver muito ostensivamente nesse dia. O jejum é recomendável. No Sabbat, agir do mesmo modo que nas duas primeiras luas.

C) AS DUAS ÚLTIMAS LUAS

Nesses dois últimos meses antes da Grande Evocação, em cada um dos dias faça três orações em lugar de duas apenas. Elas acontecem um quarto de hora antes da aurora, um quarto de hora antes do meio-dia e um quarto de hora antes do cair do Sol.

Purificar as mãos e o rosto com a água lustral ao entrar no oratório, e antes de recitar as Santas Orações, faça uma prece para a confissão e o perdão dos pecados.

Deve-se pedir ardentemente ao Senhor a graça de gozar e de resistir à presença dos Santos Anjos, e que se digne conceder, por seu intermédio, a sabedoria secreta. A oração é, portanto, ainda mais longa que aquela das lunações precedentes. Quando acender o incenso antes de cada oração, lembre-se de dizer uma breve oração, que este incensamento é feito em nome do Senhor, à Sua Glória, e de rogar aos Santos Anjos de estarem presentes e de assistir doravante as operações durante estas duas luas.

O melhor é orar com seu coração. Para tanto, estude as Sagradas Escrituras, e o Eterno iluminará o espírito do operador para essa finalidade, e o Espírito Santo o penetrará pouco a pouco.

As relações sexuais são proibidas nestes dois últimos meses lunares.

PRESCRIÇÕES GERAIS

Viva o mais isolado que lhe seja possível e evite enraivecer-se durante esses seis meses. Após as refeições principais, estude as Santas Escrituras, a Cabala, por cerca de duas horas. Após a oração da manhã, pode-se dormir um pouco, ainda. O que não se deve jamais fazer e evitar a todo custo é a interrupção das orações diárias.

O quarto onde se dorme deverá ser, se possível, adjacente ao oratório. Deve ser apresentável, limpo, evitando todos os objetos ou decorações profanas. Frequentemente incense este quarto. A cama sempre deve estar limpa, trocando-se os lençóis semanalmente, na véspera do Sabbat e nesta ocasião incense o quarto.

Estas prescrições são válidas para as seis luas.

Sobre as orações, deve-se observar que as preces das duas primeiras luas (ciclos lunares de Áries e Touro), são orações preparatórias. Pede-se ao Senhor que *envie seu Santo Anjo*, para que ele lhe guie na Via Real e o proteja de todo insucesso. Nas orações dos dois meses seguintes, (Gêmeos e Câncer), pede-se a Deus que o *instrua por seus Santos Anjos*. Nas duas últimas luas (Leão e Virgem), roga-se ao Senhor que lhe dê a força *para gozar da presença* de seus Santos Anjos, de ter a força da alma para *resistir a esta presença*, de conceder *por seu intermédio* a secreta sabedoria, e *aos próprios Anjos, de estarem presentes e auxiliá-lo*, ainda que invisíveis.

Enfim, quando da Grande Evocação, pede-se somente por sua aparição, sob uma forma ou outra (face, silhueta humana, glória, luz sobrenatural, etc...).

A CONSAGRAÇÃO

As duas últimas lunações estando enfim realizadas, o operador atinge o fim de sua longa ascense. A Lua Nova no Equinócio de Outono, tempo e data da Grande Evocação.

Na manhã do primeiro dia da Lunação de Libra, ora-se como antes, mas de pés descalços. Colocam-se, como de hábito, as brasas ardentes no Incensório. Vestem-se os paramentos prescritos, coloca-se a baqueta de amendoeira sobre o altar, longitudinalmente, diante do círio e do incensório, e diante da Baqueta, o Óleo de Unção.

Jogue uma grande quantia de incenso sobre as brasas, ajoelhe-se e ore assim:

"Senhor, Deus de Misericórdia, Deus paciente, Todo-Abençoado, generoso e sábio, que concedes Vossas graças de mil formas e gerações, que esqueces as iniquidades, pecados e transgressões dos homens, em cuja presença ninguém se encontra inocente, que examina as falhas do pai nas crianças e netos, até a terceira e quarta gerações, conheço minha miséria e sei que não sou digno de pressentir Vossa divina Majestade, nem de implorar e de rogar por Vossa bondade e Vossa misericórdia pela mínima graça... Contudo, Senhor dos Senhores, tende piedade de mim. Afastai-me de toda iniquidade e malícia. Lavai minha alma de todas as imundícies do pecado. Renovai em mim o Vosso Espírito. Que ele me faça compreender os mistérios de Vossa graça e os tesouros de Vossa sabedoria! Santificai-me com o óleo de Vossa santificação, com a qual purificastes Vossos Profetas. Santificai-me em tudo o que me pertence, para que seja digno do diálogo com Vossos Santos Anjos, e que Vossa Divina Sabedoria me conceda enfim os poderes dados a Vossos Profetas sobre todos os espíritos impuros. Amen, Amen, Amen".

Levante-se e unte o centro de sua fronte com um pouco de óleo de unção. Depois, tenho umedecido os três primeiros dedos de sua mão esquerda no Óleo, unte os quatro cantos do altar, os paramentos ritualísticas, o cordão, a mitra ou a faixa frontal e a baqueta, dos dois lados. Em seguida, faça o mesmo com a porta do oratório, a janela, se houver uma. Enfim, com os dedos impregnados de óleo, trace estas palavras sobre os quatro lados do altar: *"Em todo lugar, seja onde for, onde for feita a celebração de meu Nome, virei até vós e vos abençoarei"*.

A consagração está terminada. Arrume os objetos e as vestimentas, ajoelhe-se de novo e ore conforme seu coração. Os objetos jamais devem sair do oratório durante os seis meses.

De agora em diante, o operador entrará sempre descalço no oratório.

A CONVOCAÇÃO DO ANJO

No dia seguinte à consagração do altar, antes da aurora, acorde cedo. Não faça como antes, com abluções de água lustral. Coloque trajes de luto, e entre descalço no oratório. Do incensório, tome um pouco de cinzas da véspera, e espalhe-as na fronte e no cabelo. Agora ponha carvões em brasa no incensório, depois, voltando ao limiar da entrada, prostre-se de face à terra, os punhos cruzados sobre a cabeça, que está coberta com um véu negro.

Aqui o ritual de Abramelin recomenda, um ritual que não se encontra nos dos "Iluminados de Avignon", nem nos dos Elus Cohen. Todavia, aparece nos rituais análogos da "Maçonaria Mística".

O ritual consiste em trazer uma criança, de seis a oito anos, vestida de branco, trajando na cabeça um véu transparente de seda branca, cobrindo-lhe os olhos, no oratório. Devidamente instruída, antecipadamente, a criança se aproxima do altar, coloca as essências no incensório, e se ajoelha diante do altar. Ela ora, de acordo com as orações que conheça em sua idade. Durante isto, o operador ora fervorosamente, humilhando-se diante de Deus e da corte celeste, suplicando ao Anjo que está presente, ainda que invisível, de se manifestar à criança, e de deixar, por um "sinal" pantacular a marca de sua passagem e a "convenção" de seu futuro chamado. Não se olha mais para o altar, e se ora com o máximo de fervor, pois, para o operador que escrupulosamente seguiu este

ritual por seis meses, que tem a alma pura, a intenção reta, o dito ritual deve inevitavelmente ser eficaz. O Anjo se manifesta pela aparição, geralmente, de uma aura extraordinariamente luminosa, acompanhada de um perfume inexprimível, e também às vezes, com uma forma humana. Quando a aparição desaparecer, saia do oratório sem tocar nos objetos que estão sobre o altar. Não retorne lá nesse dia, não fale com ninguém sobre o fenômeno presenciado, e se despeça da criança, evitando responder as suas perguntas. Continue a jejuar até o pôr do sol, e durma sozinho imediatamente após.

Caso tenha se seguido o rito habitual, este não exige a presença de uma criança, e o operador permanece rigorosamente sozinho, agindo exatamente da mesma forma descrita.

No dia seguinte, caso tenha tido apenas o benefício da aparição de uma aura luminosa, e da percepção de um perfume fora do comum, então continue a cerimônia da forma descrita abaixo.

Antes do amanhecer, vá ao oratório, acenda o incensório e jogue sobre as brasas ardentes um incenso e essências. Novamente, com vestimentas de luto, coberto com um véu negro, prosterne-se sobre o limiar, suplicando ao Senhor Deus que lhe conceda e premie com a visão dos Santos Anjos. Rogue-lhe que os Espíritos Celestes concedam sua presença familiar. Esta oração durará (repetida, ou continuada de várias formas) de duas a três horas. No meio-dia, continue suas preces por mais uma hora. À tarde, no pôr do sol, uma hora mais. O jejum é feito durante todo o dia, não se alimentando de nada até o pôr do sol.

Quando finalmente chegar o terceiro dia, depois de ter tomado banho, entre no oratório, descalço, acenda o incensório e coloque as essências sobre as brasas. Ajoelhe-se diante do altar e dê graças ao Senhor dos Céus, e rogue-lhe pela assistência dos Santos Anjos nas operações mágicas que foram efetuadas. Então, o Anjo destinado à vossa guarda enfim aparecerá.

Um diálogo, no qual nenhuma palavra ressoa no silêncio, onde tudo se percebe e se exprime intuitiva e espiritualmente, tal é a essência do êxtase no qual o operador estará sempre mergulhado. Nenhuma idéia do tempo que transcorreu ele possui, pela excelente razão de que ele não está mais neste mundo durante o tempo da aparição.

O operador não interrompe este encontro místico, mesmo que ele quisesse tentar. A consciência disto que se passou desaparece. O Anjo, ou a "glória" que ele manifesta, com seu sigilo hieróglifo irradiando no espaço, diante de nós, atrás, à direita do altar, será impressa enfim. O operador retoma a consciência do tempo e espaço. Ele sai sem nada tocar. De tarde, ofereça outra prece de ação de graças, durante cerca de uma hora.

No dia seguinte, quarto dia das operações principais, entre de novo no oratório, acenda o incensório e se vista com as paramentas descritas no início deste ritual.

Isto feito ore a Deus para que lhe dê Suas graças, para que as operações sempre ocorram conforme Sua glória. Ore ao seu Anjo e, com a Baqueta na mão direita, peça a Deus que lhe dê a força que esteve presente nas Baquetas ou Bastões de Moisés, Arão e Elias e nas dos outros Patriarcas e Profetas. Esta oração de consagração estando terminada guarde a Baqueta. Mais tarde, cada vez que desejar a companhia do Anjo da Guarda, quando necessitar de seus conselhos ou de sua luz, após cada oração, diante do Altar, trace no espaço o hieróglifo que ele deixou indicado no primeiro dia de sua manifestação. Isto será o bastante para que ele entenda o seu chamado.

1ª NOTA ADICIONAL

O operador, acostumado com as operações de simples magia cerimonial, teria ficado espantado com a simplicidade ritualística que presidiu a elaboração desta Baqueta, enquanto que a Baqueta das Clavículas ordinárias é geralmente forrada com uma chapa de cobre rubro gravado, circulada por

anéis de ouro, prata, cobre chumbo, estanho, etc... e se prescreve que nunca as pontas estejam descobertas, mas que sejam cobertas com esferas magnéticas, ou seladas com cera virgem.

A vara de amendoeira do ritual de Abramelin ou aquele dos "Iluminados de Avignon", é puramente simbólica. Ela é a "testemunha" tangível dos poderes reais que o adepto perseverante legitimamente buscou, através da longa ascese de seis meses. Isto significa que ela extrai seu poder daqueles que ele descobriu internamente em seu trabalho teúrgico. Quem quer que tenha a menor dúvida sobre seu trabalho interior, o valor do bastão é diminuído proporcionalmente.⁶³

O simbolismo da amendoeira é o seguinte. É a "madeira dos Anjos" para os Cabalistas do passado. De fato, em hebraico a palavra *shaked* (שָׁקַד) significa "amendoeira" e *shakad* denota "observador". Assim esta nuance (*shaked* por *shakad*) só se pode perceber em hebraico com pontos massoréticos. No hebraico místico antigo, a mesma palavra se escrevia *shin-he-caph* (שִׁיחַ), sem que fosse possível distinguir a nuance, exceto pela ajuda de uma tradição oral esotérica, propriamente denominada por *Quaballah*.

A "amendoeira" (*shaked*) é a árvore "dos guardiães" (*shakad*), ou seja, dos Anjos, que o livro de Henoc os classifica como os "guardiães do céu". É o bastão que o *Deus dos Exércitos do Céu*, Elohim Tsabaoth, exige de seus sacerdotes.

No simbolismo hermético, a amendoeira é o símbolo do nascimento, tanto o terrestre como o celeste. De onde surgem os conceitos do batismo.⁶⁴ Seu fruto facilmente evoca o sexo feminino, contendo a semente futura: a criança. É a árvore da Virgem Mãe, e Maria é frequentemente representada no centro de uma amendoeira (veja a Notre-Dame de Paris), já que ela é a Virgem Mãe e também a "Rainha dos Anjos", a rainha dos Observadores (ou Guardiães) do Céu.

Enfim, por suas folhagens *prateadas* e o *verde* de seus frutos, é a árvore venusiana-lunar por excelência. Ela evoca para os magos árabes ou os cabalistas judeus, a Estrela de David, e o Pentagrama (ligado à cor verde), sobreposto ao crescente lunar (ligado à cor prata). É o símbolo da sorte e da boa fortuna. Mas, sobretudo a amendoeira é a *árvore que busca a luz*. Florescendo em geral na primavera, antes que as últimas geadas tenham passado, apressando-se para ver o renascimento solar, disso tornou-se o símbolo do sábio que enfrenta a morte sem temor, para observar mais de perto a Luz esperada.

Aurifer

2ª NOTA ADICIONAL

No Ritual de Abramelin (do livro "A Sagrada Magia de Abramelin o Mago"), um papel particular é devotado a uma criança. Eis o texto do Ritual:

"Na manhã seguinte à consagração do altar, levante-se cedo. Não se lave; vista-se de luto e entre descalço no oratório. Vá perto do incensório, e pegue um pouco de cinzas, passe-as sobre a cabeça. Acenda o círio, ponha carvões em brasa no incensório. Abra a janela; volte à porta, prostrando-se com o rosto ao chão. Diga a uma criança, de 6, 7 ou 8 anos no máximo, vestida de branco, levando na cabeça um véu de seda branco, fino e transparente e que lhe cobre a fronte e os olhos, que adentre no oratório, coloque incenso no incensório, e ajoelhe-se diante do Altar, sobre o qual terá colocado uma placa de prata. A sua cabeça estará coberta com um véu negro, e, humilhando-se com grande fervor, diante de Deus e de Sua corte celeste, suplicará ao Anjo que se mostre à criança, dando-lhe uma signatura sobre a placa de prata. Não olhe para o altar e ore com um grande fervor até que surja um esplendor extraordinário, acompanhado por um odor inexprimível. A criança,

⁶³ A Fé é a substância das coisas que esperamos (Hebreus XI, 1)

⁶⁴ Os franceses fazem uso de balas doces de amêndoas nos batizados, como também os Ortodoxos em seus casamentos.

então, verá o Anjo. Rogue agora, para o Anjo assinar e escrever sobre a lâmina de prata, a assinatura de sua convocação e todas as instruções necessárias para sua aparição. Depois o Anjo desaparece, mas o esplendor ainda permanece. A criança deve carregar a placa de prata. Então, saia-se do oratório, deixando a janela aberta e o círio aceso. Não se entrará mais lá neste dia; nada disso será dito a ninguém, mesmo à criança, não lhe responda nenhuma pergunta, e despeça-se dela".

Aqui se trata, incontestavelmente, *de uma criança real*, análoga àquela (ou àquelas, talvez), que Cagliostro utilizava como médium para detectar cenas simbólicas em sua célebre garrafa de cristal, cheia de água magnetizada, e que ele interpretava em seguida para os seus consulentes.

Mas é provável que a criança em questão devesse ser "preparada" segundo uma ritualística apropriada. Ela deve ser pura, moral e fisicamente. Ou seja, nos países mais quentes (o Ritual é de uma inspiração tipicamente árabe), não seria surpreendente se um menino ou uma menina de 8 anos já tivesse perdido sua virgindade física, levando-se em conta sua formação ultra precoce. Mas, em especial, *a criança deve ser dotada com o dom da vidência natural* ou ser (tais como as de Cagliostro) *mergulhadas no sono sonambúlico*.

Aqui a placa de prata funciona como um "espelho mágico", e é provável que esta placa devesse ser emoldurada, talhada, consagrada antecipadamente por um ritual apropriado.

Não é impossível que o texto primitivo previsse uma simples visualização, sobre o espelho, do selo do Anjo, imagem que a criança deve em seguida descrever ao mestre que conduz a operação. Nós pensamos que qualquer outro material apropriado, em ausência da prata, pode servir: placa de cera virgem principalmente, pergaminho virgem de cordeiro ou de bezerro, etc... A impregnação de um "selo" sobre um corpo material é descrito no Antigo Testamento: é o episódio das "Tábuas da Lei":

"Tendo o Senhor acabado de falar a Moisés sobre o monte Sinai, entregou-lhe as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus". (Êxodo XXXI, 18).

"Moisés desceu da montanha segurando nas mãos as duas tábuas do Testemunho, que estavam escritas dos dois lados, sobre uma e outra face. Eram obra de Deus, e a escritura nelas gravada era a escritura de Deus". (Êxodo XXXII, 15-16).

Seria errôneo ver nessas Tábuas de pedra, escritas com o próprio dedo de Elohim que Moisés contempla sobre o monte, um texto legislativo, resumindo as longas prescrições que Deus dá de viva voz a seu mandatário. Essas prescrições cobrem doze capítulos do Êxodo, e são repetidas em seguida muitas vezes. Seria ainda completamente em vão enxergar apenas a gravação dos dez mandamentos, já que o texto sagrado é muito preciso, e foi a imaginação dos exegetas que quis enxergar ali que se tratava das dez prescrições principais; na verdade, é algo completamente diferente!

No capítulo XXV do Êxodo, versículo 16, o Eterno, após ter transmitido suas instruções para a construção da *Arca da Aliança, uma pequena caixa* de dois côvados e meio de comprimento, por um côvado e meio de largura, indica isto com exatidão: "Colocarás na Arca, o Testemunho que eu te der".

Vimos mais acima que o "Testemunho" em questão são as duas Tábuas. Porque esta expressão? Porque estas placas de pedra serão, para Moisés e o povo, a prova peremptória, decisiva, da realidade do prodígio! Contemplando as Tábuas, Moisés, não poderia, jamais, com o passar do tempo, duvidar do fundamento de sua missão, e de suas recordações! Jamais o teurgo poderia pensar que tivesse apenas sonhado! As Tábuas estarão lá, para testemunhar, pela impressão sobrenatural que elas receberam, que IHWH se manifestou de fato, face a face, ao condutor de Israel.

Agora, o texto assinala eu elas estavam "escritas de ambos os lados". Isto resulta em dez mandamentos, repartidos sobre as quatro faces! Isto não seria fácil, nem harmonioso. Mas se aceitarmos *que elas se tratam de dois Pantáculos*, de pedra, tudo se esclarece. *Porque todo Pantáculo tem duas faces, ambas gravadas com símbolos apropriados.*

Se houve necessidade de duas Tábuas, isto é, de um duplo Testemunho, é porque, como afirma o Gênesis (cap. I), Elohim é um deus "duplo": "*Deus criou o homem à sua imagem, macho e fêmea ele os criou*". De onde surgem as expressões à direita e à esquerda de Deus. Esta dualidade é lembrada pelos *dois Querubins* que, nos termos do cap. XXV do Êxodo (18, 19), devem estender suas asas acima da Arca, e da tampa de ouro puro que a cerra. E a prova de que a presença do Eterno, o Deus de Israel, estava relacionada aos dois Pantáculos, que são as duas Tábuas, é o mesmo Êxodo que nos diz:

"Colocarás a tampa sobre a Arca e porás dentro da Arca o Testemunho que eu te der. *Ali virei ter contigo, e é de cima da tampa, do meio dos querubins que estão sobre a arca da aliança, que te darei todas as minhas ordens para os israelitas*". (Êxodo XXV, 21-22).

Em consequência desta prescrição, os muitos lugares de culto que o povo e os reis indolentes permitiram abrir ou sobreviver em todo o território de Israel, serão fechados e destruídos pelos sacerdotes guardiões da pureza da lei, sempre que eles puderem!, pois, para eles, o Deus de Israel pode apenas se manifestar em Jerusalém, no Santo dos Santos, *do alto da Arca da Aliança, contendo o famoso Testemunho...*

Pois, ali onde está a Arca, estará Elohim: "Tu me farás um Santuário, e eu habitarei lá, entre vós"...

Esta recomendação tradicional, implicando em um "lugar de manifestação" para a Divindade evocada, é comum em toda cerimônia mágica, qualquer que seja a tradição: ocidental, oriental, antiga, medieval ou moderna. É o papel das "mandalas" e dos "yantras" o mesmo que o dos pantáculos e círculos.

Por isso que a "Sagrada Magia Cerimonial de Abramelin, o Mago" previa a presença necessária de uma placa de prata pura, impregnada e "assinada" pelo Anjo, como uma condição primordial para toda manifestação posterior.

Nós reencontramos esta regra na tradição que ordena que os "Grimórios" sejam escritos pela própria mão do operador, sobre pergaminho virgem e que os demônios evocados imponham sua signatura sobre cada uma das páginas que lhes são atribuídas. Aqui, feitiçaria, magia, teurgia se unem, em uma total identificação ritualística. Sobre o papel particularmente reservado, em certas funções sacerdotais, às jovens crianças, eis o que nos transmite ainda o "Livro dos Juízes" (XVII, 1-6).

"Havia na montanha de Efraim um homem chamado Micas. Um dia ele disse à sua mãe: Os mil e cem siclos *de prata* que te roubaram e pelos quais lançaste uma *maldição* aos meus ouvidos, esse dinheiro está em meu poder; fui eu que os roubei. Sua mãe respondeu: Abençoado seja o meu filho pelo Senhor!"

"Devolveu, pois, os mil e cem siclos de prata à sua mãe, que lhe disse: Da minha mão eu os consagro ao Senhor a favor de meu filho, para que se faça deles *um ídolo esculpido e outro fundido*. Toma: ei-los aqui, Micas entregou o dinheiro à sua mãe e ela tomou duzentos siclos de prata que mandou entregar ao fundidor. Fez o ourives com essa prata um ídolo esculpido e outro fundido que foi colocado na casa de Micas. E Micas, esse homem, tinha uma casa de deuses; mandou fazer um efod e uns terafim *e consagrou um de seus filhos para servir-lhe de sacerdote*".

"Naquele tempo não havia rei em Israel, e cada um fazia o que lhe parecia melhor".

Vemos na narração precedente que Micas serve-se de um de seus filhos como um intermediário entre ele e a entidade que ele venera. Esta entidade era representada em um oratório ("Micas, esse homem, tinha uma casa de deuses", ou seja, uma capela) por dois objetos diferentes, um que era esculpido e o outro fundido.

Lá também o metal empregado é a prata. Trata-se de uma dupla representação: são dois terafins, como há dois Querubins e duas tábuas do Testemunho. Um dos terafins é macho. Esse é aquele que foi gravado, esculpido, relembrando assim simbolicamente a modelagem de Adão, o primeiro homem, pelas mãos do Eterno. O outro terafim é derramado, fundido, lembrando a criação de Eva, a mulher, tirada de Adão por desdobramento. O primeiro terafim é evidentemente o molde do segundo.

Concluimos assim que no Ritual de Abramelin, o Mago, a criança é uma criança real, e não é preciso buscar, à luz da Gematria, da Temurah ou do Notarikon, qual outro nome, de um valor cabalístico e numerológico igual, pudesse estar oculto ali. Não é demasiado imaginar que a criança e o pantáculo (ambos emblemas do "*mediador*" entre o evocado e o evocador) formam apenas um só acessório. Há claramente uma criança real usada na cerimônia, e uma placa de prata devendo receber o "Selo" angélico, sobre o altar do oratório.

Aurifer

3ª NOTA ADICIONAL

É possível que o ramo de Amendoeira, que Eliphas Lévi associa às Clavículas de Salomão (o hexagrama em um pantáculo) nas operações de Teurgia citadas na "Sagrada Magia de Abramelin, o Mago", e no ritual de Avignon (Iluminados de Dom Pernetty), são na realidade um erro, resultando de uma má tradução das Escrituras. Com efeito, nas cerimônias idênticas, Martinez de Pasqually e o ritual dos Elus Cohen suprimiram espada ou baqueta, impondo o uso de um *círio* de cera.

No Livro de Jeremias (I, 11-12), os tradutores verteram estes versículos de formas variadas, hesitando em traduzir *shaked* (amendoeira) ou *shakad* (observador). Apenas os pontos massoréticos permitiriam fazer essa distinção. Por vezes se lê:

"Nestes termos foi-me dirigida a palavra do Senhor: Que vês, Jeremias? E eu respondi: *Vejo um ramo de amendoeira*. Viste bem, disse-me o Senhor, *porque velo* sobre minha palavra para que se cumpra".

Em outras ocasiões é traduzido:

"... E eu respondi: *Vejo um ramo de amendoeira*. Viste bem, disse-me o Senhor, *porque sou o bastão que vela* sobre minha palavra para que se cumpra"...

Agora, o bastão que vela é incontestavelmente um *círio*. Ao redor do altar cristão, os *círios* representam os Anjos da Corte Celeste, e os dois *círios* que devem ser de cera de abelha, (segundo os termos do Cânon), de cada lado do crucifixo vertical, são os dois grandes arcanjos. E o livro de Henoc denomina os Anjos os "Veladores do Céu".

CONCLUSÃO

"O mundo é estável apenas porque seu mecanismo nos ilude"... assim nos relata o anônimo autor do Sepher-ha-Zohar.

Se os destinos de nossa civilização são pesados na celeste balança, da qual um dos pratos contém o selo da *Providência*, e o outro o da *Fatalidade*, talvez em algum lugar na entrada de uma cripta sagrada, ou atrás dos muros de um castelo lendário, ou aparentemente confundidos entre o povo,

estão os Mestres Desconhecidos que, pressentindo o jogo cruel desta balança, atiram por vezes sobre os pratos, nas lutas cruciais de um titânico combate, os pesos decisivos de sua misteriosa ação e de sua sabedoria, diz V. E. Michelet em seu "Segredo da Cavalaria".

Por isso, o Mundo possui seus protetores secretos. E, mesmo entre os adversários, os racionalistas mais endurecidos suspeitam do esforço dessas milícias brancas, assediando e puxando sem tréguas, a pobre humanidade definhante, sobre o caminho rochoso de um luminoso Dealbar.

Muitas vezes se o ensinamento dessas misteriosas cortes chega à massa indiferente em ensinamentos concretizados, e também de outras formas mais abstratas, é para despertar em seu seio um salvador e decisivo remanso. Por isso que, na Idade Média, por exemplo, apesar do aparente domínio das entidades sombrias, as corporações esotéricas de construtores lograram introduzir o eco da Palavra Perdida no silêncio secular das grandes metrópoles góticas, ou na pura luz das "janelas de rosas", banhando de irreal espiritualidade o transepto de nossas catedrais. Mensagem que entenderam mais tarde, na sorte dos séculos, alguns místicos predestinados.

"O segredo esteve associado com os ciclos da cavalaria militar e com todas suas ordens, lendárias ou históricas. Se os muros dos fabulosos castelos do Rei Artur, em Camelot, ocultavam o mistério dos Cavaleiros da Távola Redonda, Clemente V, igualmente, atirava seu manto branco papal sobre a cruz vermelha que revestiam os templários"...⁶⁵

Este "segredo", que vivia ocultamente em cada ordem, era o mesmo de toda ordenação esotérica. Ninguém jamais indagou por que o rei Francisco I, em Marignan, não foi recebido como um cavaleiro? Nem por que ele apoiou tanto esse que foi Pierre du Terrail, Senhor de Bayard, que lhe transmitiu o fatídico "título"?...

Sabe-se por que, quando ele traiu o voto de sua juventude, o cavaleiro traidor, estendido sobre as dobras da veste mortuária, suas armas destruídas, suas condecorações rasgadas, seu escudo invertido, devia submeter-se – em um rito execratório – à Missa dos Mortos, que fazia dele um cadáver espiritual?...

Simbolismo, místico, esoterismo, ação oculta, segredo...

Da Cavalaria militar às Corporações de trabalhadores, o mesmo molde codificou todas as instituições medievais. E é de um impulso igual direcionado ao infinito que o artista e o cavaleiro expressaram a grandeza de suas devoções recíprocas. Tanto para um quanto para o outro, "fazer o bem" equivalia a orar, e a "Busca do Graal" e a conclusão da "obra-prima", os caminhos eram paralelos.

Nas sombras, completando silenciosamente esta tríade do Ideal, viria enfim a Cavalaria Mística, a mesma que teve por emblema máximo a Cruz e a Rosa, (aquela rosa vermelha que perseguia Descartes...), e o Dragão de Ouro, atribuído ao mítico Merlin.

Isso solucionaria realmente o enigma esotérico do homem. Isto, e nada mais, conseguiria unir no mesmo androginato espiritual a feminilidade passiva do Sacerdote, e o orgulho viril do Cavaleiro! E o gládio e o escudo vieram assim enobrecer e virilizar o hábito monacal, dissipando aquilo que pudesse ter de enganador em sua aparência.

Em outras páginas, anteriormente, apresentamos a título de documentação, histórico e crítico ao mesmo tempo, doutrinas e místicas com freqüência opostas. Cada um pode, talvez, ali encontrar o seu refúgio espiritual, tão longamente procurado. Que nos permitam aqui, no instante em que encerramos este estudo, de expressar um desejo. Que este trabalho que oferecemos agora ao público

⁶⁵ V. E. Michelet, "O Segredo da Cavalaria".

espiritualista, receba enfim a acolhida que lhe é merecida desde a antiguidade, o valor moral daqueles que o criaram outrora, e a grande paz interior que ele sempre produziu. E se fosse preciso dizer, que não hesite em rejeitar o escriba a fim de conservar a mensagem!

Então, pode ser, em um "mundo" tão próximo do nosso, lá de onde este último retira suas inspirações ocultas e seus destinos imanes, "nos extremos longínquos onde nenhum mortal avança", lá onde está "uma cidade que se chama Montsalvat"... poderá novamente se reunir nos solstícios de verão a corte dos Cavaleiros da Távola Redonda. Ao som das cornetas que acordam as abóbadas seculares da floresta celta, em algumas clareiras irrealis da Broceliande, Artur e Merlin, Lancelot e Galaad, Gauvain, Perceval e Tristan, poderão ainda, fantasmas desaparecidos, saudar com um grande aceno de espadas a subida ao altar do cavaleiro sacerdote portador do Santo Graal...

E no seio da Jerusalém celeste e renovada, flameja através da esmeralda lucifera renovada, o Sangue do Redentor - Coração irradiante do Mundo -, podendo enfim iluminar os homens mediante a plenitude infinita de Sua suprema Sabedoria e de Seu Divino Amor.



"Pequena centelha, acenda a grande chama! Talvez após mim, uma melhor voz rogará aos Céus sua resposta".

(Dante: *A Divina Comédia – Paraíso*, Capítulo I)

FIM